A Espada de Belisário

SAGA ROMA AETERNA

R. FERREIRA

A Espada de Belisário

1ª Edição

NOTA AO LEITOR

*Este livro, **A Espada de Belisário** não é uma ficção histórica tradicional.*

*Esta obra marca o início da cronologia da **Saga Roma Aeterna**, um universo de história alternativa que parte de uma única pergunta:*

E se o Império Romano nunca tivesse caído?

Nesta realidade, Roma sobreviveu às crises do século V e preservou sua linhagem imperial, seu Senado e suas legiões. Embora enfraquecido, o Império Romano do Ocidente continuou existindo ao lado do Império Romano do Oriente, dando origem a uma história diferente daquela registrada em nosso mundo.

*É nesse cenário que acompanhamos os acontecimentos do século VI, por volta de **500 d.C.**, quando figuras históricas como **Belisário**, **Justiniano**, **Antonina** e **Teodora** passam a desempenhar um papel decisivo na construção de um futuro inteiramente novo.*

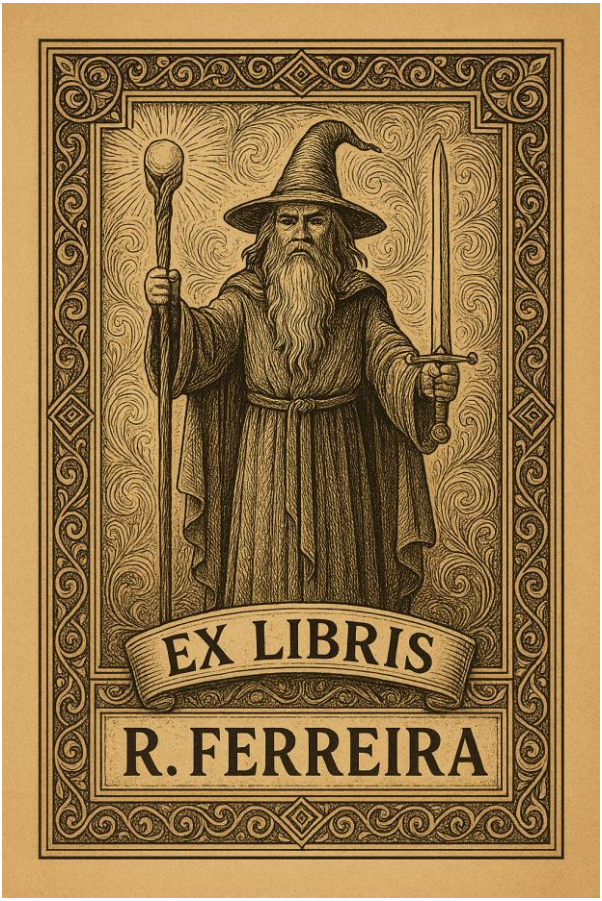
A partir desse ponto, a História e a ficção caminham lado a lado. Personagens, lugares e acontecimentos reais servem de base para uma narrativa original que imagina o nascimento de um Império Romano reunificado, destinado a atravessar os séculos sem jamais desaparecer.

Milhares de anos depois, esse mesmo Império alcançará as estrelas e servirá de cenário para os romances:

- ***Roma 10.000 A.D.***
- ***Roma 10.000 A.D. – Sangue de Vastara***
- ***Roma 10.000 A.D. – A Epopeia de Vashael***

*Assim, **A Espada de Belisário** não é apenas uma aventura ambientada na Antiguidade Tardia. É o primeiro capítulo de uma civilização que atravessará dez mil anos de história.*

Bem-vindo ao universo de Roma Aeterna.


EX LIBRIS
R. FERREIRA

CAPÍTULO 1
O AMANHECER DE ROMA

O sol ainda não havia rompido completamente o horizonte quando a África despertou sob o peso de Roma.

O Mediterrâneo estendia-se ao longe como uma imensa faixa de bronze polido, refletindo os primeiros tons dourados da manhã. Ondas suaves quebravam contra a costa quase sem som, enquanto uma brisa salgada atravessava as planícies ressequidas e fazia a poeira avermelhada dançar sobre a terra endurecida por semanas de campanha.

Mais adiante, colinas baixas e antigas ruínas romanas surgiam entre oliveiras retorcidas e pedras desgastadas pelo tempo. Algumas ainda carregavam marcas do domínio vândalo: colunas partidas, muralhas queimadas e águias imperiais mutiladas, como se o próprio passado tivesse sido ferido.

Mas Roma havia retornado.

Milhares de lanças erguiam-se em perfeita formação, transformando os primeiros raios do amanhecer em um mar de pontos dourados que cintilavam até onde a vista alcançava. Fileiras

intermináveis de escudos ovais formavam uma muralha de madeira, couro e ferro. Entre elas, estandartes vermelhos balançavam lentamente ao vento, cada um ostentando a águia imperial bordada em fios dourados, observando silenciosamente o campo onde mais uma página da História seria escrita.

Nenhuma formação se movia.

Nenhuma voz rompia o silêncio.

Apenas o farfalhar dos estandartes, o bater inquieto de alguns cascos contra a terra e o vento percorrendo milhares de elmos lembravam que aquele exército era feito de homens, não de estátuas.

Então ele surgiu.

Montado sobre um robusto cavalo branco de guerra, o general percorreu lentamente a frente das legiões, sem escolta, sem ostentação e sem necessidade de anunciar sua presença. O animal avançava em passo calmo entre as primeiras fileiras, enquanto a capa escarlate de seu cavaleiro ondulava discretamente sob a luz crescente da manhã.

À medida que passava, os legionários permaneciam imóveis.

Veteranos endurecidos por décadas de campanhas acompanhavam sua passagem apenas com o movimento dos olhos. Alguns apertavam com mais firmeza o cabo das lanças. Outros erguiam discretamente o queixo, como se a simples presença daquele homem lhes devolvesse a certeza da vitória.

Ninguém pronunciava seu nome.

Não era necessário.

Cada cicatriz daquele exército conhecia o caminho percorrido até ali.

Cada estandarte erguido ao vento existia porque aquele comandante jamais os conduzira à derrota.

Enquanto o sol finalmente rompia o horizonte africano, sua luz alcançou primeiro as águias de Roma.

Depois, refletiu sobre a armadura do homem que as guiava.

Belisário continuou cavalgando em silêncio.

E, por onde passava, até o vento parecia diminuir de intensidade, como se o próprio amanhecer aguardasse sua ordem antes de permitir que a guerra começasse.

O cavalo prosseguiu em passo lento diante da primeira linha da legião.

Belisário mantinha as mãos firmes sobre as rédeas, o olhar percorrendo cada formação com a mesma atenção de um artesão examinando a própria obra antes de entregá-la. Nada escapava aos seus olhos. Um elmo mal ajustado. Uma correia frouxa prendendo um escudo. A distância irregular entre duas fileiras.

Pequenos detalhes.

Pequenos erros.

Pequenas mortes, se não fossem corrigidos antes da batalha.

Ao passar por um grupo de veteranos da cavalaria, ergueu discretamente dois dedos em saudação.

Os homens responderam levando o punho cerrado ao peito, sem quebrar a formação. Alguns carregavam cicatrizes antigas no rosto e nos braços, lembranças de campanhas travadas lado a lado com aquele mesmo comandante, desde as fronteiras orientais até as areias da África.

Nenhum deles sorria.

Mas seus olhos diziam tudo.

Belisário diminuiu o passo ao reconhecer um centurião com quem havia dividido várias campanhas, Gaius, próximo ao porta-estandarte.

— E Flávio? — perguntou calmamente.

O veterano compreendeu imediatamente de quem falava.

— Ainda não consegue apoiar a perna, general. O médico mandou mantê-lo longe da linha de frente.

Belisário permaneceu em silêncio por um instante.

— Diga a ele que Roma ainda precisará de veteranos quando esta guerra terminar.

O centurião assentiu com respeito.

— Direi, senhor.

O cavalo voltou a avançar.

Poucos metros adiante, Belisário inclinou-se levemente sobre a sela e estendeu a mão até o escudo de um legionário.

Girou-o apenas alguns dedos.

— Assim.

O soldado observou o pequeno ajuste sem compreender.

Belisário bateu de leve na borda de madeira revestida em couro.

— Quando o impacto vier, ele escorregará pela curva. Se estiver reto demais... toda a força encontrará seu braço.

O legionário engoliu em seco.

— Sim, general.

Belisário apenas fez um breve gesto com a cabeça e continuou cavalgando.

Não havia repreensão.

Apenas experiência transmitida em poucas palavras.

Foi então que seus olhos encontraram outro rosto.

Mais jovem.

Muito jovem.

O rapaz permanecia imóvel na formação, mas respirava rápido demais. Os dedos apertavam a haste da lança com tanta força que os nós das mãos haviam perdido a cor. O olhar fixava o horizonte, embora parecesse enxergar qualquer coisa, menos o exército vândalo.

Belisário puxou suavemente as rédeas.

O cavalo parou diante dele.

Por um instante, o jovem pareceu esquecer até mesmo como respirar.

— Seu nome?

— Caius, senhor.

A voz saiu mais baixa do que pretendia.

Belisário observou rapidamente o equipamento do rapaz.

Tudo estava em ordem.

Era o homem que lutava contra si mesmo.

— Primeira batalha?

Caius hesitou apenas um segundo.

— Sim, senhor.

Belisário voltou os olhos para o horizonte, onde as primeiras bandeiras inimigas começavam a surgir entre a poeira da manhã.

— Continue olhando para o homem ao seu lado.

O jovem franziu levemente a testa.

— Senhor?

— Quando os escudos se encontrarem, não pense na batalha inteira. Não pense em vencer a guerra. Apenas mantenha a formação e proteja o companheiro ao seu lado.

Fez uma breve pausa antes de completar.

— Faça isso... e ele fará o mesmo por você.

Caius respirou fundo.

Desta vez, o ar entrou por completo.

Os dedos deixaram de tremer ao redor da lança.

— Sim, general.

Belisário sustentou seu olhar por apenas mais um instante.

Depois fez um leve movimento com as rédeas.

O cavalo voltou a caminhar.

Atrás dele, o jovem legionário permaneceu imóvel na formação.

O medo ainda estava ali.

Mas já não caminhava sozinho.

Ao longo da fileira, outros soldados acompanharam silenciosamente a breve conversa.

Nenhum deles comentou.

Não era necessário.

Havia uma razão para aquele homem jamais ter perdido uma campanha.

E ela começava muito antes do primeiro golpe de espada.

A linha romana terminou alguns metros adiante, onde o terreno se elevava suavemente antes de descer novamente em direção à planície.

Belisário conduziu o cavalo até o alto da pequena colina.

Dali, a guerra inteira cabia em um único olhar.

O exército vândalo ocupava a encosta oposta, espalhando-se como uma mancha sobre a terra africana. Centenas de estandartes coloridos agitavam-se sob o vento da manhã, marcados por símbolos tribais, animais e antigos emblemas tomados das províncias romanas que agora reivindicavam como suas.

Não havia a simetria das legiões.

Havia força.

Grandes blocos de infantaria agrupavam-se ao redor de guerreiros protegidos por escudos de madeira

pintados em vermelho, negro e ocre. Mais atrás, arqueiros ocupavam pequenas elevações naturais, enquanto a cavalaria permanecia distribuída nas extremidades do campo, pronta para envolver qualquer avanço romano.

Ao centro, cercado por sua guarda, tremulava um estandarte maior que todos os outros.

O comandante vândalo observava o mesmo horizonte.

Separados por poucas centenas de passos, dois homens sustentavam nos ombros o destino daquela campanha.

Uma rajada de vento atravessou a planície.

A poeira ergueu-se em espirais baixas, correndo de oeste para leste.

Belisário acompanhou o movimento com os olhos.

Depois ergueu o rosto.

O sol nascente brilhava exatamente atrás das formações inimigas.

Sorriu quase imperceptivelmente.

Bom.

Muito bom.

Atrás dele, cascos romperam o silêncio.

Três oficiais aproximaram-se sem desmontar.

Nenhum ousou interromper o comandante antes que ele falasse.

Belisário permaneceu observando por mais alguns instantes.

O vento.

As sombras.

A inclinação do terreno.

As pedras parcialmente escondidas pela poeira.

Os espaços entre as formações vândalas.

Era como se não enxergasse homens.

Enxergasse padrões.

Finalmente voltou-se para os oficiais.

— A cavalaria deles tentará envolver nosso flanco direito.

Um dos tribunos franziu a testa.

— General... ainda estão fora de alcance.

Belisário apontou discretamente para uma depressão no terreno.

— Estão concentrando os melhores cavaleiros atrás daquela elevação. Quando o combate prender nossa infantaria, sairão dali.

O oficial acompanhou a direção indicada.

Só então percebeu o leve movimento de lanças refletindo o sol.

Belisário continuou.

— Reforcem o flanco direito com duas coortes.

— Sim, senhor.

— Os arqueiros.

Outro oficial aproximou o cavalo.

— Senhor?

— Que esperem meu sinal. O vento mudará dentro de pouco tempo.

O homem olhou para o céu, confuso.

As bandeiras ainda apontavam na mesma direção.

Belisário apenas ergueu os olhos para um grupo de aves que circulava lentamente acima da planície.

Elas começavam a alterar a rota.

— Quando o vento virar, nossas flechas viajarão mais longe.

O oficial não respondeu.

Limitou-se a inclinar a cabeça.

Anos servindo sob aquele comandante haviam lhe ensinado uma lição simples.

Quando Belisário dizia que o vento mudaria...

O vento mudava.

O general voltou a contemplar o campo.

Durante alguns instantes, nenhuma palavra foi dita.

O amanhecer continuava avançando sobre a África.

Dentro de poucos minutos, aquelas planícies seriam cobertas por poeira, ferro e sangue.

Mas, antes mesmo do primeiro escudo encontrar outro escudo, Belisário já travava sua batalha.

E, silenciosamente, começava a vencê-la.

Belisário conduziu o cavalo de volta ao centro da linha romana.

Os oficiais partiram imediatamente para cumprir as ordens, desaparecendo entre as fileiras disciplinadas da infantaria. Nenhum deles questionava o comandante. Não porque fosse proibido fazê-lo, mas porque, após tantos anos de campanhas, aprenderam que havia pouca diferença entre seguir as instruções de Belisário e sobreviver à batalha.

O exército começou a se transformar.

Como uma única criatura despertando lentamente.

Os centuriões caminharam pelas fileiras repetindo ordens curtas.

— Fechar formação.

O som percorreu a linha como uma onda.

Escudos aproximaram-se uns dos outros até suas bordas se tocarem com precisão. Couro contra couro. Ferro contra ferro. Um muro nascia diante dos olhos do inimigo.

Mais atrás, os arqueiros retiravam cuidadosamente as coberturas de linho que protegiam as cordas durante a noite. Testavam a tensão dos arcos uma última vez,

separando feixes de flechas fincadas na terra diante de cada posição.

À direita, a cavalaria ajustava as selas enquanto cavalos impacientes golpeavam o chão com os cascos. Lanças eram erguidas ao mesmo tempo, transformando-se em uma floresta de madeira e aço apontada para o céu africano.

Entre todas as formações, os porta-estandartes avançaram.

Um a um.

As águias imperiais ergueram-se acima das cabeças dos legionários, capturando a luz dourada do amanhecer. O bronze polido brilhou intensamente por um breve instante, como se dezenas de sóis menores tivessem surgido sobre o exército romano.

O vento tornou a soprar.

As flâmulas escarlates estenderam-se por completo.

Durante um único instante, parecia que as próprias águias preparavam-se para levantar voo.

Belisário observou aquela visão em silêncio.

Não enxergava milhares de soldados.

Enxergava Roma.

Uma civilização inteira reunida sob os mesmos estandartes.

Puxou suavemente as rédeas e fez o cavalo avançar até a frente da primeira linha.

Milhares de olhos voltaram-se para ele.

Nenhum homem se moveu.

Nenhuma armadura produziu ruído.

Até os cavalos pareciam compreender que aquele era um momento solene.

Belisário percorreu lentamente a formação com o olhar.

Reconhecia muitos daqueles rostos.

Alguns haviam marchado ao seu lado na Pérsia.

Outros, durante a Revolta de Nika.

Muitos o acompanharam em toda a campanha africana.

Sabia quantos amigos haviam perdido.

Sabia quantos carregavam cicatrizes escondidas sob a armadura.

Respirou fundo antes de falar.

Sua voz não precisou ser elevada.

Ainda assim, alcançou as primeiras fileiras com absoluta clareza.

— Hoje...

Fez uma breve pausa.

— Lutamos para que estas terras voltem a conhecer a paz de Roma.

O silêncio permaneceu absoluto.

— Protejam o homem ao seu lado.

Olhou lentamente para a extensão das legiões.

— E Roma protegerá todos nós.

Nada mais.

Nenhum grito.

Nenhuma promessa de glória.

Nenhuma tentativa de desafiar o destino.

Apenas dever.

Durante alguns segundos, ninguém falou.

O vento atravessou novamente a planície.

Então...

O grave som de um corno de guerra rompeu o amanhecer.

Longo.

Profundo.

Ecoando entre as colinas africanas.

Do outro lado da planície, outro corno respondeu.

Os tambores vândalos começaram a marcar o ritmo da marcha inimiga.

Cavalos relincharam.

Metal encontrou metal.

Milhares de escudos romanos bateram contra milhares de lanças em um único movimento.

O impacto reverberou pela planície como o trovão de uma tempestade distante.

Belisário levou calmamente a mão ao punho da spatha.

A lâmina deixou a bainha com um som seco.

Por um breve instante, o aço refletiu o primeiro sol da manhã.

Ele ergueu a espada em direção ao horizonte.

Onde os vândalos começavam a avançar.

Sua voz foi firme.

Serena.

Incontestável.

— Avancem.

As águias de Roma avançaram.

O primeiro passo ecoou quase sozinho sobre a planície.

Depois veio outro.

E mais outro.

Até que milhares de sandálias ferradas passaram a golpear a terra no mesmo compasso, transformando a marcha das legiões em um único som profundo, contínuo, tão regular quanto as ondas do Mediterrâneo que quebravam muito atrás daquele campo de batalha.

O chão começou a vibrar.

Não pela fúria dos homens.

Mas pela disciplina deles.

A terra da África voltou a tremer sob o peso das legiões.

E a última batalha da campanha finalmente começou.

Escudos permaneciam unidos, borda contra borda. As lanças avançavam inclinadas na mesma direção, formando uma floresta de pontas reluzentes que parecia crescer à medida que Roma marchava.

Nenhuma formação se rompia.

Nenhum legionário corria.

A guerra podia exigir velocidade.

Roma exigia ordem.

Do outro lado da planície, os vândalos responderam.

Os cornos de guerra voltaram a soar, acompanhados pelo ritmo pesado de tambores revestidos com couro de boi. Gritos atravessaram o campo enquanto os guerreiros erguiam machados, espadas largas e lanças curtas acima das cabeças. Os estandartes tribais agitavam-se ao vento como chamas coloridas, e a infantaria começou a descer a encosta em direção aos romanos.

Entre os dois exércitos, a distância diminuía a cada instante.

Duzentos passos.

Cento e cinquenta.

Cem.

A poeira levantada por milhares de pés começou a esconder o horizonte.

O sol desapareceu por trás daquela névoa avermelhada.

Belisário permaneceu imóvel sobre o cavalo.

Os olhos percorriam lentamente a linha romana.

Depois a linha inimiga.

Depois voltavam.

Não observava apenas homens.

Observava ritmo.

Distância.

Tempo.

Respiração.

Quando os dois exércitos estavam próximos o bastante para distinguir os rostos uns dos outros, um centurião ergueu a espada.

— **Firmes!**

As primeiras fileiras abaixaram levemente os escudos.

As lanças avançaram alguns palmos.

O impacto veio um instante depois.

Madeira encontrou madeira.

Ferro encontrou ferro.

O choque atravessou a planície como um trovão.

Os escudos romanos absorveram a violência da investida vândala e permaneceram unidos, transformando centenas de homens em uma única muralha viva. Atrás deles, as lanças avançaram por entre os pequenos espaços da formação, encontrando carne, couro e madeira antes de recuarem para golpear novamente.

Os vândalos responderam com a força dos braços.

Empurravam.

Golpeavam.

Tentavam abrir brechas onde não existiam.

Alguns conseguiam escalar parcialmente os escudos romanos antes de serem derrubados pelas segundas fileiras, que substituíam imediatamente qualquer homem cansado ou ferido.

A muralha nunca parava.

Ela respirava.

Um legionário caía.

Outro ocupava seu lugar.

Um escudo quebrava.

Dois fechavam o espaço.

Roma avançava um passo de cada vez.

Acima das cabeças da infantaria, ouviu-se o assobio da primeira chuva de flechas.

Os arqueiros romanos haviam recebido o sinal.

Centenas de projéteis cortaram o céu da manhã, descrevendo arcos perfeitos antes de despencarem sobre as formações vândalas. Homens tombaram. Escudos ergueram-se instintivamente. Por alguns instantes, a pressão sobre a linha romana diminuiu.

Belisário acompanhou tudo em silêncio.

Nenhuma ordem.

Nenhum gesto precipitado.

A batalha fazia exatamente o que ele esperava.

Os oficiais cavalgavam de um lado para outro levando mensagens entre as coortes. Porta-estandartes mantinham as águias erguidas acima da poeira, impedindo que as formações perdessem suas referências em meio ao caos crescente.

O comandante romano não desembainhou a espada.

Ainda não.

A guerra possuía seu próprio ritmo.

E Belisário jamais desperdiçava homens tentando apressá-lo.

Pouco a pouco, os gritos tornaram-se constantes.

O estrondo do primeiro choque deu lugar a outro som.

Mais contínuo.

Mais pesado.

O som de milhares de homens lutando ao mesmo tempo.

As linhas deixaram de avançar.

Deixaram de recuar.

Prenderam-se uma à outra como duas muralhas tentando empurrar o próprio mundo.

A batalha havia encontrado seu equilíbrio.

Agora... ela realmente começava.

CAPÍTULO 2

A ÚLTIMA BATALHA DOS VÂNDALOS

O primeiro choque passou.

Agora a batalha respirava.

As linhas permaneciam presas uma à outra, avançando poucos passos para depois recuarem quase a mesma distância. Escudos rachavam. Lanças partiam-se. Homens caíam apenas para que outros ocupassem seus lugares, como se o próprio campo de batalha recusasse qualquer espaço vazio.

Belisário esporeou o cavalo.

Sem jamais cruzar a linha da infantaria, começou a cavalgar por trás das formações romanas, acompanhado apenas por dois mensageiros montados. Seus olhos percorriam cada setor da batalha com calma incomum, enquanto oficiais aproximavam-se sucessivamente para transmitir informações.

— A Terceira Coorte mantém a posição.

O general apenas assentiu.

Outro cavaleiro chegou poucos instantes depois.

— Os arqueiros do flanco esquerdo já consumiram metade das flechas.

— Reduzam o ritmo. Prioridade para os oficiais inimigos.

— Sim, senhor.

Mal aquele mensageiro partiu, outro já tomara seu lugar.

— A cavalaria vândala continua parada.

Belisário voltou os olhos para o extremo direito do campo.

Continuava.

Esperando.

Ele sorriu quase imperceptivelmente.

Também esperaria.

O vento tornou a atravessar a planície, levantando faixas de poeira que corriam entre as formações. As plumas vermelhas dos elmos romanos inclinaram-se levemente para o sul.

Belisário ergueu o rosto por apenas um instante.

A direção permanecia a mesma.

Bom.

Ainda havia tempo.

O comandante voltou sua atenção para o terreno.

À primeira vista, a batalha parecia imóvel.

Mas não estava.

Toda guerra se movia.

Mesmo quando ninguém percebia.

Uma coorte romana começava a ceder alguns passos.

Outra avançava discretamente.

Os arqueiros vândalos concentravam fogo demais sobre um único setor.

A infantaria inimiga demorava alguns instantes além do necessário para preencher as próprias baixas.

Pequenos detalhes.

Separados, não significavam nada.

Juntos... contavam uma história.

Belisário puxou suavemente as rédeas.

— Segunda Coorte.

Um tribuno aproximou-se.

— Senhor.

— Avancem vinte passos.

O oficial olhou para a linha.

— Apenas vinte?

— Vinte.

Sem questionar, o tribuno partiu.

Poucos instantes depois, a Segunda Coorte avançou exatamente a distância ordenada.

O movimento obrigou os vândalos à frente deles a recuar.

Sem perceber, toda a formação inimiga inclinou-se levemente para acompanhar aquele deslocamento.

Belisário já observava outro ponto.

— Quarta Coorte.

Outro oficial aproximou-se.

— Recuem dez passos.

O homem hesitou.

— Senhor... parecerá uma retirada.

— Exatamente.

O oficial levou o punho ao peito.

— Sim, general.

A ordem foi cumprida.

Os vândalos avançaram imediatamente para ocupar o espaço.

Era o que Belisário esperava.

Em poucos minutos, dezenas de pequenas ordens começaram a alterar lentamente o desenho da batalha.

Nenhuma parecia decisiva.

Mas todas produziam consequência.

Uma formação avançava.

Outra recuava.

Arqueiros mudavam o alvo.

Reservas deslocavam-se poucos metros.

Mensageiros cruzavam o campo sem descanso.

Vista do alto, a batalha deixava de parecer um confronto entre milhares de homens.

Parecia uma peça sendo cuidadosamente esculpida.

Foi então que algo mudou.

No centro da formação vândala, um novo estandarte ergueu-se acima da poeira.

O comandante inimigo.

Até aquele momento, limitara-se a resistir.

Agora começou a responder.

Ordens ecoaram rapidamente entre as linhas bárbaras.

Os guerreiros deixaram de atacar em pequenos grupos desordenados.

Escudos aproximaram-se.

Reservas avançaram exatamente onde Roma começava a ganhar terreno.

A cavalaria deslocou-se antes mesmo que Belisário pudesse explorá-la.

Em poucos instantes, as pequenas vantagens romanas desapareceram.

O avanço cessou.

A linha estabilizou novamente.

Um dos tribunos aproximou-se, visivelmente preocupado.

— General...

Belisário permaneceu observando o movimento inimigo.

O comandante vândalo corrigia os próprios erros quase na mesma velocidade com que Roma os criava.

Poucos homens eram capazes daquilo.

Depois de alguns segundos, um discreto sorriso surgiu em seu rosto.

Não era arrogância.

Era reconhecimento.

— Finalmente...

murmurou.

O tribuno voltou-se para ele.

— Senhor?

Belisário não respondeu de imediato.

Seus olhos permaneciam fixos no estandarte inimigo que surgia e desaparecia entre a poeira.

— Até agora eu enfrentava um exército.

Fez uma breve pausa.

— Agora enfrento um comandante.

O vento voltou a soprar.

A poeira abriu-se por um breve instante.

Foi suficiente.

Belisário enxergou exatamente o que procurava.

No extremo esquerdo da formação vândala.

Uma pequena distância entre a infantaria e a cavalaria.

Quase imperceptível.

Pequena demais para a maioria dos homens.

Grande o bastante para um exército romano.

Seus olhos moveram-se lentamente para a própria cavalaria, que permanecia imóvel, aguardando ordens desde o início da batalha.

O momento havia chegado.

Belisário ergueu lentamente a mão direita.

Não precisou olhar para trás.

O comandante da cavalaria já aguardava sua ordem.

Por um breve instante, os dois trocaram apenas um olhar.

Foi suficiente.

A mão do general desceu.

O clarim romano rompeu novamente o campo de batalha.

Desta vez, com um chamado diferente.

Mais curto.

Mais agudo.

Mais urgente.

No extremo direito da formação, centenas de cavaleiros baixaram simultaneamente as lanças.

Os cavalos partiram em um trote controlado.

Depois em galope.

A terra voltou a estremecer.

Mas não seguiram em direção ao centro da batalha.

Como o comandante vândalo esperava.

Belisário apontou discretamente para o flanco esquerdo inimigo.

A cavalaria romana obedeceu.

Contornou o combate principal em um amplo arco, desaparecendo por alguns instantes atrás da poeira levantada pela infantaria.

Do outro lado do campo, o comandante vândalo percebeu o movimento.

Levantou-se nos estribos.

Gritou ordens.

Bandeiras começaram a mudar de posição.

Mas já era tarde.

Os cavaleiros romanos reapareceram exatamente onde Belisário previra.

No pequeno intervalo entre a infantaria e a cavalaria inimiga.

A brecha que, poucos minutos antes, parecia insignificante.

Agora transformava-se em uma ferida aberta.

As lanças romanas atingiram o flanco vândalo com a força de uma avalanche.

Escudos giraram tarde demais.

Homens foram derrubados antes mesmo de compreender de onde o ataque surgira.

Toda a extremidade esquerda da linha inimiga dobrou sobre si mesma.

O impacto atravessou a formação como uma onda.

Centuriões romanos perceberam imediatamente a oportunidade.

— Avancem!

A muralha de escudos deu mais um passo.

Depois outro.

Os vândalos começaram a ceder terreno.

Roma agora empurrava o inimigo.

Belisário observava tudo em silêncio.

Os olhos acompanhavam apenas um homem.

O comandante vândalo.

Mesmo sob a violência da carga, ele continuava lutando para reorganizar suas tropas.

Mensageiros corriam de um lado para outro.

Reservas deslocavam-se rapidamente.

Novos estandartes erguiam-se onde outros haviam caído.

A desordem diminuía.

Pouco a pouco.

O general romano estreitou os olhos.

Era melhor do que imaginava.

Outro comandante teria quebrado.

Aquele ainda pensava.

Ainda controlava seus homens.

Ainda podia salvar a batalha.

Belisário respirou fundo.

Não havia mais tempo para permanecer distante.

Voltou-se para um dos tribunos.

— O comando da linha permanece com você.

O oficial arregalou discretamente os olhos.

— General...

Belisário retirou lentamente a spatha da bainha.

A lâmina refletiu o brilho dourado do sol já alto sobre a África.

— Não deixem a formação romper.

— Sim, senhor.

Com um leve toque dos calcanhares, esporeou o cavalo.

O animal respondeu imediatamente, lançando-se à frente.

Primeiro em trote.

Depois em galope.

A capa escarlate abriu-se atrás dele como um estandarte levado pelo vento.

Os legionários mais próximos voltaram a cabeça.

Durante um instante, esqueceram o próprio combate.

Viram apenas seu comandante atravessando o campo em direção ao ponto mais perigoso da batalha.

Um veterano ergueu a espada.

— **Belisário!**

Outro repetiu.

Depois outro.

O nome espalhou-se pelas fileiras mais rápido do que qualquer ordem.

Não como um grito de guerra.

Mas como uma certeza.

A muralha romana avançou novamente.

Os homens empurravam os escudos com força renovada.

A fadiga parecia desaparecer.

Feridos permaneciam de pé.

Até os estandartes pareciam mover-se mais alto.

Belisário não olhava para os próprios soldados.

Seus olhos permaneciam fixos no centro da formação inimiga.

No homem que ainda sustentava aquele exército.

Ao perceber o general romano avançando pessoalmente, o comandante vândalo compreendeu imediatamente seu objetivo.

Ergueu a espada e tentou reunir a guarda ao redor do estandarte central.

Mas a iniciativa já não lhe pertencia.

Roma havia assumido completamente o ritmo da batalha.

O cavalo atravessou a poeira como uma flecha.

Belisário não diminuía o ritmo.

Ao seu redor, legionários abriam caminho escudo contra escudo, protegendo o avanço do comandante enquanto a infantaria romana pressionava o centro da formação vândala. A muralha de escudos já não empurrava apenas por disciplina.

Agora empurrava pela certeza da vitória.

No outro lado, o comandante vândalo também compreendeu o que estava acontecendo.

Ergueu a espada acima da cabeça.

— **Fechem as linhas!**

Sua voz perdeu-se entre o estrondo do combate.

Guardas correram para proteger o estandarte central.

Homens exaustos voltaram a erguer os escudos.

Os últimos veteranos formaram um círculo em torno do comandante.

Era a derradeira tentativa de impedir que o coração do exército fosse alcançado.

Belisário não alterou a direção.

A spatha descreveu um arco curto, desviando uma lança que surgiu à sua frente. O cavalo rompeu entre dois escudos ainda antes que seus donos percebessem o movimento. Um guerreiro tentou agarrar-lhe as rédeas.

O general golpeou uma única vez.

A lâmina encontrou o ombro do homem e o lançou contra os próprios companheiros.

Outro surgiu pelo lado direito.

Belisário aparou o golpe do machado e respondeu imediatamente com a empunhadura da espada, atingindo o rosto do adversário. O impacto foi suficiente para derrubá-lo.

Nenhum golpe era desperdiçado.

Nenhum movimento era maior do que precisava ser.

Enquanto isso, atrás dele, a infantaria romana alargava a brecha aberta pela cavalaria.

Centenas de escudos avançavam juntos.

Os vândalos começavam a lutar de costas uns para os outros.

O comandante inimigo percebeu tarde demais.

Esporeou o cavalo.

Os dois homens finalmente ficaram frente a frente.

Por um breve instante, o restante da batalha pareceu desaparecer.

O comandante vândalo atacou primeiro.

A espada desceu em um golpe pesado, sustentado pela força de anos de guerra.

Belisário desviou apenas o suficiente.

As lâminas encontraram-se com um estalo seco.

O romano girou o pulso.

Empurrou a espada adversária para o lado.

E respondeu imediatamente.

Sem floreios.

Sem hesitação.

A spatha atravessou a abertura deixada abaixo do braço do comandante.

O aço penetrou a cota de malha.

Depois a carne.

O homem arquejou.

Os dedos perderam força.

A espada escapou de sua mão.

Belisário puxou a lâmina em um único movimento.

O comandante permaneceu sobre a sela apenas por um instante.

Depois tombou pesadamente sobre a terra africana.

Ao redor dele... o tempo pareceu parar.

O grande estandarte vândalo inclinou-se lentamente.

Seu porta-estandarte olhou para o corpo caído do comandante.

Depois para as legiões que avançavam.

As mãos tremiam.

Por fim... baixou a bandeira.

Foi como uma centelha lançada sobre palha seca.

Outro estandarte desceu.

Depois outro.

E outro.

Em poucos instantes, dezenas de bandeiras desapareciam entre a poeira enquanto os guerreiros

abandonavam lentamente a esperança de reorganizar a batalha.

Alguns ainda tentaram resistir.

Foram rapidamente cercados.

Outros largaram machados e espadas sobre a terra.

Muitos simplesmente caíram de joelhos, exaustos demais para continuar lutando.

Os gritos diminuíram.

O choque constante entre ferro e madeira tornou-se cada vez mais espaçado.

Até desaparecer.

As trombetas romanas anunciaram o fim do combate.

Uma a uma, as espadas começaram a voltar às bainhas.

Os escudos baixaram.

O vento voltou a atravessar a planície, carregando consigo a poeira, o cheiro de sangue e o silêncio que sempre sobrevivia às batalhas.

Roma vencera.

Ao longe, um cavaleiro vândalo rompia o horizonte em retirada.

Montava um animal coberto de sangue, cavalgando desesperadamente para o interior da África.

Um tribuno aproximou-se de Belisário.

Ainda respirava com dificuldade.

— General...

Apontou para o cavaleiro distante.

— Nossos arqueiros ainda conseguem alcançá-lo.

Belisário acompanhou a figura que diminuía no horizonte.

Sabia exatamente quem era.

Um mensageiro.

Talvez o último.

Permaneceu em silêncio por alguns instantes.

Depois guardou lentamente a spatha na bainha.

— Não.

O tribuno voltou-se para ele, sem compreender.

Belisário manteve os olhos fixos na linha do horizonte.

— Deixem que vá.

O oficial franziu a testa.

— Senhor?

— Alguém precisa levar a notícia.

O tribuno permaneceu calado.

Belisário continuou, com a serenidade de quem já enxergava além daquela vitória.

— Quando Gelimero souber que seu exército caiu... compreenderá que esta guerra terminou.

O cavaleiro desapareceu atrás das colinas.

Nenhum arqueiro ergueu o arco.

Belisário voltou-se lentamente para o campo.

Romanos socorriam companheiros feridos.

Médicos corriam entre os caídos.

Vândalos entregavam suas armas sem resistência.

A guerra acabara.

O general permaneceu imóvel sobre o cavalo branco.

Olhou para os homens que haviam marchado sob suas ordens.

Depois para aqueles que, poucas horas antes, chamava de inimigos.

Não ergueu a espada.

Não buscou aplausos.

Não comemorou.

Porque, para Belisário, a maior vitória de um comandante nunca era derrotar um exército.

Era chegar ao momento em que nenhum aliado precisasse mais levantar uma espada.

CAPÍTULO 3
O GENERAL E OS MORTOS

O último grito desapareceu.

Por alguns instantes, a planície permaneceu imóvel, como se o próprio mundo precisasse de tempo para compreender que a batalha terminara.

A poeira começava lentamente a baixar, revelando aquilo que, minutos antes, permanecia escondido sob o caos do combate.

Escudos partidos espalhavam-se pela terra ao lado de lanças quebradas e espadas abandonadas. Elmos amassados refletiam fracamente a luz da manhã, enquanto estandartes rasgados ainda insistiam em permanecer erguidos, balançando sob o vento africano como testemunhas silenciosas da violência que acabara de passar.

Cavalos vagavam sem destino.

Alguns procuravam cavaleiros que jamais voltariam a montar.

Outros permaneciam imóveis ao lado de seus donos caídos, relinchando para corpos que já não respondiam.

Entre romanos e vândalos, já não existiam linhas de batalha.

Apenas homens.

Médicos percorriam o campo carregando bolsas de couro repletas de ataduras, agulhas e ervas medicinais. Ajoelhavam-se ao lado de quem ainda respirava, indiferentes ao estandarte sob o qual aquele homem havia lutado poucas horas antes.

Sacerdotes caminhavam logo atrás.

Alguns faziam discretamente o sinal da cruz sobre os legionários mortos.

Outros apenas murmuravam antigas orações em latim, pedindo descanso para almas que jamais conheceriam seus nomes.

Mais acima, círculos escuros começavam a desenhar-se no céu.

Os primeiros corvos.

Ainda cautelosos.

Ainda esperando que os vivos terminassem o trabalho da guerra.

O vento voltou a atravessar a planície.

Trouxe consigo o cheiro pesado de sangue recém-derramado, ferro aquecido pelo sol, terra revolvida por milhares de pés e a fumaça das carroças incendiadas durante o combate.

Era o cheiro da vitória.

E também da perda.

Roma vencera.

Mas nenhuma vitória era capaz de devolver os homens que haviam ficado para trás.

Belisário permaneceu alguns instantes imóvel sobre o cavalo branco, contemplando o campo diante de si.

Seu olhar percorreu lentamente as fileiras desfeitas, os médicos, os sacerdotes, os sobreviventes ajudando companheiros feridos.

Não havia satisfação em seus olhos.

Havia apenas a serenidade de quem conhecia aquele cenário bem demais.

Passou a mão pelo pescoço da montaria, acariciando-a brevemente.

Depois desmontou.

Um jovem cavaleiro da guarda aproximou-se imediatamente.

Belisário entregou-lhe as rédeas sem dizer uma única palavra.

O soldado levou o punho ao peito e permaneceu em silêncio.

O general voltou-se novamente para o campo.

À sua frente, a planície da África ainda fumegava sob o sol da manhã.

Respirou fundo.

Então começou a caminhar sozinho entre os mortos.

Belisário caminhava devagar.

A terra ainda cedia sob suas sandálias, encharcada pelo sangue derramado durante a batalha. Em alguns pontos, as pegadas deixadas pelas legiões já começavam a desaparecer sob o vai e vem de médicos, carregadores e sacerdotes.

Poucos metros adiante, um legionário tentava erguer-se apoiado sobre uma lança partida.

A perna esquerda recusava-se a sustentá-lo.

Belisário aproximou-se sem dizer uma palavra.

Passou o braço do soldado sobre os próprios ombros e o ajudou a ficar de pé.

O homem levou alguns instantes para reconhecê-lo.

— G-General...

Belisário apenas firmou melhor seu peso.

— Devagar.

Um médico correu até eles acompanhado por dois auxiliares.

O general entregou o legionário aos cuidados deles.

— A lança atravessou a coxa. Ele perderá muito sangue.

O médico inclinou discretamente a cabeça.

— Será atendido imediatamente, senhor.

Belisário retribuiu o gesto e continuou caminhando.

Mais adiante, outro grupo atendia um rapaz desacordado,

Belisário tomou de um dos auxiliares o cantil preso ao cinturão.

Ajoelhou-se ao lado do ferido.

Derramou a água cuidadosamente sobre o rosto coberto de poeira.

O jovem abriu os olhos por um breve instante.

Confuso.

Tentou levantar o braço para prestar continência.

Belisário segurou-lhe o pulso antes que conseguisse.

— Poupe suas forças.

O rapaz assentiu lentamente.

Enquanto os médicos o levavam embora, Belisário permaneceu observando até que desaparecessem entre os sobreviventes.

Voltou a caminhar.

A poucos passos dali, reconheceu uma antiga armadura.

O veterano permanecia caído de costas, o escudo ainda preso ao braço esquerdo.

Uma lança quebrada atravessava parcialmente sua couraça.

Belisário ajoelhou-se ao seu lado.

Por alguns segundos, permaneceu em silêncio.

Conhecia aquele rosto.

Lembrava-se de campanhas distantes.

Da primeira vez que marcharam juntos.

Estendeu lentamente a mão.

Fechou os olhos do velho legionário.

Depois retirou a mão que ainda permanecia agarrada ao cabo da espada.

— Descanse, velho amigo.

Quase num sussurro.

Nada mais.

Levantou-se novamente.

Alguns metros adiante, outro corpo chamou sua atenção.

Não usava uma lorica romana.

Nem carregava uma águia sobre o escudo.

Era um guerreiro vândalo.

Muito jovem.

Talvez pouco mais velho que o legionário nervoso com quem conversara antes da batalha.

Ainda segurava junto ao peito um pequeno medalhão de bronze preso por uma tira de couro.

Belisário abaixou-se mais uma vez.

Observou o rosto imóvel do rapaz.

Então fez exatamente o mesmo.

Fechou-lhe os olhos.

O medalhão escapou de sob a túnica rasgada.

Dentro dele havia um pequeno retrato pintado de uma mulher segurando uma criança.

Belisário permaneceu imóvel por um instante.

Depois colocou cuidadosamente o medalhão de volta junto ao peito do guerreiro.

Ao longe, dois tribunos acompanhavam a cena.

Nenhum deles disse qualquer coisa.

Já a tinham visto inúmeras vezes.

Sabiam que, para Belisário, existia uma diferença entre vencer uma batalha... e odiar aqueles contra quem fora obrigado a lutar.

Quando a guerra terminava...

Romanos.

Vândalos.

Persas.

Pouco importava.

Restavam apenas homens.

Enquanto seguia adiante, legionários cruzavam seu caminho carregando feridos, recolhendo armas ou reorganizando as fileiras.

Todos interrompiam o que faziam por um breve instante.

Levavam o punho cerrado ao peito.

Prestavam continência.

Belisário respondia apenas com um discreto movimento de cabeça.

Nunca diminuía o passo.

Nunca exigia reverência.

Mesmo assim... ela sempre vinha.

Porque aquele respeito não nascera da posição que ocupava.

Nem da capa escarlate.

Nem das vitórias conquistadas.

Nascera das incontáveis vezes em que seus homens o haviam visto caminhar exatamente como fazia agora.

Não à frente dos vivos.

Mas entre aqueles que jamais voltariam para casa.

À medida que o sol subia sobre a planície africana, o peso da batalha começava, lentamente, a dar lugar a outra sensação.

Alívio.

Os primeiros gritos de comemoração surgiram timidamente entre as fileiras romanas.

Depois vieram outros.

Escudos foram erguidos acima das cabeças.

Espadas refletiram novamente a luz da manhã, não mais como instrumentos de guerra, mas como símbolos de uma vitória conquistada a um preço elevado.

As águias imperiais voltaram a dominar o horizonte.

Porta-estandartes caminhavam entre as legiões levantando os antigos símbolos de Roma, agora iluminados pelo sol que finalmente dissipava a poeira da batalha. O brilho dourado do bronze parecia mais intenso do que antes, como se aquelas aves de metal também compartilhassem da alegria de seus homens.

Os legionários começaram a reencontrar companheiros perdidos durante o combate.

Abraços substituíam golpes.

Alguns riam alto, ainda incapazes de acreditar que haviam sobrevivido.

Outros permaneciam ajoelhados ao lado de amigos feridos, agradecendo aos deuses por encontrá-los ainda respirando.

Nem toda comemoração vinha em forma de sorriso.

Um jovem legionário chorava discretamente enquanto ajudava um veterano a caminhar até a retaguarda.

Outro ria sem conseguir esconder as lágrimas ao reencontrar o irmão entre os sobreviventes.

Veteranos batiam nos ombros uns dos outros, lembrando antigas campanhas que agora ganhavam mais um capítulo.

— Eu disse que voltaríamos vivos.

— Ainda não voltamos, idiota.

Os dois riram.

Enquanto isso, os centuriões já percorriam novamente as formações.

A batalha terminara.

A disciplina permanecia.

Ordens ecoavam entre as fileiras.

Armas eram recolhidas.

Escudos substituídos.

Feridos separados dos mortos.

Os escribas começavam a registrar os nomes daqueles que jamais responderiam à próxima chamada.

Ao redor deles, médicos continuavam trabalhando sem descanso.

Para a maioria, a guerra acabara.

Para eles... a batalha apenas mudara de forma.

Belisário observava tudo alguns metros adiante.

Em silêncio.

Os olhos percorriam as legiões reorganizando-se com a mesma precisão demonstrada antes do combate.

Era exatamente aquela ordem que transformava um exército em Roma.

Um discreto sorriso surgiu em seu rosto.

Quase imperceptível.

Não pelo inimigo derrotado.

Nem pelos estandartes conquistados.

Mas porque, naquele dia... mais homens voltariam para casa.

Ao longe, dois oficiais conversavam enquanto acompanhavam o trabalho dos legionários.

— O mensageiro já deve ter alcançado Gelimero.

O outro assentiu.

— Depois da queda do comandante, não há mais exército para reunir.

Observou rapidamente a planície tomada por estandartes romanos.

— Agora resta apenas a rendição do rei.

As palavras perderam-se no vento.

Belisário continuou olhando para o horizonte africano.

As fortalezas ainda ocupadas pelos vândalos se erguiam ao longe, pequenas contra a imensidão do céu.

Sabia que algumas formalidades ainda precisariam ser cumpridas.

Tratados.

Rendições.

Juramentos.

Mas, militarmente... a campanha chegara ao fim.

Depois de anos de guerra... a África voltava a ser romana.

E, por um breve instante, enquanto o vento fazia as águias imperiais dançarem sobre as fileiras vencedoras, parecia que o antigo sonho de restaurar Roma finalmente começava a tornar-se realidade.

A comemoração prosseguia, mas já não possuía a mesma intensidade dos primeiros instantes.

Os gritos transformavam-se em conversas.

As formações começavam lentamente a reorganizar-se.

Carroças eram trazidas para recolher os feridos.

Os últimos prisioneiros vândalos entregavam as armas sob a supervisão dos centuriões.

A guerra dava lugar ao trabalho.

Foi então que um novo som rompeu a rotina do campo.

O galope apressado de um único cavalo.

Belisário voltou-se para o sul.

Uma pequena nuvem de poeira aproximava-se pela antiga estrada romana que conduzia ao litoral.

O cavaleiro não diminuía o ritmo.

A montaria respirava pesadamente, coberta por espuma e poeira, como se houvesse cavalgado dia e noite sem descanso.

Alguns legionários abriram passagem.

O mensageiro atravessou o acampamento improvisado e puxou violentamente as rédeas poucos passos diante do general.

O cavalo quase perdeu o equilíbrio antes de parar.

O homem desmontou imediatamente.

Ajoelhou-se.

Retirou de dentro da túnica um pequeno tubo de couro cuidadosamente lacrado.

As marcas de poeira escondiam quase todo o uniforme.

Mas o selo permanecia intacto.

Cera púrpura.

Gravada com a águia imperial.

O símbolo de Justiniano.

Ao redor, a conversa diminuiu naturalmente.

Oficiais reconheceram o selo antes mesmo que o pergaminho fosse entregue.

Nenhuma ordem enviada diretamente pelo imperador era insignificante.

O mensageiro ergueu o objeto com ambas as mãos.

— Para o general Flávio Belisário.

Belisário recebeu o pergaminho com calma.

Observou rapidamente o selo.

Depois rompeu a cera com o polegar.

O silêncio voltou a dominar aquele pequeno círculo.

Seus olhos percorreram lentamente as poucas linhas escritas.

Não demorou mais do que alguns instantes.

Quando terminou, enrolou novamente o pergaminho com o mesmo cuidado com que o abrira.

Sua expressão permaneceu praticamente inalterada.

Um tribuno aproximou-se.

Esperou alguns segundos antes de falar.

— Más notícias, general?

Belisário levantou os olhos.

Ao longe, as águias imperiais continuavam balançando sobre as legiões vencedoras.

Médicos ainda atravessavam a planície.

Soldados recolhiam os últimos escudos.

O vento do Mediterrâneo voltava a soprar livremente sobre a África romana.

Então respondeu, com a mesma serenidade que demonstrara durante toda a campanha.

— Não.

Fez uma breve pausa.

— Após a rendição de Gelimero o imperador deseja nosso retorno imediato a Constantinopla.

Os oficiais trocaram olhares discretos.

Alguns sorriram.

Depois de meses de campanha, finalmente voltariam para casa.

Um centurião deixou escapar um comentário em voz baixa.

— Então acabou...

Belisário não respondeu.

Voltou a olhar para o horizonte uma última vez.

Sabia que, dentro de poucos dias, Gelimero compreenderia que já não havia exército para reunir.

A rendição seria apenas questão de tempo.

A África voltara para Roma.

Sua missão estava cumprida.

Um jovem soldado aproximou seu cavalo branco.

Belisário guardou cuidadosamente o pergaminho junto ao cinturão, segurou as rédeas e montou com a mesma tranquilidade de sempre.

Atrás dele, as águias imperiais continuavam dançando sob o vento africano.

À frente... Constantinopla o aguardava.

Sem saber... Flávio Belisário acabara de vencer sua última campanha como o Leão de Justiniano.

CAPÍTULO 4
O CHAMADO DE CONSTANTINOPLA

Meses depois, o azul profundo do Mar de Mármara estendia-se até onde os olhos podiam alcançar.

As águas balançavam suavemente sob a luz da manhã, refletindo um céu limpo onde gaivotas descreviam círculos preguiçosos acima das embarcações que cruzavam a costa. Navios mercantes avançavam lentamente carregados de azeite, vinho, tecidos e especiarias vindas de todas as províncias do Império. Entre eles, galés romanas patrulhavam o estreito com seus cascos longos e elegantes, as velas escarlates desfraldadas ao vento e as águias imperiais pintadas nas proas observando silenciosamente cada embarcação que se aproximava da capital.

O mar estava vivo.

Mercadores gritavam ordens em dezenas de idiomas diferentes.

Remadores mantinham um ritmo constante sob o comando de seus mestres.

Cordas rangiam.

Velas estalavam.

Madeira encontrava madeira enquanto pequenos barcos cruzavam entre gigantes vindos do Egito, da Síria, da Grécia e das costas da Itália.

Todas as rotas pareciam levar ao mesmo destino.

Então...

Ela surgiu.

Primeiro, uma longa linha de pedra desenhou-se no horizonte.

As muralhas.

Enormes.

Ininterruptas.

Estendiam-se por quilômetros, protegendo a cidade como se fossem parte da própria terra.

À medida que as embarcações avançavam, novas formas começavam a erguer-se acima delas.

Torres de vigia.

Palácios.

Cúpulas reluzentes.

Campanários.

Colunas que pareciam tocar o céu.

O brilho dourado do sol nascente refletia sobre telhados de cobre, mármore branco e mosaicos coloridos, fazendo a cidade cintilar sobre as águas como uma miragem.

Quanto mais se aproximavam...

Maior ela se tornava.

Não era apenas uma cidade.

Era uma promessa.

A promessa de que Roma ainda permanecia de pé.

Majestosa.

Inabalável.

E, por um instante, parecia impossível acreditar que mãos humanas tivessem sido capazes de erguer algo daquela grandeza às margens do mar.

À medida que a distância diminuía, Constantinopla deixava de parecer uma pintura distante e revelava sua verdadeira escala.

As muralhas de Teodósio erguiam-se diante do mar como uma montanha construída pelas mãos dos homens. Torres maciças sucediam-se umas às outras ao longo de quilômetros de pedra branca e avermelhada, interrompidas apenas pelos grandes portões por onde entravam caravanas vindas de todas as direções do Império.

Nenhuma cidade da Terra possuía defesas semelhantes.

Muito antes de alcançar seus portões, o viajante já compreendia por que tantos exércitos haviam falhado diante delas.

O movimento jamais cessava.

Carroças carregadas de trigo cruzavam as entradas ao lado de camelos vindos do Oriente. Mercadores guiavam mulas repletas de tecidos, vasos, azeite e especiarias, enquanto marinheiros descarregavam ânforas dos navios recém-chegados ao porto.

Era como se todas as estradas do mundo terminassem ali.

Os grandes cais fervilhavam de atividade.

Guindastes de madeira erguiam cargas pesadas entre as embarcações ancoradas. Pescadores remendavam redes enquanto escribas registravam mercadorias vindas do Egito, da Síria, da Palestina, da Itália e das ilhas gregas. Idiomas diferentes misturavam-se ao barulho das rodas, dos animais e dos sinos das embarcações, formando uma única voz.

A voz da capital do Império.

Mais além, ruas largas cortavam bairros inteiros que se espalhavam pelas colinas da cidade. Casas de

pedra dividiam espaço com villas de nobres, pequenas oficinas, banhos públicos e praças movimentadas, onde fontes alimentadas pelos antigos aquedutos levavam água fresca a milhares de habitantes.

As igrejas multiplicavam-se por toda parte.

Cúpulas cobertas por chumbo brilhavam sob o sol, enquanto cruzes douradas surgiam acima dos telhados como faróis guiando os olhos de quem chegava à cidade.

Ao centro de tudo, destacando-se acima de qualquer outra construção, erguia-se o Grande Palácio Imperial.

Suas muralhas, jardins suspensos e galerias dominavam a paisagem, lembrando a todos que dali governava o homem mais poderoso do mundo romano.

Mas havia outra construção que atraía inevitavelmente o olhar.

Ainda cercada por florestas de andaimes, cordas e enormes guindastes de madeira, uma gigantesca cúpula começava a desenhar-se contra o céu da manhã.

Centenas de trabalhadores moviam-se continuamente sobre suas estruturas, enquanto blocos de mármore eram içados lentamente por roldanas que pareciam pequenas diante da imensidão da obra.

Era a nova Santa Sofia.

Ainda incompleta.

Ainda distante de sua forma definitiva.

Mesmo assim...

Já parecia maior do que qualquer igreja que muitos daqueles viajantes veriam durante toda a vida.

Não era apenas um templo.

Era uma declaração.

Uma cidade capaz de erguer algo daquela magnitude enquanto reconstruía o próprio coração era uma cidade que acreditava no futuro.

Constantinopla não havia sido construída apenas para governar um império.

Ela havia sido construída para convencer qualquer homem que a contemplasse de uma única verdade.

Aquele era o centro do mundo.

A notícia chegara dias antes do exército.

Correu pelas estradas imperiais, atravessou portos, mosteiros e fortalezas, até alcançar Constantinopla antes mesmo das primeiras embarcações vindas do Ocidente.

A África voltara para Roma.

E Belisário estava retornando.

Naquela manhã, a cidade parecia respirar mais depressa.

Mercadores deixavam suas bancas por alguns instantes para olhar em direção aos grandes portões. O padeiro da esquina interrompia o trabalho para ouvir as novidades trazidas por um viajante recém-chegado. Artesãos limpavam as mãos cobertas de poeira de mármore antes de se aproximarem das ruas principais, onde a multidão começava a se formar.

Crianças corriam entre os adultos fingindo carregar escudos de madeira improvisados.

— Eu sou Belisário!

— Não! Hoje sou eu!

Os pequenos cruzavam as ruas brandindo galhos como espadas enquanto os pais sorriam, fingindo indignação antes de mandá-los sair do caminho das carroças.

Perto de uma fonte pública, duas mulheres enchiam grandes vasos de barro.

— Dizem que derrotou todo o exército vândalo.

A outra sorriu.

— Dizem isso desde a Pérsia.

Um velho mercador que organizava tecidos coloridos levantou os olhos.

— Desta vez é verdade.

Fez uma breve pausa antes de completar com evidente satisfação.

— A África voltou a ser romana.

Mais adiante, um grupo de artesãos trabalhava em uma fachada próxima ao fórum.

O mestre colocou o cinzel de lado.

— Meu filho serve na Terceira Legião.

Seu ajudante voltou-se imediatamente.

— Recebeu notícias?

O homem assentiu devagar.

Os olhos brilhavam.

— Está voltando para casa.

Os dois permaneceram em silêncio por alguns instantes.

Nenhuma palavra era suficiente.

Próximo dali, sacerdotes atravessavam lentamente a praça principal, enquanto fiéis acendiam pequenas lamparinas diante dos altares.

As orações daquela manhã misturavam gratidão e esperança.

Pedia-se pelos que retornavam.

E também pelos que permaneceriam para sempre nas areias da África.

Sob os pórticos de mármore, alguns senadores conversavam em voz baixa enquanto observavam a movimentação crescente da cidade.

— Justiniano cumpriu sua promessa.

Outro respondeu sem desviar os olhos da multidão.

— Ainda há muito Império para recuperar.

Um terceiro sorriu discretamente.

— Talvez.

— Mas hoje... Roma venceu novamente.

As palavras espalhavam-se naturalmente pelas ruas.

Passavam de mercador para mercador.

De soldado para cidadão.

De pai para filho.

De praça em praça.

Belisário voltou.

Os vândalos foram derrotados.

Roma vencera outra vez.

Aquela vitória não parecia pertencer apenas aos homens que haviam marchado para a guerra.

Pertencia também aos artesãos que reconstruíam igrejas.

Aos mercadores que voltariam a negociar em segurança.

Às crianças que cresceriam sem conhecer o domínio vândalo sobre a África.

À cidade inteira.

Constantinopla não aguardava apenas o retorno de um general.

Aguardava a confirmação de que o antigo sonho de restaurar Roma deixara de ser apenas um sonho.

As grandes portas douradas abriram-se lentamente.

O ranger da madeira reforçada por ferro ecoou entre as muralhas de Teodósio enquanto os primeiros raios da manhã atravessavam a entrada monumental de Constantinopla.

Do lado de dentro, milhares de pessoas aguardavam.

Do lado de fora...

Roma retornava para casa.

À frente da coluna marchavam os porta-estandartes.

As águias imperiais avançavam lentamente, altas o suficiente para serem vistas acima da multidão que se apertava ao longo das avenidas. O bronze polido refletia o sol da primavera, e cada passo dos legionários parecia marcar um novo capítulo da história do Império.

Logo atrás vinha Belisário.

Montado sobre o mesmo cavalo branco que o conduzira pelos campos da África, atravessava o Portão de Ouro com a postura serena de sempre. A capa escarlate repousava sobre a armadura marcada pela campanha, ainda trazendo pequenos riscos deixados por lanças e espadas inimigas.

Não fizera questão de substituí-la.

Aquelas marcas pertenciam aos homens que haviam lutado ao seu lado.

Atrás do general, as legiões marchavam em formação perfeita.

Os escudos permaneciam alinhados.

As lanças erguidas.

O ritmo das sandálias ferradas sobre as pedras da cidade era firme, constante, quase solene.

Não havia pressa.

Cada passo lembrava aos habitantes de Constantinopla que, mais uma vez, os estandartes de Roma haviam atravessado o mar trazendo uma província de volta ao Império.

Mais atrás seguia Gelimero.

O antigo rei dos vândalos montava um cavalo escuro, escoltado por soldados romanos.

Não carregava correntes.

Nem caminhava com a cabeça baixa.

Vestia roupas simples, próprias de um homem derrotado pela guerra, mas ainda tratado com a dignidade reservada a um soberano vencido.

Alguns cidadãos observavam-no em silêncio.

Outros murmuravam seu nome.

Havia curiosidade.

Havia surpresa.

Mas não havia zombaria.

A guerra terminara.

E Belisário jamais permitira que uma vitória se transformasse em espetáculo de humilhação.

Ao longo da avenida, carroças transportavam escudos capturados, estandartes vândalos recolhidos após a batalha e armas empilhadas como prova da campanha concluída.

Não eram exibidos como despojos de vaidade.

Eram testemunhas.

Cada espada ali carregava a lembrança de um legionário que talvez não tivesse voltado para casa.

Belisário lançou um breve olhar para os homens que marchavam atrás de si.

Reconheceu dezenas de rostos marcados pelo cansaço.

Veteranos que agora atravessavam as ruas da capital sob o olhar orgulhoso de suas famílias.

Jovens que deixavam a África como soldados e retornavam como homens.

Naquele desfile, o verdadeiro vencedor não era um general.

Nem um rei derrotado.

Era Roma.

E, enquanto as legiões cruzavam lentamente o Portão de Ouro sob a sombra das imensas muralhas de

Constantinopla, parecia que toda a cidade compreendia exatamente aquilo.

Bastou que as primeiras águias imperiais cruzassem o Portão de Ouro.

Constantinopla explodiu em aplausos.

Um clamor percorreu a avenida principal como uma onda, espalhando-se de rua em rua até alcançar praças, mercados e varandas.

— **Belisário!**

Outro coro respondeu.

— **Belisário!**

O nome ecoava entre as muralhas, multiplicando-se pelas construções de mármore como se a própria cidade o repetisse.

Flores começaram a cair dos andares superiores.

Pétalas brancas, vermelhas e douradas deslizavam lentamente pelo ar antes de repousarem sobre os escudos das legiões, sobre as crinas dos cavalos e sobre as pedras antigas da avenida.

Crianças corriam ao lado da formação romana, acenando com pequenos ramos de oliveira.

Mulheres sorriam das janelas, algumas segurando os filhos nos braços para que pudessem ver o homem de quem toda a cidade falava.

Velhos veteranos, apoiados em bengalas ou nos ombros dos netos, erguiam lentamente o punho ao peito quando Belisário passava.

Alguns haviam servido sob outros imperadores.

Outros carregavam cicatrizes de guerras travadas décadas antes.

Todos reconheciam naquele desfile um momento especial.

A vitória de Roma.

Das sacadas, sacerdotes faziam discretamente o sinal da cruz enquanto a procissão seguia seu caminho.

Senadores observavam em silêncio sob os pórticos de mármore.

Até as antigas estátuas dos césares pareciam acompanhar a marcha das legiões, imóveis, eternas, como testemunhas de mais um capítulo da longa história do Império.

Belisário limitava-se a inclinar levemente a cabeça em agradecimento.

Não levantava os braços.

Não buscava aplausos.

Aquela celebração jamais lhe pertencera.

Pertencia aos homens que marchavam atrás dele.

O desfile continuava lentamente pelas largas avenidas de Constantinopla.

A cada esquina, novos rostos surgiam.

Mais flores.

Mais aplausos.

Mais vozes chamando o mesmo nome.

— **Belisário!**

O general mantinha a mesma postura serena com que atravessara o Portão de Ouro.

Quando alguém o saudava, respondia apenas com um discreto movimento de cabeça.

Às vezes levantava a mão em agradecimento.

Nada além disso.

Seu olhar demorava-se menos sobre a multidão do que sobre as pessoas que a formavam.

Uma criança sentada sobre os ombros do pai agitava um pequeno estandarte improvisado.

Uma senhora idosa enxugava discretamente as lágrimas ao ver as legiões passarem.

Um veterano sem o braço direito mantinha-se imóvel junto à calçada, prestando continência com a única mão que ainda possuía.

Belisário respondeu ao gesto com a mesma solenidade.

Por um breve instante, os dois homens apenas se olharam.

Não era necessário dizer qualquer coisa.

Ambos conheciam o preço daquela vitória.

Atrás do general, Gelimero seguia em silêncio.

O antigo rei dos vândalos mantinha a postura ereta sobre a montaria, observando aquela cidade que jamais imaginara conhecer daquela maneira.

Alguns curiosos voltavam os olhos para ele.

Outros cochichavam ao reconhecer o soberano derrotado.

Mas nenhum legionário o empurrava.

Nenhum cidadão lhe lançava insultos.

A campanha terminara.

A espada já cumprira seu dever.

Gelimero percebeu isso.

Seus olhos encontraram por um instante a figura de Belisário alguns metros à frente.

Não havia amizade entre eles.

Nem poderia haver.

Mas havia algo que ambos compreendiam.

O destino da guerra mudava homens.

Não precisava destruir sua dignidade.

Enquanto o povo continuava a aclamar o grande vencedor da campanha africana, Belisário permanecia exatamente o mesmo homem que caminhara entre os mortos poucas horas antes.

Para Constantinopla, ele era um herói.

Uma lenda viva.

Para si mesmo... continuava sendo apenas um general que tivera a responsabilidade de conduzir seus homens de volta para casa.

CAPÍTULO 5
A VOZ DE CONSTANTINOPLA

Do alto do Grande Palácio, Constantinopla parecia não ter fim.

Jardins suspensos desciam em terraços até encontrar os pátios de mármore branco, onde fontes espalhavam o som constante da água entre ciprestes, estátuas e colunas revestidas por mosaicos dourados. Muito além dos muros imperiais, a cidade estendia-se sobre as colinas até encontrar o brilho azul do Mar de Mármara, onde dezenas de velas ainda pontilhavam o horizonte.

No centro daquela imensidão, uma única avenida concentrava toda a atenção da capital.

O desfile avançava lentamente.

Mesmo daquela distância, ainda era possível distinguir o reflexo das águias romanas sob o sol da manhã.

Justiniano permanecia imóvel junto à varanda de mármore.

As mãos repousavam sobre o parapeito enquanto observava as legiões atravessarem Constantinopla em formação perfeita.

Nenhuma palavra escapava de seus lábios.

Ao seu lado, a imperatriz Teodora acompanhava o mesmo cortejo.

A luz do sol fazia cintilar os fios dourados bordados em suas vestes púrpuras, mas seu olhar permanecia fixo na multidão que se espremia pelas ruas abaixo.

Atrás do casal imperial, senadores ocupavam discretamente parte da galeria.

Alguns conversavam em voz baixa.

Outros limitavam-se a observar.

Havia também generais que não haviam participado da campanha africana.

Veteranos experientes.

Homens acostumados aos assuntos da guerra.

Todos contemplavam o mesmo desfile.

Mas nenhum enxergava a mesma coisa.

Um senador sorriu discretamente.

— O povo jamais esquecerá este dia.

Outro respondeu em tom ponderado.

— Nem os impostos da África deixarão de abastecer os cofres do Império.

Um velho general cruzou os braços.

— O exército precisava desta vitória.

Mais adiante, um bispo observava as águias imperiais cruzarem a avenida principal.

— Talvez tenha sido a vontade de Deus.

As interpretações mudavam.

Os olhares também.

Para alguns, aquele era o triunfo de um grande comandante.

Para outros, a confirmação de que o sonho da *Renovatio Imperii* finalmente começava a tornar-se realidade.

Justiniano permaneceu em silêncio.

Seus olhos não acompanhavam apenas Belisário.

Acompanhavam as legiões.

O povo.

Os estandartes.

As flores lançadas das janelas.

Cada rosto sorridente nas ruas de Constantinopla.

Naquele instante, o imperador não via apenas uma campanha encerrada.

Via um Império voltando lentamente a acreditar em si mesmo.

Ao seu lado, Teodora voltou o olhar para o marido.

Percebeu o discreto brilho de satisfação que surgia em seus olhos.

Conhecia Justiniano melhor do que qualquer pessoa.

Sabia exatamente o que ele estava pensando.

O clamor da multidão continuava a subir das ruas de Constantinopla.

— **Belisário!**

— **Belisário!**

O nome espalhava-se pela cidade como o toque dos sinos de uma grande celebração.

Justiniano permaneceu observando em silêncio.

Seus olhos acompanharam o general enquanto ele atravessava lentamente a avenida principal, cercado por legionários cobertos pela poeira da África e pelo carinho de um povo que finalmente voltava a acreditar em Roma.

Um discreto sorriso surgiu em seu rosto.

Não era o sorriso de um homem preocupado.

Nem de um imperador ofuscado pelo prestígio de seu general.

Era o sorriso de alguém que via um sonho começar a ganhar forma.

— Eu disse que ele voltaria vitorioso. — murmurou, quase para si mesmo.

Teodora voltou os olhos para o marido.

— Nunca duvidei disso.

Justiniano manteve o olhar fixo no desfile.

— Poucos homens carregam Roma no coração como Belisário.

Fez uma breve pausa.

— E é exatamente por isso que Deus o colocou ao meu lado.

Nenhum dos presentes respondeu.

As palavras do imperador não pareciam um elogio político.

Eram sinceras.

Durante anos, Justiniano confiara ao general aquilo que possuía de mais precioso.

Os exércitos do Império.

E Belisário jamais traíra essa confiança.

A África era apenas mais uma prova.

Enquanto o povo continuava a aclamar o nome do comandante nas ruas abaixo, Justiniano sentia algo raro para um homem que governava um império cercado de inimigos.

Tranquilidade.

Porque acreditava que, juntos, ainda restaurariam a antiga grandeza de Roma.

Nenhum dos dois imaginava que aquela confiança, sólida como as muralhas de Constantinopla, seria um dia colocada à prova.

O desfile aproximava-se lentamente do Grande Palácio.

As largas avenidas de Constantinopla conduziam as legiões até o coração do Império, onde colunas de mármore branco sustentavam varandas adornadas por

estandartes púrpura que dançavam suavemente sob a brisa do Mar de Mármara.

Belisário diminuiu o passo da montaria.

Não porque alguém lhe ordenasse.

Mas porque sabia exatamente onde estava.

Ergueu os olhos.

Lá no alto da varanda principal, Justiniano permanecia imóvel.

Mesmo à distância, o imperador era impossível de confundir.

As vestes púrpuras destacavam-se entre senadores, bispos e oficiais que ocupavam a galeria do palácio.

Por um breve instante, o ruído da multidão pareceu desaparecer.

Os olhos dos dois homens encontraram-se.

Nenhuma palavra foi dita.

Não era necessário.

Belisário levou lentamente o punho direito ao peito.

Um gesto simples.

Militar.

Respeitoso.

Justiniano respondeu com uma discreta inclinação da cabeça.

Um imperador saudando seu general.

Um general saudando seu imperador.

Nada havia de teatral naquele instante.

Não era a reverência de um homem obrigado a servir.

Nem a aprovação distante de um soberano inalcançável.

Era o reconhecimento silencioso entre dois homens que haviam dedicado os últimos anos ao mesmo ideal.

Restaurar Roma.

Teodora observou a troca de gestos sem interromper o silêncio.

Ao redor dela, senadores acompanhavam o momento com atenção.

Alguns sorriam discretamente.

Outros apenas assentiam.

Era difícil imaginar uma combinação mais poderosa para o futuro do Império.

Um imperador capaz de sonhar.

E um general capaz de transformar esse sonho em realidade.

Belisário voltou os olhos para a avenida.

As legiões continuavam marchando atrás dele.

As águias romanas permaneciam erguidas.

As flores ainda caíam das janelas.

Constantinopla celebrava.

E, naquele dia, parecia impossível acreditar que qualquer força no mundo pudesse romper a confiança construída entre aqueles dois homens.

O cortejo prosseguiu lentamente em direção ao Grande Palácio.

Enquanto as portas imperiais começavam a se abrir para receber os vencedores da campanha africana.

O Grande Palácio jamais dormia.

Mesmo nas primeiras horas da manhã, seus corredores já estavam tomados pelo movimento constante de escribas carregando pergaminhos, mensageiros atravessando galerias de mármore com ordens lacradas e guardas abrindo passagem para diplomatas vindos das mais distantes províncias do Império.

As sandálias ecoavam sobre os mosaicos coloridos.

Vozes misturavam-se em latim e grego.

Selos de cera eram rompidos.

Novos decretos eram copiados à mão antes mesmo que os anteriores deixassem o palácio.

Enquanto o imperador governava Roma do alto de seu trono, era ali, naqueles corredores, que o Império realmente respirava.

Antonina caminhava entre aquele movimento como alguém que conhecia cada rosto e cada porta.

Um jovem escriba aproximou-se apressado.

— Senhora Antonina.

Ela diminuiu o passo.

O rapaz estendeu um pergaminho ainda aberto.

— O governador da Bitínia enviou uma nova proposta para a distribuição dos cereais. O senador Flávio diz que—

Antonina leu rapidamente algumas linhas.

— Ele está negociando com o homem errado.

O escriba piscou, confuso.

Ela devolveu o documento.

— Envie uma cópia ao prefeito do porto. Se os navios chegarem antes da próxima lua, a discussão deixa de existir.

O rapaz sorriu discretamente.

— Sim, senhora.

Mal ele se afastou, dois diplomatas iniciaram uma discussão poucos metros adiante.

— O acordo era de cinco embarcações.

— Nunca foi.

Antonina aproximou-se antes que as vozes aumentassem.

Os dois homens interromperam imediatamente a discussão.

Ela ouviu cada lado sem interromper.

Depois voltou-se para o mais velho.

— O tratado menciona cinco embarcações mercantes.

Olhou para o outro.

— As duas embarcações militares foram acrescentadas apenas na correspondência seguinte.

Os dois diplomatas permaneceram em silêncio.

Antonina sorriu levemente.

— Então ambos estão certos.

Apenas estão discutindo documentos diferentes.

Os homens entreolharam-se.

Um deles soltou uma breve risada.

A tensão desapareceu tão rapidamente quanto surgira.

— Agradeço, senhora.

Ela apenas fez um discreto gesto com a cabeça e retomou o caminho.

Um guarda abriu uma porta antes mesmo que ela a alcançasse.

Mais adiante, um secretário entregou-lhe outro conjunto de pergaminhos.

Nenhum deles perguntava quem ela era.

Nenhum demonstrava surpresa ao vê-la caminhar livremente pelo Grande Palácio.

Antonina não possuía um título que lhe concedesse autoridade sobre aqueles homens.

Não comandava legiões.

Não ocupava um assento no Senado.

Não fazia parte da corte imperial.

Ainda assim... quando falava, as discussões terminavam.

Quando aconselhava, os conflitos encontravam solução.

E, entre os intermináveis corredores do palácio onde decisões moldavam o destino de um império, poucas vozes eram ouvidas com tanta atenção quanto a dela.

Antonina mal terminara de devolver os últimos pergaminhos quando um senador de cabelos grisalhos aproximou-se da galeria.

— Senhora, posso tomar um instante do seu tempo?

Ela sorriu discretamente.

— Se for apenas um instante.

O homem desenrolou um pequeno mapa sobre uma mesa de mármore.

— As cidades da Trácia disputam o envio dos novos carregamentos de madeira. Ambos os governadores alegam prioridade.

Antonina observou o desenho por alguns segundos.

Depois apontou para o litoral.

— A madeira deve seguir primeiro para os estaleiros.

O senador ergueu uma sobrancelha.

— Mesmo contrariando um dos governadores?

— Sem navios, nenhum deles receberá madeira alguma.

O velho sorriu.

Era uma resposta simples.

E impossível de contestar.

— Como sempre... obrigado.

Antes que ele pudesse se afastar, um diplomata sírio aproximou-se acompanhado por um intérprete.

Trazia dúvidas sobre um acordo comercial firmado semanas antes.

Antonina ouviu atentamente.

Fez apenas duas perguntas.

Ao final, bastou indicar uma pequena alteração na redação do tratado para que ambas as partes concordassem imediatamente.

Nenhum debate.

Nenhuma discussão.

Apenas entendimento.

Mais adiante, um general aguardava diante de uma janela aberta para os jardins.

Quando Antonina passou, ele inclinou respeitosamente a cabeça.

— Senhora.

Ela percebeu a preocupação em seu rosto.

— Ainda pensa no abastecimento da fronteira oriental?

O militar suspirou.

— Os reforços chegam antes dos suprimentos.

Antonina caminhou até a janela.

Permaneceu alguns instantes observando os jardins antes de responder.

— Então envie menos homens.

O general voltou-se para ela, surpreso.

— Menos?

— Um soldado bem alimentado protege melhor uma fronteira do que dois famintos.

O homem permaneceu em silêncio.

Depois sorriu discretamente.

— Às vezes esqueço que nunca converso apenas com a esposa de um general.

Antonina apenas continuou caminhando.

Pouco adiante, encontrou Teodora deixando uma das salas do conselho privado.

A imperatriz dispensou discretamente as damas que a acompanhavam.

— Ainda discutem os impostos da Bitínia?

Antonina assentiu.

— Mas acredito que deixarão de discutir antes do meio-dia.

Teodora sorriu.

— Eu nunca saberia dizer se você resolve problemas... ou simplesmente impede que eles existam.

As duas caminharam lado a lado por alguns instantes, trocando poucas palavras antes de seguirem caminhos diferentes.

Atrás delas, dois jovens secretários organizavam uma pilha de documentos.

Um deles esperou que ambas se afastassem antes de comentar em voz baixa:

— Impressionante.

O outro assentiu.

— Se a imperatriz é a voz do trono...

Olhou discretamente para Antonina, que desaparecia entre as colunas do palácio.

— Antonina é a voz de Roma.

O primeiro sorriu.

Não havia exagero naquela frase.

No Grande Palácio, muitos conflitos jamais chegavam ao imperador.

Terminavam antes.

Porque, em algum momento do caminho, haviam encontrado a influência de Antonina e da Imperatriz Teodora.

Um som apressado de sandálias ecoou pelo corredor.

Um jovem mensageiro atravessou a galeria quase sem fôlego, segurando um pequeno pergaminho ainda lacrado.

Ao encontrar Antonina, levou imediatamente o punho ao peito.

— Senhora.

Ela voltou-se para ele.

— O general Belisário retornou da audiência com Sua Majestade.

O rapaz recuperou o fôlego antes de continuar.

— Pediu que lhe informasse que a aguardará em casa.

Antonina permaneceu em silêncio por um breve instante.

Um discreto sorriso surgiu em seu rosto.

Não de surpresa.

Nem de euforia.

Apenas a serenidade de quem finalmente sabia que o marido voltara em segurança.

Guardou calmamente o pergaminho entre os demais documentos que carregava.

Depois voltou-se para os homens reunidos ao redor da mesa.

— Retomaremos esta discussão amanhã pela manhã.

O senador inclinou respeitosamente a cabeça.

— Como desejar, senhora.

O diplomata fechou lentamente o mapa que permanecia aberto.

O general recolheu seus relatórios.

Nenhum deles demonstrava incômodo pelo encerramento da reunião.

Sabiam que ela voltaria no dia seguinte.

E sabiam que os assuntos do Império continuariam exatamente de onde haviam parado.

Antonina entregou os últimos documentos a um dos secretários.

— Deixe estes sobre a mesa da imperatriz.

— Sim, senhora.

Ela despediu-se com um leve gesto de cabeça.

Os guardas abriram as grandes portas de cedro antes mesmo que precisasse diminuir o passo.

A luz do fim da tarde invadiu o corredor.

Do lado de fora, Constantinopla continuava tomada pela alegria da vitória.

Ainda era possível ouvir, ao longe, o som das comemorações espalhadas pelas praças e avenidas da capital.

Antonina atravessou lentamente os jardins do Grande Palácio.

Seu pensamento, porém, já não estava nos tratados, nos diplomatas ou nas questões do Império.

Estava em Belisário.

Conhecia o marido o suficiente para saber que uma audiência com Justiniano raramente terminava apenas com cumprimentos e celebrações.

Algo lhe dizia que, por trás da tranquilidade com que pedira seu retorno para casa...

havia mais do que ainda não fora dito.

CAPÍTULO 6

O LAR

A residência de Belisário ficava em uma das colinas voltadas para o Mar de Mármara, distante o bastante do Grande Palácio para oferecer tranquilidade, mas próxima o suficiente para que um mensageiro imperial pudesse alcançá-la em poucos minutos.

Era uma bela casa.

Sem extravagâncias.

Muros de pedra clara protegiam um pequeno jardim interno, onde oliveiras jovens dividiam espaço com roseiras, ervas aromáticas e um estreito espelho d'água alimentado por uma fonte de mármore. O perfume do alecrim e do louro misturava-se ao ar úmido trazido pela brisa do mar, suavizando o cheiro de couro e poeira que ainda acompanhava os homens vindos da campanha.

Belisário atravessou lentamente o portão.

Os poucos servos que cuidavam da residência interromperam o trabalho por um instante.

— General.

Ele respondeu apenas com um discreto movimento de cabeça.

Nunca exigira cerimônias dentro daquela casa.

Ali... não havia general.

Apenas Belisário.

Enquanto um rapaz conduzia o cavalo para os estábulos, outro recolhia a capa escarlate ainda coberta pela fina poeira das estradas da Trácia.

O general caminhou pelo pátio interno antes de entrar.

O interior da residência refletia a mesma sobriedade.

Colunas simples sustentavam o teto de madeira escura. As paredes eram decoradas por poucos mosaicos representando antigas paisagens romanas, sem ouro em excesso ou pedras preciosas exibidas como demonstração de riqueza.

Tudo possuía um lugar.

Tudo parecia cumprir uma função.

Ao lado do átrio principal, uma pequena biblioteca reunia rolos de pergaminho cuidadosamente organizados sobre estantes de madeira. Histórias de Roma dividiam espaço com tratados militares, filosofia grega, obras de direito e mapas das fronteiras imperiais, muitos deles marcados por anotações feitas pela própria mão de Belisário.

Na parede oposta, um suporte de madeira guardava suas armas.

A spatha repousava ao lado do escudo oval e do elmo ornamentado com a crista vermelha de comandante. Próximo dali, lanças de diferentes campanhas permaneciam alinhadas com o mesmo cuidado dedicado aos livros.

Nenhum objeto parecia exposto para impressionar visitantes.

Cada um carregava uma lembrança.

Ou uma utilidade.

Belisário permaneceu alguns instantes observando a armadura que vestira durante toda a campanha africana.

As marcas dos combates ainda riscavam o metal.

Passou lentamente a mão sobre uma delas.

Depois soltou o fecho preso aos ombros.

A couraça deslizou com um ruído metálico, pesada, até os braços do velho servo que aguardava discretamente ao seu lado.

Vieram as ombreiras.

Os braçais.

As grevas.

Uma peça após a outra.

Como se, junto ao ferro, deixasse também parte do peso acumulado durante meses de guerra.

Quando retirou o último cinturão, respirou fundo pela primeira vez desde que atravessara o Portão de Ouro.

Belisário já não parecia o Leão de Justiniano.

Parecia apenas um homem que finalmente voltara para casa.

Poucos instantes depois, ouviu-se o ranger discreto do portão de entrada.

Belisário voltou-se naturalmente.

Antonina atravessou o jardim em passos tranquilos, acompanhada apenas por uma criada que permaneceu para trás assim que a senhora da casa alcançou o pátio.

Por um momento, os dois apenas se olharam.

Meses de campanha.

Meses de distância.

Nenhum dos dois parecia sentir necessidade de transformá-los em palavras.

Antonina sorriu.

Um sorriso sereno.

Daqueles reservados apenas às pessoas que conhecemos por tempo suficiente para chamar de lar.

Belisário respondeu da mesma forma.

A fadiga estampada em seu rosto pareceu diminuir por um breve instante.

Ela aproximou-se até ficar diante dele.

Sem cerimônia.

Sem pressa.

Segurou delicadamente suas mãos entre as próprias.

As palmas ainda carregavam pequenas marcas endurecidas pelo cabo da espada, enquanto os nós dos dedos exibiam cortes recentes, alguns já cicatrizando, outros ainda avermelhados.

Antonina passou os polegares sobre uma das cicatrizes.

Como se confirmasse silenciosamente que ele realmente estava ali.

— Você voltou.

Belisário assentiu.

— Voltei.

Ela ergueu os olhos.

— Inteiro?

Ele sorriu discretamente.

— Quase.

Os dois riram baixinho.

Era um diálogo curto.

Repetido inúmeras vezes ao longo dos anos.

Ainda assim... nunca perdera o significado.

Antonina soltou lentamente suas mãos.

— Estava começando a achar que Justiniano prenderia você no Grande Palácio até o anoitecer.

— Cheguei a considerar essa possibilidade.

Ela arqueou uma sobrancelha.

— Então a audiência foi longa.

— O suficiente.

Antonina percebeu a resposta incompleta.

Não insistiu.

Conhecia o marido bem demais para isso.

Se havia algo importante a ser dito...

Ele contaria no momento certo.

Enquanto caminhavam pelo átrio da residência, um servo aproximou-se discretamente.

— Senhora, o jantar estará pronto em poucos instantes.

Antonina agradeceu com um gesto de cabeça.

Belisário voltou os olhos para ela.

— Ainda resolve metade dos problemas do Império antes que eles cheguem ao imperador?

Ela sorriu de canto.

— E a outra metade resolve a Imperatriz.

— Então Justiniano continua lhes devendo muito.

Antonina soltou uma breve risada.

— Não diga isso perto dele.

Os dois seguiram lado a lado pelo corredor principal.

Conversavam com a naturalidade de quem já compartilhara incontáveis jornadas, vitórias, derrotas e longos períodos de espera.

Não havia necessidade de impressionar um ao outro.

Nem de esconder o cansaço.

Entre aquelas paredes, Belisário deixava de ser o general mais celebrado do Império.

E Antonina deixava de ser a mulher cuja opinião era ouvida por senadores, diplomatas e pela própria imperatriz.

Ali... eram apenas dois parceiros que, mais uma vez, haviam conseguido atravessar a guerra sem perder aquilo que realmente os unia.

O jantar foi servido pouco depois do pôr do sol.

A mesa era ampla, mas longe da ostentação encontrada nas residências de muitos senadores. Pão recém-assado, queijo, azeitonas, peixe grelhado, frutas e uma jarra de vinho ocupavam o centro da mesa, enquanto pequenas lamparinas lançavam uma luz dourada sobre as paredes da sala.

Pela primeira vez em muitos meses, Belisário comia sem ouvir o som de tambores, clarins ou cavalos ao longe.

Apenas o silêncio da própria casa.

Antonina serviu-lhe uma taça de vinho antes de sentar-se à sua frente.

— Então... conte-me sobre a África.

Belisário permaneceu alguns instantes em silêncio, como se organizasse as lembranças.

— Gelimero lutou até compreender que não havia mais exército para comandar.

Antonina apoiou os cotovelos sobre a mesa.

— E quando compreendeu?

— Rendeu-se.

Ela assentiu lentamente.

— Fez a escolha certa.

Belisário concordou.

— Evitou que mais homens morressem por uma guerra já perdida.

Por alguns instantes, ambos permaneceram em silêncio.

Antonina conhecia o marido o suficiente para perceber que, sempre que falava dos inimigos, jamais o fazia com desprezo.

Falava com respeito.

Como alguém que também carregava o peso das decisões que tomara.

Ela mudou naturalmente de assunto.

— Constantinopla inteira fala da campanha.

Belisário soltou um leve sorriso.

— Percebi.

— Teodora recebeu embaixadores durante toda a manhã. Todos queriam saber como seria administrada a África agora.

— E o que ela respondeu?

Antonina ergueu discretamente a taça.

— Que primeiro deveríamos garantir a paz.

Depois discutir a administração.

Belisário sorriu.

— Parece exatamente o que ela diria.

— E você teria respondido diferente?

Ele pensou por um instante.

— Não.

A resposta fez Antonina sorrir.

Era justamente por isso que Justiniano confiava tanto naqueles dois.

Pensavam de maneiras diferentes.

Mas quase sempre chegavam às mesmas conclusões.

A conversa prosseguiu naturalmente.

Falaram sobre os novos governadores das províncias africanas.

Sobre os desafios de reconstruir cidades devastadas pela guerra.

Sobre o comércio que voltaria a cruzar o Mediterrâneo.

Sobre os problemas da fronteira oriental, que jamais permanecia silenciosa por muito tempo.

Nenhum assunto parecia exclusivamente militar.

Nenhum parecia exclusivamente político.

Naquela mesa, ambos discutiam o futuro do Império com a mesma naturalidade com que outras famílias conversavam sobre a colheita ou o clima.

Antonina fez uma pausa antes de perguntar:

— E Justiniano?

Belisário deixou lentamente a taça sobre a mesa.

— Estava satisfeito.

— Imagino que estivesse.

Ele permaneceu alguns segundos olhando para o vinho.

Depois acrescentou:

— Mas nossa conversa foi breve. O que me prendeu no Palácio foram as formalidades com os outros convidados.

Antonina ergueu os olhos.

Belisário continuou.

— Antes de me dispensar, pediu que eu retornasse ao Grande Palácio amanhã pela manhã.

Ela percebeu imediatamente uma mudança em seu tom.

— Há algum motivo?

Belisário balançou lentamente a cabeça.

— Não disse qual era o assunto.

Fez uma breve pausa.

— Apenas afirmou que precisava tratar comigo de uma questão... extremamente importante.

O silêncio voltou à mesa.

Antonina não fez outra pergunta.

Conhecia Justiniano.

Conhecia Belisário.

E conhecia o peso que aquelas palavras carregavam quando vinham diretamente do imperador.

Pela primeira vez desde que regressara da África...

a guerra parecia realmente ter ficado para trás.

Mas outra coisa... ainda invisível.

Começava a se aproximar.

A noite caiu silenciosamente sobre Constantinopla.

A agitação das ruas diminuíra pouco a pouco, até restarem apenas o canto distante de alguns músicos nas tavernas e o som constante da água correndo pela pequena fonte do jardim.

Belisário permanecia sentado sob a varanda.

A armadura já repousava sobre o suporte de madeira no interior da casa.

Vestia agora apenas uma túnica simples de linho escuro.

Sobre as pernas, a spatha descansava desembainhada.

Com um pequeno pano embebido em óleo, passava lentamente pela lâmina, retirando os últimos vestígios de poeira e sangue seco que a campanha africana ainda deixara sobre o aço.

O movimento era calmo.

Quase automático.

Como se as mãos soubessem exatamente o que fazer, enquanto a mente permanecia em outro lugar.

Ao longe.

Na África.

Antonina surgiu à porta sem fazer ruído.

Permaneceu observando o marido por alguns instantes antes de aproximar-se.

Sentou-se ao seu lado.

Nenhum dos dois falou.

Apenas contemplaram o jardim iluminado pela lua.

A brisa fazia as folhas das oliveiras balançarem suavemente, enquanto o perfume das rosas misturava-se ao cheiro do óleo usado para conservar a espada.

Belisário terminou de limpar a lâmina.

Guardou o pano.

Mas não embainhou a arma.

Continuou olhando para o reflexo da lua sobre o aço.

Antonina quebrou o silêncio com a mesma delicadeza com que sempre fazia.

— Valeu a pena?

A pergunta permaneceu suspensa entre os dois.

Belisário não respondeu.

Seus olhos continuaram presos ao brilho da lâmina.

Então baixaram lentamente para as próprias mãos.

As mesmas mãos que, naquela manhã, haviam recebido as flores de Constantinopla.

As mesmas mãos que, meses antes, haviam conduzido homens à batalha.

Por um instante, as imagens voltaram.

O velho veterano da Primeira Legião.

Seus olhos fechando-se pela última vez.

O jovem guerreiro vândalo.

O medalhão escondido sob a túnica.

A mulher.

A criança pintada em um pequeno pedaço de bronze.

O choque dos escudos.

A poeira.

Os gritos.

O silêncio que sempre vinha depois.

Belisário respirou profundamente.

Apoiou a espada sobre o banco de pedra ao seu lado.

Só então voltou-se para Antonina.

Havia cansaço em seus olhos.

Não o cansaço do corpo.

Mas aquele que nenhuma noite de descanso era capaz de aliviar.

Depois de um longo silêncio, respondeu em voz baixa:

— Ainda não sei.

Antonina não tentou consolá-lo.

Não disse que a vitória justificava os sacrifícios.

Não falou sobre honra.

Nem sobre glória.

Apenas estendeu a mão.

Belisário segurou-a naturalmente.

Os dois permaneceram em silêncio, olhando o jardim adormecido sob a luz da lua.

Naquela noite, o homem que toda Constantinopla chamava de herói descobriu que a pergunta mais difícil de responder não vinha de imperadores... mas da única pessoa diante de quem jamais precisara fingir ser invencível.

CAPÍTULO 7
O SONHO DO IMPERADOR

Na manhã seguinte, Belisário voltou ao Grande Palácio.

Desta vez, não encontrou corredores repletos de senadores aguardando audiências nem diplomatas disputando alguns minutos diante do imperador. Um oficial da guarda imperial aguardava sua chegada junto aos jardins internos e limitou-se a fazer uma breve reverência antes de indicar o caminho.

— Sua Majestade já o espera.

Os dois atravessaram uma sequência de galerias silenciosas, distantes da movimentação administrativa do restante do palácio.

Ali, os corredores eram mais estreitos.

As paredes, revestidas por antigos mosaicos representando os grandes imperadores do passado, pareciam observar cada passo dado naquela direção.

Augusto.

Trajano.

Constantino.

Teodósio.

Todos homens que, em algum momento, haviam acreditado carregar o destino de Roma sobre os próprios ombros.

Por fim, o oficial parou diante de uma pesada porta de cedro ornamentada por uma águia de bronze.

Abriu-a sem anunciar o visitante.

Belisário entrou sozinho.

A sala era ampla, mas surpreendentemente austera para um imperador.

Não havia luxo desnecessário.

O centro do aposento era ocupado por uma enorme mesa de madeira escura completamente tomada por mapas, pergaminhos, réguas, compassos e pequenas peças de madeira representando fortalezas, cidades, portos e exércitos.

As paredes estavam cobertas por cartas navais do Mediterrâneo, desenhos de antigas estradas romanas, plantas de fortalezas e cópias de tratados assinados por imperadores muito antes daquela geração nascer.

Em um dos cantos, maquetes reproduziam muralhas e sistemas defensivos.

Em outro, escribas haviam deixado pilhas de relatórios ainda abertos, enviados das fronteiras da Síria, do Egito, dos confins da África e do Danúbio.

Era menos uma sala de audiências.

Mais um centro de comando.

Ou o escritório de um homem que tentava governar um mundo inteiro.

Justiniano permanecia de pé diante da grande mesa.

Não levantou os olhos quando Belisário entrou.

Continuava analisando um enorme mapa estendido sobre a madeira, fazendo pequenas anotações com um estilete de prata.

Por alguns instantes, ouviu-se apenas o som da ponta metálica deslizando sobre a cera.

Então o imperador falou, sem desviar o olhar do mapa.

— A África já voltou para nós.

Belisário permaneceu em silêncio.

Justiniano fez mais uma anotação antes de continuar.

— Os persas mantêm a paz... por enquanto.

Sua mão percorreu lentamente outra região do mapa.

— Cassius Valerius continua enviando relatórios do Ocidente.

Belisário aproximou-se alguns passos da mesa.

Conhecia bem aqueles documentos.

Havia décadas, o Imperador Romano do Ocidente lutava uma guerra diferente da sua.

Não contra um único inimigo.

Mas contra inúmeros.

Tribos germânicas pressionavam as fronteiras ao norte.

Reinos bárbaros disputavam influência nas antigas províncias.

Usurpadores surgiam e desapareciam com a mesma rapidez.

Ainda assim, Roma Ocidental permanecia de pé.

Enfraquecida.

Menor do que fora nos tempos de Teodósio.

Mas viva.

Desde que Rômulo Augusto preservara o trono e impedira que Odoacro encerrasse séculos de história romana, cada geração de imperadores ocidentais sacrificara um pouco mais para manter acesa aquela chama.

Agora era Cassius Valerius quem carregava esse fardo.

Não era lembrado pelas grandes conquistas.

Nem pelos triunfos militares.

Era lembrado porque, ano após ano, conseguia impedir que o Império finalmente desmoronasse.

Justiniano ergueu os olhos pela primeira vez.

Seu olhar encontrou o de Belisário.

Um discreto sorriso surgiu em seu rosto.

— Aproxime-se, velho amigo. Tenho algo que preciso lhe mostrar.

Belisário aproximou-se da grande mesa.

O mapa que cobria quase toda sua extensão era diferente de qualquer outro que já vira. Não representava apenas territórios. Havia pequenas peças de madeira marcando fortalezas, cidades, estradas, portos e movimentos militares. Alfinetes coloridos indicavam rotas comerciais, fortalezas recém-reconstruídas e regiões onde conflitos ainda ameaçavam a estabilidade do Império.

Era um mundo inteiro reduzido àquela mesa.

Justiniano apoiou ambas as mãos sobre a madeira.

— Às vezes penso que governar Roma é como tentar manter acesas centenas de fogueiras durante uma tempestade.

Belisário nada respondeu.

Conhecia bem aquela sensação.

O imperador apontou para Constantinopla.

— Aqui está o coração do Império.

Seu dedo percorreu lentamente a Trácia.

— As muralhas permanecem fortes.

Desceu pela Ásia Menor.

— As estradas voltaram a ser seguras.

Seguiu até a Síria.

— A paz com os persas continua frágil. Hoje negociam... amanhã podem atravessar a fronteira.

Seu dedo deslizou mais ao sul.

O Egito.

— Nosso celeiro continua alimentando Roma.

Sem Alexandria... Constantinopla jamais sustentaria sua população.

Belisário acompanhava cada movimento em silêncio.

Justiniano então atravessou lentamente o Mediterrâneo.

Parou sobre a África.

Por alguns instantes, apenas observou a região.

Depois sorriu.

Um sorriso discreto.

Satisfeito.

— Há poucos meses, esta costa pertencia aos vândalos. Agora... voltou a pertencer a Roma.

Belisário contemplou o mapa.

Lembrou-se imediatamente das planícies africanas.

Dos legionários que jamais regressariam.

Justiniano continuou.

Sua mão afastou-se da África e percorreu novamente as fronteiras orientais.

— Os persas continuam esperando nossa primeira fraqueza.

Subiu até o Danúbio.

— Os povos do norte jamais permanecem quietos por muito tempo.

Desceu novamente pelo mar.

Cada região parecia representar um problema diferente.

Uma decisão diferente.

Uma responsabilidade diferente.

Por fim... seu dedo atravessou lentamente o Adriático.

Parou sobre a península Itálica.

Roma.

Ravena.

Mediolano.

Nápoles.

As antigas cidades do Ocidente permaneciam cuidadosamente desenhadas, ligadas pelas mesmas estradas que, séculos antes, haviam unido o maior império da história.

Belisário observou atentamente.

Sabia que, apesar das dificuldades, aquelas cidades jamais haviam deixado de pertencer ao mundo romano.

Justiniano permaneceu alguns instantes contemplando a Itália.

Seu semblante tornou-se diferente.

Mais sério.

Mais distante.

Como alguém que, durante anos, observara o mesmo horizonte esperando o momento certo para agir.

Então pousou lentamente a mão sobre a antiga capital do mundo romano.

Os dedos deslizaram lentamente pela península, acompanhando o traçado dos Apeninos até alcançarem a antiga capital.

Roma.

Durante alguns instantes, nenhum dos dois falou.

O silêncio parecia respeitar o peso daquele nome.

Justiniano permaneceu contemplando o mapa.

Quando voltou a falar, sua voz era baixa.

Quase um pensamento dito em voz alta.

— Sabe o que mais me entristece, Belisário?

O general ergueu os olhos.

— Diga, Majestade.

O imperador respirou lentamente.

— Cresci ouvindo histórias de César, Augusto, Trajano...

Passou os dedos sobre a cidade desenhada no pergaminho.

— Todos eles governaram um único Império.

Fez uma breve pausa.

— Hoje... olhamos para Roma como se fosse outro mundo.

Seu olhar permaneceu fixo na antiga capital.

— Nunca aceitei isso.

A mão fechou-se lentamente sobre o mapa.

— Nem aceitarei.

Justiniano ergueu finalmente os olhos.

Havia convicção neles.

Não orgulho.

Não vaidade.

Convicção.

— Roma voltará para nós.

As palavras permaneceram suspensas na sala.

Belisário baixou novamente os olhos para o mapa.

Observou Constantinopla.

Depois a África.

As fronteiras orientais.

Por fim... a Itália.

Pensou em Cassius Valerius.

No peso que o imperador do Ocidente carregava havia décadas.

Pensou nas cidades que ainda preservavam suas leis romanas.

Nos legionários que continuavam jurando fidelidade ao Senado e ao Imperador.

Pensou em tudo aquilo que ainda sobrevivia.

Respirou lentamente.

— Majestade...

Justiniano voltou-se para ele.

Belisário escolheu cuidadosamente as palavras.

Como um homem que sabia que uma única frase podia alterar o rumo de uma conversa.

Ou de uma amizade.

— Roma nunca deixou de ser Roma.

O silêncio que se seguiu pareceu maior do que toda a sala.

Justiniano permaneceu imóvel.

A mão ainda repousava sobre o mapa.

Nenhum músculo de seu rosto mudou.

Nenhum gesto denunciou surpresa.

Belisário sustentou seu olhar.

Sem desafio.

Sem insolência.

Apenas honestidade.

Os dois homens olhavam para o mesmo mapa.

Mas já não enxergavam a mesma Roma.

Justiniano permaneceu alguns instantes em silêncio.

Os olhos continuavam sobre o mapa.

Quando voltou a falar, sua voz era tranquila.

— Cassius Valerius é um homem honrado.

Belisário assentiu.

— Concordo.

— Fez o que pôde.

Justiniano deslizou lentamente a mão pela península Itálica.

— Durante décadas manteve o Ocidente unido quando qualquer outro imperador teria perdido tudo.

Parou sobre Ravena.

— Mas Roma não pode viver dividida para sempre.

Belisário permaneceu atento.

— Dois imperadores significam duas cortes.

O dedo do imperador passou de Ravena para Constantinopla.

— Duas administrações. Duas políticas. Duas prioridades.

Ergueu finalmente os olhos.

— Hoje caminhamos lado a lado. Amanhã... nossos sucessores talvez caminhem em direções opostas.

Belisário compreendia aquele raciocínio.

Também conhecia a História.

Roma já sangrara mais de uma vez por disputas entre homens que deveriam governar juntos.

Justiniano respirou profundamente.

— Enquanto existir mais de uma coroa romana... sempre existirá o risco de mais uma guerra entre romanos.

Belisário permaneceu alguns segundos refletindo antes de responder.

— Talvez.

O imperador arqueou discretamente a sobrancelha.

— Mas não acredito que a resposta esteja em uma conquista.

Justiniano nada disse.

Belisário aproximou-se um pouco mais da mesa.

Apoiou a mão sobre a Itália.

Não sobre Roma.

Nem sobre Ravena.

Mas entre ambas.

Como se tentasse unir as duas.

— O Ocidente continua romano. Suas cidades continuam seguindo nossas leis. O Senado ainda existe. As legiões ainda carregam nossas águias. Cassius Valerius não governa um reino estrangeiro. Governa romanos.

Sua voz permaneceu calma.

Sem desafio.

Sem emoção exagerada.

— Não deveríamos marchar contra eles.

Deveríamos marchar até eles.

Justiniano observava cada palavra.

Belisário continuou.

— Se existe uma oportunidade de restaurar a unidade... ela deve nascer de um acordo. Não da espada. Porque uma vitória obtida sobre romanos deixará cicatrizes que talvez levem gerações para desaparecer.

A sala voltou a mergulhar no silêncio.

Justiniano não respondeu imediatamente.

Permaneceu contemplando o mapa.

Para ele, a unidade exigia uma única autoridade.

Para Belisário, exigia um único propósito.

A diferença parecia pequena.

Quase imperceptível.

Mas, naquele instante... era grande o bastante para separar dois homens que, até então, jamais haviam discordado sobre o destino de Roma.

Justiniano permaneceu imóvel diante do mapa.

O silêncio prolongou-se por vários instantes.

Por fim, afastou lentamente a mão da Itália.

Quando voltou a falar, sua voz recuperara a serenidade habitual.

— Talvez eu esteja pensando como imperador...

Ergueu os olhos para Belisário.

— ...e você como soldado.

Belisário sorriu discretamente.

— Talvez eu esteja pensando apenas como romano.

Justiniano sustentou aquele olhar por alguns segundos.

Depois assentiu.

Como quem aceitava um argumento digno de consideração.

Ou, ao menos, desejava que assim parecesse.

Caminhou lentamente ao redor da mesa até alcançar um pequeno estojo de madeira escura.

Retirou de seu interior um pergaminho, começou a escrever uma ordem imperial habilmente.

Então usou o selo imperial para marcar o pergaminho.

— Então tentaremos o seu caminho primeiro.

Belisário observou o documento.

Justiniano continuou.

— Você seguirá para o Ocidente como meu representante. Não à frente de um exército de conquista. Mas como enviado do Império Romano do Oriente. Seu objetivo será encontrar Cassius Valerius. Conversar. Negociar. Buscar uma forma de restaurarmos a unidade sem derramar uma única gota de sangue romano.

Belisário levantou os olhos.

Havia uma discreta satisfação em seu semblante.

— Acredito que Vossa Majestade tomou a decisão correta.

Justiniano respondeu com um leve sorriso.

— Espero sinceramente que esteja certo.

O imperador fez uma breve pausa antes de completar:

— Mas compreenda uma coisa, Belisário.

Sua voz tornou-se mais firme.

— Se a diplomacia falhar... se o Ocidente rejeitar nossa proposta... se escolher permanecer dividido... então não restará alternativa.

Belisário permaneceu em silêncio.

Justiniano concluiu:

— Roma precisará ser reunificada pela espada.

As palavras permaneceram suspensas entre os dois homens.

Belisário voltou os olhos para o mapa.

Para Constantinopla.

Para Ravena.

Para Roma.

Pensou nas legiões de ambos os impérios.

Nos senadores.

Nos cidadãos que, dos dois lados do Adriático, ainda se chamavam romanos.

Depois fechou lentamente o pergaminho.

— Farei tudo o que estiver ao meu alcance para que esse dia nunca chegue.

Justiniano assentiu.

— É exatamente por isso que escolhi você.

Belisário levou o documento ao peito em sinal de respeito.

Naquele instante, acreditava sinceramente que acabara de receber a missão mais importante de sua vida.

Não conquistar uma província.

Nem derrotar um inimigo.

Mas impedir que romanos voltassem a marchar contra romanos.

E, por alguns breves instantes, acreditou que ele e Justiniano continuavam sonhando o mesmo futuro.

— Com sua licença, Majestade.

Justiniano apenas assentiu.

O general recolheu o pergaminho cuidadosamente, voltou-se e caminhou em direção à porta.

O som de suas sandálias ecoou pela sala.

Poucos instantes depois...

A pesada porta de cedro fechou-se lentamente.

O silêncio voltou a dominar o aposento.

Justiniano permaneceu imóvel.

Os olhos continuavam presos ao grande mapa estendido sobre a mesa.

Sua mão repousava exatamente sobre a península Itálica.

Os dedos tocaram lentamente a antiga cidade de Roma.

Nenhum movimento além disso.

Nenhuma expressão denunciava o que pensava.

O tempo pareceu suspenso.

Alguns instantes depois, a porta tornou a se abrir.

Teodora entrou sem cerimônia.

Conhecia aquele gabinete melhor do que qualquer outra pessoa.

E conhecia o homem que estava diante do mapa melhor do que qualquer habitante do Império.

Bastou um olhar.

Algo havia mudado.

Ela aproximou-se em silêncio, parando ao lado do marido.

Também observou o mapa.

Também viu a mão dele repousando sobre Roma.

Só então perguntou, em voz baixa:

— O que houve?

Justiniano demorou alguns segundos para responder.

Quando falou, sua voz permanecia tranquila.

Quase serena.

— Pela primeira vez...

Fez uma pequena pausa.

— Belisário colocou outra ideia de Roma acima da minha.

Teodora permaneceu em silêncio.

Conhecia Belisário.

Sabia da lealdade que sempre demonstrara ao Império.

— Ele continua leal a você.

Justiniano sorriu discretamente.

Um sorriso cansado.

— Eu sei.

Seus olhos não deixavam o mapa.

— E talvez seja justamente isso que torna tudo mais difícil.

Teodora voltou a observá-lo.

Havia algo diferente naquele olhar.

Não era ira.

Não era orgulho ferido.

Era decepção.

Profunda.

Silenciosa.

Como a de um homem que, pela primeira vez, descobria que o companheiro em quem mais confiava caminhava por uma estrada diferente da sua.

Justiniano fechou lentamente a mão sobre o mapa.

Sem força.

Quase com cuidado.

Como se tentasse impedir que aquela divisão invisível se espalhasse.

Mas, naquele instante... sem que Belisário percebesse... a primeira rachadura surgira entre o imperador e o homem que ele chamava de amigo.

CAPÍTULO 8
A DESPEDIDA

O sol da manhã atravessava as janelas da residência enquanto a casa despertava mais cedo do que o habitual.

No centro do átrio, uma grande mesa de madeira encontrava-se coberta por mapas cuidadosamente desenrolados, cartas lacradas com o selo imperial, registros de antigas estradas romanas e relatórios enviados pelas províncias do Ocidente.

Belisário conferia cada documento com atenção.

Não havia listas de suprimentos para um grande exército.

Nem ordens para mobilizar legiões.

Apenas o necessário para uma longa viagem.

Poucos homens.

Poucos cavalos.

Alguns guardas de confiança.

Era uma missão diplomática.

Pelo menos era nisso que acreditava.

Antonina aproximou-se da mesa carregando um pequeno estojo de couro.

Abriu-o cuidadosamente.

No interior repousavam penas de escrita, tinta, selos de cera e pergaminhos ainda em branco.

— Você vai precisar deles. — disse enquanto os colocava ao lado dos mapas.

Belisário sorriu discretamente.

— Espero escrever mais cartas do que ordens de batalha.

Antonina respondeu ao sorriso.

— Também espero.

Ela desenrolou um dos mapas da península Itálica.

Os dedos percorreram lentamente a Via Flamínia até alcançarem Ravena.

Depois seguiram pelas antigas estradas que conduziam a Roma.

— Cassius Valerius mantém sua corte aqui.

Belisário assentiu.

— Foi o que Justiniano me informou.

Antonina permaneceu observando o mapa por alguns instantes.

— Se conseguirem chegar a um entendimento...

Levantou os olhos para o marido.

— ...talvez esta seja a campanha mais importante da sua vida.

Belisário fechou cuidadosamente um dos pergaminhos.

— Justamente porque pretendo vencê-la sem desembainhar a espada.

Ela sorriu.

— Nunca pensei que ouviria isso do homem que derrotou os vândalos.

— Nem eu.

Os dois trocaram um breve olhar antes de voltarem ao trabalho.

Antonina organizava os documentos segundo a ordem em que provavelmente seriam utilizados durante a viagem.

Belisário verificava os selos imperiais, revisava mapas e fazia pequenas anotações nas margens dos pergaminhos.

Moviam-se naturalmente.

Sem precisar explicar um ao outro o que faziam.

Como se repetissem uma rotina praticada inúmeras vezes ao longo dos anos.

Pouco depois, um dos servos aproximou-se da porta.

— Senhor. Os cavalos estão prontos.

Belisário apenas assentiu.

Ainda havia alguns instantes antes da partida.

Permitiu-se acreditar que talvez aquela jornada terminasse de uma forma inédita.

Não com um triunfo.

Nem com um funeral.

Mas com dois impérios romanos voltando a falar como um só.

Belisário agora fechava cuidadosamente um dos baús de viagem quando percebeu Antonina parada diante da estante de livros.

Ela segurava um pequeno estojo de madeira.

Permaneceu alguns instantes observando-o antes de colocá-lo delicadamente entre os demais pertences.

Havia um leve sorriso em seu rosto.

Mas seu olhar parecia distante.

— Em que está pensando? — perguntou Belisário.

Antonina respirou fundo.

Os olhos passearam lentamente pela casa.

Pelos livros.

Pelas colunas.

Pelo jardim iluminado pela manhã.

Depois voltou-se para ele.

— Às vezes... ainda me lembro da mulher que fui.

Belisário permaneceu em silêncio.

Ela sorriu discretamente.

Sem tristeza.

Sem arrependimento.

Apenas com a serenidade de quem aprendera a fazer as pazes com a própria história.

— Nunca imaginei que teria uma casa como esta.

Passou a mão lentamente sobre a madeira da mesa.

— Um lugar onde posso voltar.

Olhou novamente ao redor.

— Um nome respeitado.

Fez uma pequena pausa.

— Uma vida como esta.

Belisário aproximou-se sem dizer nada.

Segurou delicadamente uma de suas mãos.

Seus dedos ainda traziam pequenas marcas da campanha africana.

— Você conquistou tudo isso.

Antonina sustentou seu olhar por alguns instantes.

Depois apertou suavemente a mão dele.

E balançou a cabeça.

— Nós conquistamos.

O silêncio que se seguiu não era desconfortável.

Era o silêncio de duas pessoas que conheciam partes da vida uma da outra que jamais precisariam ser explicadas.

Belisário lembrava-se da primeira vez que a encontrara.

Antonina lembrava-se do homem que enxergara nela muito mais do que os rumores, os julgamentos e o passado permitiam ver.

Nenhum dos dois voltou ao assunto.

Não havia necessidade.

Algumas histórias pertenciam ao passado.

O importante era que, contra todas as expectativas, ambos haviam construído juntos algo que nenhum dos dois acreditara ser possível.

Um lar.

Agora os baús já estavam fechados.

Do lado de fora, os cavalos aguardavam selados no pequeno pátio da residência, enquanto alguns legionários revisavam discretamente o equipamento antes da partida.

Belisário colocou a capa sobre os ombros.

Ajustava o cinturão da espada quando Antonina voltou a falar.

Desta vez, havia algo diferente em sua voz.

Uma breve hesitação.

Como se ainda decidisse se deveria ou não dizer o que pensava.

— Belisário...

Ele ergueu os olhos.

— Escutei algumas conversas estranhas no palácio.

O general permaneceu atento.

— Que tipo de conversas?

Antonina demorou alguns instantes antes de responder.

— Nada concreto. Apenas comentários. Rumores.

Olhou rapidamente pela janela antes de continuar.

— Alguns homens acreditam que você ficou poderoso demais.

Belisário permaneceu em silêncio por um breve momento.

Depois sorriu.

Não era um sorriso de orgulho.

Nem de desprezo.

Apenas de quem considerava aquela ideia completamente absurda.

— Sempre existirão homens que confundem prestígio com ambição.

Antonina não respondeu.

Belisário aproximou-se.

— Justiniano jamais ouviria esse tipo de homem.

Sua voz era firme.

Cheia da mesma convicção com que atravessara a África.

— Conheço o imperador há anos. Lutei por ele. Venci por ele. Ele conhece meu coração.

Antonina sustentou aquele olhar.

Queria acreditar em cada palavra.

Na verdade... acreditava.

Justiniano sempre demonstrara respeito por Belisário.

E Belisário jamais lhe dera motivo para desconfiar de sua lealdade.

Ainda assim... algo a incomodava.

Não eram apenas os rumores.

Rumores existiam em toda corte.

Era a facilidade com que começavam a surgir justamente depois do triunfo da África.

Ela estendeu a mão e alisou discretamente a dobra da capa do marido.

Um gesto quase automático.

Como fazia sempre antes de cada campanha.

— Talvez eu esteja apenas preocupada demais.

Belisário segurou sua mão por um instante.

— E eu voltarei para provar que estava.

Antonina sorriu.

Desta vez com mais esforço do que convicção.

Acompanhou-o até a porta da residência enquanto os primeiros raios da manhã iluminavam as ruas de Constantinopla.

Belisário montou em seu cavalo.

Voltou-se uma última vez.

Os dois trocaram apenas um breve olhar.

Nenhuma promessa foi feita.

Nenhuma despedida dramática.

Apenas a confiança silenciosa construída ao longo de anos.

Belisário acreditava partir para impedir uma guerra entre romanos.

Antonina observou a pequena comitiva desaparecer lentamente pela rua.

Porém, não conseguiu afastar a sensação de que aquela viagem seria diferente de todas as anteriores.

Os portões de Constantinopla abriram-se pouco depois do nascer do sol.

A pequena comitiva deixou a cidade sem trombetas, sem desfiles e sem a multidão que, apenas dois dias antes, transformara o retorno da África em uma celebração inesquecível.

Desta vez, não havia legiões marchando por quilômetros.

Nem estandartes conquistados.

Nem reis derrotados.

Apenas alguns cavaleiros.

Uma pequena escolta escolhida entre os homens de maior confiança de Belisário.

Os estandartes imperiais seguiam à frente, balançando suavemente ao vento da manhã.

Não representavam um exército de conquista.

Representavam Roma.

Belisário cavalgava logo atrás.

A capa escarlate movia-se lentamente sobre a armadura recém-polida, enquanto o olhar permanecia voltado para a estrada que desaparecia em direção ao Ocidente.

Na aljava presa à sela não havia ordens de batalha.

No alforje, mapas, tratados e cartas lacradas ocupavam mais espaço do que provisões militares.

Era uma missão diferente de todas as anteriores.

Pela primeira vez em muitos anos, partia acreditando que talvez a espada jamais precisasse deixar a bainha.

Ao atravessar os arredores da capital, alguns cidadãos interromperam o trabalho para observá-los passar.

Um velho ferreiro levou o punho ao peito.

Belisário respondeu com uma breve inclinação da cabeça.

Perto de um vinhedo, duas crianças correram até a beira da estrada.

— Boa viagem, general!

Ele sorriu discretamente.

Ergueu a mão em agradecimento antes de seguir adiante.

Pouco a pouco, as muralhas de Constantinopla começaram a desaparecer atrás da comitiva.

No horizonte, as antigas estradas romanas estendiam-se como veias de pedra atravessando

montanhas, rios e planícies, ligando cidades que, havia séculos, compartilhavam as mesmas leis, a mesma língua administrativa e a mesma ideia de civilização.

Belisário contemplou aquela estrada por alguns instantes.

Pensou em Cassius Valerius.

No homem que, durante tantos anos, sustentara o Império Romano do Ocidente contra invasões, crises e divisões.

Pensou também em Justiniano.

No brilho que enxergara em seus olhos diante do mapa.

Sorriu consigo mesmo.

Se ambos desejavam a mesma coisa... talvez ainda existisse um caminho capaz de unir Oriente e Ocidente sem que romanos precisassem voltar suas espadas uns contra os outros.

Esporeou levemente o cavalo.

A pequena coluna retomou o ritmo da marcha.

À frente deles... estendia-se a longa estrada para o Ocidente.

Belisário acreditava partir para negociar a paz.

Sem perceber... cada passo de seu cavalo o aproximava do início de sua própria queda.

O Grande Palácio voltara ao silêncio.

A grande sala permanecia praticamente igual àquela em que Belisário estivera poucas horas antes.

Os mapas continuavam abertos.

As peças de madeira permaneciam sobre cidades e fronteiras.

Nada parecia diferente.

Exceto o homem que permanecia diante delas.

Justiniano continuava imóvel.

Os olhos fixos na Itália.

A mão repousava sobre Roma.

Um a um, os escribas deixaram a sala.

Depois os guardas.

Os secretários.

Até restar apenas um único oficial da guarda imperial.

Experiente.

Silencioso.

Um homem acostumado a receber ordens que jamais seriam registradas em pergaminhos.

Ele aguardou alguns instantes.

Justiniano não levantou os olhos.

Falou apenas quando teve certeza de que estavam completamente sozinhos.

— Quando Belisário atravessar a fronteira...

O oficial permaneceu imóvel.

— ...certifique-se de que ele nunca alcance Roma.

— Como quiser Majestade.

— Tudo deve acontecer fora de nossas fronteiras, não quero que Belisário receba ajuda de nenhum aliado.

O silêncio que se seguiu pareceu durar uma eternidade.

O oficial conhecia o peso daquelas palavras.

Mesmo assim, perguntou:

— Deve ser preso... ou morto?

Justiniano fechou lentamente os olhos.

Por um breve instante, a sala permaneceu completamente imóvel.

Quando voltou a falar, sua voz era baixa.

Quase cansada.

— Se houver escolha... tragam-no vivo.

Fez uma pequena pausa.

A mão apertou levemente a borda da mesa.

— Se não houver... nenhum homem pode ser colocado acima do Império.

O oficial levou o punho ao peito.

— Como desejar, Majestade.

Justiniano olhou brevemente para o oficial.

— Também quero que informem ao General Narses que ele será o responsável por liderar nossas legiões após a prisão de Belisário.

— Sim, Majestade.

Antes que pudesse se retirar, hesitou.

Havia ainda uma questão.

— E quanto à senhora Antonina?

Justiniano permaneceu em silêncio por alguns instantes.

Quando respondeu, sua expressão continuava impassível.

— Ela não tem parte nisso.

Seus olhos finalmente deixaram o mapa.

— Quero que seja conduzida ao Grande Palácio.

O oficial aguardou.

— E depois?

— Ficará sob nossa proteção. E sob vigilância.

Justiniano respirou lentamente antes de concluir:

— Teodora jamais me perdoaria se algum mal lhe acontecesse.

O oficial assentiu.

Não fez outra pergunta.

Curvou-se profundamente e deixou a sala.

O som da porta fechando ecoou pelo gabinete.

Justiniano permaneceu sozinho.

Diante dele, o mapa do mundo continuava exatamente como antes.

Constantinopla.

A África.

As fronteiras orientais.

E Roma.

Sua mão voltou lentamente à antiga capital.

A mesma mão que, poucas horas antes, apontara para a cidade com esperança.

A mesma mão que sonhara reunir novamente o mundo romano.

Agora... acabava de condenar o homem que mais contribuíra para transformar esse sonho em realidade.

As muralhas de Constantinopla haviam desaparecido no horizonte havia dois dias.

Agora, diante da pequena coluna, estendia-se apenas a longa estrada romana.

Largas faixas de pedra cortavam vales e colinas com uma precisão quase impossível, atravessando pontes de arcos monumentais, pequenos bosques de ciprestes e campos cultivados onde agricultores interrompiam o trabalho por alguns instantes para observar a passagem dos cavaleiros.

O ritmo da marcha era constante.

Nem rápido.

Nem lento.

O suficiente para que homens e montarias conservassem forças durante uma viagem que os levaria até o outro lado do Mediterrâneo.

À frente da coluna, o estandarte da águia imperial balançava suavemente sob a brisa da manhã.

Atrás dele, marchavam pouco mais de três dezenas de legionários.

Veteranos em sua maioria.

Homens que haviam acompanhado Belisário na Pérsia, na África ou em campanhas menores ao longo dos últimos anos.

Não formavam o maior contingente que já comandara.

Mas talvez fosse aquele em quem mais confiava.

Belisário cavalgava próximo ao centro da formação.

Observava a estrada muito mais do que os próprios homens.

A cada poucas milhas surgiam marcos de pedra indicando distâncias.

Aquedutos atravessavam pequenas cidades levando água cristalina às fontes públicas.

Ponte após ponte, estrada após estrada, tudo parecia construído para lembrar ao viajante que nenhuma obra daquela dimensão surgia por acaso.

Roma estava presente em cada detalhe.

Em uma pequena aldeia, um grupo de crianças correu até a beira da estrada.

Acenavam entusiasmadas para os legionários.

Um dos soldados respondeu levantando o escudo, arrancando risos dos pequenos antes que a coluna continuasse seu caminho.

Mais adiante, um velho comerciante guiava uma carroça carregada de ânforas de vinho.

Ao reconhecer a águia imperial, retirou respeitosamente o chapéu de feltro e aguardou a passagem dos soldados antes de seguir viagem.

Belisário acompanhou a cena em silêncio.

Era fácil admirar vitórias.

Mais difícil era perceber aquilo que elas protegiam.

As estradas.

As pontes.

As colheitas.

Os mercados.

As crianças que podiam brincar sem ouvir o som da guerra.

Se algum dia Roma deixasse de existir... nada daquilo sobreviveria por muito tempo.

Seu olhar voltou-se para o caminho que seguia em direção ao Ocidente.

Além daquele mar, Cassius Valerius enfrentava, havia anos, um desafio diferente do seu.

Belisário compreendia aquele peso.

Talvez por isso acreditasse que ainda havia esperança.

Os homens que governavam Constantinopla e Ravena continuavam chamando a si mesmos de romanos.

Talvez também existisse um caminho para restaurar sua unidade.

Sem conquistar.

Sem destruir.

Sem obrigar romanos a derramar o sangue de outros romanos.

Belisário respirou profundamente o ar fresco da manhã.

Agora em direção a uma missão cuja maior vitória seria aquela que ninguém precisaria celebrar com um triunfo.

A vitória da paz.

O sol já se aproximava do meio do céu quando a coluna fez uma breve parada às margens de um riacho.

Os cavalos beberam água.

Alguns legionários aproveitaram para ajustar as sandálias, verificar as correias das armaduras ou simplesmente descansar alguns instantes sob a sombra das oliveiras.

Belisário permanecia montado, observando o caminho que ainda tinham pela frente.

Foi então que um dos oficiais aproximou-se.

Chamava-se Gaius Marcellus, veterano de inúmeras campanhas, dono de um humor que parecia sobreviver a qualquer batalha.

Apoiou o antebraço sobre a sela do general.

— Confesso uma coisa, senhor.

Belisário voltou-se para ele.

— Diga.

— Marchar em silêncio é muito mais cansativo do que enfrentar persas.

Alguns legionários próximos soltaram pequenas risadas.

Belisário arqueou discretamente uma sobrancelha.

— Não imaginei que um centurião pudesse ser derrotado pelo silêncio.

— Pelo silêncio, não.

Gaius sorriu.

— Pela falta de música.

O general balançou levemente a cabeça.

Já conhecia aquele tipo de provocação.

— Então me diga...

Continuou o oficial.

— ...que canção acompanha melhor uma missão diplomática?

Belisário permaneceu alguns instantes em silêncio.

Depois um leve sorriso surgiu em seu rosto.

Daqueles que apenas homens muito antigos conseguiam reconhecer.

— Faz muito tempo...

Olhou para o horizonte.

— ...muito tempo mesmo... que não escuto uma antiga canção do Ocidente.

Os legionários trocaram olhares.

Belisário continuou.

— Legio Aeterna Victrix.

Por um instante ninguém disse nada.

Então Gaius abriu um largo sorriso.

— Achei que nunca mais ouviria esse nome.

Outro veterano respondeu imediatamente.

— Eu ainda lembro da letra.

— Então cante.

A primeira voz surgiu tímida.

Grave.

Marcada pelo tempo.

Romaaa, Romaaa, Ooo Roma!

Logo outra se juntou.

Depois mais duas.

Depois dez.

Até que toda a pequena coluna retomou a marcha acompanhando o mesmo ritmo.

Legio, aeterna, aeterna victrix!
Legio, aeterna, aeterna victrix!

As botas voltaram a encontrar as pedras da estrada em perfeita cadência.

O som da marcha passou a acompanhar a música como se ambos existissem para caminhar juntos havia séculos.

Um jovem legionário, recém-integrado à guarda, tentou acompanhar o latim da canção.

Errou metade das palavras.

Os veteranos imediatamente começaram a rir.

— Está cantando ou invocando os persas? — brincou um deles.

O rapaz ergueu as mãos em rendição.

— Nunca disseram que precisava saber cantar para servir a Roma.

— Ainda bem. Porque, se dependesse disso, você defenderia a fronteira sozinho.

As gargalhadas espalharam-se pela coluna.

Até Belisário sorriu discretamente.

Enquanto a música continuava, a estrada seguia diante deles.

Verti est sua aeterni
Corda nostra solum tibi

Uma carroça aproximou-se em sentido contrário.

O velho condutor retirou o chapéu ao reconhecer a águia imperial.

Sua esposa sorriu ao ouvir a antiga marcha ecoando entre as colinas.

Pouco adiante, crianças deixaram uma plantação de trigo e correram até a beira da estrada apenas para observar a passagem dos soldados.

Uma menina começou a repetir o refrão da música, ainda sem compreender as palavras.

O pai sorriu.

Talvez também a tivesse cantado quando servira às legiões décadas antes.

A coluna atravessou uma velha ponte de pedra construída muitos imperadores atrás.

O som das vozes passou a ecoar entre os arcos.

A ferventi aestuosa Libya
Volat aquila legionum
Supra terra Britannorum
Volat aquila legionum

Belisário olhou para aqueles homens.

Alguns já carregavam cabelos grisalhos.

Outros ainda tinham rosto de jovens.

Mas, enquanto cantavam, desapareciam as diferenças entre veteranos e recrutas.

Todos marchavam sob a mesma águia.

Pela mesma estrada.

Naquele instante, não existia Oriente.

Nem Ocidente.

Existia apenas Roma.

A marcha prosseguiu.

As vozes dos legionários ecoavam entre as colinas enquanto a antiga canção chegava aos seus últimos versos.

Sit italica sua vis
Nostrum munus patri Marti

As botas encontravam a estrada no mesmo ritmo das palavras.

Romaaa, Romaaa, Ooo Roma!
Legio, aeterna, aeterna victrix!

O último refrão foi cantado com força suficiente para fazer algumas aves levantarem voo das árvores próximas.

Aeterna!

Então a estrada voltou ao silêncio.

Gaius respirou fundo.

— Fazia anos que eu não cantava isso.

Outro veterano sorriu.

— Você continua desafinando do mesmo jeito.

— E você continua mentindo do mesmo jeito.

As risadas voltaram a percorrer a coluna.

Belisário apenas observava.

Gostava daqueles momentos.

Eram raros.

Um jovem legionário aproximou seu cavalo do general.

— Senhor... é verdade que o senhor derrotou três guerreiros persas sozinho?

Antes que Belisário respondesse, Gaius interrompeu:

— Três? Quem contou essa história merece umas boas chicotadas.

— Então eram quatro?

— Eram dois.

E um deles tropeçou.

A coluna inteira voltou a rir.

Belisário balançou a cabeça.

— Na próxima campanha vou deixá-lo contar a história no meu lugar.

— Eu conto melhor.

Outro oficial apontou para uma antiga ponte à frente.

— Lembram-se da campanha da Armênia?

Gaius soltou um suspiro.

— Como esquecer? Choveu durante quinze dias.

— Dezesseis.

— Dezesseis?

— No décimo sexto dia o general ainda insistiu que o tempo melhoraria.

Todos voltaram os olhos para Belisário.

Ele sorriu discretamente.

— Melhorou.

O veterano cruzou os braços.

— Depois que a campanha acabou.

Mais uma rodada de gargalhadas percorreu a pequena coluna.

A estrada seguia tranquila.

Sem urgência.

Sem ordens.

Naquele momento, Belisário não era apenas o comandante mais respeitado do Império.

Era um homem marchando ao lado daqueles que conhecia pelo nome, pelas cicatrizes e pelas histórias.

Era justamente por isso que eles o seguiam.

Não apenas por dever.

Mas por escolha.

Ao longe, o brilho azul do Mediterrâneo começou a surgir entre as colinas.

O porto onde embarcariam já não estava distante.

CAPÍTULO 9
A ORDEM IMPERIAL

A pequena comitiva finalmente alcançou o porto.

Navios mercantes dividiam espaço com galeras imperiais atracadas ao longo dos cais de pedra. Marinheiros corriam entre cordas e velas enquanto estivadores descarregavam ânforas de azeite, sacos de trigo e barris de vinho vindos de todas as partes do Mediterrâneo.

Belisário observou o movimento por alguns instantes.

Era impossível olhar aquele porto sem compreender por que os antigos chamavam aquele mar de *Mare Nostrum*.

Durante séculos, ele unira muito mais do que separara.

Pouco depois, a comitiva embarcou.

As velas foram abertas.

O vento encheu o tecido branco, e o navio afastou-se lentamente do porto, deixando para trás a costa oriental.

Dias depois, já em pleno Mediterrâneo, a rotina tornou-se tranquila.

As manhãs eram dedicadas à navegação.

As tardes, ao estudo de mapas e relatórios.

À noite, Belisário costumava permanecer sozinho na popa do navio, escrevendo à luz de uma pequena lamparina.

Antonina,

O mar tem estado calmo, e os ventos sopram a nosso favor. Se Deus permitir, chegaremos ao Ocidente antes do previsto.

Ainda acredito que esta missão poderá evitar uma guerra entre romanos. Se Cassius Valerius desejar o mesmo que nós, talvez a História se lembre desta viagem não por uma batalha, mas por uma paz.

Tenho curiosidade em conhecê-lo. Um homem capaz de manter o Ocidente unido durante tantos anos certamente carrega um peso semelhante ao nosso.

Outra carta chegou enquanto atracavam em um pequeno porto para reabastecer os mantimentos.

Belisário reconheceu imediatamente a escrita.

Meu querido,

Constantinopla continua exatamente como você a deixou. A imperatriz pergunta por você quase todos os dias, e o palácio parece mais silencioso sem suas discussões sobre estratégia com Justiniano.

Os rumores desapareceram... ou talvez apenas tenham aprendido a falar mais baixo.

Cuide-se.

E, se puder, volte com uma boa notícia.

Antonina.

Belisário dobrou cuidadosamente o pergaminho.

Guardou-o junto ao peito.

Depois voltou os olhos para o horizonte.

À frente... o Ocidente os aguardava.

A travessia terminou sem incidentes chegando finalmente na região de Brundísio.

Poucos dias depois, a pequena coluna romana voltou a seguir pelas antigas estradas do Ocidente.

O clima permanecia tranquilo.

Os legionários conversavam entre si enquanto os cavalos avançavam em ritmo constante.

Belisário cavalgava próximo à dianteira quando voltou a observar dois oficiais enviados diretamente pela corte imperial.

Desde a partida de Constantinopla, ambos mantinham o mesmo comportamento.

Conversavam pouco.

Anotavam tudo.

Horários.

Paradas.

Cidades atravessadas.

Nomes.

Ao final de cada dia, lacravam pequenos pergaminhos que desapareciam nas mãos de mensageiros montados.

Belisário acompanhou a cena por alguns instantes.

Depois voltou os olhos para a estrada.

Era natural.

Missões diplomáticas costumavam ser registradas com rigor.

Nada naquilo justificava preocupação.

Mais tarde, durante uma breve parada para dar água aos cavalos, Belisário afastou-se alguns passos da estrada.

Foi então que percebeu um homem parado no alto de uma pequena colina.

Vestia roupas simples de viajante.

Permanecia imóvel.

Observando a coluna.

Belisário estreitou os olhos.

No instante seguinte, uma carroça cruzou seu campo de visão.

Quando voltou a olhar...

o homem havia desaparecido.

— Algum problema, general? — perguntou Gaius, aproximando-se.

Belisário continuou olhando para a colina.

— Achei ter visto alguém nos observando.

O veterano seguiu seu olhar.

Não havia ninguém.

Deu de ombros.

— Deve ser algum viajante. Ou um pastor.

Essas estradas vivem cheias deles.

Belisário assentiu.

Era a explicação mais provável.

Montou novamente e a coluna retomou a marcha.

Ao cair da noite, muitos quilômetros dali, um cavaleiro desmontou diante de uma pequena estalagem isolada.

Entrou sem chamar atenção.

Nos fundos do edifício, um homem já o aguardava.

Sem dizer uma palavra, recebeu um pequeno pergaminho lacrado.

Quebrou o selo.

Leu apenas uma linha.

O alvo segue conforme previsto.

Dobrou cuidadosamente o documento.

Aproximou-o da chama de uma lamparina.

O pergaminho queimou lentamente até transformar-se em cinzas.

— Continue acompanhando-os. — disse calmamente.

O mensageiro apenas assentiu.

Montou novamente.

E desapareceu na escuridão da estrada.

Naquela noite... Belisário dormiu convencido de que sua maior preocupação continuava sendo convencer dois impérios a voltarem a falar como um só.

O sol já se escondia atrás das colinas quando a pequena coluna interrompeu a marcha.

O acampamento foi erguido com a eficiência de homens acostumados à campanha.

Alguns legionários reuniam lenha para as fogueiras.

Outros retiravam as selas dos cavalos e verificavam as ferraduras antes da noite.

O cheiro de pão assando misturava-se ao de carne sendo preparada sobre o fogo.

Depois de dias de viagem sem qualquer incidente, a rotina parecia quase reconfortante.

Belisário permanecia próximo à maior das fogueiras.

Sentado sobre um tronco, observava Gaius discutir animadamente com dois jovens legionários.

— Estou dizendo que foi o general quem derrubou aquele elefante.

Um dos rapazes riu.

— Um elefante?

— Dois, se você perguntar para ele amanhã.

As gargalhadas espalharam-se entre os homens.

Belisário sorriu discretamente.

— Continue aumentando essa história, Gaius, e logo dirão que atravessei a África carregando um forte nas costas.

— Eu jamais exageraria desse jeito, senhor.

— Não?

— O forte era pequeno.

Outra rodada de risadas percorreu o acampamento.

Por alguns instantes, ninguém parecia lembrar que marchavam para decidir o destino de dois impérios.

Então... o som de passos interrompeu a conversa.

Belisário levantou os olhos.

Os oficiais enviados por Constantinopla aproximavam-se em formação.

À frente deles vinha o comandante da guarda imperial.

Seu rosto permanecia sério.

Não havia hostilidade.

Mas também não havia cordialidade.

Ao alcançarem o centro do acampamento, ele ergueu a mão.

— Silêncio.

As conversas cessaram imediatamente.

Os legionários voltaram-se para ele.

O comandante retirou lentamente um pergaminho preso ao cinturão.

O selo de cera púrpura refletiu a luz das fogueiras.

Todos reconheceram o símbolo.

A águia imperial.

Justiniano.

Belisário levantou-se.

O comandante encontrou seu olhar por um breve instante.

Havia algo estranho em sua expressão.

Quase um pedido silencioso de desculpas.

Então rompeu o lacre.

Desenrolou o pergaminho.

E começou a ler.

— ***Por ordem de Flávio Petrus Sabbatius Justiniano, Augusto, Imperador dos Romanos, defensor da fé e soberano do Império...***

O acampamento permaneceu absolutamente imóvel.

Até o crepitar da lenha pareceu desaparecer.

O comandante respirou fundo antes de continuar.

— ***Flávio Belisário, general do Império Romano, é acusado de alta traição contra Roma, por agir deliberadamente contra os interesses da unidade imperial e colocar sua própria autoridade acima da vontade do Augusto.***

Nenhum homem se moveu.

Nenhuma voz interrompeu a leitura.

Os olhos dos legionários alternavam entre o pergaminho... e o homem que haviam seguido durante tantos anos.

O comandante prosseguiu, cada palavra parecendo mais pesada que a anterior.

— ***Por determinação imperial, o acusado deverá ser imediatamente preso e conduzido sob escolta de volta a Constantinopla para ser julgado perante o Senado e o Imperador. Caso ofereça resistência, autoriza-se o emprego de força letal para garantir o cumprimento desta ordem.***

Silêncio.

Um silêncio tão profundo que Belisário podia ouvir o estalar das brasas consumindo a madeira.

Ele permaneceu imóvel.

O olhar fixo no selo imperial.

Depois voltou-se lentamente para o comandante.

Sua voz saiu baixa.

Quase incrédula.

— Deve haver algum engano.

O comandante não respondeu.

Apenas enrolou novamente o pergaminho.

Seu semblante endureceu.

Quando voltou a falar, sua voz já não era a de um homem.

Era a da própria autoridade imperial.

— General Belisário... em nome do Imperador Justiniano... o senhor está preso.

Nenhum homem se moveu.

Belisário olhava fixamente para o oficial.

Havia confusão em seu semblante, não revolta.

— Não faz sentido. — disse calmamente. — Há poucas semanas estive diante do imperador. Recebi esta missão das próprias mãos dele.

O comandante permaneceu imóvel.

— Tenho ordens.

Belisário deu um passo à frente.

— Então permita-me retornar a Constantinopla. Falarei diretamente com Justiniano. Isso será esclarecido em poucos minutos.

O oficial abaixou lentamente a cabeça.

— Minha ordem é conduzi-lo preso.

Fez um breve gesto com a mão.

Dois soldados imperiais avançaram carregando correntes de ferro.

Belisário não levou a mão à espada.

Continuava tentando compreender o que acontecia.

— Não obriguem homens de Roma a cometer esse erro.

Os soldados continuaram caminhando.

Foi então que Gaius deu um passo à frente.

Colocou-se entre Belisário e os homens da guarda imperial.

— Ninguém toca no general.

Sua voz não era alta.

Mas bastou.

Quase no mesmo instante, os veteranos da Guarda Pessoal aproximaram-se instintivamente.

Escudos erguidos.

Mãos repousando sobre os punhos das spathas.

Do outro lado, os soldados enviados por Constantinopla responderam da mesma forma.

O comandante respirou fundo.

Ainda tentava evitar aquilo.

— Afastem-se.

Gaius permaneceu imóvel.

— Não.

O oficial voltou-se para Belisário.

— Ordene que seus homens baixem as armas.

Belisário ergueu imediatamente a voz.

— Gaius... Recuem. Agora.

O veterano não desviou os olhos dos soldados imperiais.

— Com todo respeito, senhor... não posso fazer isso.

O silêncio voltou a dominar o acampamento.

Uma única decisão separava aqueles homens da guerra.

Então um dos soldados imperiais deu mais um passo à frente, estendendo a mão em direção ao braço de Belisário.

Por puro reflexo, um jovem legionário da Guarda empurrou-o para trás.

O impacto foi pequeno.

Mas suficiente.

O soldado imperial perdeu o equilíbrio.

Instintivamente, desembainhou a spatha.

Outro legionário reagiu na mesma velocidade.

O aço encontrou carne.

O primeiro golpe da batalha foi quase invisível.

Um jovem soldado imperial levou a mão ao próprio abdômen.

Olhou para o sangue escorrendo entre os dedos como se não conseguisse compreender o que havia acontecido.

Cambaleou.

Caiu de joelhos.

Depois tombou lentamente sobre a terra.

Ninguém falou.

Por um breve instante, todos permaneceram olhando para o corpo.

Romano.

Morto pelas mãos de outro romano.

Belisário fechou os olhos por um segundo.

Quando voltou a abri-los, já era tarde.

O som de dezenas de espadas deixando suas bainhas rompeu o silêncio do acampamento.

Roma... acabava de voltar sua espada contra si mesma.

— Parem!

A voz de Belisário atravessou o acampamento.

— Todos vocês... baixem as armas!

Ninguém obedeceu.

O jovem legionário morto ainda jazia entre as duas formações.

Seu sangue escorria lentamente pela terra batida.

Gaius compreendeu antes de qualquer outro.

Já não existia retorno.

— Escudos!

Gritou Gaius.

Os veteranos reagiram imediatamente.

Com a rapidez adquirida em anos de campanha, aproximaram-se uns dos outros.

Os grandes escudos ovais encaixaram-se em uma única linha.

Belisário permaneceu no centro.

Não por vontade própria.

Mas porque seus homens o empurraram para trás.

— General, fique conosco! — gritou um deles.

Do outro lado, o comandante da guarda imperial também percebeu que perdera o controle.

Fechou os olhos por um breve instante.

Depois desembainhou lentamente a própria *spatha*.

— Cumpram a ordem imperial.

Os soldados avançaram.

O primeiro impacto fez os escudos estremecerem.

Madeira contra madeira.

Ferro contra ferro.

O choque ecoou pelo acampamento.

Uma lança encontrou uma brecha entre dois escudos.

Um legionário caiu.

Outro tomou imediatamente seu lugar.

Belisário avançou um passo.

— Parem! Ainda podemos—

Sua voz perdeu-se em meio ao estrondo das armas.

Um soldado imperial rompeu a linha e ergueu a espada contra um dos veteranos.

Gaius interceptou o golpe com o escudo.

Girou o corpo.

Acertou o adversário com a borda metálica, lançando-o ao chão.

Ao seu lado, outro legionário aparou uma estocada antes de responder com um golpe curto que atravessou a proteção do ombro inimigo.

Gritos começaram a preencher o acampamento.

Não eram gritos de ódio.

Eram ordens.

Pedidos de ajuda.

Homens chamando antigos companheiros pelo nome.

— Recuem!

— Segurem a linha!

— Médico!

— Não façam isso!

As fogueiras foram derrubadas durante o combate.

Brasas espalharam-se entre barracas e equipamentos.

Cavalos assustados romperam as amarras, atravessando o acampamento em disparada.

A formação improvisada da Guarda Pessoal resistia.

Escudo após escudo.

Homem após homem.

Não lutavam para conquistar terreno.

Lutavam para impedir que alcançassem Belisário.

No centro daquele círculo, o general permanecia imóvel por um instante.

O rosto endurecido.

Os olhos percorriam a cena à sua frente.

Romanos golpeando romanos.

Legionários que juravam fidelidade à mesma águia tentando matar uns aos outros.

Era exatamente a guerra que ele partira para impedir.

E agora... ela começava diante de seus próprios olhos.

Belisário não conseguiu permanecer parado.

Com um único movimento, desembainhou a *spatha*.

A lâmina refletiu a luz das fogueiras espalhadas pelo acampamento.

— Abram caminho!

Os veteranos da Guarda afastaram-se apenas o suficiente para deixá-lo passar.

Belisário avançou.

Não contra um inimigo.

Mas para o centro do combate.

Interceptou o golpe de um legionário imperial antes que ele atingisse um dos seus.

O aço encontrou o aço.

Com um giro rápido, empurrou os dois homens para lados opostos.

— Basta!

Sua voz ecoou acima do combate.

— Somos romanos!

Um soldado hesitou.

Outro baixou o escudo por um instante.

Mas a batalha já possuía vida própria.

Uma lança atravessou o peito de um veterano.

O homem caiu sem sequer compreender de onde viera o golpe.

Ao vê-lo tombar, outro legionário avançou em fúria.

Belisário tentou alcançá-lo.

Tarde demais.

Mais duas espadas se cruzaram.

Outro corpo caiu.

Outro grito.

Outro romano.

A cada tentativa de separar dois combatentes, outros três iniciavam um novo confronto.

O acampamento transformara-se em um labirinto de aço, fumaça e sangue.

Não havia mais linhas.

Nem formações.

Apenas pequenos grupos lutando desesperadamente entre barracas derrubadas e fogueiras espalhadas.

Belisário aparou outro golpe.

Desarmou um legionário com um movimento preciso.

Em vez de atacá-lo, empurrou-o para longe.

— Recuem!

Ninguém o ouviu.

Ou talvez já não conseguisse obedecer.

Os homens da corte continuavam chegando.

Mais soldados surgiam entre as árvores ao redor do acampamento.

Gaius percebeu primeiro.

Seu olhar percorreu rapidamente a clareira.

À direita.

Outra formação.

À esquerda.

Mais escudos.

Atrás deles.

Novos estandartes imperiais apareciam entre a fumaça.

Não era apenas um destacamento.

A emboscada fora preparada muito antes daquela noite.

A Guarda Pessoal começava lentamente a ser cercada.

Gaius voltou-se para Belisário.

Os dois trocaram apenas um olhar.

Nenhuma palavra foi necessária.

Ambos compreenderam a mesma coisa no mesmo instante.

Se permanecessem ali... nenhum deles veria o nascer do sol.

CAPÍTULO 10
O HOMEM SEM NOME

A linha romana começava a ceder.

Um veterano tombou à esquerda.

Outro caiu logo adiante, tentando proteger um companheiro ferido.

Os homens da guarda imperial avançavam lentamente, fechando o círculo.

Gaius recuou até Belisário.

Seu escudo estava partido ao meio.

O sangue escorria por um corte profundo na testa, misturando-se ao suor e à poeira da batalha.

Mesmo assim, continuava de pé.

Olhou rapidamente para os sobreviventes.

Restavam pouco mais de uma dezena.

Todos veteranos.

Todos feridos.

— Formem uma linha! — gritou.

Sem hesitar, os legionários obedeceram.

Escudos voltaram a se encaixar.

As lanças foram erguidas.

Não para vencer.

Apenas para ganhar tempo.

Belisário aproximou-se.

— Não.

Gaius voltou-se para ele.

— Senhor...

— Ainda podemos romper o cerco juntos.

O veterano balançou lentamente a cabeça.

— Não podemos.

Belisário olhou ao redor.

Mais soldados imperiais surgiam entre as árvores.

A cada instante, o cerco diminuía.

Ainda assim, deu um passo à frente.

— Então lutaremos.

Gaius segurou firmemente seu braço.

Pela primeira vez em muitos anos, permitiu-se interromper o general.

— Não.

Belisário encarou o velho companheiro.

Havia tristeza em seus olhos.

Mas também uma decisão inabalável.

— Se o senhor morrer aqui... acabou.

Outro oficial aproximou-se, respirando com dificuldade.

O ombro sangrava intensamente.

— General... eles vieram por você.

Não por nós.

Outro golpe atingiu a linha.

Os escudos estremeceram.

Um legionário caiu.

A abertura foi imediatamente fechada pelo homem ao lado.

Gaius desembainhou novamente a espada.

Olhou para cada um dos sobreviventes.

Nenhum deles demonstrava medo.

Apenas determinação.

Então voltou-se para Belisário.

Sua voz saiu firme.

Como em tantas outras campanhas.

Mas, desta vez... era o comandante quem recebia a ordem.

— Corra.

Belisário permaneceu imóvel.

— Eu não abandono meus homens.

— Hoje deve abandonar.

Outro impacto sacudiu a formação.

As lanças começaram a recuar.

O inimigo pressionava cada vez mais.

Gaius deu um passo à frente.

Empurrou Belisário para trás.

— Esta...

Disse apontando para a pequena linha de escudos.

— ...é a nossa batalha. A sua... é sobreviver.

Belisário ainda tentou responder.

Mas nenhum som saiu.

Ao seu redor, os veteranos ajustavam os escudos uma última vez.

Homens com quem atravessara desertos.

Montanhas.

Fronteiras.

Homens que haviam marchado ao seu lado por quase toda uma vida.

Todos haviam compreendido o que aconteceria nos próximos minutos.

E nenhum deles recuou.

Gaius ergueu a espada.

Sem olhar para trás.

— Segurem a linha!

Os sobreviventes responderam batendo os escudos em uníssono.

Uma.

Duas.

Três vezes.

Belisário permaneceu imóvel por apenas mais um instante.

Então compreendeu.

O maior general de Roma não podia vencer aquela batalha.

Só podia obedecer.

Antes que Belisário pudesse fazer qualquer ação outro impacto sacudiu a linha.

Um dos escudos rompeu-se ao meio.

O legionário que o sustentava caiu imediatamente, atingido por duas lanças quase ao mesmo tempo.

Gaius avançou para ocupar seu lugar.

Recebeu um golpe no peito.

Outro na perna.

Cambaleou.

Mas permaneceu de pé.

Belisário correu até ele.

Aparou uma estocada e empurrou dois soldados imperiais para trás.

— Gaius!

O veterano respirava com dificuldade.

O sangue escorria livremente por baixo da armadura.

Mesmo assim... sorriu.

Com mãos trêmulas, soltou lentamente o cinturão preso à cintura.

A espada caiu em suas mãos.

Não era a espada distribuída pelo exército.

Era antiga.

A guarda de bronze estava gasta pelo tempo.

O couro da empunhadura trazia marcas de décadas de campanha.

Belisário a reconheceu imediatamente.

Gaius carregava aquela espada desde muito antes de ambos servirem sob Justiniano.

Era a arma que o acompanhara na Pérsia.

Na África.

E em todas as fronteiras onde Roma precisara dele.

O veterano estendeu-a ao general.

Belisário não a pegou.

— Não. Você ainda vai precisar dela.

Gaius soltou uma breve risada.

Uma risada cansada.

— Acho... que já fiz bom uso dela.

Belisário continuou imóvel.

Os olhos fixos na velha espada.

Então Gaius deu mais um passo.

Forçou a arma contra o peito do general.

— Leve.

Belisário finalmente segurou a empunhadura.

O veterano fechou sua mão sobre a dele.

Com a pouca força que ainda lhe restava.

Olhou diretamente em seus olhos.

— Enquanto esta espada existir...

Respirou fundo.

— ...Roma ainda terá um homem livre.

Belisário sentiu a garganta apertar.

— Eu não vou deixar você aqui.

Gaius sorriu outra vez.

O mesmo sorriso tranquilo que tivera durante toda a viagem.

— Eu sei. Por isso...

Gaius empurrou Belisário um passo para trás.

— Vá.

Outro impacto atingiu a formação.

Os sobreviventes voltaram a erguer os escudos.

Gaius apanhou a espada de um legionário caído.

Uma arma comum.

Sem história.

Sem nome.

Ajustou o escudo já rachado diante do corpo.

Depois olhou uma última vez para Belisário.

— Agora... general. Corra.

Belisário permaneceu imóvel por um breve instante.

A velha espada de Gaius pesava em suas mãos muito mais do que qualquer arma deveria pesar.

Não era apenas aço.

Era uma promessa.

Era a confiança de homens que escolhiam morrer para que ele continuasse vivendo.

E essa era uma dívida que o resto de sua vida talvez jamais fosse capaz de pagar.

Então virou-se.

Correu.

Cada passo parecia contrariar toda uma vida de batalhas.

Ao atravessar o acampamento em chamas, encontrou um cavalo sem cavaleiro que galopava em meio ao caos, assustado pelo cheiro de sangue e pelas fogueiras espalhadas.

Segurou as rédeas com firmeza.

Montou de um salto.

Atrás dele, o combate continuava.

O som do aço contra o aço ecoava pela clareira.

Gritos.

Ordens.

Escudos se partindo.

Belisário puxou as rédeas.

O cavalo empinou.

Por um instante... olhou para trás.

A pequena linha de escudos ainda resistia.

Cada veterano ocupava o espaço deixado pelo companheiro que tombava.

Um caía.

Outro avançava.

Depois mais um.

A linha diminuía a cada instante.

No centro dela, Gaius permanecia de pé.

Empunhava a espada comum que recolhera do chão.

O escudo, quase destruído, mal protegia seu corpo.

Mesmo cercado, continuava avançando um passo de cada vez.

Como se ainda comandasse uma legião inteira.

Belisário viu o velho veterano erguer a espada uma última vez.

Ouviu sua voz perder-se entre o estrondo do combate.

Não conseguiu distinguir as palavras.

Mas compreendeu seu significado.

Continue.

Então outros soldados fecharam-se ao redor dele.

Escudos.

Lanças.

Capas escarlates.

A figura de Gaius desapareceu lentamente atrás da muralha de homens.

Belisário permaneceu olhando por mais um segundo.

Depois esporeou o cavalo.

O animal disparou, atravessando a floresta enquanto os sons da batalha ficavam cada vez mais distantes.

O vento golpeava seu rosto.

Os galhos rasgavam sua capa.

Mas ele não diminuía a velocidade.

Não havia vitória naquela fuga.

Não havia estratégia.

Nem glória.

Apenas sobrevivência.

Pela primeira vez desde que empunhara uma espada em nome de Roma... Belisário deixava companheiros para trás.

Pela primeira vez... não podia vencer.

Não podia salvar seus homens.

Não podia sequer morrer ao lado deles.

Enquanto cavalgava, a espada de Gaius permanecia presa junto ao peito, pesada como um juramento.

Atrás dele, entre as árvores, o combate finalmente desapareceu.

Restou apenas o silêncio.

Naquela noite... o Leão de Justiniano morreu.

E, em seu lugar... nascia um homem sem exército.

Sem ordens.

Sem imperador.

Sem lar.

Um homem sem nome.

A floresta permanecia silenciosa.

O único som era o das ferraduras golpeando a terra úmida da estreita estrada que serpenteava entre os pinheiros.

Belisário cavalgava sozinho.

Sem estandartes.

Sem escolta.

Sem o ritmo constante das legiões marchando ao seu redor.

Apenas ele.

E o cavalo que escapara com ele da emboscada.

Os primeiros raios do amanhecer atravessavam as copas das árvores quando finalmente reduziu o passo.

O animal respirava com dificuldade.

Assim como seu cavaleiro.

Belisário desmontou lentamente.

As pernas vacilaram por um instante.

O cansaço de dias sem descanso começava finalmente a cobrar seu preço.

Conduziu o cavalo até um pequeno riacho.

Enquanto o animal bebia água, permaneceu imóvel, observando o próprio reflexo tremular entre as pedras.

Mal reconhecia o homem diante de si.

O sangue seco ainda manchava parte da armadura.

A capa escarlate estava rasgada em diversos pontos.

Marcas deixadas por galhos, lama e pela batalha que jamais deveria ter acontecido.

Seus olhos permaneceram presos ao tecido vermelho por alguns instantes.

Lembrou-se de Gaius.

Da última linha de escudos.

Dos homens que permaneceram lutando para que ele pudesse escapar.

Fechou lentamente os olhos.

Depois levou as mãos até os ombros.

Soltou os fechos de bronze.

A capa deslizou devagar até tocar o chão.

O vermelho vivo que durante tantos anos anunciara a chegada do maior general do Império agora parecia apenas uma bandeira chamativa demais para um homem que precisava desaparecer.

Em seguida, retirou o peitoral.

O metal ainda conservava o relevo da grande águia imperial gravada sobre o peito.

Belisário passou os dedos lentamente sobre o símbolo.

Quantas vezes aquela águia marchara à frente de seus homens?

Quantas cidades o haviam recebido com respeito ao vê-la aproximar-se?

Agora... era justamente ela que o condenava.

Permaneceu alguns instantes segurando a armadura.

Como se abandonar aquele símbolo fosse mais difícil do que abandonar qualquer fortaleza conquistada ao longo da vida.

Por fim, respirou fundo.

Envolveu cuidadosamente a armadura e a capa escarlate em um velho manto de lã encontrado nos alforjes.

Escondeu o conjunto entre arbustos e pedras, longe da estrada.

Não as abandonava.

Também não podia carregá-las.

Talvez um dia voltasse para buscá-las.

Talvez não.

Vestiu então uma túnica simples de viajante que também encontrara nos velhos alforjes do animal.

Cobriu os ombros com uma capa escura.

Ajustou o capuz sobre a cabeça.

Quando voltou à margem do riacho e viu novamente seu reflexo na água, compreendeu o que acabara de fazer.

A águia desaparecera.

Não havia mais armadura.

Nem capa escarlate.

Nem insígnias.

Nem o homem que, poucas semanas antes, atravessara Constantinopla sob os aplausos de milhares de pessoas.

Restava apenas um viajante solitário.

Um homem qualquer seguindo por uma estrada qualquer.

Belisário já não parecia um general romano.

Parecia apenas um homem tentando sobreviver.

Dois dias depois, Belisário chegou a uma pequena vila às margens da estrada romana.

Manteve o capuz baixo.

A barba começava a crescer, escondendo parte do rosto antes tão conhecido em todo o Império.

Comprou um pedaço de pão, um cantil de água e trocou o cavalo exausto por outro mais descansado.

O mercador recebeu as moedas sem sequer levantar os olhos.

Não o reconheceu.

Belisário seguiu caminhando.

Passava despercebido.

Havia certo alívio nisso.

Mas também uma dor silenciosa.

Enquanto atravessava a praça principal, o som de uma trombeta chamou a atenção dos moradores.

Um arauto imperial subiu ao pequeno tablado de madeira.

Ao seu lado, dois soldados desenrolaram um pergaminho lacrado com o selo de Justiniano.

A praça silenciou.

O arauto ergueu a voz.

— Por decreto de Sua Majestade, Flávio Petrus Sabbatius Justiniano, Augusto dos Romanos...

Belisário permaneceu imóvel entre a multidão.

O homem continuou a leitura.

— Belisário, antigo general do Império, foi declarado traidor de Roma por atentar contra a unidade imperial.

Murmúrios espalharam-se pela praça.

— Qualquer cidadão que oferecer abrigo, alimento ou auxílio ao acusado responderá pelo mesmo crime.

Informações que levem à sua captura serão recompensadas pelo tesouro imperial.

Belisário abaixou discretamente a cabeça.

Ninguém ao seu redor percebeu quem ele era.

Quando o decreto terminou, os moradores voltaram lentamente às suas rotinas.

Como sempre acontecia depois de um anúncio oficial.

Mas os comentários permaneceram.

— Dizem que tentou tomar o poder.

— Nunca confiei em generais populares demais.

— O imperador não faria uma acusação dessas sem motivo.

Belisário afastou-se da praça.

Sentou-se discretamente próximo ao estábulo onde deixara o cavalo.

Dois comerciantes conversavam enquanto descarregavam suas carroças.

— Ouvi dizer que confiscaram todas as propriedades dele.

— Era o mínimo. Traidor não merece terras.

O outro assentiu.

— Também prenderam vários oficiais que serviam sob seu comando.

Alguns já foram executados.

Belisário permaneceu imóvel.

Os homens continuaram.

— Dizem até mesmo que eles levaram sua mulher.

O silêncio pesou mais do que qualquer sentença.

Em poucos dias... Justiniano não apenas tentara matá-lo.

Começava, agora, a apagar seu nome da própria História.

O Grande Palácio parecia diferente.

Os corredores continuavam movimentados.

Escribas cruzavam salões carregando pergaminhos.

Diplomatas aguardavam audiências.

Guardas mantinham suas posições.

Tudo parecia exatamente igual.

Exceto pelo silêncio que surgia sempre que Antonina passava.

Alguns desviavam o olhar.

Outros interrompiam discretamente as conversas.

Ela compreendeu antes mesmo que alguém lhe dissesse qualquer coisa.

Algo estava errado.

Pouco depois, as portas do salão se abriram.

Um destacamento da guarda imperial entrou em formação.

À frente deles caminhava o comandante responsável pela segurança interna do palácio.

Ao aproximar-se, levou o punho ao peito em sinal de respeito.

— Senhora Antonina.

Ela aguardou em silêncio.

O oficial parecia desconfortável.

— Recebi ordens diretas de Sua Majestade.

Fez uma breve pausa.

— A partir deste momento, a senhora deverá permanecer no Grande Palácio. Sob proteção imperial. E sob vigilância.

Antonina sustentou seu olhar.

— Qual a acusação?

O comandante abaixou discretamente a cabeça.

— Flávio Belisário está sendo acusado de traição contra o império.

—Então, eu estou presa?

O comandante hesitou por um momento.

— Não, senhora.

— Então sou livre para partir?

O silêncio respondeu antes do oficial.

Depois de alguns segundos, ele falou em voz baixa.

— Receio que não.

Antonina apenas assentiu.

Compreendera.

Não era prisioneira.

Mas também não voltaria para casa.

Naquele instante, outra porta se abriu ao fundo do salão.

Teodora aproximou-se lentamente.

Os guardas afastaram-se em silêncio, deixando as duas mulheres sozinhas.

Durante alguns instantes, nenhuma delas falou.

A imperatriz foi a primeira a quebrar o silêncio.

— Eu não dei essa ordem.

Antonina encontrou seus olhos.

Não havia necessidade de procurar mentira neles.

Conhecia Teodora havia anos.

Sabia quando ela dizia a verdade.

Respondeu apenas:

— Eu sei.

O silêncio voltou a ocupar o salão.

Teodora olhou pela janela em direção à cidade.

Sua voz tornou-se quase um sussurro.

— Justiniano acredita estar protegendo o Império.

Antonina permaneceu imóvel.

Depois respondeu com a mesma serenidade.

— Talvez.

Fez uma pequena pausa.

— Mas hoje ele começou a destruir aquilo que mais jurou proteger.

As duas voltaram a permanecer em silêncio.

Não estavam separadas apenas por opiniões políticas.

Estavam separadas por uma guerra entre seus maridos.

Em algum lugar do Ocidente... Belisário estava sozinho.

CAPÍTULO 11
O JURAMENTO

A chuva começou antes do anoitecer.

Belisário encontrou abrigo entre as ruínas de um antigo posto militar romano, abandonado havia muitos anos. Restavam apenas parte das muralhas, algumas colunas quebradas e o teto parcialmente preservado de um velho alojamento onde soldados, em outra época, haviam protegido aquela estrada.

Acendeu uma pequena fogueira.

O silêncio parecia mais pesado do que qualquer batalha.

Ao seu lado repousavam apenas duas espadas.

A sua.

E a de Gaius.

Belisário fechou lentamente os olhos.

Durante alguns instantes... não disse absolutamente nada.

Relembrava seu amigo sendo cercado e os veteranos tombando um por um.

Relembrava dos cabelos dourados de sua esposa e do perfume das rosas de seu jardim.

A chuva continuava caindo sobre as antigas pedras romanas.

Então respirou profundamente.

Abriu novamente os olhos.

Não havia serenidade neles.

Havia dor.

Raiva.

E uma tristeza tão profunda que parecia impossível descrevê-la.

Levantou-se lentamente.

Caminhou até o centro das ruínas.

Olhou para o velho estandarte romano esculpido na pedra de uma coluna caída.

Depois ergueu a espada de Gaius.

Com toda a força, cravou a lâmina entre as pedras do antigo posto militar.

O som do aço ecoou sob a chuva.

Belisário permaneceu com a mão sobre a empunhadura.

A cabeça baixa.

Quando finalmente falou, sua voz era firme.

— Você tirou meu nome.

Fez uma pequena pausa.

— Tirou meus homens.

Outra pausa.

— Tirou minha casa.

Olhou lentamente para a direção onde acreditava estar Constantinopla.

— Tirou Antonina de mim.

A chuva escorria por seu rosto.

Misturando-se às lágrimas que ele já não fazia questão de esconder.

— Eu servi você durante toda a minha vida. Nunca servi a mim mesmo.

Sua mão apertou ainda mais a empunhadura da espada.

— E, ainda assim... foi você quem voltou sua espada contra mim.

Respirou profundamente.

Quando voltou a falar, havia algo diferente em sua voz.

Não era mais apenas um homem ferido.

Era um homem fazendo um juramento.

— Eu voltarei.

Longo silêncio.

— Não como general.

— Não para recuperar títulos.

— Nem para restaurar minha honra.

Seus olhos permaneceram voltados para o Ocidente.

— Voltarei para derrubar Justiniano. Porque nenhum homem...

Ergueu lentamente a cabeça.

— ...tem o direito de apagar outro da história.

Dias depois... Belisário desapareceu das estradas imperiais.

Patrulhas procuravam seu rosto.

Mensageiros cruzavam o Império levando ordens de captura.

Justiniano acreditava que o maior general de Roma logo seria apenas mais um nome esquecido pela História.

Em Constantinopla, Antonina permanecia diante da janela de seus aposentos vigiados.

Ao longe, podia ver as cúpulas da cidade refletindo a luz do amanhecer.

Fechou os olhos por um instante.

Em silêncio.

Rezou.

Muito longe dali, um cavaleiro solitário seguia por uma antiga estrada romana.

Sem estandartes.

Sem armadura.

Sem destino.

Ao alcançar uma velha encruzilhada de pedra, puxou lentamente as rédeas.

Diante dele, um marco de estrada ainda permanecia de pé, desgastado pelos séculos.

As inscrições quase apagadas indicavam os caminhos do Império.

Génova.
Ravena.
Óstia.
Roma.
Cápua.
Neápolis.
Benevento.
Brundísio.

Belisário permaneceu observando cada nome.

Não sabia qual caminho seguir.

Sabia apenas uma coisa.

Não podia voltar.

Esporeou lentamente o cavalo.

A antiga estrada desapareceu diante dele.

E, enquanto o último herói de Roma desaparecia no horizonte... começava o seu exílio.

O Exílio da Águia.

Antonina caminhava lentamente pelo corredor principal acompanhada por dois guardas imperiais.

Nenhum deles empunhava armas contra ela.

Nenhum a tratava com desrespeito.

Ainda assim... cada porta permanecia fechada atrás de seus passos.

Sua liberdade diminuía a cada corredor atravessado.

Na manhã seguinte, foi conduzida até uma audiência privada.

Justiniano já a aguardava.

Ao seu lado estava Teodora.

Nenhum dos três falou durante alguns instantes.

Foi Antonina quem rompeu o silêncio.

— Belisário jamais traiu Roma.

Justiniano sustentou seu olhar.

— Eu sei.

A resposta surpreendeu até Teodora.

Antonina permaneceu imóvel.

— Então por quê?

O imperador caminhou lentamente até a janela.

Observou Constantinopla antes de responder.

— Porque um império não pode possuir dois homens capazes de decidir seu destino.

Antonina respirou fundo.

— Ele nunca desejou seu trono.

— Não.

Justiniano respondeu sem hesitar.

— Esse é justamente o problema.

Voltou-se lentamente para ela.

— Homens seguem aqueles que não desejam governar.

O silêncio voltou a dominar o salão.

Teodora observava ambos.

Sabia que a decisão de seu marido já estava tomada muito antes daquela conversa.

Ainda assim tentou interceder.

— Justiniano... Belisário conquistou metade deste mapa por você.

O imperador fechou lentamente os olhos.

Por um instante, pareceu apenas um homem cansado.

Quando voltou a falar... sua voz recuperara toda a firmeza.

— E agora... eu preciso proteger a outra metade.

Antonina compreendeu.

Não havia mais argumentos.

Não naquele dia.

Justiniano aproximou-se.

Sua expressão não era de triunfo.

Era de pesar.

— Enquanto Belisário permanecer foragido... você permanecerá sob proteção do Grande Palácio.

Antonina sustentou seu olhar.

— Proteção... ou prisão?

O imperador demorou alguns segundos para responder.

Depois disse apenas:

— Chame como preferir.

Ela foi conduzida de volta aos seus aposentos.

Desta vez... a porta foi trancada por fora.

Naquela noite, permaneceu longos minutos observando Constantinopla através da janela.

A cidade parecia dormir em paz.

Mas Antonina conhecia o palácio melhor do que quase qualquer pessoa.

Sabia quais ministros ambicionavam mais poder.

Quais senadores ainda respeitavam Belisário.

Quais oficiais deviam suas carreiras ao seu marido.

E quais criados atravessavam diariamente corredores onde ninguém prestava atenção.

Enquanto muitos enxergavam apenas uma mulher isolada... Antonina começou a perceber algo diferente.

Ela ainda não estava sozinha.

Na manhã seguinte, uma serva aproximou-se para trocar as flores do aposento.

Antes de sair, deixou discretamente um pequeno pedaço de pergaminho sob uma bandeja de prata.

Sem olhar para trás.

Antonina esperou a porta fechar.

Desdobrou o papel.

Havia apenas uma frase.

Ainda existem homens leais a Belisário. Aguarde.

Ela queimou o bilhete imediatamente.

As cinzas desapareceram na chama de uma lamparina.

Depois voltou até a janela.

Um leve sorriso surgiu em seu rosto pela primeira vez desde a prisão.

Belisário lutaria pela espada.

Ela... lutaria pela palavra.

E, sem que Justiniano percebesse... a resistência começava a nascer dentro do próprio coração do Império.

Os dias passaram lentamente.

Belisário seguia para o oeste, mantendo-se distante das grandes cidades e das estradas mais movimentadas. Desde que deixara para trás a região de Brundísio, escolhia caminhos secundários sempre que podia, cruzando colinas, pequenos bosques e antigas vias de pedra construídas séculos antes por engenheiros romanos.

Mesmo abandonadas pelo tempo, aquelas estradas permaneciam firmes.

As grandes lajes de pedra ainda sustentavam carroças carregadas de trigo, rebanhos conduzidos por pastores e viajantes vindos dos mais diferentes cantos do Império.

Roma continuava unindo o mundo.

Em uma manhã atravessou uma velha ponte de arcos monumentais.

O rio corria veloz sob seus pés, mas a construção permanecia inabalável.

Belisário desmontou por alguns instantes.

Passou a mão sobre uma das pedras gastas pelo tempo.

Quantas legiões já haviam cruzado aquela ponte?

Quantos comerciantes?

Quantas famílias?

Era impossível saber.

Mas alguém a construíra acreditando que deveria durar mais do que sua própria vida.

E havia conseguido.

Seguiu viagem.

Ao longo da estrada surgiam pequenas aldeias cercadas por campos de oliveiras e vinhedos. Crianças corriam entre plantações enquanto agricultores

trabalhavam a terra exatamente como seus pais e avós haviam feito.

Pouco importava quem ocupava o trono em Constantinopla e Roma.

A colheita continuava.

Mais adiante, encontrou uma pequena fortaleza romana abandonada.

As muralhas ainda resistiam, embora parte das torres tivesse cedido ao tempo. A hera cobria antigas inscrições em latim gravadas sobre o portão principal.

Belisário permaneceu alguns instantes observando aquelas ruínas.

Em outros tempos, uma guarnição inteira teria protegido aquela estrada.

Agora restavam apenas pedras.

E memórias.

Voltou a montar.

Enquanto o cavalo retomava o passo, seus olhos encontraram outro marco de pedra à margem da estrada.

As letras, desgastadas pela chuva e pelos anos, ainda podiam ser lidas.

Benevento.

O caminho até Neápolis seguia para o sul.

Belisário respirou fundo.

Desde que deixara Constantinopla, acreditava estar fugindo de Roma.

Agora começava a perceber algo diferente.

Roma não era apenas um imperador.

Nem um palácio.

Nem mesmo uma cidade.

Ela vivia naquelas estradas.

Nas pontes.

Nos campos cultivados.

Nas fortalezas esquecidas.

Nos homens e mulheres que continuavam suas vidas sem jamais imaginar que o destino do Império estava mudando ao redor deles.

Belisário começou a compreender que talvez ainda existisse algo pelo qual valesse a pena continuar lutando.

Os dias seguintes levaram Belisário cada vez mais para o interior da península.

As estradas tornaram-se menos movimentadas, mas nunca vazias.

Roma parecia pulsar em cada viajante que encontrava.

Carroças carregadas de vinho vindas da Campânia cruzavam seu caminho.

Pastores conduziam rebanhos entre as colinas.

Ferreiros trabalhavam diante de pequenas oficinas erguidas às margens da estrada, reparando ferraduras e rodas de carroça para quem precisasse seguir viagem.

Em uma pequena propriedade próxima a Benevento, Belisário reduziu o passo ao perceber um homem trabalhando a terra.

Os movimentos chamaram sua atenção.

Havia disciplina demais para um simples agricultor.

O homem ergueu a enxada, enxugou o suor do rosto e fitou o viajante por alguns instantes.

Depois seus olhos desceram até a espada presa à cintura de Belisário.

A espada de Gaius.

Algo mudou em sua expressão.

O agricultor caminhou lentamente até a cerca de madeira.

— Faz tempo que não vejo uma espada carregada desse jeito.

Belisário apenas assentiu.

— Velhos hábitos.

O homem sorriu de canto.

Levantou discretamente a própria túnica.

No antebraço direito havia uma cicatriz longa e irregular.

Marca de um antigo golpe de gládio.

— Alguns hábitos nunca nos deixam.

Belisário percebeu então um pequeno medalhão pendurado no pescoço do agricultor.

Uma águia romana, gasta pelo tempo.

Pequenina.

Quase escondida sob a roupa simples.

Um veterano.

Os dois permaneceram em silêncio por alguns segundos.

Nenhum perguntou nomes.

Nenhum precisava.

O agricultor voltou para casa e retornou pouco depois carregando um cesto.

Dentro havia pão recém-assado, queijo, frutas e um pequeno odre de vinho.

Estendeu tudo a Belisário.

— A estrada até Neápolis é longa. Vai precisar mais disso do que eu.

— Ainda não sei se irei seguir até Neápolis...

Belisário hesitou.

— Não posso aceitar o alimento.

O veterano sorriu.

— Pode. Hoje você é quem está marchando.

Aquelas palavras atingiram Belisário com mais força do que imaginava.

Aceitou o alimento.

Os dois trocaram apenas um breve gesto de cabeça.

Como antigos legionários costumavam fazer.

Quando voltou a montar, o agricultor chamou sua atenção uma última vez.

Belisário olhou para trás.

O velho veterano permanecia ao lado da cerca, iluminado pelo sol do fim da tarde.

Então falou calmamente:

— Uma vez legionário...

Fez uma pequena pausa.

— Sempre legionário.

Belisário respondeu apenas levando o punho ao peito.

Depois retomou a estrada.

Enquanto se afastava, percebeu que aquele homem voltara ao trabalho como se nada tivesse acontecido.

Naquele instante compreendeu uma verdade que jamais lhe fora ensinada nos salões do Grande Palácio.

Os maiores pilares de Roma nem sempre usavam armaduras.

Muitos carregavam enxadas.

Martelos.

Ou arreios.

Mas continuavam sustentando o Império com a mesma dignidade daqueles que um dia haviam marchado sob a sombra das águias.

O sol já começava a descer quando Belisário alcançou o topo de uma pequena colina.

Dali, a antiga estrada romana seguia entre campos cultivados e bosques esparsos antes de desaparecer em uma curva.

Foi então que ouviu os gritos.

Primeiro um.

Depois vários.

Puxou imediatamente as rédeas.

Ao longe, uma pequena caravana tentava desesperadamente manter a formação.

Três carroças estavam atravessadas na estrada.

Mercadores empunhavam facas, machados de viagem e pedaços de madeira numa tentativa desesperada de proteger mulheres, crianças e animais.

Ao redor deles, quase uma dezena de salteadores fechava lentamente o cerco.

Alguns já saqueavam mercadorias.

Outros riam enquanto derrubavam os últimos homens que ainda resistiam.

Belisário permaneceu imóvel.

Observou a cena por alguns instantes.

Ninguém sabia quem ele era.

Se continuasse cavalgando pela estrada secundária, desapareceria antes mesmo que qualquer um percebesse sua presença.

Era o mais sensato.

Era o que um fugitivo deveria fazer.

Sua mão apertou involuntariamente as rédeas.

Então seus olhos encontraram uma menina escondida atrás de uma das carroças.

Ela abraçava o irmão menor enquanto observava o pai tentar enfrentar três homens sozinho.

Belisário fechou lentamente os olhos.

Por um instante, lembrou-se de Gaius.

Lembrou-se da última ordem que recebera.

Corra.

Respirou fundo.

Depois soltou as rédeas.

Levou a mão até a espada presa ao cinturão.

Não à sua.

À espada de Gaius.

A velha empunhadura de couro encaixou-se naturalmente em sua mão.

Desembainhou a lâmina.

O aço brilhou sob a luz do entardecer.

— Perdoe-me, velho amigo... — murmurou.

— Acho que ainda não chegou a hora de apenas fugir.

Esporeou o cavalo.

O animal desceu a colina em disparada.

Os primeiros salteadores só perceberam sua aproximação quando o estrondo das ferraduras já ecoava pela estrada.

— Ei!

Um deles mal conseguiu se virar.

Belisário passou por ele como uma tempestade.

A espada descreveu um único arco.

O corpo homem caiu antes mesmo de compreender o que acontecera, enquanto sua cabeça rodopiava pelo ar salpicando o ambiente de sangue.

O cavalo atravessou o centro da estrada.

Belisário saltou da sela ainda em movimento.

Aterrissou sobre a terra batida e avançou sem interromper o passo.

Outro criminoso ergueu um machado.

Belisário desviou por centímetros.

Golpeou o antebraço do homem com a guarda da espada.

O machado caiu.

Um chute no peito lançou o salteador contra a roda de uma carroça.

Mais dois vieram ao mesmo tempo.

Não havia elegância.

Nem movimentos grandiosos.

Apenas décadas de experiência.

Cada golpe era curto.

Preciso.

Economizava força.

Economizava tempo.

Um homem tentou atacá-lo pelas costas.

Belisário girou o corpo instintivamente.

A lâmina encontrou a do adversário.

Empurrou-a para o lado.

Ajoelhou-se.

Acertou-lhe as pernas.

O criminoso tombou sobre a poeira.

Os mercadores, percebendo que já não estavam sozinhos, recuperaram a coragem.

Empunharam novamente suas ferramentas.

Avançaram contra os poucos salteadores que ainda permaneciam de pé.

Em poucos instantes... a vantagem mudara de lado.

Os salteadores sobreviventes começaram a recuar.

O ataque transformara-se em fuga.

Belisário permaneceu imóvel no centro da estrada, respirando pesadamente.

A ponta da espada ainda apontava para o chão.

Mais uma vez... não lutara por glória.

Nem por Roma.

Lutara porque simplesmente não conseguira virar as costas para quem precisava de ajuda.

O último dos salteadores cambaleou para trás.

O rosto coberto de sangue.

Os olhos percorriam desesperadamente os companheiros caídos.

Depois encontraram o homem parado no centro da estrada.

A espada antiga ainda em sua mão.

A postura.

O modo como permanecia imóvel após o combate.

O criminoso franziu a testa.

Como se buscasse uma lembrança esquecida.

Então seus olhos se arregalaram.

— Não...

Deu mais um passo para trás.

Ergueu lentamente o braço, apontando para Belisário.

A voz saiu trêmula.

Quase incrédula.

— É... é Belisário!

Por um instante, ninguém disse nada.

Então o homem virou-se e correu em direção à floresta.

Desapareceu entre as árvores sem sequer olhar para trás.

Belisário não o perseguiu.

Permaneceu imóvel, observando o ponto onde ele desaparecera.

Até aquele momento... era apenas mais um viajante entre milhares.

Agora... o maior fugitivo do Império voltava a ter um rosto.

E, em algum lugar das estradas de Roma... alguém logo descobriria que Belisário ainda estava vivo.

CAPÍTULO 12

DUAS ESTRADAS

Na manhã seguinte, a praça central de uma pequena cidade italiana estava lotada.

Mercadores anunciavam suas mercadorias.

Ferreiros martelavam o ferro ainda em brasa.

Crianças corriam entre as carroças enquanto viajantes descansavam antes de seguir pelas antigas estradas romanas.

O som de uma trombeta fez o movimento diminuir.

Um arauto imperial subiu ao pequeno tablado de pedra.

Ao seu lado, dois soldados desenrolaram um grande pergaminho marcado pelo selo de Justiniano.

— Ouçam o decreto de Sua Majestade, Justiniano I, Imperador dos Romanos!

— Esse não é o idiota que é Imperador do outro lado do mar?

Sussurrou um mercador.

— Silêncio!

As conversas cessaram.

O arauto respirou fundo antes de continuar.

— Belisário, antigo general do Império, permanece foragido. Por determinação imperial, qualquer cidadão que fornecer informações sobre seu paradeiro ou participar de sua captura receberá uma recompensa extraordinária. Vivo... ou morto.

Os murmúrios espalharam-se imediatamente.

Mercenários trocaram olhares.

Antigos soldados ergueram a cabeça.

Caçadores de recompensa aproximaram-se para observar melhor o cartaz preso ao lado do decreto.

Criminosos sorriam discretamente.

Nunca haviam visto uma recompensa tão alta.

No alto do pergaminho, um retrato desenhado mostrava o rosto de Belisário.

Sob ele, apenas uma palavra chamava ainda mais atenção.

TRAIDOR.

Na penumbra de uma taverna próxima à praça, um homem permanecia sentado sozinho.

A barba grisalha escondia parte do rosto marcado por antigas cicatrizes.

Usava uma armadura romana antiga, adaptada para viagens longas escondida por baixo de uma velha capa. Armadura agora sem ornamentos. Sem brasões. Apenas marcas de uso.

Assim que o movimento na praça diminuiu, ele levantou-se.

Saiu sem pressa.

Atravessou a multidão.

Parou diante do cartaz.

Retirou-o cuidadosamente da madeira onde estava preso.

Permaneceu alguns segundos observando o desenho.

Os traços eram simples.

Mesmo assim... reconheceu imediatamente aquele rosto.

Passou lentamente o polegar sobre o retrato.

Como quem recordava uma vida inteira.

Então falou quase para si mesmo.

— Nunca imaginei que nos encontraríamos assim.

Dobrou cuidadosamente o pergaminho.

Guardou-o dentro da capa.

Sem perguntar o valor da recompensa.

Sem dizer outra palavra.

Voltou até seu cavalo.

Montou.

E deixou a cidade pela estrada ocidental.

Durante muitos anos servira Roma como centurião.

Agora... partia para caçar o homem que um dia admirara.

Os dias voltaram a seguir seu ritmo silencioso.

Belisário cavalgava pelas antigas estradas da Itália sem destino definido.

Sabia apenas que precisava manter distância das grandes cidades e das patrulhas imperiais.

Cada vila atravessada.

Cada ponte.

Cada marco de pedra.

Era mais uma escolha feita sem qualquer certeza sobre o dia seguinte.

Pela primeira vez desde a juventude, caminhava sem ordens.

Sem um exército para conduzir.

Sem um imperador a quem responder.

Apenas a estrada permanecia diante dele.

Ao norte, outro cavaleiro deixava para trás uma pequena cidade.

Não demonstrava pressa.

Veteranos aprendiam cedo que uma boa perseguição jamais era vencida pela velocidade.

Mas pela paciência.

Belisário conhecia Roma como poucos homens.

Mas Lucius também.

E sabia que um general não fugia ao acaso.

Escolhia caminhos.

Pensava alguns dias à frente.

Exatamente como fizera em todas as campanhas que vencera.

Lucius segurou com firmeza as rédeas.

Um discreto sorriso surgiu em seu rosto.

Não de satisfação.

Mas de respeito.

— Se ainda pensa como um comandante... sei para onde seu coração irá leva-lo.

murmurou.

Depois esporeou o cavalo.

Naquela tarde, duas estradas cruzavam a mesma paisagem.

Em uma delas, Belisário seguia em direção ao desconhecido.

Na outra, o homem desconhecido iniciava uma caçada que atravessaria todo o mundo romano.

Nenhum dos dois podia ver o outro.

Mas ambos cavalgavam sobre as mesmas pedras assentadas pelos antigos engenheiros de Roma.

Quando a chuva voltou a cair, transformou a poeira da estrada em lama.

Sobre ela ficaram marcados dois conjuntos de pegadas.

Um pertencia ao homem que perdera tudo.

O outro... ao homem encarregado de encontrá-lo.

E, enquanto o Império continuava girando indiferente ao destino de seus filhos... a caçada à Águia havia começado.

As semanas passaram lentamente dentro do Grande Palácio.

As portas de seus aposentos permaneciam vigiadas dia e noite.

Os guardas revezavam-se a cada poucas horas.

Nenhum visitante entrava sem autorização.

Nenhuma saída era permitida.

Ainda assim... a vida do palácio continuava.

Antonina observava tudo.

Em silêncio.

Logo percebeu um detalhe curioso.

Apesar das ordens de Justiniano, poucas pessoas conseguiam tratá-la como uma prisioneira.

Certa manhã, uma serva procurou Antonina para pedir conselho sobre um desentendimento entre dois funcionários da cozinha imperial.

No dia seguinte, foi um jovem diplomata.

Depois, um oficial responsável pela administração dos celeiros.

Os pedidos nunca eram grandes.

Nunca envolviam decisões de Estado.

Eram pequenos problemas.

Questões aparentemente insignificantes.

Antonina resolvia todos com a mesma calma.

Sem levantar a voz.

Sem impor sua opinião.

Apenas fazia as perguntas certas.

Dias depois, um dos guardas que vigiavam seus aposentos aproximou-se enquanto ela caminhava pelo pequeno jardim interno permitido aos seus passeios.

Curvou respeitosamente a cabeça.

— Senhora...

Ela voltou-se para ele.

— Minha filha começará a aprender a ler este ano.

Disseram que a senhora conhece os melhores mestres da cidade.

Antonina sorriu.

Pela primeira vez em muitos dias.

— Conheço alguns.

Posso escrever uma recomendação.

O soldado levou o punho ao peito.

— Eu lhe agradeço.

Quando ele se afastou, Antonina permaneceu observando o movimento do jardim.

Então compreendeu.

Justiniano havia restringido seus passos.

Mas não sua voz.

O imperador podia mantê-la entre aquelas paredes.

Podia vigiar cada porta.

Cada corredor.

Cada janela.

O que não podia controlar era algo muito mais difícil de prender.

A confiança.

Ao longo de anos, Antonina conquistara o respeito de escribas, servos, diplomatas, oficiais e guardas.

E agora começava a perceber que essa confiança era uma moeda muito mais valiosa do que qualquer título.

Naquele palácio, muitos obedeciam ao Imperador.

Mas ainda escutavam Antonina.

E ela pretendia fazer dessa diferença sua arma mais poderosa.

A sala do conselho permanecia em absoluto silêncio.

Sobre a grande mesa, mapas ocupavam quase toda a superfície.

Pequenos marcadores de madeira indicavam fortalezas, estradas, guarnições e portos espalhados pelo Império.

Justiniano observava tudo em silêncio.

Um mensageiro terminou sua leitura e entregou um novo pergaminho ao imperador.

— Confirmado, Majestade. Belisário foi visto há poucos dias ao sul de Benevento.

— Interveio no ataque a uma caravana de mercadores. Os salteadores foram derrotados.

Alguns ministros trocaram olhares.

Um deles deu um passo à frente.

— Então os rumores eram verdadeiros... ele continua vivo.

Justiniano fechou lentamente o pergaminho.

Sua expressão permaneceu serena.

— Sim. Continua.

Outro ministro falou, preocupado.

— Quanto mais tempo permanecer livre, maiores serão as chances de antigos aliados se unirem a ele.

O imperador caminhou lentamente até o mapa.

Seus dedos acompanharam as estradas que cortavam a península Itálica.

Depois respondeu:

— Dobrem a recompensa. Quero seu rosto em todas as cidades do Império. Praças. Portos. Quartéis. Mercados.

— Se Belisário atravessar uma única rua... alguém deverá reconhecê-lo.

Os ministros curvaram a cabeça.

As ordens começaram a ser anotadas imediatamente pelos escribas.

Quando o salão voltou a silenciar, Justiniano ergueu os olhos.

— Chamem Narses.

Poucos instantes depois, as grandes portas abriram-se novamente.

O homem que entrou não lembrava em nada Belisário.

Não havia armadura ornamentada.

Nem capa escarlate.

Nem espada ricamente trabalhada.

Vestia uma túnica militar simples, coberta por um pesado manto escuro.

Sob o braço carregava mapas, relatórios e tábuas de madeira repletas de anotações.

Seus passos eram tranquilos.

O olhar, atento.

Ao aproximar-se da mesa, curvou respeitosamente a cabeça.

— Majestade.

Justiniano dispensou todos os demais presentes.

Quando a sala ficou vazia, desenrolou lentamente um novo mapa sobre a mesa.

Mostrava toda a Itália.

As estradas.

Os portos.

As fortalezas.

E, mais ao norte, os territórios ainda leais ao Império Romano do Ocidente.

— Belisário me desapontou.

Disse o imperador.

— Agora cabe a você concluir aquilo que ele não pôde começar.

Narses observou o mapa durante alguns instantes.

Não fez perguntas.

Limitou-se a analisar cada detalhe.

— A campanha exigirá tempo. Suprimentos. Linhas de abastecimento seguras. E homens disciplinados.

Justiniano assentiu.

Era exatamente por isso que o convocara.

Belisário transformava batalhas em vitórias.

Narses transformava planos em campanhas.

O imperador aproximou-se da mesa.

— A partir de hoje, o comando das legiões orientais destinadas ao Ocidente será seu.

Narses permaneceu em silêncio por alguns segundos.

Depois inclinou discretamente a cabeça.

— Servirei Constantinopla como sempre servi.

Justiniano observou o estrategista à sua frente.

Havia perdido o homem que inspirava legiões.

Agora confiava naquele que sabia movê-las como ninguém.

Apoiou a mão sobre o mapa.

— Você será a espada do Império.

Narses ergueu os olhos pela primeira vez.

Sua voz permaneceu calma.

Sem orgulho.

Sem falsa modéstia.

— Não, Majestade.

Fez uma breve pausa.

— Serei sua vitória.

Justiniano sustentou seu olhar por alguns instantes.

Depois assentiu lentamente.

O Império não encontrava um novo Belisário.

Encontrava um comandante completamente diferente.

Se Belisário vencia porque seus soldados desejavam segui-lo... Narses venceria porque jamais permitiria que uma batalha começasse sem já ter calculado todas as formas de terminá-la.

Certa noite, uma jovem serva entrou silenciosamente nos aposentos de Antonina trazendo uma bandeja com o jantar.

Nada parecia diferente.

Pão.

Frutas.

Um pequeno jarro de vinho.

Ao colocar a bandeja sobre a mesa, porém, seus dedos permaneceram por um instante sobre uma das tigelas de barro.

Um gesto quase imperceptível.

Depois curvou a cabeça e saiu.

Antonina esperou alguns segundos.

Aproximou-se da mesa.

Sob a tigela havia um pequeno pedaço de pergaminho cuidadosamente dobrado.

Desenrolou-o.

A mensagem era curta.

Espero suas instruções.

Nenhum nome.

Nenhuma assinatura.

Apenas aquela frase.

Antonina sorriu discretamente.

Acendeu uma lamparina.

Aproximou o pergaminho da chama e observou o fogo consumi-lo até restarem apenas cinzas.

Depois sentou-se diante de sua escrivaninha.

Pegou um pergaminho.

Escreveu poucas linhas.

Nada comprometedor.

Apenas instruções aparentemente administrativas destinadas a um velho conhecido que ocupava um cargo secundário nos arquivos imperiais.

Quem lesse aquela carta enxergaria apenas recomendações sobre registros e documentos.

Mas determinadas palavras, colocadas na ordem correta, transmitiam uma mensagem completamente diferente.

Dobrou o pergaminho.

Selou-o.

Na manhã seguinte, um escriba recolheu dezenas de documentos destinados aos diferentes departamentos do Grande Palácio.

A carta de Antonina seguiu entre eles.

Misturou-se aos demais.

Ninguém lhe deu atenção.

Ninguém percebeu que, junto dos decretos imperiais, deixava o palácio a primeira mensagem da resistência.

Pouco depois, Teodora entrou discretamente nos aposentos.

As duas caminharam até a varanda, longe dos ouvidos dos guardas.

Por alguns instantes, observaram em silêncio as cúpulas de Constantinopla refletindo a luz da manhã.

Foi a imperatriz quem falou primeiro.

— Eu sinto muito por isso.

Antonina não respondeu imediatamente.

Apenas voltou o olhar para a cidade.

— Eu entendo sua posição.

Teodora respirou fundo.

— Sei que você está planejando algo... se Justiniano descobrir...

— Eu sei.

A imperatriz permaneceu em silêncio por alguns instantes.

Depois aproximou-se.

Sua voz tornou-se quase um sussurro.

— Não posso ajudá-la contra ele.

Antonina assentiu.

Esperava exatamente essa resposta.

Teodora continuou.

— Mas por tudo que vivemos no passado... também não permitirei que a prejudiquem dentro deste palácio.

As duas trocaram um breve olhar.

Nenhuma promessa foi feita.

Nenhum juramento.

Não era necessário.

Naquele instante, compreenderam que lutavam por homens diferentes.

Mas ainda pela mesmo Império.

E, sem que Justiniano suspeitasse, a primeira linha de uma teia invisível começava a ser tecida no coração do Império.

CAPÍTULO 13

UM DIA DO CAÇADOR... OUTRO DA CAÇA

O sol desaparecia lentamente atrás das colinas quando Belisário deixou a estrada principal.

Depois de dias cavalgando quase sem descanso, encontrou um pequeno bosque protegido por antigos carvalhos, próximo a um trecho pouco utilizado da velha estrada romana que levava a Benevento.

Era um bom lugar para passar a noite.

Conduziu o cavalo até um riacho estreito e deixou que o animal bebesse água enquanto retirava a sela. Em seguida, recolheu alguns galhos secos espalhados pelo chão e acendeu uma pequena fogueira.

As chamas começaram a crepitar suavemente.

Parecia que teria algumas horas de paz.

Sentou-se sobre uma pedra.

Retirou um pedaço de pão do alforje e observou o fogo em silêncio.

Foi então que percebeu.

Algo estava errado.

Muito errado.

A floresta permanecia imóvel.

Nenhum canto de pássaros.

Nenhum inseto.

Nem mesmo o vento fazia as folhas se moverem.

Belisário ergueu lentamente os olhos.

Seu corpo inteiro permaneceu imóvel.

Apenas a mão direita deslizou discretamente até o cabo da espada de Gaius.

Respirou fundo.

Esperou.

Então uma voz surgiu entre as sombras das árvores.

Calma.

Grave.

Segura.

— Ainda possui os reflexos de um general...

Belisário levantou-se devagar.

Girou o corpo na direção da voz sem retirar a mão da empunhadura.

Entre os troncos, uma figura começou a caminhar lentamente até ser iluminada pela fogueira.

Usava um velho manto escuro sobre uma armadura romana marcada por décadas de campanhas.

Uma única ombreira de bronze permanecia intacta.

As braçadeiras exibiam riscos profundos deixados por antigos combates.

À cintura, uma velha *spatha* repousava na bainha de couro gasta pelo tempo.

O homem parou a poucos metros da fogueira.

Durante alguns segundos, nenhum dos dois falou.

Apenas se estudavam.

Como veteranos acostumados a medir um adversário antes do primeiro golpe.

Foi o desconhecido quem rompeu o silêncio.

— General Flávio Belisário...

Sua voz permanecia serena.

— Há muitos homens procurando por você.

Fez uma breve pausa.

— Mas fui eu quem o encontrou primeiro.

Belisário sustentou seu olhar.

Não havia medo.

Nem hostilidade.

Apenas cautela.

— Quem é você?

O homem levou lentamente as mãos ao capuz.

Puxou-o para trás.

A luz da fogueira revelou um rosto endurecido pelo tempo.

Diversas cicatrizes atravessavam-lhe as faces.

Possuía os cabelos grisalhos.

Os olhos, de um cinza esverdeado, permaneciam atentos como os de um lobo observando sua presa.

— Lucius Drusus.

Outra pequena pausa.

— Ex-centurião das Legiões Orientais.

Um discreto sorriso surgiu em seu rosto cansado.

— Talvez não se lembre de mim... mas servi sob seu comando muitos anos atrás.

Belisário tentou buscar aquela lembrança entre centenas de campanhas e milhares de soldados.

Não encontrou.

Lucius pareceu compreender.

— Nunca imaginei que nosso reencontro aconteceria desta maneira.

O silêncio voltou a ocupar o bosque.

As chamas da fogueira estalaram entre os dois homens.

Belisário falou por fim.

— Veio cumprir a recompensa?

Lucius não respondeu imediatamente.

Seus olhos permaneceram fixos no antigo comandante.

Então levou a mão até a espada.

Desembainhou-a lentamente.

O aço refletiu a luz do fogo.

— Vim cumprir um contrato.

Belisário permaneceu imóvel por mais um instante.

Depois retirou lentamente da bainha a espada de Gaius.

As duas lâminas brilharam sob a mesma fogueira.

No mesmo instante em que as duas espadas deixaram suas bainhas, o silêncio da floresta foi rompido pelo choque do aço.

Belisário avançou primeiro.

Um golpe rápido, direto ao ombro.

Lucius desviou por poucos centímetros e respondeu imediatamente com um corte baixo, obrigando o general a recuar.

As lâminas voltaram a se encontrar.

Uma.

Duas.

Três vezes.

Nenhum golpe era desperdiçado.

Nenhum movimento existia para impressionar.

Apenas para sobreviver.

Belisário percebeu rapidamente que enfrentava um homem treinado nas mesmas escolas militares que haviam formado as legiões orientais.

A postura.

A distância entre os pés.

A forma de proteger o corpo enquanto atacava.

Tudo era romano.

Lucius também fazia suas próprias observações.

As histórias diziam que Belisário vencera reis, conquistara províncias e jamais perdera uma grande batalha.

Agora compreendia por quê.

Mesmo cansado.

Mesmo dias após fugir de uma emboscada.

O antigo general ainda se movia com uma velocidade impressionante.

Cada ataque parecia surgir um instante antes do esperado.

Lucius sorriu discretamente.

As histórias não exageravam.

Então mudou completamente a forma de lutar.

Em vez de disputar força contra força, começou a recuar lentamente entre as árvores.

Belisário acompanhou.

Foi exatamente o que Lucius esperava.

O terreno mudou.

As raízes grossas dificultavam os movimentos.

Pedras escondidas sob as folhas secas obrigavam qualquer homem a escolher cuidadosamente onde pisar.

As sombras projetadas pela fogueira tornavam impossível prever de onde viria o próximo ataque.

Lucius conhecia aquele ambiente como um caçador conhece sua própria trilha.

Nunca permanecia no mesmo lugar.

Atacava.

Desaparecia entre os troncos.

Mudava de direção.

Obrigava Belisário a girar constantemente o corpo.

A procurar o adversário antes mesmo de pensar em contra-atacar.

Belisário enfrentava um homem que parecia travar a batalha vários movimentos à frente.

Não buscava vencê-lo rapidamente.

Buscava cansá-lo.

Desgastá-lo.

Obrigá-lo a cometer um único erro.

E Belisário compreendeu que aquela era justamente a especialidade de Lucius Drusus.

Ele não caçava homens pela força.

Caçava-os pela paciência.

As espadas voltaram a se encontrar.

O choque do aço ecoou entre as árvores.

Lucius pressionou o ataque, obrigando Belisário a recuar alguns passos sobre o terreno irregular.

Raízes atravessavam a terra.

Pedras escondidas sob as folhas dificultavam qualquer movimento em falso.

Por alguns instantes, nenhum dos dois encontrou vantagem.

Lucius rompeu o silêncio.

Enquanto desferia outro golpe, perguntou:

— Dizem que traiu Justiniano.

Belisário desviou a lâmina para o lado.

O impacto fez as duas espadas vibrarem.

— Jamais.

Os dois voltaram a se mover em círculos.

Lucius atacava sem desperdiçar energia.

Belisário respondia com a mesma precisão.

Outro choque de aço.

— Então por que está fugindo?

Belisário permaneceu em silêncio por um instante.

Bloqueou mais um golpe.

Empurrou Lucius para trás apenas o suficiente para recuperar a distância.

Respirou fundo.

Então respondeu:

— Por um juramento...

As palavras saíram entre uma respiração e outra.

— ...que você não entenderia.

Lucius não respondeu.

Mas aquela frase permaneceu presa em sua mente.

Porque não era a resposta de um homem tentando justificar a própria fuga.

Era a resposta de alguém que acreditava profundamente no caminho que escolhera.

O combate prosseguiu.

Belisário agora recuava de volta para a região onde acampara.

Buscando atrair Lucius para fora da floresta.

As sombras da noite tornavam os movimentos cada vez mais difíceis de acompanhar.

Belisário percebeu o óbvio.

Aquele duelo poderia durar horas.

E, se continuasse, apenas um deles deixaria aquela floresta vivo.

Não era isso que desejava.

Esperou mais um ataque.

Lucius avançou novamente.

No instante em que as espadas se cruzaram, Belisário girou o corpo e atingiu com força uma das toras que sustentavam a pequena fogueira.

Brasas incandescentes espalharam-se pelo chão.

Cinzas e fumaça ergueram-se entre os dois homens.

Lucius recuou instintivamente, protegendo os olhos com o antebraço.

Foi o único instante de vantagem que Belisário teria.

E o único de que precisava.

Correu até o cavalo.

Saltou para a sela em um único movimento.

Antes que Lucius recuperasse completamente a visão, já disparava entre as árvores.

— Maldito!

Lucius ainda tentou persegui-lo.

Seguiu os rastros deixados pelas ferraduras.

Atravessou o bosque.

Encontrou a antiga estrada romana.

Depois outra bifurcação.

Mais adiante, o solo tornou-se pedregoso.

Os rastros desapareceram.

Lucius desmontou lentamente.

Observou o terreno em silêncio.

Procurou qualquer sinal.

Uma folha quebrada.

Um galho partido.

Terra revolvida.

Nada.

O antigo general escapara.

Pela primeira vez em muitos anos... Lucius Drusus perdera o rastro de um homem.

Então começou a se perguntar se realmente perseguia um traidor. Ou o último romano que ainda se recusava a levantar a espada contra o próprio povo.

— Ele não aproveitou nenhuma abertura... a batalha poderia ter terminado muito antes.

Lucius voltou a montar em seu cavalo.

— Um traidor... não costuma poupar o homem enviado para matá-lo.

E então partiu.

Quando o sol já se aproximava do meio-dia, as muralhas de Benevento finalmente surgiram no horizonte.

Erguidas sobre uma colina e protegidas por antigas torres de pedra, dominavam a estrada que ligava o sul da Itália ao restante da península.

Belisário reduziu o passo do cavalo.

Observou por alguns instantes o movimento diante dos portões.

Mercadores aguardavam autorização para entrar.

Carroças carregadas de azeite, vinho e tecidos formavam longas filas.

Pastores conduziam rebanhos.

Artesãos anunciavam seus produtos aos viajantes que chegavam.

A cidade respirava prosperidade.

Nada lembrava uma terra em guerra.

Belisário puxou discretamente o capuz sobre a cabeça.

Misturou-se à multidão.

Passou pelos guardas sem atrair olhares.

Ninguém prestou atenção ao viajante de roupas simples que conduzia um cavalo cansado pelas ruas de pedra.

Dentro das muralhas, Benevento revelava o ritmo de uma verdadeira cidade romana.

Ferreiros trabalhavam diante das forjas abertas para a rua.

O som ritmado dos martelos misturava-se às vozes dos comerciantes que disputavam clientes na praça principal.

O cheiro de pão recém-assado escapava das padarias.

Crianças corriam entre as colunas de um pequeno fórum enquanto idosos discutiam política à sombra dos pórticos.

Ao longe, legionários patrulhavam as ruas em grupos de quatro, atentos ao movimento, mas sem demonstrar qualquer urgência.

Belisário manteve a cabeça baixa.

Evitava cruzar diretamente com as patrulhas.

Escolhia ruas menos movimentadas.

Passava por becos estreitos entre oficinas, armazéns e pequenas tavernas, procurando um lugar onde pudesse comprar provisões e descansar algumas horas antes de seguir viagem.

Apesar da aparente tranquilidade, algo o incomodava.

A sensação era sutil.

Quase impossível de explicar.

Como nos dias que antecediam uma batalha.

Instintivamente, diminuiu o passo.

Seus olhos percorreram discretamente as janelas.

Os telhados.

As esquinas.

Tudo parecia absolutamente normal.

Ainda assim... teve a nítida impressão de que não caminhava sozinho.

Em algum ponto daquela cidade... alguém acompanhava cada um de seus movimentos.

Belisário deixou a rua principal e entrou em um beco estreito entre duas fileiras de antigos armazéns.

O movimento da cidade desapareceu quase imediatamente.

Restaram apenas o eco distante do mercado e o som de seus próprios passos sobre as pedras irregulares.

Foi então que uma sombra surgiu à sua frente.

Depois outra.

E mais uma.

Três homens bloquearam a saída do beco.

Vestiam roupas comuns de viajantes, mas suas mãos repousavam naturalmente sobre as empunhaduras das armas.

O homem do centro sorriu.

Retirou lentamente um pergaminho dobrado do cinturão.

Desenrolou-o diante de Belisário.

Era o cartaz distribuído pelo Império.

O desenho era simples.

Mesmo assim, bastava para reconhecer o rosto.

O caçador alternou o olhar entre o retrato e o homem à sua frente.

Sorriu ainda mais.

— Terminou a fuga, general.

Belisário observou calmamente os três homens.

Depois lançou um rápido olhar para trás.

A passagem por onde entrara já estava fechada por outro homem.

Estava cercado.

Soltou um longo suspiro.

Levou a mão ao rosto cansado e passou os dedos sobre a barba que começava a crescer.

— Estou exausto...

Disse com sinceridade.

Olhou novamente para os três homens.

— Talvez possamos deixar isso para outro dia.

Os caçadores caíram na risada.

— Infelizmente...

Respondeu o líder enquanto desembainhava a espada.

— ...a recompensa não costuma esperar.

As outras lâminas deixaram suas bainhas quase ao mesmo tempo.

O aço brilhou sob a luz que penetrava entre os telhados.

Belisário permaneceu imóvel por um instante.

Depois retirou lentamente a espada de Gaius da bainha.

Nenhuma palavra foi dita.

O primeiro caçador avançou confiante.

Atacou com um golpe amplo, mais forte do que preciso.

Belisário desviou apenas o suficiente.

Segurou o braço do adversário com a mão livre e aproveitou o próprio impulso do homem para lançá-lo contra a parede de pedra.

Antes que ele pudesse recuperar o equilíbrio, a lâmina da espada atingiu-lhe o pescoço.

O sangue do caçador tingiu a parede vermelho.

Os outros dois já avançavam.

Belisário girou para enfrentá-los.

Bloqueou um golpe.

Desviou de outro.

Mas sentiu o peso da luta nos próprios músculos.

Os dias de fuga.

As noites mal dormidas.

A alimentação escassa.

Tudo começava a cobrar seu preço.

Seu braço já não respondia com a mesma velocidade de antes.

Seu fôlego tornava-se mais curto a cada movimento.

Os dois caçadores perceberam.

Trocaram um rápido olhar.

Acreditaram que realmente poderiam derrotar o maior general de Roma.

Os dois começaram a avançar ao mesmo tempo.

Belisário recuou um passo.

Bloqueou o golpe que vinha pela frente.

No mesmo instante, ouviu o som de botas correndo atrás de si.

O terceiro homem.

Aquele que permanecera guardando a entrada do beco.

Aproveitara a distração.

Corria em sua direção com a espada erguida.

Belisário girou o corpo.

Tarde demais.

Não conseguiria bloquear os dois ataques ao mesmo tempo.

Foi então que um assobio cortou o ar.

Um vulto atravessou o beco.

O machado girava rapidamente.

A lâmina atingiu em cheio a nuca do caçador que vinha pela retaguarda.

A espada escapou de sua mão.

O homem tombou sem conseguir compreender o que havia tirado sua vida.

Antes que qualquer um entendesse o que acontecera, um segundo vulto surgiu na entrada do beco.

Era alto.

Muito mais alto que Belisário.

Os ombros largos quase tocavam as paredes estreitas.

Usava uma túnica romana simples presa por um antigo cinto vândalo.

Um pesado manto verde-escuro escondia parte da armadura de couro marcada pelo tempo.

A barba curta e os cabelos loiros escurecidos pelo sol davam-lhe a aparência de um homem acostumado à vida nas estradas.

Sem dizer uma única palavra, caminhou até o caçador ferido.

Puxou o machado da nuca do homem com um único movimento.

Depois girou a arma na mão como se pesasse menos do que uma faca.

Os dois caçadores restantes hesitaram.

Aproveitando o instante, Belisário avançou.

Sua espada obrigou um deles a recuar.

Ao mesmo tempo, o desconhecido lançou-se sobre o outro.

Não lutava como um legionário.

Movia-se com rapidez surpreendente para alguém de seu tamanho.

O machado descrevia arcos curtos e violentos, obrigando o adversário a recuar a cada golpe.

Em poucos instantes, os dois caçadores compreenderam que haviam perdido a vantagem.

O líder deu um passo para trás.

Olhou rapidamente para o companheiro morto por Belisário e para o outro, morto pela figura desconhecida.

Depois voltou os olhos para os dois homens que agora lutavam lado a lado.

Tomou a única decisão sensata.

— Vamos!

Os sobreviventes correram para fora do beco sem sequer tentar recuperar os companheiros.

O silêncio voltou tão rapidamente quanto a luta terminara.

Belisário permaneceu alguns instantes com a espada erguida, observando a saída do beco.

Só então voltou-se para o desconhecido.

O homem limpou calmamente a lâmina do machado na túnica de um dos caçadores caídos.

Depois apoiou a arma sobre o ombro.

Os dois permaneceram em silêncio por um instante.

Nenhum dos dois baixava completamente a guarda.

Afinal... haviam acabado de lutar juntos.

Mas ainda não sabiam se eram aliados.

CAPÍTULO 14
O FILHO DE CARTAGO

Os olhos acompanhavam cada movimento do desconhecido.

O homem, porém, não demonstrava qualquer intenção de atacá-lo.

Um discreto sorriso surgiu em seu rosto.

— Faz alguns anos...

Fez uma pequena pausa.

— Mas o senhor continua lutando do mesmo jeito.

Belisário franziu a testa.

Tentou reconhecer aquele homem.

Nada.

Percorrera campos de batalha demais.

Conhecera soldados demais.

— Nós nos conhecemos?

O desconhecido balançou a cabeça.

— O senhor, não.

Sorriu novamente.

— Mas eu o conheço.

O silêncio voltou a ocupar o beco.

Então o homem continuou.

— Eu estava em Caputvada quando o senhor desembarcou. Nos próximos meses eu estava do outro lado da batalha.

Belisário permaneceu imóvel.

Naquele instante compreendeu.

Não estava diante de um antigo legionário.

Estava diante de um homem que um dia empunhara armas contra Roma.

O desconhecido apoiou o machado no chão antes de estender a mão.

— Meu nome é Gunderic.

Belisário apertou-lhe a mão sem desviar os olhos.

— Fui guerreiro do Reino Vândalo.

Lutei contra o senhor quando Cartago caiu.

Sua voz não carregava amargura.

Apenas lembranças.

— Naquele dia, achei que tudo terminaria como sempre termina quando uma cidade é conquistada. Incêndios. Saques. Mulheres levadas como escravas. Crianças mortas.

Olhou rapidamente para o chão.

Como quem revivia aquelas horas.

— Era isso que todos esperávamos.

Depois ergueu novamente os olhos.

— Mas o senhor fez exatamente o contrário.

Belisário permaneceu em silêncio.

Gunderic sorriu discretamente.

— Foi naquele dia que percebi uma coisa.

Apoiou as duas mãos sobre o cabo do machado.

— Existe uma enorme diferença entre conquistar uma cidade...

Fez uma pequena pausa.

— ...e destruí-la.

Os dois homens permaneceram alguns instantes em silêncio.

Belisário olhava para aquele antigo inimigo tentando compreender por que um guerreiro vândalo acabara de arriscar a própria vida para salvar a sua.

Encontrara alguém que não enxergava nele um traidor.

Mas o mesmo comandante que, meses antes, escolhera preservar uma cidade em vez de celebrá-la em ruínas.

Belisário finalmente guardou a espada na bainha.

Ainda observava Gunderic com cautela.

— Foi por isso que me ajudou? A recompensa deve valer mais do que o apreço por um homem que nem conhece.

Gunderic soltou uma breve risada.

Não de deboche.

Mas como quem ouvira uma pergunta simples.

Apoiou o machado sobre o ombro antes de responder.

— Eu lhe ajudei pois homens como o senhor não fogem sem motivo.

Belisário permaneceu em silêncio.

Gunderic continuou.

— Eu vi o homem que venceu a guerra. Vi o comandante que entrou em Cartago.

Olhou diretamente para Belisário.

— Não acredito que esse mesmo homem tenha traído seu próprio Império.

As palavras permaneceram suspensas entre os dois.

Belisário desviou o olhar por um instante.

Havia dias que ninguém lhe concedia o benefício da dúvida.

Gunderic sorriu novamente.

— Mas devo dizer, com todo o devido respeito, o senhor é péssimo em cobrir os próprios rastros. Não sei como ainda não foi capturado, creio que está rumando para algum local seguro?

Depois de algum tempo, o antigo general falou em voz baixa.

— A verdade é que... nem sei mais para onde estou indo.

O vândalo sorriu de lado.

Olhou para a antiga estrada romana que desaparecia além das muralhas de Benevento.

— Sabe, sim.

Belisário voltou a fitá-lo.

— Só ainda não percebeu.

Belisário se surpreendeu com as palavras do homem.

— As estradas romanas têm um costume curioso.

Gunderic comentou enquanto observava o horizonte.

— Sempre parecem levar para o lugar errado... até o dia em que percebemos que era exatamente para lá que precisávamos ir.

Belisário não respondeu.

Apenas permaneceu alguns instantes olhando a estrada.

Talvez Gunderic estivesse certo.

Talvez não.

Belisário resolveu dar um voto de confiança para o vândalo que o ajudara, porém manteve seu velho instinto de General afiado como sempre.

Os dois então caminharam para fora do beco e se dispersaram entre a multidão, Belisário não queria chamar mais atenção do que já havia chamado.

Pouco depois, deixaram Benevento pelas antigas estradas do sul da Itália.

À frente, quilômetros de caminhos desconhecidos.

Atrás deles, uma cidade que jamais saberia que acabara de testemunhar o nascimento de uma improvável aliança.

No outro dia, o sol já começava a se esconder quando Lucius Drusus atravessou os portões de Benevento.

Amarrou seu cavalo em um palanque perto de uma pequena taverna.

Não perguntou por hospedagem.

Não procurou comida.

Seguiu diretamente para o antigo bairro dos armazéns.

Havia aprendido, ao longo de décadas perseguindo homens pelas estradas do Império, que bairros falavam e que bairros frequentados por trabalhadores falavam ainda mais.

Bastava saber escutá-los.

Enquanto caminhava pelas ruas do bairro dos armazéns, escutou cidadãos debatendo sobre um crime que ocorrera mais cedo.

— Eu aposto que eram saqueadores. Bem feito o que aconteceu!

— A cidade está cheia de caçadores de recompensa por conta daquele general e a forma como os cadáveres estavam... parece ter sido trabalho de um profissional.

Um terceiro homem se juntou a conversa.

— O que um homem como Belisário faria vindo até aqui nesta cidade? Passeando pelos becos de

Benevento... também acho que foram saqueadores que encontraram a pessoa errada na hora errada.

Lucius já havia escutado o suficiente.

Após alguns instantes, parou na entrada de um beco estreito.

Seus olhos percorreram o chão lentamente.

Manchas escuras de sangue banhavam as paredes.

Marcas profundas de botas durante a luta.

Abaixou-se.

Passou os dedos pela poeira revolvida.

Depois observou um corte largo gravado no solo.

Não era da lâmina de uma spatha.

Era pesado demais.

Parecia mais com um machado.

Lucius permaneceu em silêncio.

Levantou-se e caminhou lentamente até a saída do beco.

Do lado de fora, a chuva da noite anterior ainda deixava a terra macia o suficiente para guardar rastros.

Agachou-se novamente.

Dois pares de botas.

Iniciando em duas direções que logo se transformavam em uma só.

Dois homens haviam deixado Benevento juntos.

Permaneceu imóvel por alguns instantes.

Só então falou em voz baixa, como se Belisário pudesse ouvi-lo ao longe.

— Então... agora você não está mais sozinho.

Se encaminhou novamente em direção da taverna.

Montou em seu cavalo.

Lançou um último olhar para a cidade.

Depois esporeou o animal.

A antiga estrada romana estendia-se diante dele.

A caçada continuava.

Agora perseguia um homem que começava, outra vez, a reunir pessoas ao seu redor.

Os jardins do Grande Palácio permaneciam tão deslumbrantes quanto sempre estiveram.

As fontes continuavam derramando água sobre o mármore branco.

As roseiras permaneciam perfeitamente cuidadas.

Os pavões caminhavam entre os ciprestes como se o Império jamais tivesse conhecido uma guerra.

Apenas Antonina sabia que aquele lugar era uma prisão.

Caminhava lentamente pelos caminhos de pedra, acompanhada à distância por dois soldados da Guarda Imperial.

Nenhum deles lhe dirigia a palavra.

Também não era necessário.

Sua presença constante bastava para lembrá-la de que já não era uma convidada do palácio.

Era uma prisioneira.

Antonina parou diante de um pequeno lago onde as flores de lótus flutuavam sobre a água.

Observou o próprio reflexo por alguns instantes.

Pensou em Belisário.

Perguntou-se onde estaria naquele momento.

Se ainda estava vivo.

Ou se Justiniano finalmente conseguira alcançá-lo.

Atrás dela, ouviu passos firmes.

Um terceiro guarda aproximou-se apenas o suficiente para ser ouvido.

Manteve o olhar voltado para frente, como se apenas cumprisse sua ronda.

Falou quase sem mover os lábios.

— Senhora...

Antonina não virou o rosto.

Continuou contemplando o lago.

— Sim?

O soldado respondeu no mesmo tom discreto.

— O senador Quintus Anicius coloca-se à sua disposição, caso necessite de ajuda.

Antonina permaneceu imóvel.

Nenhuma reação.

Nenhuma surpresa.

Apenas uma pergunta.

— Ele continua sendo observado?

— Menos do que Vossa Senhoria imagina.

Uma breve pausa.

— Disse que aguardará seu sinal.

Antonina respirou profundamente.

Por fim respondeu:

— Então diga ao senador que o enviarei quando a hora chegar.

O guarda inclinou discretamente a cabeça.

— Assim será.

Sem dizer mais nada, retomou seu posto como se a conversa jamais tivesse existido.

Antonina voltou a olhar para o espelho d'água.

Um leve sorriso surgiu no canto de seus lábios.

Muito pequeno.

Quase imperceptível.

Ela compreendeu que Belisário talvez não estivesse lutando sozinho.

As estradas romanas voltaram a conduzi-los para o norte.

Dias haviam se passado desde que deixaram Benevento para trás.

Belisário e Gunderic atravessavam pequenas aldeias, campos cultivados e antigas pontes de pedra que resistiam ao tempo havia gerações.

Pouco antes, haviam passado rapidamente por Neápolis.

A cidade fervilhava de mercadores vindos de todas as partes do Mediterrâneo. Navios lotavam o porto, tavernas permaneciam cheias desde o amanhecer e as ruas estreitas mal comportavam o fluxo constante de viajantes.

Mesmo assim, permaneceram ali apenas o tempo suficiente para comprar provisões.

Enquanto deixavam a cidade pelas muralhas do norte, Gunderic lançou um último olhar para o porto.

— Uma cidade dessas seria um bom lugar para desaparecer.

Belisário balançou lentamente a cabeça.

— Também seria um excelente lugar para alguém me encontrar.

O antigo guerreiro vândalo olhou para ele.

— Está pensando naquele caçador?

Belisário assentiu.

Ainda conseguia lembrar dos olhos atentos de Lucius Drusus iluminados pela fogueira.

— Ele não desistirá.

— Então é melhor continuarmos em movimento.

— Exatamente.

Gunderic sorriu discretamente.

— Sempre achei que grandes cidades escondessem melhor um homem.

Belisário respondeu enquanto conduzia o cavalo de volta à estrada.

— Escondem...

Fez uma pequena pausa.

— Mas também dão abrigo aos homens que querem encontra-lo.

Os dois seguiram viagem sem olhar para trás.

Dias depois, as antigas estradas começaram a conduzi-los em direção a Capua.

O movimento de soldados tornava-se mais frequente.

Velhos marcos militares apareciam ao lado da estrada.

Pequenas fortalezas protegiam as rotas comerciais.

Gunderic observava tudo com curiosidade.

— Dizem que Capua sempre foi uma cidade de legionários.

Belisário assentiu.

— Durante muitos anos, foi uma das principais portas militares romanas.

Ali passaram homens que serviram em praticamente todas as fronteiras de Roma.

O vândalo permaneceu em silêncio por alguns instantes.

Depois perguntou:

— Ainda acredita que alguns deles aceitariam esconder um homem procurado pelo próprio imperador?

Belisário fitou a estrada que desaparecia no horizonte.

Sua resposta veio sem hesitação.

— Não tenho certeza...

Levantou os olhos para as antigas pedras que sustentavam aquela estrada havia séculos.

— ...mas nós iremos descobrir.

Os dois continuaram cavalgando.

Sem perceber que, desde a manhã daquele mesmo dia... outro perseguidor caminhava atrás deles.

Os dias seguintes transcorreram em um ritmo tranquilo.

Ao amanhecer, cavalgavam.

Ao entardecer, procuravam algum riacho ou bosque onde pudessem descansar antes que a noite caísse por completo.

Quase não encontravam outros viajantes.

A antiga Via Ápia seguia silenciosa entre colinas, bosques e ruínas esquecidas pelo tempo.

Foi Gunderic quem percebeu o primeiro sinal.

Parou o cavalo sem dizer uma palavra ao passarem por uma encruzilhada.

Desceu lentamente e caminhou alguns metros para trás.

Belisário observou em silêncio enquanto o antigo guerreiro se agachava ao lado da estrada.

— O que foi?

Gunderic apontou para o chão.

Na terra úmida, havia marcas recentes de ferraduras.

Belisário analisou as pegadas.

— Podem ser de qualquer viajante.

— Podem.

Gunderic passou os dedos pela terra revolvida.

— Mas não são.

Belisário arqueou uma sobrancelha.

— Veja.

O vândalo indicou outra marca, alguns passos adiante.

— Nosso cavalo passou por aqui. Depois veio outro. O mesmo animal. Vindo de uma das encruzilhadas.

— É como se alguém estivesse nos seguindo tentando buscar outros caminhos, como se tivesse tentando adivinhar para onde vamos.

Belisário permaneceu calado.

Voltaram a montar e seguiram viagem.

No dia seguinte, novos indícios surgiram.

Galhos quebrados onde ninguém deveria ter passado.

Cinzas ainda mornas escondidas entre pedras próximas ao acampamento dos dois.

Pegadas que apareciam e desapareciam ao longo da estrada, como se o desconhecido tivesse cuidado para nunca permanecer tempo demais no mesmo caminho.

Na terceira manhã, enquanto desmontavam o pequeno acampamento, Gunderic voltou a examinar os arredores.

Demorou mais do que de costume.

Quando retornou, seu semblante estava mais sério.

— Não é coincidência.

Belisário terminou de prender a sela no cavalo.

— Também cheguei a essa conclusão.

Gunderic cruzou os braços.

— Quem quer que seja... sabe se mover. Mantém distância. Evita deixar rastros. Mas está nos acompanhando há dias.

Belisário olhou para a estrada que desaparecia entre as árvores.

Por um breve instante, lembrou-se de Lucius Drusus.

Da paciência.

Da disciplina.

Da forma metódica como reconstruía cada passo de uma perseguição.

— Acha que é o caçador de recompensas?

Gunderic balançou lentamente a cabeça.

— Não sei. Pode ser.

Fez uma breve pausa, voltando o olhar para a mata.

— Mas tenho certeza de uma coisa. Alguém está nos procurando.E cedo ou tarde... vai precisar se aproximar.

Na manhã seguinte, Belisário abandonou a estrada principal.

Sem dizer uma palavra, conduziu o cavalo por um antigo caminho de pedras parcialmente coberto pela vegetação.

Gunderic compreendeu imediatamente.

— Vai fazê-lo sair da toca.

Belisário assentiu.

Pouco adiante, as ruínas de um antigo posto romano surgiram entre as árvores.

Restavam apenas alguns muros de pedra, colunas partidas e um estreito desfiladeiro por onde a antiga estrada era obrigada a passar.

Era o lugar perfeito.

Os dois esconderam os cavalos atrás das ruínas.

Belisário tomou posição entre as colunas caídas.

Gunderic desapareceu silenciosamente entre as pedras, como se tivesse sido engolido pela mata.

Então esperaram.

O tempo passou lentamente.

O vento fazia as folhas secas deslizar pelo chão.

Nenhum dos dois dizia uma palavra.

Depois de vários minutos, ouviu-se o som abafado de cascos.

Lentos.

Cuidadosos.

Belisário permaneceu imóvel.

Uma única figura surgiu na entrada do desfiladeiro.

Montava sozinha.

Mantinha o rosto oculto sob o capuz e avançava com evidente cautela, examinando o terreno antes de cada passo.

Parou por um instante.

Como se tivesse percebido que algo estava errado.

Tarde demais.

Uma sombra despencou das antigas muralhas.

Gunderic atingiu o cavaleiro com o ombro antes que ele pudesse reagir.

Os dois rolaram pelo chão.

O impacto arrancou a espada das mãos do desconhecido.

A espada foi lançada diretamente para o fundo do desfiladeiro.

Num único movimento, o vândalo imobilizou-lhe o braço, ajoelhou-se sobre seu peito e pressionou a lâmina contra seu pescoço.

— Nem pense em se mover.

O jovem ofegava, completamente surpreso.

Tentou se agitar para se livrar.

Gunderic aproximou ainda mais a adaga de sua garganta.

— Eu disse... não se mova.

Belisário deixou lentamente seu esconderijo.

Aproximou-se sem pressa, observando atentamente o rosto do prisioneiro sob a sombra do capuz.

Algo naquele semblante lhe pareceu estranhamente familiar.

CAPÍTULO 15
O ÚLTIMO RECRUTA

Belisário aproximou-se lentamente.

O jovem permanecia imóvel sob a adaga de Gunderic.

Respirava com dificuldade, mais pela tensão do que pelo esforço da luta.

Belisário abaixou-se.

Com um gesto calmo, afastou parte do capuz que lhe cobria o rosto.

Permaneceu em silêncio.

Havia algo familiar naquele olhar.

Naqueles traços ainda marcados pela juventude.

Franziu a testa.

Como quem procurava uma lembrança esquecida entre dezenas de campanhas militares.

— Espere...

Mais alguns segundos se passaram.

Então seus olhos se arregalaram discretamente.

— Eu conheço esse rosto.

O rapaz respirou fundo.

Por um instante, o medo deu lugar à esperança.

Um sorriso emocionado surgiu em seu rosto.

— Então eu estava certo...

Olhou diretamente para Belisário.

— O senhor realmente é o General Belisário.

As lembranças finalmente voltaram.

Não era um oficial.

Nem um veterano.

Era um dos últimos recrutas enviados para a campanha da África.

O rapaz que chegara ao exército poucos dias antes da batalha decisiva contra os vândalos.

Ainda inseguro.

Sempre tentando acompanhar os legionários mais experientes.

Sempre fazendo perguntas.

Sempre observando cada ordem que Belisário dava no campo de batalha, como se tentasse aprender tudo antes que a guerra o alcançasse.

Belisário sorriu discretamente.

— Caius...

O jovem assentiu com entusiasmo.

— Caius Fabius, General. Pensei... Pensei que jamais fosse lembrar de mim.

Gunderic manteve a adaga firme por mais alguns instantes.

Depois olhou alternadamente para os dois.

— Esperem um momento...

Coçou a barba, fingindo refletir.

— Esse era um dos terríveis guerreiros que lutavam ao seu lado?

Belisário lançou-lhe um olhar curioso.

O vândalo abriu um sorriso.

— Porque, sinceramente... não me lembro de ter visto nenhuma criança desse tamanho tentando nos derrotar em Cartago.

Caius corou imediatamente.

— Eu... eu tinha acabado de entrar para a legião.

— Isso explica muita coisa.

Respondeu Gunderic, finalmente afastando a adaga do pescoço do rapaz.

— Confesso que teria me sentido um pouco envergonhado se tivesse sido ferido por você naquela época.

Belisário deixou escapar uma breve risada.

Talvez fosse a primeira desde o início do exílio.

O silêncio das antigas estradas romanas deixou de parecer tão pesado.

Pouco depois, os três retomaram a viagem.

As antigas pedras da Via Ápia estendiam-se diante deles como uma longa cicatriz atravessando a península.

Durante algum tempo, cavalgaram em silêncio.

Gunderic foi o primeiro a quebrá-lo.

— Então... olhando para você agora, fica difícil acreditar que conseguiu nos seguir por tantos dias sem ser percebido.

Caius sorriu, um pouco sem graça.

— Meu pai era um caçador, mas mesmo assim não herdei seu talento. Os dois me perceberam bem antes.

— Pelo menos é honesto.

Respondeu o vândalo, arrancando um discreto sorriso de Belisário.

Depois de alguns instantes, o antigo general voltou o olhar para o jovem.

— Como chegou até aqui, Caius?

O sorriso desapareceu.

O rapaz respirou fundo antes de responder.

— Depois que anunciaram que o senhor havia traído o Império... tudo mudou.

Sua voz tornou-se mais pesada.

— Os homens da antiga Guarda começaram a desaparecer.

Belisário permaneceu em silêncio.

Caius continuou.

— Primeiro vieram os interrogatórios. Depois as prisões.

— Veteranos que serviram anos ao seu lado eram levados durante a noite. Alguns voltavam. Outros... nunca mais foram vistos.

O som dos cascos voltou a preencher a estrada.

— Alguns oficiais foram executados por conspirar contra o imperador. Outros preferiram abandonar as legiões antes que fossem acusados também.

— Houve quem simplesmente desaparecesse. Mudasse de cidade. Mudasse de nome. Mudasse de vida.

Belisário apertou discretamente as rédeas.

Cada palavra parecia acrescentar um novo peso aos seus ombros.

— E você?

Perguntou.

Caius baixou os olhos por um instante.

— Fiz o mesmo. Passei meses vivendo como outra pessoa. Em uma cidade eu era um escriba. Na seguinte, ajudava um ferreiro. Depois trabalhei descarregando navios em um porto. Nunca ficava tempo suficiente para que alguém começasse a fazer perguntas.

Gunderic olhou para o rapaz.

— Tudo isso por causa de um general?

Caius balançou lentamente a cabeça.

— Não.

Ergueu os olhos novamente para Belisário.

— Porque os homens que permaneceram leais ao general passaram a ser tratados como inimigos de Constantinopla.

O silêncio voltou a acompanhá-los.

A brisa fazia balançar as copas das árvores ao redor da estrada.

Depois de algum tempo, Caius falou novamente.

— Então começaram os rumores.

Belisário voltou-se para ele.

— Diziam que o senhor ainda estava vivo. Que havia escapado. Que continuava atravessando a península.

Sorriu discretamente.

— É claro que não vim atrás da recompensa. Já não havia mais ninguém em quem eu pudesse confiar. Se o Império ainda tinha um futuro... achei que estaria cavalgando em algum lugar desta estrada.

Belisário nada respondeu.

Percebeu que sua fuga não inspirara apenas caçadores.

Também despertara esperança naqueles que ainda acreditavam no homem que um dia guiara as legiões de Justiniano.

A estrada permaneceu silenciosa durante alguns minutos.

Foi Caius quem voltou a falar.

— Mas isso não foi a maior mudança.

Belisário ergueu os olhos.

— Justiniano encontrou outro comandante.

O antigo general permaneceu imóvel sobre a sela.

Já imaginava a resposta.

Ainda assim, perguntou:

— Quem?

— Narses.

O nome permaneceu suspenso entre os três cavaleiros.

Belisário expirou lentamente.

— Então ele aceitou.

Caius assentiu.

— Foi nomeado comandante supremo das campanhas do Oriente poucas semanas depois da sua fuga.

Gunderic olhou para Belisário.

— Você o conhece bem?

— Melhor do que a maioria.

Respondeu o antigo general.

— Nunca foi um homem de desperdiçar soldados. Nem recursos. Nem tempo.

Ficou alguns instantes em silêncio.

— Se Narses assumiu o comando... é porque Justiniano pretende vencer uma guerra longa.

Caius confirmou com a cabeça.

— Foi exatamente o que começou a acontecer.

Enquanto cavalgava, continuou seu relato.

— As legiões foram reorganizadas. As fronteiras reforçadas. Depósitos de armas voltaram a ser abastecidos. Estradas militares passaram a ser reparadas. Os oficiais receberam novas ordens de treinamento.

Belisário ouvia atentamente.

Cada informação encaixava-se como uma peça de um grande mapa estratégico.

— Mas não foi só isso.

Prosseguiu Caius.

— Ninguém mais confiava apenas nas espadas. Começaram a surgir espiões em praticamente todas as províncias. Mensageiros desapareciam antes de chegar ao destino.

— Suprimentos eram sabotados. Informações falsas circulavam entre os governadores. Rumores eram espalhados para dividir cidades inteiras. Até mercadores passaram a ser usados como informantes.

Gunderic soltou um baixo assobio.

— Parece que ele pretende vencer a guerra antes mesmo da primeira batalha.

Belisário assentiu discretamente.

— Isso é exatamente o tipo de campanha que Narses conduziria.

Caius voltou a olhar para o antigo general.

— Entre os soldados, todos comentavam a mesma coisa.

Fez uma breve pausa.

— Diziam que o novo comandante pretendia concluir pela força aquilo que o senhor se recusou a fazer. Unificar Roma. Mesmo que isso significasse marchar contra o Império Romano do Ocidente.

Belisário permaneceu em silêncio.

Seu olhar fixou-se na estrada que seguia para o norte.

Durante anos, dedicara sua vida a proteger o Império.

Agora, outro comandante preparava as legiões para marchar contra homens que também se chamavam romanos.

E essa talvez fosse a guerra que ele mais temera desde o início de sua carreira... mas que talvez fosse uma guerra inevitável.

Durante alguns instantes, apenas o som dos cascos rompeu o silêncio da estrada.

Foi Caius quem voltou a falar.

— Há mais uma coisa que o senhor deveria saber.

Belisário ergueu os olhos.

O jovem hesitou por um momento.

— É sobre a Senhora Antonina.

O antigo general permaneceu imóvel.

Seu semblante não mudou.

Mas Gunderic percebeu que sua atenção agora estava inteiramente voltada para aquelas palavras.

— Ela está presa.

Disse Caius.

— Oficialmente, permanece como prisioneira política no Grande Palácio.

Belisário assentiu lentamente.

Era exatamente o que esperava ouvir.

Então Caius prosseguiu.

— Mas... os rumores dizem que isso não mudou quase nada.

Belisário franziu a testa.

— Como assim?

— Ninguém sabe exatamente como ela consegue fazer isso. Mas senadores continuam procurando seus conselhos. Escribas levam documentos até seus aposentos. Funcionários do palácio entram e saem discretamente. Até alguns oficiais da guarda parecem continuar obedecendo às orientações dela.

Gunderic arqueou uma sobrancelha.

— Uma prisioneira comandando gente livre?

Caius sorriu discretamente.

— É justamente isso que todos comentam.

Respirou fundo antes de continuar.

— Alguns dizem que ela reuniu uma pequena rede de aliados dentro do próprio palácio. Senadores. Escribas. Administradores. Oficiais. Homens e mulheres que ainda acreditam no senhor. Ninguém sabe quantos são. Nem quem são. Só sabem que continuam trabalhando em silêncio.

— E por que Justiniano permitiria isso?

Indagou Gunderic.

— Teodora deve estar a protegendo.

Belisário permaneceu imóvel.

Durante alguns instantes, não disse absolutamente nada.

Então fechou os olhos.

Como se conseguisse enxergá-la novamente.

Não atrás de grades.

Mas caminhando pelos corredores do Grande Palácio.

Conversando.

Observando.

Convencendo.

Tecendo alianças invisíveis enquanto todos acreditavam que ela estava derrotada.

Um discreto sorriso surgiu em seu rosto.

Quase imperceptível.

— Claro...

Murmurou.

Gunderic voltou-se para ele.

— O que foi?

Belisário abriu os olhos novamente.

Havia um brilho diferente em seu olhar.

Um brilho que há muito tempo não aparecia.

— Eu devia ter imaginado.

Fitou o horizonte por alguns instantes antes de concluir, com uma serenidade que surpreendeu até a si mesmo.

— Antonina nunca desistiria. Nem mesmo acorrentada.

A conversa foi diminuindo até que o grupo voltou a mergulhar no silêncio.

O som ritmado dos cascos ecoava pela antiga estrada.

Foi então que Belisário percebeu um detalhe.

Desde o encontro nas ruínas, Caius cavalgava sem qualquer arma à cintura.

Olhou para o jovem.

— Sua espada.

Caius baixou os olhos instintivamente.

Suspirou, constrangido.

— Caiu no desfiladeiro quando aquele gigante resolveu me arrancar do cavalo.

Gunderic abriu um largo sorriso.

— Tecnicamente... só te ajudei a descer do cavalo.

Caius soltou uma pequena risada.

— Foi uma ajuda bastante violenta.

— Funcionou.

Respondeu o vândalo, satisfeito.

Belisário apenas balançou a cabeça, divertido com a troca de provocações.

Depois levou lentamente a mão ao lado esquerdo da cintura.

Por alguns instantes, permaneceu em silêncio.

Seus dedos envolveram o cabo da antiga *spatha* que o acompanhara durante anos.

Era a mesma espada que empunhara nas campanhas da África.

A mesma que estivera em suas mãos durante a tomada de Cartago.

A mesma que comandara legiões em incontáveis batalhas.

Removeu a bainha do seu cinturão.

Com um movimento tranquilo, retirou a spatha da bainha.

A lâmina ainda refletia a luz da tarde.

Belisário segurou-a por alguns instantes.

Como quem se despedia de uma velha companheira.

Voltou a repousa-la na bainha.

Então estendeu-a para Caius.

O jovem arregalou os olhos.

— General... Eu não posso aceitar.

— Pode e deve.

Respondeu Belisário com serenidade.

— Você voltou por escolha própria. Arriscou a vida para me encontrar. Um legionário não deve caminhar desarmado.

Caius recebeu a espada com as duas mãos.

Fazia isso com um cuidado quase reverente.

Como se segurasse um pedaço da própria história de Roma.

Belisário pousou uma das mãos sobre seu ombro.

— Cuide bem dela.

O rapaz assentiu, emocionado.

— Juro que honrarei essa espada enquanto viver.

Belisário sorriu discretamente.

Depois voltou a prender à cintura apenas a outra *spatha*.

A espada simples que Gaius lhe entregara antes de morrer.

Não possuía adornos.

Não carregava o prestígio das campanhas imperiais.

Mas carregava algo muito mais valioso.

A lembrança de um amigo que escolhera morrer para que seu general continuasse vivendo.

Sem dizer uma palavra, Belisário voltou a olhar para a estrada.

A espada do comandante agora seguia nas mãos da nova geração.

A do companheiro... permaneceria ao seu lado até o fim de sua jornada.

CAPÍTULO 16
O ANFITEATRO DE CÁPUA

Ao final da tarde, as muralhas de Capua surgiram no horizonte.

Mesmo à distância, era possível perceber que aquela não era uma cidade comum.

Torres de vigia erguiam-se acima das muralhas de pedra, enquanto estandartes romanos tremulavam ao vento sobre os portões. O movimento nas estradas aumentava a cada centena de passos. Carroças carregadas de trigo cruzavam com pequenos destacamentos militares, comerciantes anunciavam suas mercadorias ainda antes da entrada da cidade, e mensageiros atravessavam os portões em um ritmo constante.

Quando passaram pela guarda, Belisário manteve o capuz baixo sobre o rosto.

Os três seguiram lentamente pelas ruas principais.

O som ritmado dos martelos ecoava de inúmeras ferrarias.

Armeiros exibiam espadas, lanças e escudos recém-polidos diante de suas oficinas.

Correias de couro secavam penduradas entre colunas.

Ferreiros moldavam elmos sobre grandes bigornas enquanto jovens aprendizes corriam de um lado para o outro carregando ferramentas.

Misturados aos comerciantes, legionários atravessavam as ruas com naturalidade.

Alguns ainda usavam armaduras completas.

Outros vestiam apenas túnicas simples, reconhecíveis apenas pela postura disciplinada e pelo modo como caminhavam.

Mas foram os veteranos que prenderam a atenção de Belisário.

Homens de cabelos grisalhos conversavam diante das tavernas.

Outros jogavam dados sob a sombra dos pórticos.

Havia quem mancasse apoiado em uma bengala.

Quem carregasse apenas um braço.

Quem exibisse cicatrizes profundas no rosto sem qualquer constrangimento.

Todos pareciam perfeitamente à vontade.

Como se finalmente tivessem encontrado um lugar onde ninguém precisava explicar as marcas que carregava.

Gunderic observava tudo com curiosidade.

Depois sorriu de lado.

— Nunca vi tantos homens mancando... e, ainda assim, parecendo felizes.

Belisário acompanhou seu olhar.

Um velho centurião ria alto enquanto discutia com dois antigos companheiros sobre alguma campanha ocorrida décadas antes.

Outro veterano ensinava um garoto a segurar corretamente um escudo de madeira.

Um terceiro recebia cumprimentos de praticamente todos que passavam.

Belisário deixou escapar um discreto sorriso.

— Capua sempre foi uma cidade de soldados.

Sua voz carregava um tom quase nostálgico.

— Muitos homens terminavam o serviço nas fronteiras e escolhiam viver aqui.

Caius observava tudo com admiração.

— Achei que encontraria apenas legionários.

— Não.

Respondeu Belisário.

— Aqui você encontra algo muito mais raro.

O jovem voltou-se para ele.

Belisário fitou os antigos combatentes espalhados pelas ruas.

— Sobreviventes.

Por alguns instantes, permaneceu em silêncio.

Então concluiu, com serenidade:

— Toda cicatriz que vê nesta cidade representa um homem que voltou para casa.

Gunderic voltou a percorrer a rua com os olhos.

Dessa vez, não enxergava apenas velhos soldados.

Enxergava homens que haviam atravessado guerras, perdido amigos, carregado o peso das fronteiras de Roma... e, apesar de tudo, ainda encontravam motivos para sorrir.

Talvez fosse justamente por isso que Capua nunca deixara de ser uma cidade militar.

Ali, as legiões não eram lembradas apenas pelos que partiam para a guerra.

Mas, principalmente, pelos que tiveram a rara fortuna de sobreviver a ela.

Os três continuaram caminhando pelas ruas de Capua.

O movimento aumentava à medida que se aproximavam do centro da cidade.

Mercadores anunciavam tecidos vindos do Oriente.

Artesãos exibiam joias e peças de bronze.

O aroma de pão recém-assado misturava-se ao cheiro de couro das oficinas militares.

Foi então que um som diferente atravessou o burburinho da cidade.

Uma explosão de aplausos.

Logo depois, gritos de entusiasmo ecoaram entre os edifícios de pedra.

Caius virou a cabeça imediatamente.

— Ouviram isso?

Gunderic arqueou uma sobrancelha.

— Seria difícil não ouvir.

O jovem procurou a origem do barulho.

Ao longe, acima dos telhados, era possível distinguir a enorme estrutura oval do antigo anfiteatro de Capua.

Mesmo séculos depois de sua construção, suas arquibancadas de pedra ainda dominavam parte da paisagem.

Um largo sorriso surgiu no rosto de Caius.

— Deve haver uma apresentação.

Belisário acompanhou seu olhar.

— Provavelmente.

— Nunca entrei ali.

Confessou Caius, quase envergonhado.

— Sempre ouvi histórias daquele lugar quando era criança. Dizem que é um dos maiores anfiteatros de todo o Império.

Gunderic sorriu.

— Achei que legionários só se interessassem por espadas.

— E quem disse que não há espadas lá dentro?

Respondeu Caius, rindo.

Belisário interrompeu o entusiasmo do rapaz.

— Não é prudente.

O sorriso de Caius diminuiu.

— General...

— Quanto mais gente reunida em um único lugar... maior a chance de alguém me reconhecer.

Gunderic concordou imediatamente.

— Muitos olhos. Muito risco.

Os três continuaram caminhando.

Por alguns instantes, ninguém voltou ao assunto.

Até que Caius respirou fundo.

— A apresentação da tarde costuma ser tranquila.

Belisário lançou-lhe um olhar desconfiado.

— Como sabe?

— Perguntei a um comerciante quando passamos pela praça. Ele disse que a maioria das pessoas prefere a sessão do fim do dia. A desta tarde costuma ficar quase vazia. Poucos espectadores. Poucos comerciantes. Poucos curiosos.

Gunderic cruzou os braços.

— Você já estava planejando isso antes mesmo de fingir que havia ouvido os aplausos, não estava?

Caius sorriu sem esconder a culpa.

— Talvez um pouco.

O vândalo soltou uma risada.

— Gosto desse rapaz.

Belisário balançou a cabeça, vencido pela insistência dos dois.

Depois olhou discretamente ao redor da rua.

Ainda não percebera qualquer sinal de perseguição desde que haviam entrado em Capua.

— Muito bem. Mas entramos... assistimos apenas uma apresentação... e saímos imediatamente. Nada de chamar atenção.

O rosto de Caius iluminou-se.

— Concordo.

Gunderic sorriu com o entusiasmo.

— General... hoje o senhor não é um general.

Belisário sorriu discretamente enquanto cobria a cabeça com seu capuz.

— Hoje... sou apenas mais um velho veterano visitando Capua.

Os três ajustaram os mantos e misturaram-se aos poucos espectadores que seguiam pela larga avenida em direção ao antigo anfiteatro.

À medida que a imponente construção surgia diante deles, Belisário não pôde deixar de pensar em quantas gerações de romanos haviam atravessado aqueles mesmos portões.

A arena mudara.

O Império mudara.

Mas, de algum modo... Capua ainda preservava os ecos da antiga Roma.

Ao atravessarem os grandes portões de pedra, os três entraram no antigo Anfiteatro de Capua.

Mesmo Belisário, que já conhecera diversos monumentos espalhados pelo mundo precisou erguer os olhos por um instante.

As arquibancadas semicirculares ainda se elevavam em sucessivos níveis de pedra, envolvendo a arena como um imenso círculo de mármore gasto pelo tempo.

Antigos relevos representando gladiadores e animais ainda permaneciam gravados nas paredes.

As marcas dos séculos eram visíveis.

Mas o anfiteatro permanecia vivo.

A sessão da tarde realmente estava longe de lotar o monumento.

Espalhados pelas arquibancadas, pequenos grupos de famílias conversavam enquanto aguardavam o início das apresentações.

Veteranos ocupavam as primeiras fileiras, comentando antigas técnicas de combate como se estivessem assistindo a um treinamento militar.

Mercadores circulavam vendendo frutas, pão e vinho aos poucos espectadores.

Os três escolheram um lugar discreto, próximo a uma das extremidades da arquibancada.

Belisário manteve o capuz baixo.

Poucos instantes depois, uma trombeta ecoou pela arena.

Dois homens surgiram pelo portão principal.

Vestiam equipamentos inspirados nos antigos gladiadores, mas suas armaduras estavam cuidadosamente protegidas.

As lâminas não possuíam fio.

As lanças terminavam em pontas arredondadas.

O combate começou.

Espadas cruzavam-se com precisão.

Escudos chocavam-se em movimentos ensaiados.

Golpes eram interrompidos a poucos centímetros do adversário.

O público acompanhava cada movimento com entusiasmo.

Quando um dos combatentes desarmou o outro utilizando apenas o escudo, as arquibancadas explodiram em aplausos.

Caius assistia fascinado.

— É incrível...

Belisário sorriu discretamente.

— Há muitos séculos este lugar era muito diferente.

Seus olhos permaneceram voltados para a arena.

— Homens entravam por aqueles portões sabendo que talvez jamais voltassem.

O silêncio durou apenas um instante.

— Muitos morriam aqui. Não porque fossem criminosos. Mas porque era isso que o povo esperava ver.

Caius voltou-se para ele.

— E quando isso mudou?

— Aos poucos.

Respondeu Belisário.

— Depois do que ocorreu com um monge chamado Telêmaco, os antigos combates foram proibidos. As execuções desapareceram. As escolas de gladiadores fecharam. Mas algumas cidades encontraram outra forma de preservar essa tradição.

Gunderic observava dois lutadores trocando golpes de lança com impressionante habilidade.

— Então agora eles apenas demonstram o que sabem.

— Exatamente.

Disse Belisário.

— Continuam treinando. Continuam competindo. Continuam sendo admirados. Mas ninguém precisa morrer para entreter uma multidão.

Na arena, um veterano de cabelos grisalhos derrotou o adversário com uma rápida sequência de movimentos.

Os dois se cumprimentaram antes de erguerem juntos as armas para o público.

Uma nova salva de aplausos percorreu as arquibancadas.

Gunderic abriu um sorriso.

— Fico feliz.

Belisário olhou para ele.

— Assim posso assistir sem precisar escolher um favorito que iria me fazer perder dinheiro.

Caius riu.

Até Belisário deixou escapar uma discreta risada.

Depois voltou os olhos para a arena.

A antiga Roma teria enchido aquelas pedras de sangue.

A nova Roma preservava apenas a disciplina, a técnica e a coragem.

Talvez fosse justamente esse o segredo de sua sobrevivência.

As tradições permaneciam.

Apenas aprendiam a caminhar ao lado de novos tempos.

A apresentação prosseguia na arena.

Agora, dois veteranos demonstravam antigas formações de combate com espada e escudo, repetindo movimentos que durante séculos haviam sido ensinados nas legiões romanas.

Belisário acompanhava a exibição em silêncio.

Mais do que assistir ao espetáculo, observava o público ao redor.

Um hábito que nunca perdera.

Foi então que um homem de meia-idade surgiu caminhando lentamente pelo corredor atrás das arquibancadas.

Vestia uma túnica simples de viajante.

Sem adornos.

Sem qualquer marca que chamasse atenção.

Passou por Belisário como se fosse apenas mais um espectador procurando um lugar para sentar.

Não voltou o rosto em sua direção.

Não diminuiu o passo.

Não pronunciou uma única palavra.

No instante em que passou ao lado do banco onde Belisário estava, deixou discretamente um pequeno pergaminho dobrado entre as pedras do assento.

Continuou caminhando.

Sem olhar para trás.

Belisário esperou alguns instantes.

Somente quando o homem já se misturava aos poucos espectadores espalhados pelas arquibancadas, inclinou-se discretamente e recolheu o pergaminho.

Desdobrou-o sob a proteção do próprio manto.

A escrita era firme.

Curta.

Objetiva.

General.

Se ainda confia em seus antigos mensageiros... encontre-me na Taverna principal, ao cair da tarde. Venha apenas com seus companheiros.

Belisário releu aquelas linhas uma segunda vez.

Lentamente ergueu os olhos.

Percorreu a arquibancada.

Os corredores.

As saídas.

O homem havia desaparecido.

Como se jamais tivesse estado ali.

Ao seu lado, Gunderic percebeu a mudança em seu semblante.

Inclinou-se discretamente.

— Problemas?

Belisário dobrou cuidadosamente o pergaminho antes de escondê-lo sob o manto.

Seus olhos permaneceram voltados para a arena por mais alguns instantes.

— Talvez.

Fez uma breve pausa.

Um leve sorriso surgiu no canto de sua boca.

— Ou talvez... uma oportunidade.

Quando a apresentação chegou ao fim, os poucos espectadores começaram a deixar lentamente o anfiteatro.

Misturados à multidão, Belisário, Gunderic e Caius seguiram pelos largos corredores de pedra até alcançarem novamente as ruas de Capua.

Durante alguns instantes, ninguém falou.

Somente quando se afastaram o suficiente da arena, Gunderic voltou-se para Belisário.

— Conhecia o homem?

Belisário assentiu.

Ainda mantinha o pequeno pergaminho escondido sob o manto.

— Creio que sim, só consegui vê-lo de relance.

Caius aproximou o cavalo um pouco mais.

— Consegue dizer quem era?

Belisário demorou alguns segundos antes de responder.

— Iulius. Um antigo mensageiro militar. Serviu comigo durante anos. Levava ordens entre as legiões nas campanhas da África, da Síria e em muitas outras campanhas.

Gunderic arqueou uma sobrancelha.

— Parece um trabalho importante.

Belisário sorriu discretamente.

— É um dos trabalhos mais difíceis de um exército.

Olhou rapidamente para os dois companheiros.

— Um mensageiro precisa atravessar campos de batalha, cruzar territórios inimigos e entregar ordens sem chamar atenção. Se falhar... legiões inteiras podem marchar para a direção errada.

Caius assentiu em silêncio.

Finalmente compreendia por que aquele homem passara despercebido por praticamente todos no anfiteatro.

Gunderic então fez a pergunta que realmente importava.

— Ele sabe quem você é?

Belisário respondeu sem hesitar.

— Se entregou aquela mensagem...

Fez uma pequena pausa.

— Sabia antes mesmo de eu perceber que estava sendo observado.

O vândalo cruzou os braços.

— Então ele é bom.

— Sempre foi. É justamente por isso que estou disposto a ouvi-lo.

Os três atravessaram parte da cidade até chegarem a uma rua mais estreita, distante do movimento dos mercados.

Ali, quase escondida entre antigas construções de pedra, uma pequena placa de madeira balançava acima da porta de uma taverna.

Uma águia dourada havia sido cuidadosamente entalhada sobre o escudo pintado.

Belisário parou por um instante.

Sorriu discretamente.

— A Taverna.

Empurrou a porta.

O aroma de pão assado e vinho tomou conta do ambiente.

Poucos clientes ocupavam as mesas espalhadas pelo salão.

No fundo da taverna, sentado sozinho diante de uma caneca ainda intocada, um homem de cabelos grisalhos ergueu discretamente os olhos.

Assim que reconheceu Belisário, levantou-se.

Levou o punho direito ao peito em uma saudação militar silenciosa.

— General.

Belisário aproximou-se e retribuiu o gesto.

— Faz muitos anos, Iulius.

O antigo mensageiro sorriu.

— Mais do que Deus deveria permitir.

Os quatro sentaram-se na mesa mais afastada do salão.

Iulius aguardou até que a estalajadeira se afastasse antes de voltar a falar.

Sua voz tornou-se quase um sussurro.

— Não podemos conversar por muito tempo. Há olhos demais nesta cidade.

Belisário permaneceu atento.

— Então por que me chamou até aqui?

Iulius olhou rapidamente ao redor para certificar-se de que ninguém os observava.

Depois respondeu:

— Porque posso ajudá-lo a se esconder. Mas não posso falar aqui. Nem agora.

Inclinou-se ligeiramente sobre a mesa.

— Encontrarei os senhores hoje à noite, próximo ao portão norte da cidade. Venham apenas vocês três. Será mais seguro.

— Estamos viajando só os três.

— Achei que teria mais aliados com você... conseguiu se esconder muito bem nesses últimos meses.

— Sorte...

Belisário sustentou seu olhar por alguns instantes.

Então fez um discreto gesto de concordância.

— Estaremos lá.

Iulius levantou-se imediatamente.

Como fizera no anfiteatro, não acrescentou nenhuma explicação.

Limitou-se a pagar pela bebida que sequer tocara e saiu da taverna com a mesma discrição de um homem acostumado a atravessar guerras levando mensagens que jamais poderiam cair em mãos erradas.

Belisário observou a porta fechar-se lentamente.

Sem saber que, naquela mesma noite... o destino de sua jornada mudaria mais uma vez.

Por algum tempo, os três permaneceram em silêncio na pequena taverna.

Lá fora, o movimento de Capua diminuía à medida que o sol desaparecia atrás das muralhas.

Gunderic observava a porta por onde Iulius acabara de sair.

Depois voltou-se para Belisário.

— Confia nele?

Belisário não precisou pensar.

— Confiaria minha vida.

A resposta fez Caius erguer discretamente as sobrancelhas.

Gunderic permaneceu alguns segundos em silêncio.

Então abriu um pequeno sorriso.

— Espero que ele mereça.

Belisário acompanhou o olhar do antigo guerreiro.

— Merece. Foi ele quem levou algumas das ordens mais importantes das minhas campanhas. Quando uma legião precisava marchar sem atraso... quando uma cidade precisava ser evacuada... quando um reforço precisava atravessar território inimigo... era Iulius quem cavalgava. Nunca perdeu uma mensagem. Nunca entregou uma ao homem errado.

Gunderic assentiu lentamente.

— Então esta noite saberemos se ele também nunca escolheu o lado errado.

Belisário voltou os olhos para a janela da taverna.

A noite começava a cobrir Capua.

Dentro de poucas horas... teriam a resposta.

A lua já iluminava os telhados de Capua quando os três deixaram a taverna.

As ruas próximas ao portão norte estavam quase desertas.

Somente alguns guardas percorriam as muralhas enquanto viajantes apressados procuravam abrigo antes do fechamento dos portões.

Belisário caminhava à frente.

Gunderic mantinha a mão próxima ao cabo do machado.

Caius observava atentamente cada sombra ao redor.

O lugar combinado ficava alguns metros antes das muralhas.

Uma antiga estrada cercada por ciprestes desaparecia na escuridão.

Iulius já os esperava.

Estava sozinho.

Ou pelo menos era o que parecia.

Assim que os três se aproximaram, o velho mensageiro deu um discreto passo para o lado.

No mesmo instante, ouviu-se o som metálico de armaduras.

Homens começaram a surgir da escuridão.

Primeiro dois.

Depois quatro.

Depois mais.

Legionários romanos emergiam silenciosamente entre as árvores e as antigas ruínas que ladeavam a estrada.

Em poucos segundos, Belisário percebeu que estavam cercados.

Sua mão pousou instintivamente sobre o cabo da espada.

Ao seu lado, Gunderic levou o machado à frente do corpo.

Caius deu um passo para trás, procurando espaço para reagir.

Mas nenhum daqueles soldados levantou as armas.

Permaneceram imóveis.

Em formação.

Como se aguardassem apenas uma ordem.

Então um oficial atravessou lentamente a fileira de legionários.

Seu manto escarlate balançava suavemente com o vento da noite.

Parou a poucos passos de Belisário.

Durante alguns segundos, limitou-se a observá-lo.

Depois levou o punho direito ao peito.

Na antiga saudação das legiões.

— General Flávio Belisário...

A voz era firme.

Respeitosa.

Sem qualquer sinal de hostilidade.

O silêncio pareceu prolongar-se por uma eternidade.

Então o oficial concluiu:

— Justiniano não é o único imperador que deseja encontrá-lo.

Belisário permaneceu imóvel.

Atrás do oficial, os legionários afastaram-se em perfeita disciplina, abrindo lentamente um corredor entre suas fileiras.

Ao fundo, presos junto à estrada, diversos cavalos aguardavam selados e preparados para uma longa jornada.

Belisário ergueu lentamente os olhos.

A direção daquela estrada era inconfundível.

Ela seguia para o coração da Itália.

Para a cidade onde a própria história de Roma havia começado.

Roma os aguardava.

CAPÍTULO 17
O CHAMADO DE ROMA

Foram necessários mais alguns dias de viagem até que a paisagem começasse a mudar.

O inverno estava prestes a chegar, o vento frio começava a castigar os viajantes.

As colinas tornaram-se mais suaves.

As estradas passaram a receber um número crescente de viajantes em busca de abrigo em Roma.

Caravanas vindas das províncias cruzavam o caminho com comerciantes, monges, veteranos e pequenos destacamentos legionários que seguiam em direção à capital do Ocidente.

Na manhã do quinto dia, a antiga Via Ápia começou a subir lentamente uma extensa colina.

Belisário reduziu o passo do cavalo.

Não por cansaço.

Mas porque alguma coisa lhe dizia que estava prestes a ver aquilo que esperara durante toda a vida.

Quando alcançaram o topo, a paisagem finalmente se abriu diante deles.

Roma.

A cidade estendia-se pelo horizonte como nenhuma outra que haviam encontrado desde o início da jornada.

As muralhas abraçavam bairros inteiros.

Grandes aquedutos cortavam a paisagem em longos arcos de pedra.

Torres de igrejas erguiam-se entre antigos templos preservados dos séculos passados.

Palácios, mercados, fóruns e incontáveis telhados pareciam espalhar-se até onde a vista alcançava.

Ao fundo, o brilho do rio Tibre serpenteava pela cidade, refletindo a luz dourada da manhã.

Mesmo àquela distância, era impossível não sentir o peso de sua presença.

Os três permaneceram em silêncio.

Nem mesmo Gunderic encontrou palavras imediatamente.

Foi Caius quem respirou fundo primeiro.

— Por Deus... Nunca imaginei que fosse tão grande.

Gunderic continuava observando a cidade.

Depois sorriu discretamente.

— Já atravessei muitas capitais. Cartago. Alexandria. Mas nenhuma delas parece tão... imensa.

Belisário não respondeu de imediato.

Seus olhos percorriam lentamente cada detalhe daquela paisagem.

Durante toda a vida estudara mapas de Roma.

Lera relatos de senadores.

Recebera ordens seladas com o nome da cidade.

Jurara servir ao Império Oriental, mas que nascera entre aquelas colinas no Ocidente.

E, ainda assim... nunca estivera ali.

Era a primeira vez que contemplava a Cidade Eterna com os próprios olhos.

Como um jovem legionário diante de sua primeira campanha.

Gunderic voltou-se para ele.

— O que a torna diferente?

Belisário permaneceu alguns segundos em silêncio.

Então respondeu com uma serenidade quase reverente.

— Porque nenhuma outra carrega tanta história.

Seu olhar continuou perdido no horizonte.

Não enxergava apenas muralhas.

Nem palácios.

Nem monumentos.

Via séculos de homens e mulheres que haviam construído estradas, escrito leis, vencido guerras, fundado cidades e transformado um pequeno povo às margens do Tibre em uma civilização que alcançara os confins do mundo conhecido.

Naquele instante, Belisário compreendeu que Roma jamais fora apenas uma capital.

Era a origem.

E talvez... também fosse o lugar onde o futuro do mundo romano voltaria a ser decidido.

A poucos quilômetros dali, outra colina dominava a mesma paisagem.

Dela, também era possível contemplar Roma.

Um cavaleiro mantinha-se imóvel entre os ciprestes.

Seu cavalo respirava calmamente, acostumado a permanecer em silêncio por longos períodos.

O homem não observava a cidade.

Observava os três viajantes e sua escolta parados sobre a colina oposta.

Belisário.

Gunderic.

Caius.

Mesmo àquela distância, Lucius Drusus reconheceria a postura do antigo general entre milhares de homens.

Passara semanas seguindo rastros quase invisíveis.

Pegadas deixadas na lama.

Fogueiras ainda mornas.

Relatos de estalajadeiros.

Mensageiros.

Mercadores.

Veteranos que, sem perceber, mencionavam a passagem de três viajantes incomuns.

Cada pista, por menor que fosse, aproximara-o um pouco mais de seu objetivo.

Agora, enfim... havia encontrado o homem que procurava.

Lucius cruzou lentamente os braços.

Um discreto sorriso surgiu em seu rosto.

Não era um sorriso de triunfo.

Era o olhar paciente de um caçador que, após uma longa perseguição, finalmente avistava sua presa.

— Então era para cá que você estava vindo... — murmurou para si.

Seus olhos voltaram-se por um instante para a imensa cidade que se erguia no horizonte.

Roma.

Durante alguns segundos, permaneceu imóvel, avaliando a distância entre as duas colinas.

Belisário não fazia ideia de que estava sendo observado.

E Lucius pretendia manter as coisas exatamente assim.

Sem fazer qualquer movimento que denunciasse sua presença, puxou suavemente as rédeas do cavalo.

Afastou-se entre as árvores.

Silencioso como chegara.

A caçada... ainda não havia terminado.

A descida da colina conduziu os viajantes de volta à Via Ápia.

Quanto mais se aproximavam, mais Roma parecia crescer diante deles.

As muralhas erguiam-se imponentes, construídas e reconstruídas ao longo dos séculos, formando um cinturão de pedra que envolvia a cidade como o escudo de uma legião.

Torres de vigia pontuavam toda a extensão das fortificações.

Estandartes rubros tremulavam ao vento acima dos portões.

Mesmo antes de alcançá-los, Belisário já podia distinguir o movimento incessante de pessoas entrando e saindo da capital.

Carroças carregadas de grãos vindos das províncias.

Mercadores conduzindo tecidos, vinho e azeite.

Mensageiros militares cruzando a estrada em velocidade.

Sacerdotes.

Peregrinos.

Artesãos.

Legionários retornando de longas patrulhas.

A cidade parecia respirar.

Ao atravessarem o grande portão, Belisário sentiu-se engolido por um mundo completamente diferente de qualquer outro que conhecera.

As ruas eram largas e cuidadosamente pavimentadas.

Aquedutos monumentais cruzavam bairros inteiros sobre sucessões de arcos que pareciam desafiar o tempo.

Em cada praça surgiam fóruns movimentados, onde magistrados, comerciantes e cidadãos discutiam assuntos do cotidiano sob o olhar atento de antigas estátuas de mármore.

Templos erguidos ainda na Antiguidade permaneciam de pé.

Muitos haviam sido convertidos em igrejas cristãs, mas preservavam suas colunas majestosas e frontões esculpidos, como se a própria cidade tivesse aprendido a transformar sua história sem apagá-la.

Mercados ocupavam quarteirões inteiros.

O aroma de pão recém-assado misturava-se ao de especiarias orientais, couro trabalhado e ferro aquecido nas forjas dos artesãos.

Ferreiros martelavam espadas e ferramentas.

Escultores davam forma a novos monumentos.

Escribas copiavam manuscritos em pequenas oficinas abertas para a rua.

Patrulhas legionárias percorriam a cidade em ritmo constante.

Não caminhavam com a ostentação de soldados de desfile.

Misturavam-se naturalmente ao cotidiano, cumprimentando comerciantes, orientando viajantes e

conversando com cidadãos que pareciam conhecê-los pelo nome.

Belisário observava tudo em silêncio.

Durante décadas servira ao Império Romano do Oriente.

Recebera ordens em nome do Império.

Vencera batalhas pelo Império.

E, no entanto... somente agora atravessava os portões que haviam originado seu Império pela primeira vez.

Por um breve instante, esqueceu que era um general perseguido.

Esqueceu Justiniano.

Esqueceu a guerra.

Diante daquela cidade, voltou a sentir-se apenas um romano contemplando o lugar onde sua civilização havia começado.

Ao seu lado, Gunderic deixou escapar uma discreta risada.

— Agora entendo por que vocês insistem em chamar este lugar de Cidade Eterna.

Belisário não desviou os olhos das ruas à sua frente.

Havia admiração em sua voz quando respondeu:

— Porque cada pedra destas ruas carrega a memória de quem veio antes de nós. E enquanto essa memória permanecer viva... o Império também permanecerá.

Pouco depois de atravessarem os portões, um destacamento de legionários aproximou-se dos viajantes.

O oficial que os aguardava desmontou do cavalo e fez uma respeitosa continência.

Era um homem de meia-idade, de cabelos escurecidos pelo tempo e expressão serena.

— General Flávio Belisário. Sou o tribuno Maximus Catus. Sua Majestade, o Imperador Cassius Valerius, pediu que eu os acompanhasse até o Palácio Imperial.

Belisário e seu grupo desmontaram dos cavalos e retribuíram a saudação.

— Agradeço a recepção, tribuno.

Maximus abriu um discreto sorriso.

— Até a audiência, permita-me mostrar um pouco da cidade. Seria uma injustiça atravessar Roma sem conhecê-la.

Os quatro seguiram pelas largas avenidas da capital.

Enquanto caminhavam, Maximus apontava edifícios, praças e monumentos que marcavam séculos de história.

— Muitos visitantes esperam encontrar uma segunda Constantinopla. Mas Roma escolheu outro caminho.

Belisário voltou a atenção para o tribuno.

— Em que sentido?

Maximus indicou um amplo edifício de mármore que dominava uma das extremidades do fórum.

— Ali funciona o Senado. Ainda é o coração político do Ocidente.

Belisário observou o movimento constante de senadores entrando e saindo do edifício, acompanhados por assessores, escribas e cidadãos que aguardavam audiências.

— Em Constantinopla, o Senado ainda existe — comentou.

— Mas há muito deixou de dividir o peso do governo.

Maximus assentiu.

— Aqui, não. Sua Majestade governa, mas governa ao lado do Senado. As grandes decisões passam por ambos. Não porque a lei o obrigue... mas porque Roma sempre foi mais forte quando muitos carregavam o mesmo peso.

Continuaram caminhando.

Mais adiante, cruzaram com um grupo de legionários treinando em uma pequena praça.

Próximo dali, veteranos instruíam jovens recrutas com a mesma disciplina encontrada nos grandes campos militares.

Maximus voltou a falar.

— Talvez essa seja nossa maior diferença. O Oriente tornou-se uma corte. O Ocidente permaneceu um exército.

Gunderic soltou uma breve risada.

— Explica por que encontrei mais soldados em um único bairro daqui do que em cidades inteiras durante a viagem.

— Porque nossas fronteiras nunca deixaram de exigir isso — respondeu Maximus.

— Cada cidadão sabe que, se Roma sobreviver amanhã, será porque alguém esteve disposto a defendê-la hoje.

Belisário permaneceu em silêncio.

Desde que atravessara os portões, percebera algo difícil de explicar.

Constantinopla impressionava pela riqueza.

Pela grandiosidade dos palácios.

Pelo brilho de sua corte.

Roma, porém... transmitia outra sensação.

Ali, a autoridade parecia nascer das instituições, da disciplina e da memória coletiva, e não apenas da vontade de um único homem.

Talvez fosse essa a maior diferença entre as duas capitais.

No Oriente, o Império girava em torno do imperador.

No Ocidente... O imperador parecia girar em torno de Roma.

A caminhada prosseguiu pelas ruas movimentadas de Roma.

O tribuno Maximus conduzia o grupo sem pressa, permitindo que conhecessem a cidade muito além de seus monumentos.

— As muralhas protegem Roma — comentou. — Mas são as pessoas que a mantêm viva.

Belisário observava tudo ao redor.

Artesãos trabalhavam com uma precisão admirável diante de oficinas abertas para a rua. Ferreiros moldavam espadas, ferraduras e ferramentas sobre bigornas marcadas por décadas de uso. Escultores davam vida a blocos de mármore branco, enquanto mosaístas montavam pequenas peças coloridas que, aos poucos, revelavam imagens de imperadores, santos e antigos heróis da República.

Mais adiante, comerciantes anunciavam seus produtos em uma praça repleta de barracas.

Tecidos vindos da Gália.

Cerâmicas da Hispânia.

Vinhos da Sicília.

Azeites produzidos nas férteis planícies da África.

O comércio fazia o Império respirar.

Entre uma banca e outra, crianças corriam pelas ruas estreitas, improvisando batalhas com pequenos galhos de madeira.

— Eu sou Cipião! — gritou um menino.

— Então eu sou César! — respondeu outro, erguendo o "gládio" imaginário.

As gargalhadas ecoaram pela praça.

Caius observou a cena com um sorriso.

— Parece que esses começaram a treinar cedo.

Maximus riu discretamente.

Continuaram caminhando.

Em frente a uma pequena oficina de couro, um velho veterano interrompeu o trabalho.

Seu rosto era marcado por cicatrizes antigas, e a perna esquerda denunciava uma vida inteira de campanhas militares.

Ao ver Belisário, permaneceu imóvel por um instante.

Os olhos arregalaram-se em reconhecimento.

Não pronunciou uma única palavra.

Apenas levou lentamente o punho direito ao peito.

Na antiga saudação das legiões.

Belisário sustentou seu olhar por um breve instante.

Então respondeu da mesma maneira.

Sem dizer nada.

Poucos passos adiante, outro veterano fez o mesmo.

Depois um terceiro.

Um antigo porta-estandarte, agora dono de uma pequena taberna.

Um ferreiro que ainda usava, pendurada na parede da oficina, a espada desgastada de seus dias de serviço.

Nenhum deles ousou chamá-lo pelo nome.

Nenhum se aproximou.

Sabiam que havia discrição naquele encontro silencioso.

Mas todos repetiam o mesmo gesto.

Uma continência simples.

Respeitosa.

Entre soldados, não era preciso explicar quem era o homem que passava.

Caius percebeu que aquilo se repetia rua após rua.

Inclinou-se discretamente para Belisário.

— Achei que estivesse fugindo.

Belisário manteve os olhos à frente.

— Estou.

— Com todo respeito senhor, mas então por que continua respondendo a continência?

Belisário demorou alguns segundos para responder.

Quando falou, sua voz carregava mais humildade do que orgulho.

— Porque eles não estão saudando um fugitivo.

Seu olhar encontrou, por um instante, o de mais um velho legionário que lhe devolveu o mesmo gesto silencioso.

— Estão saudando um companheiro.

Por um breve momento, Belisário deixou de sentir o peso do exílio.

Naquelas ruas, entre homens que jamais haviam servido diretamente sob seu comando, compreendeu que sua reputação havia viajado muito antes dele.

E que, em Roma, a honra de um soldado ainda era uma língua compreendida por todos.

CAPÍTULO 18
O IMPERADOR DO OCIDENTE

Conduzidos pelo tribuno Maximus, Belisário e seus companheiros atravessaram os amplos corredores do Palácio Imperial.

Ao contrário dos luxuosos salões de Constantinopla, onde mármores coloridos, mosaicos dourados e sedas orientais competiam pela atenção de cada visitante, o palácio de Roma transmitia outra impressão.

As paredes eram revestidas por mármore claro.

Grandes colunas sustentavam o teto abobadado.

Estandartes das antigas legiões alternavam-se com os símbolos imperiais do Ocidente.

Havia riqueza.

Mas era uma riqueza discreta.

Construída para inspirar respeito, não deslumbramento.

Maximus parou diante de duas altas portas de bronze.

Voltou-se para Belisário.

— Sua Majestade os receberá agora.

Os guardas abriram lentamente as portas.

A luz da tarde inundou o grande salão.

No centro da sala, diante de um amplo mapa do mundo romano estendido sobre uma mesa de carvalho, encontrava-se o homem que governava o Império Romano do Ocidente.

Cassius Valerius.

Não estava sentado no trono.

Nem cercado por dezenas de cortesãos.

Vestia uma túnica branca de fino linho sob um manto púrpura preso por um broche de ouro em forma de águia.

À cintura, trazia uma espada cerimonial cuja empunhadura revelava sinais de uso, como se fosse mais do que um simples símbolo de autoridade.

Os cabelos castanhos começavam a ganhar discretos fios prateados nas têmporas.

Seu rosto exibia as marcas naturais da idade e da responsabilidade, mas o olhar permanecia firme e atento.

Assim que Belisário cruzou a porta, Cassius afastou-se da mesa.

Sem esperar qualquer anúncio formal.

Sem exigir reverências.

Caminhou ao encontro do general.

Belisário fez uma continência respeitosa.

Caius e Gunderic imitaram o gesto respeitosamente.

Antes que Belisário pudesse dizer qualquer palavra, Cassius tomou a iniciativa.

— General Flávio Belisário. E este devem ser seus acompanhantes...

— Caius e Gunderic, Majestade.

— É uma honra finalmente conhecê-los.

A voz era calma.

Sincera.

Belisário ergueu os olhos.

— A honra é nossa, Majestade.

Durante um breve instante, os dois permaneceram frente a frente.

Não havia desconfiança.

Não havia rivalidade.

Muito menos a necessidade de medir forças.

Apenas dois homens que conheciam a reputação um do outro muito antes daquele encontro.

Cassius foi o primeiro a romper o silêncio.

Um discreto sorriso surgiu em seu rosto.

— Confesso que imaginei nosso primeiro encontro em circunstâncias melhores.

Belisário permitiu-se um leve sorriso.

— Eu também.

O imperador fez um gesto simples em direção à grande mesa de mapas.

— Então deixemos as formalidades para outra ocasião.

Temos muito sobre o que conversar.

Belisário assentiu.

Caius e Gunderic naturalmente escolheram deixar Belisário avançar sozinho.

Enquanto se aproximava da mesa, percebeu que aquele encontro era diferente de qualquer audiência que tivera em Constantinopla.

Ali não se sentia diante de um soberano preocupado em proteger o próprio poder.

Sentia-se diante de um romano.

E por isso, teve a impressão de que seria ouvido antes de ser julgado.

Cassius caminhou lentamente até a grande mesa de carvalho no centro do salão.

Sobre ela, mapas ocupavam quase toda a superfície.

O Mediterrâneo estendia-se diante dos dois homens.

Pequenas peças de madeira marcavam legiões, fortalezas e rotas comerciais.

Belisário reconheceu imediatamente o cuidado com que aquele mapa havia sido preparado.

Não era um objeto de decoração.

Era um instrumento de governo.

Cassius apoiou as mãos sobre a mesa.

— Durante muitos anos acompanhei suas campanhas. África. Síria. Mesopotâmia. Cada vitória sua chegou até Roma antes mesmo dos mensageiros oficiais de Constantinopla.

Belisário ergueu discretamente as sobrancelhas.

— Não imaginava que minhas campanhas despertassem tanto interesse no Ocidente.

Cassius sorriu.

— Quando um general romano vence, pouco importa em qual metade do Império ele luta. A vitória pertence a Roma.

Houve um breve silêncio.

O imperador deslocou uma pequena peça de madeira sobre o mapa da África.

— A campanha contra os vândalos ainda é estudada em nossas academias militares. Derrotar um reino inteiro em poucos meses, preservando suas cidades, seus portos e sua produção... poucos comandantes teriam conseguido.

Belisário respondeu com humildade.

— A disciplina das legiões venceu aquela guerra. Não apenas o comandante.

Cassius assentiu.

— É exatamente por isso que eu desejava conhecê-lo.

Belisário voltou a atenção para o imperador.

Cassius respirou fundo antes de continuar.

— Nas últimas semanas, nossos serviços de inteligência capturaram diversos espiões vindos do Oriente. Alguns infiltrados entre mercadores. Outros entre peregrinos. Todos observando nossas fortalezas, nossas estradas e nossas guarnições.

Belisário franziu levemente a testa.

— Justiniano...

Cassius completou a frase.

— Está aumentando a pressão sobre nossas fronteiras. Não declarou guerra. Mas também já não age como um aliado.

O imperador caminhou até uma janela de onde se avistava parte da cidade.

— Durante muito tempo acreditei que isso fosse apenas excesso de cautela. Agora... já não tenho tanta certeza.

Voltou-se novamente para Belisário.

— Quando fui informado de sua fuga e, depois, de que atravessava a Itália em direção a Roma, pedi que meus homens o encontrassem antes que os agentes de Constantinopla o fizessem.

Belisário permaneceu em silêncio.

Cassius prosseguiu.

— Não porque eu desejasse um general famoso em minha corte. Mas porque imaginei que, juntos, talvez conseguíssemos compreender o que realmente está acontecendo no Oriente.

— E, quem sabe... encontrar uma maneira de impedir que romanos derramem o sangue de romanos.

As palavras permaneceram suspensas no salão.

Belisário se aproximou lentamente do mapa.

Seus olhos percorreram o Mediterrâneo.

As províncias da África.

O Oriente.

As fronteiras que defendera durante quase toda a vida.

— Passei décadas lutando contra persas, vândalos e povos que ameaçavam nossas fronteiras.

Sua voz tornou-se mais baixa.

— Nunca imaginei que o maior perigo para Roma pudesse nascer dentro dela.

Cassius aproximou-se da mesa.

Não havia qualquer traço de ambição em seu olhar.

Apenas preocupação.

— Roma não pode vencer uma guerra dessa proporção... não sozinha.

Belisário fitou o soberano por alguns instantes.

Naquele homem não via o orgulho calculado dos corredores de Constantinopla.

Via um governante que compreendia o verdadeiro custo de uma guerra entre irmãos.

Belisário começou a admitir que talvez existisse um caminho diferente da vingança.

Um caminho em que Roma pudesse voltar a ser uma só.

Sem que o preço fosse a destruição daquilo que ambos haviam jurado proteger.

O próprio povo romano.

Cassius contornou a grande mesa e caminhou até uma ampla janela voltada para o Fórum Romano.

Lá embaixo, senadores atravessavam a praça acompanhados por escribas e magistrados, enquanto cidadãos aguardavam o início de mais uma sessão.

O imperador apontou discretamente para o movimento.

— Todos os dias, antes de qualquer decisão importante, homens como aqueles atravessam esta praça.

Belisário acompanhou seu olhar.

— O Senado ainda possui tanta influência?

— Mais do que muitos imaginam.

Cassius sorriu de leve.

— O imperador governa. O Senado aconselha. Os magistrados administram. E as províncias participam das decisões que afetam suas próprias fronteiras.

Apoiado no parapeito da janela, continuou:

— Um único homem jamais conhecerá todas as necessidades de um império desta dimensão. Roma tornou-se grande porque sempre soube ouvir aqueles que a sustentavam.

Belisário permaneceu em silêncio.

Em Constantinopla, decisões semelhantes eram tomadas nos corredores do Grande Palácio, muitas vezes restritas à vontade do imperador e de seus conselheiros mais próximos.

Ali, porém, a autoridade parecia espalhar-se por toda a estrutura do Estado.

Era uma Roma diferente.

Não mais forte.

Nem mais fraca.

Apenas moldada por séculos de uma história que seguira outro caminho.

Belisário voltou-se para Cassius.

Compreendeu que estava diante de outra forma de preservar Roma.

O silêncio voltou a tomar conta do salão.

Os dois homens permaneceram alguns instantes diante do grande mapa do mundo romano, refletindo sobre tudo o que havia sido dito.

Subitamente, ouviu-se uma leve batida à porta.

Cassius ergueu os olhos.

— Entre.

Um oficial legionário entrou apressado, mas sem perder a compostura.

Levou o punho direito ao peito.

— Majestade. Recebemos um relatório da guarda da fronteira.

Cassius fez um gesto para que prosseguisse.

— Batedores localizaram um pequeno grupo de cavaleiros a poucas milhas da capital. Estão evitando as estradas principais. Acreditamos que estejam procurando alguém.

Belisário não precisou perguntar quem.

O oficial continuou:

— Nossas patrulhas já iniciaram a busca.

Cassius permaneceu em silêncio por um instante.

Então dispensou o mensageiro com um discreto aceno.

Assim que a porta se fechou, voltou-se para Belisário.

— Imagino que sejam os homens enviados para encontrá-lo.

Belisário assentiu lentamente.

— Também acredito.

Cassius cruzou os braços.

— Então permanecerá sob proteção imperial enquanto estiver em Roma. Nenhum homem tocará em você sem antes responder ao Império.

Belisário fitou o imperador por alguns segundos.

Agradeceu com um leve movimento de cabeça.

— Sou grato pela oferta, Majestade.

Mas não posso aceitá-la.

Cassius franziu discretamente a testa.

— Posso perguntar por quê?

Belisário aproximou-se da janela.

Observou a cidade que se estendia diante deles.

As ruas.

Os fóruns.

As casas.

As pessoas que seguiam suas vidas sem imaginar que uma nova guerra poderia nascer a qualquer momento.

Então respondeu:

— Porque não permitirei que Roma sangre por minha causa.

As palavras permaneceram suspensas no ar.

Cassius observou o antigo general em silêncio.

Naquele instante, compreendeu que o homem à sua frente continuava o mesmo comandante cuja reputação atravessara todo o mundo romano.

Um homem disposto a sacrificar a própria segurança para poupar vidas inocentes.

Um discreto sorriso surgiu em seu rosto.

— Talvez...

Fez uma breve pausa.

— Seja exatamente por isso que Roma ainda precise de você.

Belisário não respondeu.

Pela primeira vez desde que cruzara os portões da Cidade Eterna, começou a acreditar que seu destino talvez não fosse apenas sobreviver ao exílio.

Talvez ainda houvesse um caminho para servir Roma outra vez.

CAPÍTULO 19
CARTA AO ORIENTE

Na manhã seguinte, Belisário voltou ao Palácio Imperial.

Desta vez, não foi conduzido aos aposentos particulares de Cassius, mas a uma ampla sala circular onde os principais homens do governo já o aguardavam.

Ao redor da mesa estavam reunidos senadores, magistrados, governadores de províncias e antigos oficiais das legiões.

Cassius levantou-se assim que Belisário entrou.

— Senhores... Este é o general Flávio Belisário.

Por um breve instante, o salão permaneceu em silêncio.

Então, um dos senadores mais idosos levou lentamente o punho ao peito.

O gesto foi imediatamente repetido pelos demais.

Não era uma reverência ao fugitivo procurado por Constantinopla.

Era uma saudação ao homem que dedicara a vida inteira à defesa de Roma.

Belisário respondeu da mesma maneira.

Cassius apresentou cada um dos presentes.

Alguns haviam servido nas fronteiras do Reno.

Outros haviam administrado províncias durante décadas.

Havia também antigos comandantes que conheciam de perto o peso de uma campanha militar.

As conversas começaram naturalmente.

Belisário esperava encontrar homens desejosos de marchar imediatamente contra o Oriente.

Encontrou exatamente o oposto.

— Uma guerra entre os dois impérios destruiria séculos de trabalho — afirmou um dos senadores.

Outro completou:

— Não queremos conquistar Constantinopla. Queremos voltar a chamá-la de irmã.

Belisário ouviu atentamente.

Percebia que havia homens influentes dispostos a pensar além da vitória militar.

Quando todos ocuparam seus lugares, Cassius desenrolou um grande mapa sobre a mesa.

Pequenas peças de madeira marcavam fortalezas, estradas e destacamentos espalhados pelas fronteiras.

A discussão começou imediatamente.

Não se falava em invasão.

Nem em conquista.

Falava-se sobre estradas.

Abastecimento.

Reconstrução de fortalezas.

Proteção das províncias.

Rotas comerciais.

Belisário voltou a discutir logística em vez de fuga.

Voltou a calcular distâncias.

Tempos de marcha.

Linhas de suprimento.

Sentia-se novamente como um comandante.

A reunião transcorria em relativa tranquilidade quando a porta da sala abriu-se.

Um mensageiro entrou apressado, trazendo um pergaminho selado.

Entregou-o diretamente a Cassius.

O imperador rompeu o selo e percorreu rapidamente o texto.

Seu semblante tornou-se mais sério.

— Temos notícias da fronteira oriental.

O silêncio tomou conta da sala.

Cassius pousou o pergaminho sobre a mesa.

— Narses ordenou um ataque contra uma pequena cidade fronteiriça. Não foi uma invasão em grande escala. Apenas uma ofensiva rápida. A guarnição conseguiu conter o avanço, mas parte da cidade foi incendiada antes da retirada dos atacantes.

Belisário fechou lentamente a mão sobre a mesa.

Conhecia aquele padrão.

Aquilo não era uma tentativa de conquista.

Era um teste.

Uma provocação cuidadosamente calculada.

Uma forma de medir o tempo de resposta do Ocidente.

E, acima de tudo... uma maneira de manter as fronteiras sob constante pressão.

Cassius voltou-se para ele.

— O que pensa?

Belisário permaneceu alguns segundos em silêncio.

Então respondeu com firmeza.

— Narses não quer aquela cidade. Quer obrigá-los a espalhar suas legiões por toda a fronteira. Enquanto todos olham para os limites do Império... ele ganha tempo para preparar algo maior.

Um dos generais presentes franziu a testa.

— Acredita que isso seja apenas o começo?

Belisário assentiu.

— Conheço Narses. Ele nunca desperdiça homens em ataques sem propósito. Tudo o que faz prepara o movimento seguinte. Se continuarem apenas reagindo... quando perceberem, será tarde demais.

A sala mergulhou novamente em silêncio.

Cassius observou o antigo general por alguns instantes.

Aquele homem não falava como um exilado.

Nem como um conselheiro.

Falava como alguém que conhecia profundamente o comandante do outro lado da fronteira.

Belisário respirou fundo.

Seu olhar permaneceu fixo sobre o mapa.

Então, uma certeza começou a se formar.

O tempo estava se esgotando.

E, se ainda havia uma oportunidade de impedir que o mundo romano mergulhasse em uma guerra entre irmãos... ela não permaneceria aberta por muito mais tempo.

A noite já envolvia Roma quando Belisário retornou aos aposentos que Cassius lhe havia reservado no palácio.

O movimento dos corredores diminuíra.

As vozes dos soldados haviam sido substituídas pelo silêncio tranquilo que apenas as grandes cidades conheciam depois do pôr do sol.

Sobre a mesa repousavam os mapas estudados durante todo o dia.

O Ocidente.

O Oriente.

As antigas fronteiras do Império.

Ao lado deles, um pequeno tinteiro, uma pena e uma folha de pergaminho ainda em branco.

Belisário permaneceu alguns instantes imóvel.

A chama da lamparina oscilava suavemente com o vento que entrava pela janela aberta.

Seu olhar percorreu novamente os mapas.

As conversas com Cassius.

Os conselheiros.

As notícias sobre Narses.

Tudo indicava que o tempo começava a trabalhar contra eles.

Ainda assim... havia algo diferente naquela noite.

Depois de tantos meses vivendo como um homem perseguido, escondendo-se entre estradas, florestas e pequenas cidades, voltava a enxergar um caminho possível para Roma.

Sentou-se diante da mesa.

Molhou cuidadosamente a pena na tinta.

E começou a escrever.

À minha querida Antonina,

Espero que esta carta a encontre em segurança.

Cheguei a Roma sem incidentes. Fui recebido com respeito por homens que ainda acreditam que nosso povo pode voltar a caminhar unido, não pela força, mas pela razão.

Encontrei aqui pessoas dispostas a lutar por algo maior do que seus próprios interesses. Homens que compreendem que uma guerra entre romanos não produzirá vencedores, apenas ruínas.

Confesso que, desde o início da minha fuga, não imaginava voltar a sentir esperança.

Hoje posso dizer que ela ainda existe.

Belisário interrompeu a escrita por alguns segundos.

Pensou em Antonina.

Imaginou-a entre os corredores do Grande Palácio, cercada por homens que a vigiavam sem compreender que nenhuma prisão seria capaz de limitar sua inteligência.

Um discreto sorriso surgiu em seu rosto.

Voltou a escrever.

Creio que em breve nos encontraremos novamente.

Quando esse dia chegar... precisarei da sua ajuda.

A pena permaneceu suspensa sobre o pergaminho.

Não acrescentou qualquer explicação.

Se a carta fosse interceptada, aquelas poucas palavras já diziam mais do que deveriam.

Escreveu apenas a última frase.

Confio em você como sempre confiei.
Belisário

Com delicadeza, dobrou o pergaminho, aplicou o selo de cera, se encaminhou até o corredor e entregou a carta a um dos mensageiros pessoais de Cassius.

— Apenas nas mãos de Antonina — disse.

O homem levou o punho ao peito.

— Assim será, general. Nossos melhores espiões vão cuidar disso.

Belisário assentiu, então voltou para seus aposentos.

Ao longe, as luzes de Roma brilhavam sob o céu estrelado.

Em algum lugar do Oriente, Antonina travava sua própria batalha, cercada por inimigos invisíveis e alianças perigosas.

Logo, porém, seus caminhos voltariam a se cruzar.

E, quando esse momento chegasse, marido e esposa estariam mais uma vez lutando pelo mesmo ideal.

Não apenas um pelo outro.

Mas por Roma.

CAPÍTULO 20
FOGO DA BATALHA

Nos dias que se seguiram à chegada de Belisário, Lucius Drusus permaneceu em Roma.

Diferente das vezes anteriores, não caminhava pelas ruas procurando rastros.

Agora procurava respostas.

Sem revelar sua identidade, percorreu tavernas frequentadas por antigos legionários, visitou oficinas onde veteranos passavam os dias trabalhando como ferreiros e artesãos, conversou com comerciantes que haviam cruzado as mesmas estradas das campanhas militares e ouviu senadores que, anos antes, haviam acompanhado de longe as vitórias do general no Oriente.

Esperava encontrar versões diferentes.

Encontrou apenas uma.

— Belisário nunca tomou para si o mérito de uma vitória — afirmou um velho ferreiro enquanto moldava uma lâmina sobre a bigorna. — Sempre dizia que uma legião vence unida.

Em outra parte da cidade, um comerciante do oriente que abastecera o exército durante a campanha da África balançou a cabeça ao ouvir o nome do general.

— Poder? Se quisesse poder, teria aceitado títulos que muitos homens sonham possuir. Sempre preferiu voltar para seus soldados.

Mais tarde, um senador interrompeu a leitura de alguns pergaminhos para responder à mesma pergunta.

— Nunca ouvi falar de qualquer conspiração envolvendo Belisário. Ao contrário. Sua maior virtude sempre foi a lealdade.

As respostas mudavam de voz.

Mudavam de rosto.

Mas nunca de conteúdo.

Belisário jamais buscara o trono.

Jamais conspirara contra Roma.

Jamais abandonara seus homens.

À medida que o dia avançava, Lucius sentia uma inquietação crescer dentro de si.

Seria possível que todos estivessem mentindo?

Ou seria ele quem ouvira uma mentira desde o início?

Quando o sol já começava a descer sobre os telhados da cidade, encontrou um velho centurião sentado diante de uma pequena taberna.

Os cabelos grisalhos contrastavam com a postura ainda rígida de um homem acostumado à disciplina das legiões.

Lucius aproximou-se.

— Disseram-me que o senhor serviu sob o comando de Belisário.

O veterano ergueu os olhos.

Houve um breve silêncio antes de responder.

— Servi..., porém hoje sou apenas um veterano aposentado.

Lucius cruzou os braços.

— E acredita que ele seja inocente?

O velho soltou uma curta risada, como se a pergunta lhe parecesse absurda.

Depois fitou o jovem oficial com firmeza.

— Conheço Belisário há anos.

Fez uma pequena pausa.

— Se ele fosse um traidor...

Seu olhar percorreu lentamente as ruas de Roma antes de concluir:

— O Império inteiro já teria caído.

Lucius permaneceu imóvel.

A convicção daquele homem não era a de um admirador cego.

Era a de um soldado que marchara ao lado de seu comandante durante anos.

Ao deixar a taberna, caminhou sem rumo pelas ruas da Cidade Eterna.

As palavras do centurião continuavam ecoando em sua mente.

Permitiu-se considerar uma possibilidade que até então recusara aceitar.

E se Justiniano não tivesse contado toda a verdade?

Dois dias depois, o movimento na grande praça diante do Fórum Romano seguia intenso.

Comerciantes anunciavam seus produtos entre as bancas de frutas, tecidos e cerâmicas. Escribas copiavam documentos sob pequenas tendas de madeira. Crianças corriam entre as colunas de mármore enquanto

legionários patrulhavam as ruas com a tranquilidade de quem conhecia cada pedra da cidade.

Belisário caminhava sem pressa ao lado de Gunderic e Caius.

O tribuno Maximus havia lhes concedido algumas horas livres antes da próxima reunião com Cassius.

Gunderic observava uma oficina onde um velho armeiro afiava uma espada.

— Os ferreiros daqui trabalham melhor do que muitos armeiros reais que conheci.

Caius sorriu.

— Estamos em Roma. Seria estranho se fosse diferente.

Belisário apenas caminhava, admirando o cotidiano da cidade.

Era estranho ver uma capital romana onde as pessoas viviam sem medo da guerra.

Sem perceber, reduziu o passo ao alcançar o centro da praça.

Então sentiu uma presença familiar.

Ergueu lentamente os olhos.

Do outro lado da praça, um homem permanecia imóvel entre a multidão.

Vestia a mesma capa escura das longas semanas de perseguição.

A mão repousava sobre o cabo da spatha.

Lucius Drusus.

Os dois permaneceram em silêncio.

Ao redor deles, o movimento da praça continuava normalmente por alguns instantes.

Depois, pouco a pouco, alguns cidadãos perceberam que havia algo incomum.

Conversas cessaram.

Mercadores interromperam suas negociações.

Veteranos reconheceram Belisário e trocaram olhares discretos.

Sem que ninguém desse qualquer ordem, formou-se um amplo espaço vazio entre os dois.

Como se a própria multidão compreendesse que aquele encontro era inevitável.

Caius levou imediatamente a mão ao punho da spatha.

Gunderic fez o mesmo com o machado preso às costas.

Belisário, porém, não desviou os olhos de Lucius.

Nenhum dos dois pronunciou uma palavra.

Depois de meses de perseguição, emboscadas e fugas, já não havia necessidade de apresentações.

Bastava um olhar.

Ambos sabiam exatamente quem estava diante deles.

Lucius deu alguns passos à frente.

As sandálias tocaram lentamente as pedras da praça.

Parou a poucos metros de Belisário.

Ao redor deles, o silêncio tornava-se cada vez mais profundo.

Até mesmo as crianças haviam interrompido as brincadeiras.

Lucius manteve a mão sobre o cabo da spatha.

Seus olhos encontraram os do antigo general.

— Passei meses caçando um traidor.

Belisário permaneceu imóvel.

Seu rosto não demonstrava raiva.

Nem medo.

Apenas serenidade.

Lucius respirou profundamente antes de continuar.

— Agora...

baixou discretamente a cabeça.

— Já não sei se encontrei um.

As palavras ecoaram pela praça.

Gunderic lançou um rápido olhar para Caius.

Nenhum dos dois esperava ouvir aquilo.

Belisário observou Lucius durante alguns instantes.

Depois respondeu com a mesma calma.

— A verdade nunca pertence ao homem que chega primeiro.

Fez uma breve pausa.

— Pertence àquele que continua procurando.

Lucius absorveu aquelas palavras em silêncio.

Então descruzou lentamente a mão da bainha.

Seu polegar empurrou a guarda da espada.

O aço deslizou para fora com um som metálico que rompeu o silêncio da praça.

Não havia ódio em seus movimentos.

Nem desejo de vingança.

Somente a determinação de um soldado que precisava encontrar uma resposta.

Ergueu a lâmina diante do peito.

— Então permita que eu descubra.

Belisário compreendeu imediatamente.

Aquele duelo não decidiria apenas quem era o melhor espadachim.

Decidiria qual dos dois carregava consigo a verdade.

Sem desviar o olhar, levou a mão ao cabo de sua spatha.

E a desembainhou lentamente.

O som do aço deslizando ecoou pela praça.

No mesmo instante, Gunderic retirou o machado das costas e deu um passo à frente.

Caius desembainhou a espada, colocando-se ao lado de Belisário.

Lucius permaneceu imóvel.

Não desviou a atenção do general nem por um instante.

Antes que qualquer um dos dois pudesse avançar, Belisário ergueu a mão.

— Não.

Gunderic voltou-se para ele, surpreso.

— General...

Belisário balançou levemente a cabeça.

— Este combate é meu.

Caius hesitou por um instante.

Depois baixou lentamente a espada.

Belisário caminhou alguns passos até ocupar o centro do espaço aberto pela multidão.

Seus olhos permaneceram fixos em Lucius.

— As verdadeiras intenções de um homem...

Fez uma breve pausa.

— Só podem ser reveladas no fogo da batalha.

Lucius sustentou seu olhar.

Em seguida, levou o punho direito ao peito na antiga continência das legiões.

Belisário respondeu ao gesto com o mesmo respeito.

Durante um breve instante, não eram caçador e fugitivo.

Nem inimigos.

Eram apenas dois soldados romanos.

Então ambos assumiram posição.

A praça inteira prendeu a respiração.

O silêncio foi rompido pelo som das espadas.

Lucius avançou primeiro.

Não com força.

Com velocidade.

Sua lâmina descreveu um arco rápido em direção ao ombro de Belisário.

As espadas se encontraram pela primeira vez.

O choque do aço ecoou por toda a praça.

Lucius não lhe deu tempo para responder.

Mudou imediatamente o ângulo do ataque.

Depois outro.

E mais outro.

Cada golpe surgia de uma direção diferente, obrigando Belisário a defender-se sem encontrar espaço para contra-atacar.

Ao redor deles, a multidão recuava em silêncio.

Veteranos que observavam a cena trocaram olhares discretos.

A técnica de Lucius era impecável.

Rápida.

Precisa.

Construída para cansar o adversário antes do golpe decisivo.

Belisário, porém, não parecia preocupado.

Limitava-se a defender cada ataque com movimentos mínimos, economizando força e distância.

Como um velho mestre que conhecia o ritmo da batalha melhor do que o próprio tempo.

O combate tornou-se mais intenso.

Agora era Belisário quem avançava.

Sua espada não era tão veloz quanto a de Lucius.

Era inevitável.

Cada movimento obrigava o veterano a recuar exatamente para onde Belisário desejava.

Golpe.

Defesa.

Outro golpe.

Outra defesa.

As lâminas cruzavam-se tão rapidamente que faíscas escapavam a cada choque.

Gunderic observava de braços cruzados.

Um discreto sorriso surgiu em seu rosto.

— Primeira vez que o vejo assim novamente...

Caius não desviava os olhos da luta.

— O quê?

— Belisário está lutando como nos antigos tempos... como um General.

Na praça, os veteranos começaram a perceber a mesma coisa.

Lucius atacava onde havia uma abertura.

Belisário respondia criando outra.

Era como assistir a uma partida de estratégia jogada com espadas.

Ninguém conseguia prever quem venceria.

Mas todos compreendiam que estavam diante de dois homens extraordinários.

Lucius respirava com dificuldade.

O ritmo frenético dos primeiros ataques começava a cobrar seu preço.

Belisário permanecia sereno.

Esperando.

Então aconteceu.

Lucius tentou um golpe alto para atrair a defesa.

Mudou rapidamente a direção da lâmina e atacou pelo flanco.

Era uma técnica elegante.

Rápida.

Quase impossível de antecipar.

Quase.

Belisário deu apenas meio passo para a esquerda.

As espadas deslizaram uma contra a outra.

Com um giro preciso do pulso, desviou completamente a lâmina de Lucius.

Antes que o jovem oficial pudesse recuperar a guarda, Belisário avançou.

O pomo de sua espada atingiu o punho do adversário.

A arma escapou da mão de Lucius.

Girou no ar.

E caiu sobre as pedras da praça com um ruído metálico.

No mesmo instante, Belisário deu mais um passo.

A ponta de sua espada repousou suavemente contra o pescoço de Lucius.

Nenhum golpe adicional.

Nenhum movimento desnecessário.

O combate havia terminado.

Um silêncio absoluto tomou conta da praça.

Nem mesmo o vento parecia ousar atravessar aquele instante.

Lucius permaneceu imóvel.

Sentia a ponta fria da espada repousar contra seu pescoço.

Bastaria um único movimento.

Um único impulso.

E tudo terminaria.

Lentamente, fechou os olhos.

Não havia medo.

Apenas aceitação.

Falhara em sua missão.

Perdera o duelo.

Estava pronto para receber o destino reservado aos derrotados.

Os segundos passaram.

Mas o golpe nunca veio.

Em vez do aço avançando, ouviu um som inesperado.

Belisário recolheu a espada.

A lâmina deslizou lentamente de volta à bainha.

Lucius abriu os olhos.

O antigo general permanecia diante dele, sereno, como se a vitória não lhe trouxesse qualquer satisfação pessoal.

Belisário sustentou seu olhar.

Então falou com voz firme.

— Se eu fosse o homem que disseram...

Fez uma breve pausa.

— Você já estaria morto.

As palavras ecoaram pela praça.

Nenhuma voz respondeu.

Nenhum espectador ousou romper o silêncio.

Lucius fitou o homem à sua frente.

Durante meses acreditara perseguir um conspirador.

Um traidor.

Um homem disposto a incendiar o Império por ambição.

Mas o homem que acabara de vencer podia tê-lo matado.

E escolhera não fazê-lo.

Naquele instante, todas as dúvidas desapareceram.

Lentamente, Lucius soltou o ar.

Depois ajoelhou-se.

Não em sinal de rendição.

Nem diante de um vencedor.

Ajoelhou-se diante da verdade que finalmente encontrara.

O silêncio da praça foi interrompido pelo som de sandálias contra as pedras.

Um destacamento de legionários surgiu correndo pelas ruas laterais.

Ao reconhecerem Lucius armado diante de Belisário, imediatamente formaram um círculo ao redor dos dois.

As espadas deixaram as bainhas quase ao mesmo tempo.

O comandante da patrulha avançou alguns passos.

Levou o punho ao peito em continência.

— General.

Seus olhos alternaram entre Belisário e Lucius.

— Quais são as ordens?

Belisário respondeu sem hesitar.

— Ninguém o matará.

Os legionários trocaram olhares de surpresa.

O comandante permaneceu imóvel, aguardando.

Belisário então voltou-se para Lucius.

— Prendam-no.

Fez uma breve pausa.

— Não o machuquem.

A ordem foi recebida com um instante de hesitação.

Mas nenhum soldado a questionou.

As espadas foram abaixadas.

Dois legionários aproximaram-se de Lucius sem violência.

Lucius ergueu lentamente a cabeça.

Seus olhos encontraram os de Belisário.

Quando falou, sua voz já não carregava a firmeza do caçador.

— Passei meses perseguindo um homem inocente.

O silêncio voltou a dominar a praça.

Lucius respirou fundo antes de completar:

— O traidor nunca foi você.

Belisário sustentou seu olhar.

Não havia triunfo em seu rosto.

Nem ressentimento.

Apenas a serenidade de quem esperara por aquele momento desde o início da perseguição.

— Ainda há tempo para escolher o lado certo.

Lucius fechou os olhos por um breve instante.

Depois abaixou a cabeça.

Não como um homem derrotado.

Mas como um romano que, depois de uma longa jornada, finalmente encontrara a verdade que procurava desde o primeiro dia em que empunhara a espada contra Belisário.

CAPÍTULO 21
O TEMPO DAS DECISÕES

Nos meses que se passaram, o inverno cedeu lentamente lugar à primavera.

A neve desapareceu dos campos ao redor de Roma, dando espaço ao verde que voltava a cobrir as colinas do Lácio. As estradas tornaram-se novamente transitáveis, e, com elas, aumentou também o fluxo de homens, mercadorias e notícias vindas de todas as províncias do Império.

Roma voltou a respirar.

Mas respirava como um soldado antes da batalha.

Durante aqueles meses, as muralhas foram reforçadas pedra por pedra.

Fortalezas receberam novas guarnições.

Torres de vigia foram reconstruídas.

Ferreiros trabalhavam do nascer ao pôr do sol, e muitas de suas forjas permaneciam acesas durante toda a noite, moldando espadas, lanças, escudos e armaduras para legiões que cresciam a cada semana.

Nos campos ao redor da cidade, novos recrutas aprendiam a marchar em formação.

Veteranos corrigiam posturas.

Centuriões repetiam ordens até que cada movimento fosse executado com precisão absoluta.

Roma preparava seus filhos.

Belisário tornou-se presença constante ao lado do imperador Cassius.

Percorreu muralhas.

Inspecionou fortalezas nas fronteiras mais próximas.

Reorganizou depósitos de suprimentos.

Treinou oficiais.

Corrigiu planos defensivos.

Propôs novas linhas de abastecimento entre as províncias ocidentais, reduzindo o tempo necessário para mover homens e mantimentos em caso de guerra.

Todas as manhãs, novos mensageiros atravessavam os portões do Palácio Imperial.

Traziam pergaminhos lacrados de todas as partes do Ocidente.

Sobre a grande mesa da sala de estratégia, mapas eram constantemente atualizados.

Pequenos marcadores mudavam de posição quase todos os dias.

Ao mesmo tempo, as notícias tornavam-se cada vez mais preocupantes.

Uma vila saqueada na Dalmácia.

Uma patrulha desaparecida nos Alpes.

Uma ponte incendiada na Panônia.

Navios mercantes atacados no Adriático.

Espiões infiltrados no Oriente confirmavam uma movimentação incomum de tropas próximas às fronteiras.

Ainda não era uma invasão.

Mas também já não eram incidentes isolados.

Narses permanecia invisível.

Nenhuma grande ofensiva.

Nenhuma batalha decisiva.

Apenas pequenos golpes, cuidadosamente distribuídos, obrigando Roma a dividir sua atenção por toda a extensão de suas fronteiras.

Belisário reconhecia aquele padrão.

Era exatamente o tipo de campanha que antecedia uma guerra de grandes proporções.

Enquanto isso, o Senado reunia-se repetidas vezes.

Alguns senadores defendiam uma ofensiva imediata contra Constantinopla antes que Justiniano estivesse preparado.

Outros insistiam que ainda havia espaço para negociações.

Cassius ouvia cada argumento sem interromper ninguém.

Fazia perguntas.

Pedia relatórios.

Consultava seus generais.

Mas, ao final de cada sessão, adiava qualquer decisão definitiva.

A guerra ainda não havia começado.

Entretanto, todos já podiam senti-la.

Numa noite silenciosa, Belisário permaneceu sozinho na sala de estratégia.

Diante dele, um enorme mapa do mundo romano ocupava quase toda a mesa.

Pequenos estandartes marcavam fortalezas, rotas de abastecimento e concentrações conhecidas de tropas inimigas.

Seus olhos percorreram lentamente as fronteiras do Império.

Depois pararam sobre Constantinopla.

Havia muito tempo Justiniano deixara de caçá-lo.

Agora preparava algo muito maior.

Não desejava apenas eliminar um homem.

Preparava-se para lançar romanos contra romanos.

Belisário permaneceu imóvel por longos instantes.

Desde o início de seu exílio, acreditara que bastaria sobreviver para encontrar uma solução.

Agora compreendia que cada dia de espera fortalecia o inimigo.

O tempo deixara de ser um aliado.

Trabalhava, silenciosamente, a favor de Constantinopla.

A noite já avançava quando os últimos membros do conselho deixaram o Palácio Imperial.

As brasas das grandes lareiras ainda iluminavam a sala de estratégia, onde Belisário permanecia sozinho diante dos mapas espalhados sobre a mesa.

Os olhos percorriam estradas, fortalezas e fronteiras.

Sua mente permanecia em Constantinopla.

Uma batida discreta interrompeu o silêncio.

— Entre.

A porta abriu-se apenas o suficiente para a entrada de um mensageiro da guarda imperial.

O homem aproximou-se em silêncio e estendeu um pequeno pergaminho lacrado.

— Acaba de chegar do Oriente, general.

Belisário agradeceu com um leve gesto de cabeça.

Assim que ficou sozinho novamente, seus olhos reconheceram imediatamente o selo.

Antonina.

Durante um instante, permaneceu imóvel.

Depois rompeu cuidadosamente a cera.

A caligrafia era inconfundível.

Belisário,
Continuo onde sempre estive.
Nas sombras.

Um discreto sorriso surgiu em seu rosto.

Era exatamente a maneira como ela começaria uma carta.

Continuou a leitura.

Antonina relatava que alguns oficiais ainda permaneciam leais à memória do general.

Servidores do palácio.

Escribas.

Guardas.

Homens e mulheres que, silenciosamente, continuavam enviando informações para o Ocidente.

As notícias, porém, eram cada vez mais preocupantes.

Justiniano mobilizava arsenais.

Convocava novos contingentes.

Navios deixavam os estaleiros quase diariamente.

As províncias orientais aumentavam a arrecadação de suprimentos.

Tudo apontava para uma campanha em larga escala.

A guerra aproximava-se.

Belisário respirou lentamente antes de prosseguir.

As últimas linhas eram curtas.

Quase íntimas.

Sempre soubemos qual seria o único caminho.
Apenas esperávamos nunca precisar percorrê-lo.

Ele permaneceu em silêncio.
Continuou lendo.

Enquanto um único homem acreditar que Roma lhe pertence...
Jamais haverá paz para os romanos.

Belisário fechou os olhos por um breve instante.
Não era uma ordem.
Nunca seria.
Antonina jamais lhe pediria vingança.
Ela apenas colocava diante dele uma verdade que ambos evitavam aceitar desde o início do exílio.
Se o Império ainda pudesse ser salvo, não bastaria defender suas fronteiras.
Seria necessário libertá-lo da ambição de quem a transformara em propriedade pessoal.
As últimas linhas eram ainda menores.

Você sabe o que precisa fazer.
E eu também.
Quando chegar a hora...
Estarei pronta.

Belisário releu a carta lentamente.
Depois dobrou o pergaminho com o mesmo cuidado com que o abrira.
Aproximou-se da janela.
Lá fora, Roma permanecia desperta.
As tochas iluminavam as ruas.
Guardas percorriam as muralhas.

Ao longe, era possível ouvir o som ritmado dos martelos nas forjas que continuavam trabalhando noite adentro.

A Cidade Eterna preparava-se para sobreviver.

Mas sobreviver já não bastava.

Belisário voltou à mesa.

Seu olhar repousou sobre o grande mapa do Império.

Dois nomes dominavam seus pensamentos.

Roma.

Constantinopla.

Durante meses procurara uma maneira de impedir uma guerra entre romanos.

Naquela noite, finalmente compreendeu que não poderia evitá-la.

Mas talvez ainda pudesse decidir como ela terminaria.

Na manhã seguinte, antes mesmo do nascer do sol, enviou um pedido formal ao imperador Cassius Valerius.

Solicitava a convocação de uma sessão extraordinária do Senado Romano.

Chegara o momento de deixar de proteger Roma.

Era hora de reuni-la para guerra.

O sol ainda despontava sobre os telhados de Roma quando o primeiro sino ecoou pela cidade.

Seu som grave espalhou-se entre os fóruns, atravessou as pontes sobre o Tibre e alcançou bairros onde artesãos começavam a abrir suas oficinas e comerciantes organizavam as mercadorias do dia.

Poucos instantes depois, outro sino respondeu.

E então outro.

Não era um chamado religioso.

Nem um alerta militar.

Era o sinal reservado às grandes sessões do Senado Romano.

Logo os arautos deixaram o Capitólio.

Vestindo as cores do Estado, percorriam as principais vias da cidade acompanhados por mensageiros montados, que levavam cópias do decreto imperial às repartições públicas, quartéis e residências dos magistrados.

A notícia espalhou-se com rapidez.

Por ordem do imperador Cassius Valerius, o Senado reuniria uma sessão extraordinária antes do meio-dia.

Nenhuma justificativa acompanhava a convocação.

E justamente por isso, Roma começou a falar.

Nas bancas do mercado, mercadores interrompiam negociações para trocar especulações.

Nas oficinas, os martelos diminuíam de ritmo enquanto os ferreiros discutiam o motivo da reunião.

Veteranos reunidos diante das tabernas recordavam campanhas antigas e tentavam adivinhar o que estava por vir.

— É por causa do Oriente.

— Ouvi dizer que novas tropas foram vistas perto da fronteira.

— Dizem que Belisário falará diante do Senado.

— Talvez Cassius finalmente declare guerra.

Cada homem parecia possuir uma versão diferente dos acontecimentos.

Nenhum sabia ao certo o que seria decidido.

Mas todos percebiam que algo mudara.

Até mesmo os legionários destacados para a guarda da cidade caminhavam com uma seriedade incomum, como se compreendessem que aquele não seria um dia qualquer.

Enquanto Roma despertava envolta em rumores, os corredores do Senado recebiam seus primeiros funcionários.

Escribas organizavam pergaminhos.

Servidores preparavam os assentos.

Guardas assumiam seus postos diante das grandes portas de bronze.

A antiga máquina do Estado começava, lentamente, a entrar em movimento.

E, por toda a Cidade Eterna, espalhava-se a mesma sensação silenciosa.

Naquele dia, o destino de Roma começaria a ser decidido.

Os primeiros raios da manhã atravessavam as janelas dos aposentos reservados a Belisário no Palácio Imperial quando Caius terminou de ajustar a última fivela da armadura.

Não era a couraça marcada pelas campanhas da África e do Oriente.

Nem a armadura desgastada que o acompanhara durante os meses de exílio.

Naquele dia, vestia uma antiga armadura cerimonial romana.

As placas de metal polido refletiam suavemente a luz da manhã. O manto vermelho caía sobre os ombros com a sobriedade reservada aos generais de mais alta patente, enquanto o broche dourado que prendia a capa ostentava a águia imperial do Ocidente.

Belisário observou seu próprio reflexo na lâmina cuidadosamente polida de um escudo.

Havia muito tempo não usava aquela tipo de armadura.

Ela não fora feita para a guerra.

Fora feita para representar o Império.

Caius deu um passo para trás, satisfeito com o resultado.

— Está pronto, general.

Antes que Belisário pudesse responder, Gunderic entrou na sala já vestindo sua cota de malha e o inseparável machado preso às costas.

O germânico analisou a armadura por alguns instantes.

Depois sorriu de lado.

— Confesso que continuo preferindo batalhas a discursos.

Belisário permitiu-se um discreto sorriso.

Ajustou o manto sobre os ombros antes de responder.

— Hoje também lutaremos.

Gunderic arqueou uma sobrancelha.

Belisário completou calmamente:

— Só que sem espadas.

Por um instante, os três permaneceram em silêncio.

Cada um compreendia que o combate daquele dia seria diferente.

Nenhuma muralha seria conquistada.

Nenhuma carga de cavalaria decidiria o destino de Roma.

As palavras fariam o trabalho das lâminas.

Belisário respirou fundo.

Então colocou as mãos para trás e caminhou em direção à porta.

Caius e Gunderic seguiram logo atrás.

Ao deixarem o palácio, as ruas da Cidade Eterna já estavam completamente despertas.

E, em toda Roma, milhares de olhos voltavam-se discretamente para o homem e sua escolta que caminhavam em direção ao Senado.

Assim que Belisário deixou os portões do Palácio Imperial, Roma pareceu mudar de ritmo.

Não porque as ruas tivessem parado.

Mas porque todos passaram a observá-lo.

À sua frente caminhavam alguns legionários da guarda imperial, abrindo discretamente o caminho entre a multidão. Logo atrás seguiam Caius e Gunderic, enquanto Belisário mantinha o mesmo passo sereno de um homem acostumado a marchar muito mais do que a desfilar.

As pessoas afastavam-se em silêncio para lhe dar passagem.

Um grupo de crianças interrompeu uma brincadeira e acompanhou sua caminhada com os olhos cheios de curiosidade.

Um velho artesão retirou lentamente o avental de couro antes de inclinar respeitosamente a cabeça.

Mercadores cessaram as negociações por alguns instantes.

Até os animais que puxavam carroças pareciam diminuir o passo diante do inesperado silêncio que se espalhava pela rua.

Mais adiante, um pequeno grupo de veteranos deixava uma taberna.

Ao reconhecer Belisário, nenhum deles pronunciou seu nome.

O mais velho levou o punho direito ao peito.

Os demais repetiram imediatamente a antiga continência das legiões.

Belisário respondeu ao gesto com a mesma solenidade.

Sem palavras.

Não era necessária nenhuma.

À medida que avançava pelas ruas da Cidade Eterna, aquele gesto repetia-se inúmeras vezes.

Um veterano.

Depois outro.

E mais outro.

Homens que jamais haviam servido sob seu comando prestavam continência não ao general do Oriente.

Nem ao homem perseguido por Justiniano.

Mas ao romano que escolhera colocar Roma acima de si mesmo.

Belisário sentia o peso daqueles olhares.

Poucos meses antes, cruzara aquelas mesmas ruas como um exilado em busca de abrigo.

Agora caminhava entre cidadãos que depositavam nele algo muito maior do que confiança.

Depositavam esperança.

Não a esperança de vencer uma batalha.

Mas a de impedir que Roma voltasse a se fragmentar novamente.

A longa avenida começou a subir em direção ao Capitólio.

Pouco a pouco, o murmúrio da cidade ficou para trás.

Então, entre as colunas de mármore e os estandartes vermelhos que tremulavam ao vento da

manhã, surgiu o edifício que havia governado Roma por séculos.

As grandes portas de bronze abriram-se lentamente.

E toda a história do Império parecia aguardá-lo do outro lado.

Belisário atravessou o umbral do Senado Romano acompanhado por Caius e Gunderic, que permaneceram próximos à entrada, respeitando o protocolo reservado aos convidados da sessão.

Durante alguns instantes, seus olhos percorreram o salão.

O edifício não possuía o esplendor dourado dos grandes palácios de Constantinopla.

Não havia cúpulas revestidas de mosaicos.

Nem colunas cobertas por pedras preciosas.

A imponência daquele lugar nascia de algo muito mais antigo.

Filas de colunas de mármore sustentavam um teto alto de madeira escura, marcado pelo tempo e pela história. Entre elas, estandartes vermelhos exibiam a águia de Roma ao lado das antigas insígnias do Senado. Bustos de cônsules, generais, legisladores e imperadores do passado observavam silenciosamente o recinto, como se cada geração continuasse julgando a seguinte.

Nada ali parecia construído para glorificar um homem.

Tudo parecia existir para lembrar que Roma sobrevivera a milhares deles.

Belisário caminhou lentamente pelo corredor central.

Cada passo ecoava sobre o piso de pedra polida.

À sua esquerda e à direita, os assentos começavam a ser ocupados.

Senadores vestindo largas faixas púrpuras conversavam em voz baixa enquanto consultavam pergaminhos.

Governadores provinciais trocavam relatórios sobre suas regiões.

Magistrados organizavam documentos que seriam apresentados durante a sessão.

Prefeitos urbanos discutiam questões de abastecimento e segurança da capital.

Tribunos militares conversavam discretamente com generais responsáveis pelas fronteiras.

Não havia gritos.

Não havia bajulação.

Nem homens disputando quem estava mais próximo do imperador.

Cada autoridade conhecia exatamente seu lugar.

Cada função existia para servir ao Estado.

Belisário observava tudo em silêncio.

Em Constantinopla, aprendera que a maioria das decisões nascia da vontade de um único homem.

Ali, porém, percebia algo diferente.

O imperador governava.

O Senado deliberava.

Os magistrados administravam.

Os generais executavam.

As instituições sustentavam umas às outras como as pedras de um mesmo arco.

Naquele instante, compreendeu por que o Ocidente permanecera de pé durante tantos séculos.

Ali não existia uma corte.

Ali existia um Estado.

O murmúrio contido que preenchia o salão cessou quase instantaneamente.

Um oficial da guarda bateu o bastão cerimonial contra o piso de pedra.

As grandes portas ao fundo abriram-se.

Todos se levantaram.

Cassius Valerius entrou no recinto com passos firmes.

Não trazia uma coroa sobre a cabeça.

Não era precedido por músicos, servos ou demonstrações de riqueza.

Vestia apenas o manto púrpura reservado ao imperador e uma simples túnica branca sob ele. À cintura, nenhuma espada.

A única insígnia de sua autoridade era a águia de ouro presa ao ombro do manto.

Caminhou pelo corredor central cumprimentando discretamente alguns senadores e magistrados com um leve movimento de cabeça, como um homem que conhecia pessoalmente aqueles com quem governava.

Ao alcançar seu lugar, voltou-se para o plenário.

Fez uma breve continência ao Senado.

Só então tomou assento.

Naquele mesmo instante, o presidente da sessão levantou-se e declarou oficialmente iniciados os trabalhos.

Belisário acompanhava tudo em silêncio.

CAPÍTULO 22
O EXÉRCITO DA ÁGUIA

O presidente da sessão levantou-se.

Seu olhar percorreu o plenário antes de repousar sobre o general.

— Flávio Belisário.

O Senado o escuta.

Belisário respirou profundamente.

Deixou seu lugar e caminhou lentamente pelo corredor central.

O som de suas sandálias sobre a pedra ecoava pelo grande salão.

Centenas de olhos o acompanhavam.

Senadores.

Governadores.

Magistrados.

Tribunos.

Generais.

E, ao centro de todos eles, Cassius Valerius observava em absoluto silêncio.

Belisário parou diante do Senado.

Por alguns instantes, nenhuma palavra foi pronunciada.

Então ergueu a cabeça.

— Durante anos...

sua voz ecoou firme pelo recinto.

— Lutei por um homem.

O silêncio tornou-se ainda mais profundo.

— Acreditei que servir ao imperador era servir a Roma, servir a Constantinopla.

Fez uma breve pausa.

— Depois, quando fui traído, lutei por vingança.

Os olhos de muitos senadores permaneceram fixos nele.

Belisário respirou lentamente.

— Hoje compreendo que nenhuma dessas guerras trará paz ao nosso povo.

Foi então que levou a mão ao punho da espada.

Um discreto murmúrio percorreu o plenário.

Alguns generais instintivamente tocaram as próprias armas.

Guardas enrijeceram a postura.

Belisário desembainhou lentamente a espada.

O aço brilhou sob a luz que atravessava as altas janelas do Senado.

Durante um instante, toda Roma pareceu prender a respiração.

Em seguida, com um movimento calmo e deliberado, ajoelhou-se.

Segurou a espada pelas duas mãos.

E depositou-a sobre o piso de pedra diante do Senado Romano.

O som metálico da lâmina tocando o chão ecoou por todo o salão.

Nenhum homem se moveu.

Naquele instante, Belisário não entregava sua espada.

Entregava o direito de decidir por quem ela voltaria a ser empunhada.

Levantou-se novamente.

Seus olhos percorreram lentamente o plenário.

— Conheço Justiniano.

— Conheço seus exércitos.

— Conheço suas fortalezas.

Cada frase parecia pesar mais do que a anterior.

— Conheço também sua ambição.

Fez uma breve pausa.

— Se ainda existe alguém capaz de pôr fim a esta guerra...

Seus olhos encontraram os de Cassius.

Depois voltaram-se para todo o Senado.

— Sou eu.

O silêncio permaneceu absoluto.

Belisário continuou.

— Não peço um império.

— Não peço uma coroa.

Respirou profundamente.

Então pronunciou as palavras que mudariam o destino de Roma.

— Peço apenas os homens necessários para devolver o Império ao povo.

Nenhuma voz respondeu.

Nenhum aplauso rompeu o silêncio.

Durante longos instantes, ouviu-se apenas o peso daquelas palavras ecoando entre as antigas colunas do Senado, como se a própria história aguardasse a resposta de Roma.

As palavras de Belisário ainda pareciam suspensas no ar, ecoando entre as antigas colunas do Senado.

O presidente da sessão levantou-se.

— A palavra está aberta.

O primeiro a erguer-se foi um dos senadores mais antigos da República. Seus cabelos completamente brancos contrastavam com a faixa púrpura da toga, e a idade avançada não diminuía a firmeza de sua voz.

— Ninguém nesta Casa questiona a honra do general Belisário.

Fez uma breve pausa.

— Tampouco ignoramos os crimes cometidos por Justiniano.

Seu olhar percorreu lentamente o plenário.

— Mas Roma já sangrou demais. Outra guerra entre romanos poderá destruir justamente aquilo que desejamos preservar. A paz, senhores, também pode ser uma vitória. Vale a pena arriscar milhares de vidas quando ainda existe a possibilidade da diplomacia?

Sentou-se.

Logo em seguida, um veterano levantou-se.

Sua resposta veio sem hesitação.

— A diplomacia exige dois homens dispostos a negociar. Justiniano não é um deles.

Alguns murmúrios de aprovação espalharam-se pelo salão.

O general continuou.

— Enquanto debatemos nesta Casa, ele fortalece muralhas, recruta soldados e prepara novas campanhas.

Olhou diretamente para os senadores.

— A guerra já começou. A única diferença é que ainda fingimos não enxergá-la. Quanto mais Roma esperar... mais sangue romano será derramado.

As discussões sucederam-se durante longos minutos.

Um governador temia que uma nova campanha comprometesse o abastecimento das províncias.

Outro lembrava que a divisão do Império alimentava invasões nas fronteiras.

Magistrados discutiam custos, tribunos avaliavam a capacidade das legiões, senadores ponderavam riscos políticos e militares.

Não havia unanimidade.

Nem discursos inflamados.

Apenas homens tentando decidir o destino de uma civilização.

Belisário permaneceu imóvel diante do Senado.

Não tentou convencer ninguém.

Já havia dito tudo o que precisava dizer.

Cassius também permaneceu em silêncio.

Sentado em seu lugar, escutava cada argumento sem interromper qualquer orador.

E, à medida que o debate avançava, tornava-se evidente que a decisão que sairia daquele salão mudaria o destino do Império para sempre.

Quando o último senador retomou seu lugar, o salão mergulhou novamente em silêncio.

Durante alguns instantes, ninguém se moveu.

O debate havia terminado.

Agora cabia ao imperador cumprir o papel que a tradição lhe reservava.

Cassius Valerius levantou-se lentamente.

Não falou de imediato.

Seu olhar percorreu cada fileira do Senado, como se desejasse gravar na memória os homens que haviam participado daquela decisão.

Depois voltou-se para Belisário.

Por fim, fitou todo o plenário.

Quando falou, sua voz era firme, mas desprovida de qualquer solenidade teatral.

— Hoje ouvimos homens prudentes.

— Homens que desejam a paz.

— E homens que compreendem que, às vezes, a paz precisa ser defendida.

Fez uma breve pausa.

— Ambos servem igualmente a Roma.

O silêncio permaneceu absoluto.

— Um imperador pode comandar exércitos. Pode administrar um império. Pode até conduzir seu povo em tempos difíceis. Mas nenhum imperador deve decidir sozinho o destino de Roma. Enquanto esta Casa existir... Roma continuará pertencendo aos romanos.

As palavras permaneceram suspensas por alguns instantes.

Então Cassius voltou-se diretamente para Belisário.

— O Senado ouviu seu pedido.

Olhou novamente para os senadores.

— E eu ouvi o Senado.

Respirou profundamente antes de pronunciar a decisão.

— Roma não marchará para conquistar Constantinopla.

Sua voz ecoou entre as colunas de mármore.

— Roma marchará para libertar Constantinopla.

Por um breve instante, o salão permaneceu imóvel.

Então o presidente da sessão ergueu a voz.

— Os que aprovam a proposta... que permaneçam como estão.

Nenhum senador se levantou.

O silêncio tornou-se, naquele dia, a forma mais poderosa de aprovação.

O presidente fez uma discreta inclinação de cabeça.

— A proposta está aprovada.

Cassius deu mais um passo à frente.

— Flávio Belisário. Pela autoridade do Senado e do Povo Romano... eu o nomeio General da Campanha de Reunificação do Império. Você não marchará como servo de um imperador. Marchará como General do Senado e do Povo Romano.

Belisário levou lentamente o punho ao peito.

Nenhuma palavra seria suficiente para responder àquela honra.

A sessão foi oficialmente encerrada.

Pouco a pouco, senadores, magistrados e governadores começaram a deixar seus lugares.

Belisário permaneceu imóvel por alguns instantes.

Então caminhou até o centro do salão.

A espada ainda repousava sobre o piso de pedra, exatamente onde a havia depositado.

Ajoelhou-se.

Segurou novamente o punho da arma.

Quando a recolocou à cintura, compreendeu que aquele aço já não pertencia ao homem que um dia jurara servir.

Nem ao guerreiro consumido pela vingança que havia acabado de perder seu amigo.

Pertencia a Roma.

Ao atravessar as grandes portas do Senado, o som grave dos sinos da Cidade Eterna começou a ecoar pelos bairros, fóruns e colinas.

Como ondas invisíveis, as badaladas espalharam-se por toda a capital.

Antes mesmo que os mensageiros partissem, os cidadãos já compreendiam que algo havia mudado.

Naquele dia, Roma escolhera seu caminho.

O sonho de um Império reunificado deixava de ser apenas uma lembrança do passado para tornar-se o destino de seu futuro.

O corredor de pedra permanecia mergulhado em um silêncio quase absoluto.

Apenas o som ritmado das sandálias dos guardas quebrava a quietude enquanto Belisário atravessava o subterrâneo da antiga prisão de Roma. As paredes úmidas, marcadas pelo tempo, sustentavam pequenas tochas que lançavam sombras vacilantes sobre as celas.

O carcereiro parou diante de uma pesada porta de ferro.

— É aqui, general.

Belisário apenas assentiu.

A tranca foi removida com um estalo metálico.

Do outro lado, Lucius permanecia sentado sobre um banco de pedra.

A cela era simples.

Uma cama de madeira.

Um cobertor gasto.

Nada mais.

Ao ouvir a porta se abrir, ergueu lentamente a cabeça.

Seus olhos encontraram os de Belisário.

Por um instante, nenhum dos dois falou.

Lucius levantou-se.

Não havia medo em seu rosto.

Apenas resignação.

— Então chegou o dia.

Belisário permaneceu imóvel.

— Imaginei que fosse você quem viria.

Fez um leve sorriso cansado.

— Depois de tudo... parece justo.

O silêncio voltou a ocupar o pequeno espaço entre os dois.

Belisário caminhou alguns passos para dentro da cela.

Observou o ambiente.

Depois voltou-se para Lucius.

— O passado terminou.

A frase foi dita sem dureza.

Sem acusação.

— Roma precisará de todos os homens capazes de defendê-la.

Lucius franziu discretamente a testa.

Belisário deu mais um passo.

— Vim lhe fazer apenas uma pergunta.

Os dois permaneceram frente a frente.

— Lutará ao meu lado?

Lucius permaneceu imóvel.

Como se não tivesse compreendido o que acabara de ouvir.

Durante dias preparara-se para um julgamento.

Talvez para a morte.

Jamais para um convite.

Seus olhos baixaram lentamente.

Respirou fundo.

— Julguei seu caráter sem conhecer toda a verdade.

A voz tornou-se mais baixa.

— Eu estava errado.

Belisário aproximou-se.

Pousou a mão sobre o ombro do antigo rival.

— Então deixe isso nesta cela.

Lucius ergueu novamente o olhar.

Não havia desconfiança entre eles.

Nem orgulho.

Nem ressentimento.

Apenas dois soldados que compreendiam que Roma precisava ser maior do que seus próprios erros.

Lucius fez continência.

Não ao homem.

Mas ao comandante que escolhera seguir.

— Se Roma me aceitar novamente... lutarei até meu último dia.

Belisário retribuiu a continência.

— Então venha. Temos um império para reunir.

Poucos minutos depois, ambos atravessavam juntos o corredor da prisão.

As portas de ferro fecharam-se atrás deles com um pesado estrondo.

Lucius não olhou para trás.

Naquele instante, deixava naquela cela muito mais do que meses de prisão.

Deixava a culpa, o orgulho e a rivalidade que quase haviam transformado dois romanos em inimigos.

Quando alcançaram a luz do lado de fora, Belisário seguiu em direção ao pátio do quartel.

Lucius caminhava ao seu lado.

Não mais como o homem encarregado de vigiá-lo.

Nem como o rival que um dia jurara derrotá-lo.

Mas como um oficial romano pronto para marchar sob o mesmo estandarte.

Naquele dia, antes mesmo de partir para a guerra, Belisário conquistara sua primeira vitória da Reconquista.

Quando Belisário deixou o Palácio Imperial, o som ritmado de milhares de passos já ecoava pelo grande Campo de Marte.

O vasto pátio militar estendia-se diante dele como um mar de escudos e estandartes.

Legionários permaneciam imóveis em longas formações perfeitamente alinhadas. O brilho das couraças refletia o sol da manhã enquanto dezenas de águias douradas tremulavam sobre os estandartes vermelhos da República e do Império.

Ao longe, o som grave dos cornos militares cortava o ar.

Belisário observou cada fileira com o olhar experiente de quem passara a vida inteira comandando exércitos.

Não via apenas soldados.

Via disciplina.

Via anos de treinamento.

Via homens que ainda acreditavam em Roma.

À frente das formações encontravam-se novos oficiais responsáveis pela campanha.

Caius mantinha o comando da Primeira Legião, conversando com seus centuriões enquanto conferia as últimas ordens.

Poucos passos adiante, Lucius percorria as fileiras da infantaria pesada. Sua postura firme contrastava com a serenidade do rosto; poucos dias antes deixara uma cela, e agora voltava a ocupar seu lugar entre os oficiais de Roma.

Mais afastado, Gunderic supervisionava os contingentes auxiliares e a cavalaria. Caminhava entre os cavaleiros corrigindo posições, ajustando equipamentos e distribuindo instruções em voz firme,

arrancando ocasionais sorrisos dos homens que já se acostumavam ao seu jeito direto.

Ao ver Belisário aproximar-se, os três fizeram continência ao mesmo tempo.

Em seguida, todo o campo militar repetiu o gesto.

Milhares de punhos tocaram os peitos quase em uníssono.

O silêncio que se seguiu impressionava mais do que qualquer aclamação.

Cassius Valerius avançou alguns passos até o centro do pátio.

Sem cerimônias exageradas.

Sem um trono.

Apenas o imperador diante de seu exército.

Parou ao lado de Belisário.

— General... Hoje, Roma volta a marchar.

Diante de todos os presentes, estendeu-lhe o bastão de comando da campanha.

Belisário recebeu-o com ambas as mãos.

Naquele instante, a Reconquista deixava de ser uma decisão do Senado.

Transformava-se em uma missão do Exército Romano.

Belisário voltou seus olhos para o horizonte formado pelas legiões.

Durante alguns instantes, limitou-se a observar.

Seu olhar percorria as formações quase instintivamente, estimando números, avaliando espaços entre as unidades e identificando a composição das tropas.

Não demorou para chegar à mesma conclusão.

Era um excelente exército.

Mas estava longe de ser um grande exército.

Justiniano costumava reunir forças muito superiores para campanhas decisivas.

Se resolvesse concentrar suas legiões orientais, poderia colocar em campo um número significativamente maior de homens.

Cassius percebeu o cálculo silencioso do velho general.

Um discreto sorriso surgiu em seu rosto.

— Eu sei o que está pensando.

Belisário voltou-se para ele.

O imperador cruzou as mãos atrás das costas.

— Não posso lhe dar o maior exército. Precisamos defender as fronteiras.

Seus olhos percorreram as fileiras de legionários.

— Mas posso lhe dar o melhor que Roma possui.

Belisário tornou a observar os homens reunidos no Campo de Marte.

E compreendeu exatamente o que Cassius queria dizer.

Ali não havia recrutas recém-alistados para inflar números.

Cada homem presente fora escolhido por sua experiência, disciplina ou capacidade de combate.

Veteranos que sobreviveram a décadas de campanhas.

Cavaleiros treinados nas fronteiras da Ilíria.

Arqueiros sírios cuja precisão era conhecida em todo o Mediterrâneo.

Engenheiros capazes de erguer pontes, fortalezas e máquinas de cerco em poucos dias.

Oficiais que escaparam das mãos de Justiniano, que já haviam servido sob seu comando e conheciam sua maneira de pensar antes mesmo que uma ordem fosse pronunciada.

Belisário sorriu discretamente.

A quantidade impressionava os olhos.

Mas era a qualidade que decidia guerras.

E, diante dele, encontrava-se o núcleo de um exército capaz de mudar o destino do Império.

CAPÍTULO 23
A MARCHA DA ÁGUIA

Na manhã seguinte à cerimônia no Campo de Marte, o acampamento despertou antes do nascer do sol.

Enquanto os soldados iniciavam as primeiras atividades do dia, Belisário já percorria as fileiras acompanhado por Caius, Gunderic, Lucius e um pequeno grupo de oficiais veteranos.

Durante toda a manhã, limitou-se a observar.

Não alterou uma única formação.

Não distribuiu novas ordens.

Não fez críticas.

Conversou com centuriões.

Perguntou sobre suprimentos, ritmo das marchas, estado dos cavalos, quantidade de engenheiros, médicos, ferreiros e carroças.

Queria compreender o exército antes de transformá-lo.

Ao final da inspeção, reuniu seus principais oficiais sob uma grande tenda onde um mapa da península Itálica ocupava quase toda a mesa central.

Durante alguns instantes permaneceu em silêncio, estudando as anotações feitas ao longo da manhã.

Depois ergueu os olhos.

— Amanhã começaremos.

O segundo dia encontrou um exército diferente.

Belisário passou horas reorganizando cada unidade.

Misturou veteranos entre os soldados mais jovens para que a experiência fosse transmitida durante a própria marcha.

Redistribuiu arqueiros entre as legiões de infantaria, garantindo apoio imediato em caso de combate.

Criou destacamentos permanentes de reconhecimento para marcharem quilômetros à frente da coluna principal.

Reposicionou os engenheiros militares mais próximos da vanguarda, permitindo que pontes, trincheiras e fortificações fossem erguidas antes mesmo da chegada do restante do exército.

Até a ordem das carroças foi modificada para acelerar o abastecimento durante as marchas.

Nenhuma mudança parecia grandiosa isoladamente.

Mas, juntas, transformavam completamente a eficiência da força.

Enquanto os centuriões transmitiam as novas ordens, Caius aproximou-se do general.

— Nunca imaginei comandar uma legião inteira.

Belisário sorriu discretamente.

— E está preocupado.

Caius soltou uma breve risada.

— Um pouco.

Belisário apoiou a mão sobre seu ombro.

— É exatamente por isso que lhe dei esse comando. Os homens que não sentem o peso da responsabilidade costumam ser os primeiros a desperdiçá-la. Além disso... apontou para um homem de cabelos grisalhos que conversava com alguns centuriões.

— O legado Publius serviu em cinco campanhas. Ele estará ao seu lado. Aprenda tudo o que puder com ele.

Caius assentiu com respeito.

Pouco depois foi a vez de Gunderic aproximar-se.

O germânico cruzou os braços.

— Ainda acho estranho ter tantos romanos esperando minhas ordens.

Belisário riu.

— Eles não esperam ordens de um germânico. Esperam ordens de um oficial romano.

Gunderic olhou ao redor, quase sem acreditar.

Belisário continuou.

— O tribuno Quintus comandará a ala com você. Conhece cavalaria como poucos homens neste exército. Escute seus conselhos. Depois encontre seu próprio caminho.

Gunderic fez um leve aceno de cabeça.

— Farei por merecer.

Lucius aproximou-se por último.

Demorou alguns instantes antes de falar.

— Ontem eu era um prisioneiro. Hoje comando homens. Ainda me parece difícil acreditar.

Belisário fitou o antigo rival.

— Você não recebeu esse comando por compaixão. Recebeu porque o conquistou.

Apontou para outro oficial que organizava mapas sobre uma mesa.

— O tribuno Lucius serviu nas campanhas que expulsaram os vândalos e garantiram a unidade de Roma. Conhece logística e disciplina melhor do que qualquer homem desta campanha. Trabalhará ao seu lado.

Lucius acompanhou o movimento do oficial por alguns instantes.

Depois voltou-se para Belisário.

— Não vou decepcioná-lo.

Belisário respondeu com tranquilidade.

— Não precisa impressionar ninguém. Apenas aprenda. Daqui a alguns anos... será você ensinando outros oficiais.

A insegurança ainda existia.

Mas agora vinha acompanhada da confiança de saber que não marchariam sozinhos.

Nos dias seguintes, o Campo de Marte transformou-se em uma imensa escola de guerra.

As legiões treinavam novas formações diariamente.

Arqueiros aprendiam a atuar em conjunto com a infantaria.

A cavalaria treinava ataques coordenados seguidos de rápidas retiradas.

Os engenheiros erguiam pontes provisórias e desmontavam acampamentos em tempo recorde.

As marchas tornavam-se cada vez mais rápidas.

As ordens circulavam com precisão.

O caos inicial desaparecia pouco a pouco.

Lucius observava tudo com sincera admiração.

Jamais imaginara que tantas pequenas mudanças pudessem alterar completamente o comportamento de um exército.

Não era apenas organização.

Era como se Belisário conseguisse enxergar a batalha muito antes de ela acontecer.

Ao final de mais um dia de treinamento, Gunderic observou as legiões executarem uma complexa mudança de formação quase sem necessidade de comandos.

Sorriu satisfeito.

— Agora... isto parece um exército de verdade.

Belisário acompanhou o movimento das fileiras em silêncio.

Ainda havia muito trabalho pela frente.

Mas agora, sentia novamente aquela antiga certeza que só existia antes das grandes campanhas.

Roma voltava a marchar.

E seus homens começavam a marchar como um só.

Na terceira noite após o início dos treinamentos, o acampamento permanecia mergulhado no silêncio.

A maior parte das fogueiras já havia se apagado quando passos apressados romperam a tranquilidade do quartel-general.

Dois cavaleiros cobertos de poeira atravessaram os portões quase sem desmontar de suas montarias.

Os guardas reconheceram imediatamente o selo do serviço de inteligência imperial.

Um dos agentes foi conduzido às pressas até a tenda de comando.

Poucos minutos depois, Belisário, Caius, Lucius, Gunderic e os principais oficiais da campanha reuniam-se ao redor da grande mesa de mapas.

O espião retirou um cilindro de couro preso ao cinturão e desenrolou vários pergaminhos.

Sobre eles estavam marcadas estradas, fortalezas, rios e as últimas movimentações conhecidas do Exército Oriental.

Belisário permaneceu em silêncio enquanto o agente iniciava o relatório.

— Nossos informantes confirmaram movimentações em toda a fronteira balcânica.

Apontou para uma posição ao centro do mapa.

— Uma grande força permanece concentrada em Naísso.

O dedo deslizou para o norte.

— Outra coluna já iniciou a marcha em direção a Sirmio.

Lucius franziu a testa.

— Quantos homens?

— Ainda não temos números exatos. Mas é uma força considerável. Provavelmente suficiente para ocupar as cidade fronteiriças antes de qualquer reação ocidental.

O agente respirou fundo antes de continuar.

— Acreditamos que Justiniano compreendeu que Roma se prepara para marchar. Seu objetivo parece claro. Fechar a fronteira antes que o Ocidente consiga atravessá-la.

Um pesado silêncio tomou conta da tenda.

A guerra deixava de ser uma possibilidade.

Tornara-se realidade.

Belisário inclinou-se sobre o mapa.

Durante alguns instantes, seus olhos percorreram lentamente cada estrada, cada rio e cada cadeia de montanhas.

Nenhum dos oficiais ousou interrompê-lo.

Caius observava atento cada movimento do general.

Lucius tentava imaginar qual seria a rota mais rápida.

Gunderic cruzava os braços, convencido de que marchariam diretamente para o leste.

Belisário, porém, permaneceu imóvel.

Então estendeu a mão sobre o mapa.

O indicador percorreu lentamente a península Itálica.

— Se seguirmos pela rota mais curta...

disse calmamente,

— encontraremos o inimigo exatamente onde ele espera.

Deslizou o dedo para o norte.

— Não lhe daremos esse privilégio.

Traçou então uma nova linha sobre o pergaminho.

— Marcharemos primeiro para Ravena.

Continuou até a costa do Adriático.

— Depois seguiremos para Aquileia.

Por fim, apontou para a fronteira.

— E entraremos em Sirmio por essa direção.

Os oficiais trocaram olhares.

A rota era mais longa.

Lucius foi o primeiro a falar.

— General... isso acrescentará vários dias de marcha.

Belisário assentiu.

— No mapa, sim.

Depois voltou os olhos para todos os presentes.

— Mas um exército não caminha apenas sobre estradas. Marcha sobre suprimentos, cavalos descansados, pontes seguras e homens capazes de manter o mesmo ritmo durante semanas.

Apontou novamente para Ravena.

— Em Ravena encontraremos arsenais e depósitos de mantimentos. Depois para Aquileia.

— Em Aquileia poderemos receber reforços das guarnições do norte e controlar a principal passagem para os **Montes Haemus*.

Por fim, pousou o dedo sobre Sirmio.

— Quando chegarmos aqui, não seremos um exército cansado tentando defender uma cidade. Seremos uma força preparada para vencer uma campanha.

Os oficiais compreenderam imediatamente.

Belisário não escolhia o caminho mais curto.

Escolhia aquele que lhe permitiria chegar em melhores condições do que o inimigo.

Gunderic sorriu discretamente.

— Então não estamos correndo para alcançar Justiniano.

Belisário retribuiu o sorriso.

— Não. Estamos obrigando Justiniano a correr atrás de nós.

Um leve murmúrio de aprovação percorreu a tenda.

Caius enrolou cuidadosamente o mapa.

Lucius já começava a distribuir as primeiras ordens aos mensageiros.

Naquela madrugada, antes mesmo de a primeira legião deixar Roma, a primeira batalha da campanha já havia sido decidida.

*Termo utilizado antes do século XIV para designar a região dos Bálcãs.

E, como tantas outras vezes na vida de Belisário, a primeira batalha seria vencida não com espadas, mas com a escolha do caminho certo.

O amanhecer ainda tingia de dourado as muralhas de Roma quando os grandes portões da cidade começaram a se abrir.

O som grave dos cornos militares espalhou-se pela Cidade Eterna.

Uma a uma, as legiões deixaram o Campo de Marte e iniciaram a marcha.

À frente da coluna seguia a Águia de Roma, erguida sobre seu estandarte vermelho, balançando suavemente com o vento da manhã.

Atrás dela vinham milhares de soldados.

Infantaria.

Cavalaria.

Arqueiros.

Engenheiros.

Carroças carregadas de suprimentos.

Ferreiros.

Médicos.

Tudo avançava com uma disciplina silenciosa.

As ruas permaneciam tomadas pela população.

Ninguém celebrava como em um triunfo.

A guerra ainda não havia sido vencida.

Mas também não havia medo.

Havia esperança.

Veteranos levavam o punho ao peito quando as legiões passavam.

Artesãos interrompiam o trabalho.

Mercadores deixavam suas bancas por alguns instantes.

Pais erguiam os filhos para que pudessem ver os soldados.

Não era apenas um exército que deixava Roma.

Era o sonho de uma reunificação que finalmente voltava a caminhar pelas antigas estradas do Império.

Belisário conduzia seu cavalo próximo ao centro da coluna principal.

À sua direita cavalgava Caius, atento às formações da Primeira Legião.

Mais atrás, Lucius supervisionava a infantaria pesada, corrigindo pequenos desalinhamentos antes mesmo que eles se transformassem em problemas.

Na ala esquerda, Gunderic percorria constantemente a cavalaria, conversando com os homens e distribuindo bom humor com a mesma facilidade com que distribuía ordens.

Ao atravessarem os antigos marcos da Via Flamínia, Belisário voltou o olhar pela última vez para Roma.

As muralhas começavam a desaparecer ao longe.

Respirou profundamente.

Depois voltou-se para a estrada.

A campanha havia começado.

Os primeiros dias de marcha transcorreram em ritmo constante.

Belisário recusava-se a tratar a viagem como um simples deslocamento militar.

Cada quilômetro percorrido transformava-se em uma oportunidade de aprendizado.

Ao longo da Via Flamínia, formações eram reorganizadas sem interromper a marcha.

Os centuriões treinavam mudanças rápidas de posição ao sinal das cornetas.

A cavalaria praticava movimentos de cobertura das alas.

Os arqueiros alternavam posições entre as coortes.

Até os engenheiros militares recebiam exercícios diários, montando e desmontando pequenas pontes e fortificações provisórias para reduzir cada vez mais o tempo necessário em campanha.

Belisário cavalgava continuamente entre as unidades.

Conversava com oficiais.

Questionava decisões.

Corrigia pequenos detalhes.

E, muitas vezes, limitava-se a observar.

Lucius começava a assumir naturalmente maiores responsabilidades, coordenando a infantaria pesada sempre que Belisário se afastava para inspecionar outras unidades.

Caius demonstrava crescente segurança à frente de sua legião, apoiado pelos veteranos que o auxiliavam desde Roma.

Gunderic, por sua vez, tornava-se cada vez mais próximo dos soldados, conhecendo homens pelo nome e conquistando sua confiança com a mesma facilidade com que encontrava atalhos pelas antigas estradas do Império.

A cada dia de marcha, o Exército da Águia deixava de ser apenas um conjunto de excelentes soldados.

Transformava-se em uma única força.

Uma força preparada para enfrentar qualquer exército que encontrasse pelo caminho.

À frente, as estradas do norte conduziam a Ravena.

E, além dela, começava a verdadeira campanha pela reunificação de Roma.

Os dias passaram a ser medidos pelo nascer e pelo pôr do sol.

A cada amanhecer, o som dos cornos despertava o acampamento antes mesmo que a névoa deixasse os campos. Em poucos minutos, tendas eram desmontadas, carroças organizadas e milhares de homens retomavam a marcha pelas antigas estradas romanas.

Pontes de pedra atravessavam rios cristalinos.

Velhos marcos miliários indicavam a distância até cidades construídas séculos antes.

Ao cair da noite, novos acampamentos surgiam com a mesma rapidez com que desapareciam na manhã seguinte.

Enquanto isso, o general percorria constantemente toda a coluna.

Conversava com legionários veteranos e recrutas.

Chamava muitos deles pelo nome depois de ouvi-los apenas uma vez.

Perguntava sobre suas famílias, suas províncias e suas antigas campanhas.

Quando encontrava pequenos erros, corrigia-os com calma.

Quando via um bom trabalho, fazia questão de elogiá-lo diante da unidade inteira.

Pouco a pouco, os soldados deixaram de enxergar apenas um comandante.

Passaram a seguir um homem que realmente conhecia aqueles por quem marchava.

Ao mesmo tempo, Caius, Lucius e Gunderic amadureciam em seus novos cargos.

As reuniões ao redor dos mapas tornavam-se cada vez mais naturais.

Belisário observava os três com satisfação.

Já não precisava resolver cada pequeno problema.

Seus oficiais começavam a pensar como um verdadeiro estado-maior.

E, a cada quilômetro percorrido rumo ao norte, o Exército da Águia deixava de ser apenas uma reunião de excelentes soldados.

Transformava-se em uma única força, preparada para marchar como um só homem.

Depois de muitos dias seguindo pela Via Flamínia, o terreno começou a mudar.

As colinas deram lugar a extensas planícies úmidas, cortadas por canais e lagoas que refletiam o céu como espelhos naturais. O ar tornou-se mais fresco, carregando o cheiro salgado que vinha do Adriático.

Belisário diminuiu ligeiramente o ritmo da coluna.

À frente, surgiam as primeiras muralhas de Ravena.

Diferente de Roma, que impressionava pela grandiosidade de seus monumentos, Ravena transmitia uma sensação de solidez.

Era uma cidade construída para resistir.

Os antigos pântanos que a cercavam formavam uma barreira natural contra qualquer exército invasor. Pontes estreitas controlavam os acessos terrestres, enquanto canais conduziam embarcações até os portos militares, onde dezenas de navios permaneciam ancorados, prontos para navegar pelo Adriático.

As muralhas erguiam-se robustas sobre fundações de pedra, reforçadas por altas torres de observação que dominavam toda a paisagem ao redor.

Além delas, destacavam-se grandes arsenais repletos de madeira, ferro e máquinas de guerra

cuidadosamente armazenadas. Quartéis ocupavam bairros inteiros da cidade, e o movimento constante de legionários revelava que Ravena continuava sendo um dos maiores centros militares do Ocidente.

Quando os portões finalmente se abriram, o Exército da Águia entrou em perfeita formação.

Os habitantes interromperam suas atividades para observar a longa coluna atravessar as ruas.

Ferreiros deixaram as oficinas.

Mercadores saíram de seus estabelecimentos.

Velhos veteranos acompanharam a passagem dos estandartes com respeito silencioso.

Não era difícil compreender por que aquela cidade havia sustentado o Império durante tantos anos.

Ravena permanecia de pé como um verdadeiro bastião romano.

Enquanto cavalgava entre as muralhas, Belisário percorreu a cidade com o olhar atento de um estrategista.

Cada torre.

Cada arsenal.

Cada fortificação.

Tudo havia sido pensado para proteger o coração do Ocidente.

Ao seu lado, Gunderic observava a complexa rede de canais com um discreto sorriso.

— Agora entendo por que seria um pesadelo tentar conquistar esta cidade.

Belisário assentiu lentamente.

Sem desviar os olhos das muralhas, respondeu:

— Algumas cidades vencem batalhas.

Ravena foi construída para impedir que elas sequer começassem.

A marcha prosseguiu em ritmo lento pelas largas ruas de Ravena.

Enquanto observava os canais, os grandes depósitos militares e as fortalezas espalhadas pela cidade, Caius aproximou seu cavalo do de um legionário veterano que seguia alguns metros à frente da coluna.

O homem tinha cabelos grisalhos, o rosto marcado pelo sol e inúmeras cicatrizes antigas espalhadas pelos braços.

Chamava-se Marcellus.

Servira durante quase toda vida nas legiões do Ocidente.

Caius olhou mais uma vez para as muralhas antes de perguntar:

— Se Ravena é tão segura... por que não continua sendo a capital?

Marcellus sorriu discretamente.

Era uma pergunta comum entre pessoas vindas do Oriente.

— Porque houve um tempo em que precisava ser.

Continuou cavalgando enquanto falava, como quem recordava uma velha história.

— No ano de quatrocentos e dois, o imperador Honório transferiu a corte para cá. Naqueles dias, as invasões germânicas pressionavam todas as fronteiras. Ravena era cercada por pântanos, protegida pelo mar e muito mais fácil de defender do que Roma.

Caius acompanhava cada palavra com atenção.

— Foi daqui que o Ocidente sobreviveu aos anos mais difíceis.

Marcellus apontou discretamente para as muralhas.

— Essas pedras impediram que o Império desaparecesse quando muitos acreditavam que seu fim era inevitável.

O veterano permaneceu alguns instantes em silêncio antes de continuar.

— Mas o tempo passou. As fronteiras foram sendo recuperadas. As invasões deixaram de ameaçar o coração do Império como antes. Depois de décadas de resistência, um de nossos imperadores compreendeu que Roma precisava voltar a ser mais do que uma lembrança.

Seus olhos voltaram-se por um instante para o sul, como se pudesse enxergar a Cidade Eterna além do horizonte.

— A corte retornou para Roma.

Fez um leve gesto de respeito.

— E o imperador Cassius apenas preservou essa tradição.

Caius observou novamente a cidade.

Agora a enxergava de outra maneira.

Não como uma capital esquecida.

Mas como a fortaleza que mantivera o Ocidente vivo durante seus dias mais sombrios.

Marcellus percebeu o olhar do jovem e sorriu.

Então concluiu com serenidade:

— Ravena protegeu Roma.

Fez uma breve pausa.

— Mas Roma continuou sendo a Cidade Eterna.

CAPÍTULO 24
AS ESTRADAS DA RECONQUISTA

A permanência em Ravena estendeu-se por apenas alguns dias.

Tempo suficiente para que o Exército da Águia recuperasse o fôlego antes de prosseguir rumo ao norte.

Desde o amanhecer, o movimento nos arsenais militares era constante.

Ferreiros substituíam espadas desgastadas pelas longas marchas.

Armeiros ajustavam couraças e escudos.

Carroças chegavam carregadas de grãos, carne salgada, azeite, vinho e barris de água, enquanto os engenheiros conferiam cordas, ferramentas e peças das máquinas de campanha.

Nos estábulos, veterinários examinavam os cavalos um a um, trocando ferraduras e tratando os animais que apresentavam sinais de cansaço.

Belisário fazia questão de acompanhar parte daqueles trabalhos.

Sabia que muitas guerras eram perdidas muito antes da primeira batalha, quando um exército marchava sem suprimentos suficientes.

Ao mesmo tempo, outra fila começava a se formar diante do quartel-general.

Não era composta por mercadores.

Nem por oficiais.

Mas por homens que desejavam marchar.

Veteranos aposentados apresentavam antigos diplomas militares cuidadosamente preservados.

Jovens exibiam cartas de recomendação assinadas por centuriões das guarnições locais.

Filhos de legionários pediam a oportunidade de lutar sob o mesmo estandarte que seus pais haviam servido durante décadas.

Até alguns ferreiros ofereceram-se para acompanhar a campanha, dispostos a manter as armas do exército sempre prontas para o combate.

Caius observava a fila crescer a cada hora.

— Parece que metade da cidade quer marchar conosco.

Belisário balançou lentamente a cabeça.

— O entusiasmo vence batalhas apenas no primeiro dia. Depois disso... vence a disciplina.

Por essa razão, nenhum homem era aceito imediatamente.

Veteranos eram entrevistados por antigos oficiais.

Os mais jovens passavam por testes conduzidos pelos centuriões.

Quem não possuía preparo suficiente era agradecido e orientado a permanecer defendendo Ravena.

Quem demonstrava experiência e disciplina recebia um lugar entre as fileiras.

Ao final daqueles dias, o Exército da Águia deixava Ravena maior do que havia chegado.

Não porque um decreto imperial obrigara homens a empunhar armas.

Mas porque, ao ver Belisário marchar pelas antigas estradas de Roma, muitos compreenderam que aquela campanha não pertencia a um imperador.

Pertencia ao próprio Império.

Ao amanhecer do terceiro dia, os portões de Ravena voltaram a se abrir.

As carroças de suprimentos deixaram a cidade primeiro.

Logo atrás seguiram os engenheiros, a cavalaria e, por fim, as legiões, retomando a longa marcha rumo ao norte.

O exército era visivelmente maior do que quando chegara.

Novos escudos brilhavam entre as antigas fileiras.

Veteranos recém-integrados conversavam naturalmente com soldados que haviam partido de Roma semanas antes, como se marchassem juntos havia anos.

Belisário cavalgava lentamente ao longo da coluna.

Não permanecia à frente.

Preferia percorrer todo o exército.

Parava para conversar com um centurião experiente.

Perguntava a um legionário de qual província vinha.

Recordava o nome de um veterano que encontrara dias antes.

Interessava-se pelas famílias, pelas antigas campanhas e até pelos pequenos problemas da marcha.

Os soldados logo perceberam que seu comandante não enxergava apenas fileiras.

Enxergava homens.

Essa proximidade espalhava-se pela coluna com a mesma velocidade das ordens militares.

Ninguém queria decepcionar um general que conhecia seus nomes.

Mais à frente, a grande águia dourada seguia balançando sobre o estandarte principal.

O tecido vermelho ondulava ao vento enquanto os primeiros raios de sol iluminavam a estrada romana.

Caius observou o símbolo durante alguns instantes.

— É curioso... No Oriente, muitos enxergavam a águia como o estandarte de Justiniano.

Lucius sorriu discretamente.

— Talvez porque nunca tenham marchado longe o suficiente.

Gunderic completou com seu humor habitual:

— Ou talvez porque os imperadores mudem mais depressa do que as águias.

Os três riram.

Belisário ouviu a conversa enquanto aproximava seu cavalo.

Seus olhos permaneceram voltados para o estandarte.

— A águia nunca pertenceu a um imperador.

Fez uma breve pausa.

— Nem pertence a mim.

Olhou para a longa coluna que serpenteava pela estrada, formada por homens vindos de diferentes províncias, histórias e até antigos povos inimigos.

— Ela pertence ao Império e a quem marcha por ele.

As palavras espalharam-se naturalmente entre os oficiais mais próximos.

E, ao longo daquele dia de marcha, muitos soldados passaram a olhar para a águia de maneira diferente.

Ela já não representava um homem sentado em um trono.

Representava todos aqueles que caminhavam sob ela.

À medida que Ravena desaparecia no horizonte, o Exército da Águia prosseguia pela antiga estrada do norte.

À frente, Aquileia aguardava.

E, além dela, começava o caminho que levaria Roma de volta às suas fronteiras mais distantes.

Durante vários dias, o Exército da Águia continuou avançando pelas antigas estradas do norte.

As planícies começaram, pouco a pouco, a dar lugar a terrenos mais elevados. O ar tornava-se mais frio, e os ventos que sopravam do nordeste anunciavam a proximidade das grandes fronteiras do Império.

Então, ao fim de mais uma longa jornada, Aquileia surgiu diante deles.

Belisário diminuiu o passo do cavalo.

Mesmo à distância, era possível compreender a importância daquela cidade.

Suas muralhas elevavam-se imponentes sobre as margens do rio Natissa, protegidas por torres robustas e largos fossos. Sobre elas, estandartes romanos tremulavam continuamente ao vento, enquanto sentinelas observavam atentamente cada estrada que conduzia ao interior do Império.

Mais do que uma cidade.

Aquileia era uma fortaleza.

Ao atravessarem os portões, os soldados encontraram uma das maiores concentrações militares do norte.

Longos quartéis ocupavam bairros inteiros.

Grandes arsenais armazenavam milhares de lanças, espadas, escudos e flechas cuidadosamente organizados para abastecer campanhas inteiras.

Ferreiros trabalhavam sem descanso, alimentando enormes forjas cujo brilho avermelhado podia ser visto mesmo à luz do dia.

Pátios militares estavam repletos de legionários das guarnições de fronteira, treinando formações, praticando combate ou preparando carroças para futuras marchas.

Tudo naquela cidade respirava guerra.

Lucius observou as muralhas com admiração.

— Se Ravena protege Roma...

Belisário concluiu a frase antes mesmo que ele terminasse.

— Aquileia protege o caminho até ela.

Ao lado deles, um velho centurião da guarnição local apontou discretamente para o horizonte.

Muito além das últimas colinas, uma linha azulada recortava o céu.

— Depois daquelas montanhas...

disse ele,

— começam os Montes Haemus.

Sua voz tornou-se mais grave.

— Quem controla Aquileia decide quem pode marchar até eles.

Belisário acompanhou o olhar do veterano.

Além daquela cidade começava a fronteira entre a paz e a guerra.

A permanência em Aquileia foi breve.

Diferente de Ravena, não havia tempo para contemplar a cidade.

A guerra aproximava-se a cada dia.

Na segunda noite, enquanto o restante do acampamento descansava, Belisário reuniu seus principais oficiais no quartel da guarnição local.

Sobre a grande mesa de madeira encontravam-se vários mapas da fronteira, marcados com pequenas peças de bronze que indicavam fortalezas, rios, estradas e posições conhecidas do inimigo.

Um oficial da inteligência militar aguardava ao lado.

Assim que todos tomaram seus lugares, desenrolou um novo pergaminho.

— Chegaram relatórios dos nossos agentes além da fronteira.

Belisário fez um discreto gesto para que prosseguisse.

O oficial apontou para o mapa.

— As informações recebidas em Roma estavam corretas.

Seu dedo repousou sobre uma pequena marca ao sul.

— Naísso continua sendo a principal base operacional do Oriente. Novos reforços chegaram nas últimas semanas. Armazéns estão sendo abastecidos. As estradas militares permanecem sob forte vigilância.

Deslizou o dedo para o noroeste.

— Outra força já deixou Naísso e segue em direção a Sirmio. Segundo nossos informantes, estão

fortificando posições ao redor da cidade e preparando linhas defensivas.

Lucius cruzou os braços.

— Então Narses realmente pretende transformar Sirmio na porta de entrada do Ocidente.

— Exatamente.

Respondeu o oficial.

— Se controlar Sirmio, poderá impedir qualquer avanço romano pelos vales do Danúbio.

Belisário permaneceu em silêncio.

Seus olhos percorriam lentamente o mapa.

Cada informação confirmava aquilo que imaginara desde Roma.

Narses não improvisava.

Preparava o campo de batalha semanas antes de o primeiro soldado desembainhar a espada.

Era exatamente o tipo de comandante que Belisário esperava encontrar.

Caius aproximou-se da mesa.

— Então ainda estamos no tempo certo?

Belisário respirou profundamente antes de responder.

— Sim. Mas por muito pouco.

Levantou os olhos para os oficiais.

— Se demorarmos... Sirmio se transformará em uma fortaleza. E cada dia de atraso custará centenas de vidas quando finalmente precisarmos atravessar seus muros.

Um pesado silêncio tomou conta da sala.

Todos compreendiam o que aquelas notícias significavam.

A marcha deixava de ser uma corrida contra a distância.

Agora era uma corrida contra o tempo.

No dia seguinte, homens começaram a apresentar-se voluntariamente diante do quartel-general.

Primeiro vieram legionários das guarnições da fronteira.

Veteranos acostumados a vigiar os passos que conduziam aos Montes Haemus, homens endurecidos por anos patrulhando estradas, fortalezas e rios onde o perigo podia surgir a qualquer instante.

Depois chegaram oficiais.

Alguns haviam servido em campanhas anteriores contra francos, lombardos e povos das montanhas.

Outros carregavam recomendações assinadas pelos próprios comandantes das fortalezas da região.

Também apareceram batedores.

Caçadores.

Exploradores que conheciam cada vale, cada ponte e cada trilha escondida entre as montanhas do norte.

Homens capazes de encontrar um inimigo dias antes de ele aparecer no horizonte.

Como fizera em Ravena, Belisário recusou-se a aceitar todos imediatamente.

Cada voluntário era entrevistado.

Experiência.

Disciplina.

Conhecimento do terreno.

Tudo era cuidadosamente avaliado.

Os que demonstravam capacidade eram incorporados às legiões.

Os demais permaneciam em suas guarnições, onde continuariam servindo Roma de outra maneira.

Durante os dias seguintes, novas tendas foram erguidas.

Mais estandartes surgiram entre as fileiras.

As carroças de suprimentos multiplicaram-se.

Os ferreiros trabalhavam sem descanso para equipar os recém-chegados.

As formações tornavam-se cada vez mais extensas.

Certa manhã, Belisário subiu a uma pequena elevação nos arredores do acampamento.

Ao seu lado estavam Caius, Lucius e Gunderic.

Lá de cima, observavam o Exército da Águia despertar.

Milhares de homens iniciavam os treinamentos ao mesmo tempo.

O brilho dos escudos espalhava-se pelo campo como um mar de aço.

Gunderic assobiou discretamente.

— Está começando a parecer um daqueles exércitos das histórias que os velhos gostam de contar.

Lucius cruzou os braços enquanto observava as fileiras.

— Ainda somos menores do que as legiões de Narses.

Belisário permaneceu alguns instantes em silêncio.

Depois respondeu com serenidade.

— Sim. Mas já somos grandes o suficiente para mudar o rumo desta guerra.

Seu olhar percorreu lentamente as formações que se estendiam diante dele.

Quando deixaram Roma, marchavam como um exército decidido.

Agora, às portas da fronteira, marchavam como uma força capaz de enfrentar qualquer legião do Oriente.

Na última noite em Aquileia, o quartel-general permaneceu iluminado muito depois que o restante do acampamento mergulhou no silêncio.

Belisário reuniu seus principais oficiais ao redor da grande mesa de mapas.

Caius.

Lucius.

Gunderic.

Os legados das legiões.

Comandantes da cavalaria.

Chefes dos arqueiros.

Engenheiros militares.

Cada homem ocupava seu lugar sem necessidade de cerimônia.

Ao centro da mesa, um grande mapa estendia-se desde Roma até as fronteiras do Oriente.

Belisário apoiou ambas as mãos sobre o pergaminho.

Seu olhar percorreu lentamente cada oficial antes de começar.

— A partir de amanhã... deixaremos para trás o coração do Ocidente.

A ponta de seu bastão deslizou lentamente pelo mapa.

Passou por Aquileia.

Atravessou as antigas estradas militares.

Parou diante de Sirmio.

— Narses acredita que esta cidade decidirá a campanha.

Ergueu os olhos.

— Não permitiremos que escolha o campo da batalha.

Enquanto falava, distribuía responsabilidades com a mesma precisão com que um artesão ajustava uma peça delicada.

Lucius receberia o comando da vanguarda de infantaria.

Caius conduziria a Primeira Legião e manteria a ligação entre o centro da coluna e a retaguarda.

Gunderic seguiria dias à frente da marcha com seus batedores, explorando caminhos, identificando possíveis emboscadas e garantindo que nenhuma surpresa aguardasse o exército além da próxima colina.

Os engenheiros prepararam pontes móveis e equipamentos para travessias rápidas.

A cavalaria protegeria as alas durante toda a campanha.

Ninguém interrompia.

Ninguém fazia perguntas desnecessárias.

Cada oficial compreendia exatamente sua função.

Ao final da reunião, Belisário enrolou lentamente o mapa.

Não havia mais nada a explicar.

Seu estado-maior já pensava como uma única mente.

Na manhã seguinte, Aquileia despertou ao som dos cornos militares.

Os grandes portões abriram-se mais uma vez.

O Exército da Águia retomou sua marcha.

Agora, porém, a coluna era muito diferente daquela que deixara Roma semanas antes.

Novos estandartes tremulavam entre as fileiras.

Mais carroças acompanhavam a marcha.

As formações estendiam-se por quilômetros ao longo da antiga estrada romana.

Sob a mesma águia marchavam homens vindos de todas as partes do Império.

Legionários do Lácio.

Veteranos de Ravena.

Guarnições de Aquileia.

Cavaleiros ilírios.

Arqueiros sírios.

Engenheiros da Campânia.

Batedores das fronteiras do norte.

Alguns haviam servido sob Justiniano.

Outros jamais haviam visto Constantinopla.

Muitos sequer compartilhavam a mesma língua materna.

Mas todos marchavam sob o mesmo estandarte.

Não pelo Oriente.

Nem pelo Ocidente.

Marchavam por Roma.

Belisário cavalgava à frente da coluna ao lado de Caius, Lucius e Gunderic.

À medida que avançavam, as estradas tornavam-se mais estreitas.

As montanhas começavam a dominar o horizonte.

Os rios tornavam-se mais largos e velozes.

O vento que descia dos Montes Haemus trazia consigo o cheiro das florestas e das terras onde a guerra já se aproximava.

Belisário ergueu os olhos.

Ao longe, a águia romana balançava suavemente sobre o estandarte principal, conduzindo milhares de homens rumo ao desconhecido.

Depois das montanhas... depois dos rios... estava Sirmio.

CAPÍTULO 25
A PRIMEIRA BATALHA

Quando o Exército da Águia alcançou as últimas colinas antes de Sirmio, Belisário ordenou que a coluna interrompesse a marcha.

À frente, além das árvores e das curvas do rio Sava, as muralhas da cidade surgiam imponentes, iluminadas pelos últimos raios do entardecer.

As torres de vigia permaneciam ocupadas.

Estandartes orientais tremulavam sobre as muralhas.

A guerra finalmente estava diante deles.

Enquanto os legionários iniciavam a montagem do acampamento, cavaleiros surgiram entre a vegetação ao oeste.

Gunderic retornava.

Atrás dele vinham seus exploradores, cobertos de poeira após dias percorrendo as estradas, os bosques e as margens do rio.

Assim que desmontou, dirigiu-se imediatamente à tenda de comando.

Belisário já o aguardava ao lado de Caius, Lucius e dos demais oficiais.

Sem perder tempo, Gunderic apontou para o mapa aberto sobre a mesa.

— Confirmamos tudo.

Seu dedo percorreu rapidamente a região ao redor da cidade.

— Uma força oriental está acampada do lado de fora das muralhas. Devem estar esperando nossa chegada para impedir qualquer aproximação.

Moveu a mão para o interior da fortaleza.

— Outra permanece dentro da cidade. A guarnição reforçou os portões, abasteceu os depósitos e preparou as muralhas para um cerco.

Depois apontou para o rio.

— As pontes continuam protegidas. Também encontramos patrulhas escondidas nas estradas secundárias. Eles esperam que ataquemos diretamente.

O silêncio tomou conta da tenda.

Belisário aproximou-se lentamente da mesa.

Durante longos instantes, não pronunciou uma única palavra.

Seus olhos percorriam o mapa com calma.

Rios.

Colinas.

Bosques.

Estradas.

Pontes.

A posição de cada unidade inimiga.

Os oficiais aguardavam alguma ordem.

Todos imaginavam o mesmo.

Um ataque frontal ao amanhecer.

Lucius cruzou os braços.

Caius observava atentamente o mapa.

Gunderic permanecia em silêncio, conhecendo bem o hábito do general de pensar antes de falar.

Belisário continuou imóvel.

Então, lentamente, ergueu os olhos.

Seu olhar passou por cada um dos oficiais.

Como se já enxergasse uma batalha que os demais ainda eram incapazes de imaginar.

Aproximou-se novamente do mapa e, com apenas alguns movimentos do bastão de comando, indicou posições completamente diferentes daquelas que todos esperavam.

As ordens vieram curtas.

Precisas.

Lucius receberia uma missão antes mesmo do nascer do sol.

Gunderic conduziria seus batedores por uma rota inesperada.

Caius manteria sua legião exatamente onde parecia menos útil.

Os engenheiros deveriam preparar equipamentos que, à primeira vista, não faziam sentido algum para aquela batalha.

Nenhum oficial interrompeu.

Todos confiaram.

Mesmo sem compreender completamente o plano.

Belisário enrolou o mapa com tranquilidade.

Depois caminhou até a abertura da tenda e contemplou, ao longe, as muralhas de Sirmio recortadas contra o céu avermelhado.

A cidade permanecia imóvel.

Sem imaginar que, naquela mesma noite, seu destino já começava a ser decidido.

Belisário voltou-se para seus oficiais.

Sua voz permaneceu serena.

— Marcharemos antes do amanhecer.

O primeiro clarão da manhã ainda lutava para atravessar a espessa névoa que cobria os campos diante de Sirmio.

A umidade pairava sobre a relva, escondendo parte do terreno e transformando homens, cavalos e estandartes em sombras indistintas.

Por alguns instantes, o mundo pareceu suspenso.

Nenhuma espada era desembainhada.

Nenhuma ordem era dada.

Apenas o silêncio.

Sobre as muralhas de Sirmio, os legionários orientais observavam atentamente o vale à frente da cidade.

Do lado de fora, a força enviada por Narses já aguardava em formação.

Os estandartes púrpura do Oriente tremulavam lentamente ao vento frio da manhã.

Do outro lado do campo, o Exército da Águia permanecia igualmente imóvel.

As primeiras fileiras romanas mantinham os escudos apoiados no solo.

Atrás delas, arqueiros sírios aguardavam com os arcos ainda abaixados.

A cavalaria ilíria permanecia invisível além de uma suave elevação do terreno.

Mais distante, escondidos pela névoa e pelas pequenas matas próximas ao rio, Gunderic e seus batedores já ocupavam discretamente as antigas pontes secundárias, exatamente como haviam feito durante a madrugada.

Nenhum mensageiro sairia dali.

Nenhum reforço chegaria à força posicionada fora das muralhas.

Sobre as colinas próximas, os engenheiros militares terminavam silenciosamente seu trabalho.

Barricadas móveis permaneciam ocultas sob galhos e vegetação.

Valas estreitas haviam sido abertas durante a noite.

Estacas de madeira delimitavam passagens quase imperceptíveis.

À primeira vista, nada parecia diferente.

Mas o campo de batalha já havia sido cuidadosamente transformado.

Belisário observava tudo do alto de uma pequena elevação.

Não segurava a espada.

Apenas o bastão de comando.

Ao seu lado permaneciam alguns oficiais do estado-maior.

Nenhum deles falava.

Todos aguardavam.

Do outro lado do vale, o comandante oriental avançou alguns passos montado em seu cavalo.

Observou as formações ocidentais.

Sorriu discretamente.

A disposição das tropas parecia confirmar exatamente aquilo que esperava.

Uma linha principal no centro.

Uma ala aparentemente mais frágil à direita.

Pouca cavalaria visível.

Nenhuma tentativa de cercar a cidade.

Belisário parecia disposto a aceitar uma batalha convencional.

Era exatamente o que o comandante oriental desejava.

Sobre as muralhas, cornos começaram a soar.

A resposta veio quase imediatamente do lado ocidental.

O grave som das trompas romanas espalhou-se pelo vale.

As primeiras ordens ecoaram entre as fileiras.

Milhares de escudos ergueram-se quase ao mesmo tempo.

O brilho do aço rompeu a névoa.

Centuriões caminharam diante de suas coortes repetindo as últimas instruções.

Os legionários bateram as lanças contra os escudos em um ritmo único.

O som espalhou-se pelas colinas como o pulsar de um único coração.

Belisário permaneceu imóvel.

Seu olhar não acompanhava os próprios homens.

Estava fixo no comandante inimigo.

Esperava apenas uma decisão.

Ela veio poucos instantes depois.

Do outro lado do campo, os estandartes orientais começaram a avançar.

Belisário percebeu um discreto sorriso surgir em seu rosto.

Exatamente como havia previsto.

Sem levantar a voz, pronunciou apenas duas palavras:

— Começou.

O comandante oriental ergueu a espada.

A resposta foi imediata.

Os cornos ecoaram por todo o vale.

Centenas de escudos avançaram quase ao mesmo tempo, enquanto a primeira linha de infantaria iniciava a marcha em direção ao exército ocidental.

No alto da colina, Belisário permaneceu imóvel.

Não ordenou ataque.

Apenas observou.

— Esperem...

disse calmamente.

Os oficiais trocaram olhares.

A distância diminuía rapidamente.

As legiões orientais aceleraram o passo.

Logo transformaram a marcha em corrida.

O choque parecia inevitável.

Foi então que Caius recebeu o sinal.

Sua legião avançou alguns metros.

Suficientes apenas para prender a atenção do inimigo.

O comandante oriental sorriu.

Ali estava.

O ponto mais vulnerável da formação romana.

Sem hesitar, levantou novamente a espada.

Toda a ala direita oriental convergiu contra Caius.

A pressão foi imediata.

Os primeiros escudos colidiram com violência.

O som do ferro contra o ferro espalhou-se pelo campo.

Caius e sua legião sustentaram o impacto inicial.

Durante alguns instantes.

Depois começaram a recuar.

Lentamente.

Passo após passo.

Sem romper a formação.

Sem permitir que um único legionário abandonasse sua posição.

Do alto das muralhas, os soldados orientais começaram a gritar.

Parecia que a linha ocidental estava cedendo.

O comandante inimigo acreditou enxergar a oportunidade que esperava desde o início da batalha.

— Avancem!

A ordem percorreu toda a frente oriental.

As reservas foram lançadas para a frente.

As fileiras aceleraram.

Queriam transformar aquele recuo em fuga.

No alto da colina, alguns oficiais romanos começaram a demonstrar preocupação.

Lucius permaneceu escondido atrás da pequena elevação, incapaz de ver completamente o combate.

Gunderic aguardava nas trilhas secundárias, observando apenas os sinais combinados durante a noite.

Belisário, porém, não mudou de expressão.

Seu olhar permanecia fixo na posição de Caius.

Esperava apenas mais alguns instantes.

A perseguição tornou-se desordenada.

Na ânsia de destruir a ala aparentemente enfraquecida, os orientais começaram a abandonar a proteção natural do terreno.

Sem perceber, atravessavam exatamente o corredor escolhido por Belisário.

Então aconteceu.

Os primeiros soldados encontraram obstáculos onde, poucos instantes antes, parecia haver apenas campo aberto.

Barricadas móveis foram rapidamente empurradas para fechar as laterais.

Pequenas valas obrigaram as formações a comprimirem-se ainda mais.

Estacas ocultas impediram qualquer tentativa de manobra.

A ampla frente oriental transformou-se em uma estreita coluna.

Foi naquele instante que Belisário levantou o bastão de comando.

Seu braço desceu lentamente.

— Agora.

Quase ao mesmo tempo, um novo toque de corno rompeu o vale.

Atrás da pequena elevação, a infantaria pesada de Lucius surgiu como uma muralha de aço.

Os legionários avançaram em formação cerrada, bloqueando completamente o caminho de volta.

Nas laterais, arqueiros sírios apareceram entre pequenas elevações e descarregaram uma chuva precisa de flechas sobre os flancos orientais.

Mais ao fundo, a cavalaria ilíria emergiu da névoa, fechando a retaguarda antes que qualquer unidade pudesse reorganizar-se.

Em poucos instantes, o comandante oriental compreendeu a verdade.

Belisário jamais estivera recuando.

Desde o primeiro passo daquela manhã... conduzira todo o seu exército exatamente para onde desejava.

O campo de batalha mudou completamente em questão de minutos.

A confiança que impulsionara o avanço oriental transformou-se em confusão.

Os oficiais gritavam ordens contraditórias.

As primeiras fileiras tentavam recuar.

As últimas continuavam avançando, sem compreender que o caminho já havia sido fechado.

A formação rompeu-se.

Era exatamente o instante que Belisário aguardava.

Ele ergueu o bastão de comando uma última vez.

— Avancem.

A ordem percorreu as fileiras romanas como uma onda.

Lucius foi o primeiro a atacar.

A infantaria pesada fechou ainda mais o corredor, empurrando lentamente os orientais para o centro da armadilha.

Não havia pressa.

Nem fúria.

Apenas disciplina.

Cada escudo avançava no mesmo ritmo.

Cada lança encontrava seu espaço.

Cada homem conhecia exatamente sua posição.

Nas laterais, os arqueiros sírios cessaram os disparos assim que os legionários entraram em combate corpo a corpo.

Belisário recusava-se a arriscar vidas romanas por alguns inimigos a mais.

Logo depois, a cavalaria ilíria completou o cerco.

Os poucos soldados orientais que ainda tentavam escapar encontravam apenas lanças apontadas para o peito.

O comandante oriental olhou ao redor.

O rio bloqueava um lado.

As barricadas fechavam outro.

A infantaria pesada avançava lentamente à sua frente.

A cavalaria impedia qualquer retirada.

A batalha estava perdida.

Ainda assim, tentou reorganizar os homens para um último ataque.

Belisário percebeu.

Sem desembainhar a espada, fez apenas um gesto para um corneteiro.

Um único toque ecoou pelo vale.

Toda a linha romana interrompeu o avanço.

O silêncio que se seguiu foi ainda mais impressionante do que o combate.

Belisário esporeou seu cavalo e saiu em disparada em direção do centro da batalha.

Sua voz atravessou o campo.

— Basta!

Os legionários orientais permaneceram imóveis.

Muitos respiravam com dificuldade.

Outros sustentavam companheiros feridos.

Todos esperavam a ordem final.

Ela nunca veio.

Belisário continuou:

— Não lutam contra bárbaros. Nem contra invasores. Lutam contra romanos.

Fez uma breve pausa.

— Quem desejar depor as armas... terá sua vida preservada.

O comandante oriental permaneceu em silêncio por alguns instantes.

Olhou para os homens que ainda restavam sob seu comando.

Depois para as muralhas de Sirmio.

Compreendeu que insistir significaria apenas multiplicar o número de mortos.

Lentamente, fincou a espada no solo.

Ao seu redor, centenas de legionários repetiram o gesto.

Depois vieram milhares.

Em poucos minutos, boa parte da força oriental entregava as armas.

Nem todos, porém, aceitaram a rendição.

Alguns oficiais reuniram os homens que ainda permaneciam fiéis às ordens de Narses.

Aproveitando a breve interrupção do combate, romperam por uma das passagens próximas ao rio e correram desesperadamente em direção aos portões de Sirmio.

Os arqueiros romanos prepararam-se para disparar.

Belisário levantou a mão.

— Não.

Os arcos abaixaram imediatamente.

Gunderic e seus batedores nada fizeram também.

Os sobreviventes atravessaram a ponte em retirada.

Poucos instantes depois, os grandes portões da cidade murada fecharam-se com um estrondo que ecoou por todo o vale.

O silêncio voltou a dominar o campo.

Milhares de espadas permaneciam cravadas na terra.

Feridos dos dois exércitos já eram atendidos pelos médicos romanos.

Ao redor, os legionários do Ocidente olhavam incrédulos para o resultado.

A primeira grande batalha da Reconquista terminara muito antes do que qualquer homem imaginara.

E Belisário conquistara sua vitória mais importante não pelo número de inimigos abatidos.

Mas pelo número de romanos que ainda voltariam para casa com vida.

Ao longe, sobre as muralhas de Sirmio, os estandartes orientais continuavam tremulando.

A guarnição observava cada movimento do exército ocidental.

Dentro da tenda de comando, os principais oficiais reuniram-se novamente ao redor do mapa.

Lucius foi o primeiro a falar.

— A força que escapou reforçou a cidade.

Caius passou o dedo pelas muralhas desenhadas no pergaminho.

— Os portões foram fechados imediatamente. Os depósitos parecem cheios.

Gunderic cruzou os braços.

— Então teremos um cerco.

Já começou a calcular quanto tempo levaria para cortar os acessos e impedir a chegada de suprimentos.

Um dos engenheiros militares abriu outro pergaminho.

— Podemos iniciar a construção das primeiras torres de assalto ainda hoje.

Outro oficial completou:

— Os aríetes estarão prontos em poucos dias. Se levantarmos catapultas nas colinas...

Belisário permaneceu em silêncio durante toda a discussão.

Seu olhar estava voltado para as muralhas de Sirmio, visíveis pela abertura da tenda.

Os oficiais continuaram debatendo distâncias, máquinas de guerra, linhas de abastecimento e possíveis pontos de ataque.

Então Belisário finalmente falou.

Sua voz era tranquila.

— Não haverá cerco.

O silêncio caiu sobre a tenda.

Os engenheiros interromperam as anotações.

Lucius ergueu lentamente a cabeça.

Caius olhou para o mapa, como se procurasse alguma alternativa que não conseguia enxergar.

Gunderic apenas sorriu de canto.

Já aprendera que, sempre que Belisário dizia algo aparentemente impossível, era porque já havia encontrado um caminho que ninguém mais conseguia ver.

Belisário aproximou-se da mesa.

Enrolou lentamente o mapa.

Depois retirou da cintura a velha *spatha*.

Durante um instante, permaneceu observando a arma que o acompanhara por tantas campanhas.

Em seguida, estendeu-a para Caius.

O jovem recebeu a espada com evidente surpresa.

— General...

Belisário apenas assentiu.

Depois soltou o pesado manto escarlate que cobria seus ombros e entregou-o a Lucius.

— Guarde-o para mim.

Lucius segurou o tecido sem compreender.

Belisário voltou-se então para Gunderic.

— Quero seus batedores atentos às muralhas. Mas ninguém atravessa aqueles portões. Ninguém entra. Ninguém sai. Até minha volta.

O antigo guerreiro vândalo franziu a testa.

— Sua volta?

Belisário respondeu apenas com um discreto sorriso.

Sem acrescentar qualquer explicação, caminhou até seu cavalo.

Montou com a tranquilidade de quem iniciava uma simples inspeção.

Os soldados abriram passagem.

Centenas de legionários acompanharam o movimento em absoluto silêncio.

Quando perceberam a direção tomada pelo comandante, a inquietação espalhou-se pelas fileiras.

Belisário cavalgava sozinho.

Diretamente para os portões de Sirmio.

Os arqueiros sobre as muralhas imediatamente ocuparam suas posições.

Do lado de fora, arqueiros romanos esticaram as cordas de seus arcos por instinto.

Lucius deu um passo à frente.

— General...

Belisário não olhou para trás.

Continuou cavalgando em direção à fortaleza.

O silêncio que acompanhava aquele homem parecia mais poderoso do que qualquer exército.

Ninguém compreendia o que pretendia fazer.

Mas todos sabiam que, naquele momento, a batalha ainda não havia terminado.

Belisário cavalgou lentamente pelo campo ainda marcado pelos vestígios da batalha.

O vento fazia tremular seu cabelo enquanto o cavalo avançava em direção aos grandes portões de Sirmio.

Nenhum escudo o protegia.

Nenhuma espada pendia à cintura.

Nenhum soldado o acompanhava.

Sobre as muralhas, dezenas de arqueiros orientais acompanharam cada passo daquele homem solitário.

As cordas dos arcos foram esticadas quase ao mesmo tempo.

Bastava uma única ordem.

Um único disparo.

Mas ela nunca veio.

À medida que Belisário se aproximava, os rostos dos legionários começaram a mudar.

Primeiro surgiu a dúvida.

Depois a surpresa.

Por fim, a incredulidade.

Murmúrios espalharam-se rapidamente entre as ameias.

— É ele...

— Não pode ser...

— O General Belisário...

Alguns daqueles homens haviam marchado sob seu comando anos antes.

Outros o conheciam apenas pelas campanhas da África e do Oriente.

Mas todos reconheciam aquela postura.

Aquele cavalo.

Aquele homem que avançava sozinho contra uma fortaleza inteira.

Quando parou diante dos portões, ergueu apenas a mão direita.

Nenhuma palavra.

Nenhum gesto de ameaça.

Após alguns instantes de hesitação, ouviu-se o ranger pesado das correntes.

O grande portão se abriu.

Belisário entrou.

Sozinho.

As portas voltaram a fechar-se atrás dele.

Do lado de fora, o tempo parecia deixar de existir.

Horas passaram lentamente.

O sol começou a descer em direção ao horizonte.

No acampamento romano, ninguém compreendia o que acontecia dentro da fortaleza.

Lucius caminhava de um lado para o outro.

Caius permanecia observando os portões sem desviar os olhos por um instante sequer.

Gunderic limitava-se a vigiar os arredores.

Conhecia Belisário o suficiente para saber que nenhuma ordem seria dada antes de seu retorno.

Ainda assim, a espera parecia interminável.

No interior da fortaleza, Belisário foi conduzido até o salão de comando.

O oficial responsável pela guarnição aguardava de pé diante de uma grande mesa coberta por mapas.

Era um homem de cabelos grisalhos, olhar firme e armadura marcada pelos anos de campanha.

Quando os dois ficaram frente a frente, permaneceram alguns instantes em silêncio.

O comandante oriental foi o primeiro a falar.

— Recebi ordens para defender Sirmio.

Sua voz não carregava arrogância.

Apenas o peso do dever.

Belisário fez um leve gesto de compreensão.

— Eu sei.

O comandante continuou.

— Também recebi ordens para considerá-lo um traidor.

Belisário sustentou seu olhar.

— E acredita nisso?

O homem demorou alguns segundos para responder.

Olhou pela janela, onde ainda era possível enxergar o campo da batalha daquela manhã.

Centenas de soldados orientais recebiam atendimento dos próprios médicos romanos.

Prisioneiros conversavam livremente com legionários do Ocidente.

Nenhum homem fora executado.

Nenhuma tenda fora incendiada.

Nenhuma vingança havia sido praticada.

Por fim, voltou-se novamente para Belisário.

— Depois de hoje... já não sei no que acreditar.

Belisário aproximou-se lentamente da mesa.

Não apontou mapas.

Não discutiu estratégias.

Não falou sobre cercos.

Nem sobre catapultas.

Falou apenas sobre Roma.

— Quando juramos servir ao Império... não juramos fidelidade ao orgulho de um homem. Juramos proteger nosso povo.

Fez uma breve pausa.

— Não vim pedir que traia seu juramento.

O comandante permaneceu imóvel.

Belisário concluiu, com a mesma serenidade:

— Vim pedir que se lembre para quem jurou.

O silêncio tomou conta da sala.

Longos instantes se passaram antes que Belisário voltasse a falar.

— Se abrir os portões... nenhum soldado será punido. Seus oficiais manterão seus postos. Seus homens continuarão recebendo seus soldos. Suas famílias permanecerão protegidas. Nenhuma casa será saqueada. Nenhum cidadão sofrerá qualquer violência.

Olhou diretamente nos olhos do comandante.

— Não vim conquistar Sirmio. Vim devolvê-la ao povo.

O oficial baixou lentamente a cabeça.

Jamais imaginara ouvir aquelas palavras.

Durante anos preparara-se para resistir a inimigos.

Agora encontrava diante de si um homem que lhe oferecia paz sem exigir humilhação.

Naquela noite, as tochas permaneceram acesas até altas horas sobre as muralhas da fortaleza.

Do lado de fora, milhares de legionários aguardavam em absoluto silêncio.

Ninguém sabia o que estava sendo decidido atrás daqueles muros.

O céu ainda era tingido pelos primeiros tons do amanhecer quando um silêncio incomum tomou conta dos campos diante de Sirmio.

Nenhum corno militar soava.

Nenhum soldado empunhava a espada.

As fileiras romanas permaneciam imóveis, voltadas para as muralhas da fortaleza.

Lucius observava os portões sem desviar os olhos.

Caius apertava instintivamente o punho da *spatha* que Belisário lhe entregara na véspera.

Gunderic mantinha seus batedores espalhados pelos arredores, atento a qualquer sinal de traição.

Os minutos pareciam intermináveis.

Então... Um som grave rompeu o silêncio.

As pesadas correntes começaram a se mover.

O ranger da madeira ecoou pelo vale.

Lentamente, os grandes portões de Sirmio começaram a se abrir.

Ninguém recebeu ordem para avançar.

Ninguém correu em direção às muralhas.

Todo o exército apenas observava.

Da abertura surgiu a primeira fileira de legionários orientais.

Marchavam lentamente.

Sem formação de combate.

Sem escudos erguidos.

Sem lanças apontadas.

Cada homem carregava sua espada com a ponta voltada para o chão.

Belisário e o comandante do exército oriental caminhavam lado a lado.

Ao alcançarem o espaço entre os dois exércitos, o comandante da guarnição foi o primeiro a parar.

Olhou para Belisário.

Depois retirou lentamente a espada da bainha.

Durante um instante, contemplou o aço que o acompanhara por tantos anos de serviço.

Então ajoelhou-se.

Cravou a lâmina na terra.

Atrás dele, centenas de legionários repetiram exatamente o mesmo gesto.

Um após o outro.

Como uma única legião.

O som do metal encontrando o solo espalhou-se pelo campo.

Nenhuma espada foi erguida.

Nenhum homem caiu.

A batalha terminava da maneira mais improvável possível.

Belisário avançou alguns passos.

Parou diante do comandante.

Sem qualquer cerimônia, inclinou-se e retirou a espada do chão.

Em vez de tomá-la para si... devolveu-a ao seu antigo adversário.

O oficial ergueu os olhos, surpreso.

Belisário falou com serenidade.

— Um soldado romano não deve caminhar desarmado.

O comandante recebeu novamente a arma com mãos trêmulas.

Ao redor, os legionários orientais observavam a cena em absoluto silêncio.

Foi um jovem centurião quem rompeu a quietude.

Deu um passo à frente.

Levou o punho ao peito.

— General... Se ainda houver lugar em suas fileiras... gostaria de continuar servindo Roma sob seu comando.

Logo outro oficial fez o mesmo.

Depois outro.

E outro.

Em poucos instantes, milhares de legionários orientais pediam para permanecer no Exército da Águia.

Não abandonavam Roma.

Apenas escolhiam continuar servindo ao ideal que acreditavam representar seu verdadeiro juramento.

Belisário olhou para aqueles homens.

Reconheceu alguns rostos.

Outros jamais havia visto.

Mas, naquele instante, isso já não importava.

Todos eram romanos.

Com um simples gesto de cabeça, respondeu:

— Se marcharem pelo povo... marcharemos juntos.

Um discreto sorriso percorreu as fileiras.

Os portões abriram-se completamente.

A população observava das janelas e das praças com uma mistura de receio e incredulidade.

As crianças espiavam por trás dos pais.

Comerciantes permaneciam imóveis diante de suas lojas.

Velhos veteranos enxugavam discretamente os olhos ao ver legionários do Oriente e do Ocidente caminhando lado a lado pelas mesmas ruas.

Nenhuma casa foi saqueada.

Nenhuma oficina foi incendiada.

Nenhum templo foi profanado.

Nem uma única pedra das muralhas precisou ser derrubada.

Quando a águia romana voltou a tremular sobre a fortaleza de Sirmio, um vento suave percorreu a cidade.

Belisário permaneceu observando o estandarte por alguns instantes.

Depois voltou-se para seus oficiais e para os soldados que agora formavam um único exército.

Sua voz foi calma.

Mas todos a ouviram.

— Hoje não conquistamos uma cidade.

Seu olhar percorreu as fileiras, onde homens que poucas horas antes lutavam em lados opostos agora compartilhavam o mesmo estandarte.

Então concluiu:

— Hoje demos o primeiro passo para reunir Roma.

Nenhum homem respondeu.

Não era necessário.

Bastava olhar para aquela praça.

Para aquelas muralhas.

Para aquelas legiões marchando juntas.

Ali estava a resposta.

Enquanto o Exército da Águia reorganizava suas fileiras e a vida voltava lentamente às ruas de Sirmio, mensageiros já deixavam a cidade em todas as direções,

levando consigo uma notícia que muitos julgariam impossível.

A notícia da rendição de Sirmio atravessaria o Império mais rápido do que qualquer exército.

CAPÍTULO 26
AS DUAS FRENTES

Os dias que se seguiram à rendição de Sirmio transcorreram sem grandes batalhas.

Ainda assim, a guerra avançava.

Todas as manhãs, o Exército da Águia retomava a marcha pelas antigas estradas romanas que conduziam ao coração do Oriente.

As cidades atravessadas recebiam Belisário não como um conquistador, mas como um general que recusava saques, respeitava os civis e mantinha a disciplina de seus homens.

A notícia da tomada pacífica de Sirmio espalhara-se muito além das fronteiras da província.

Em cada cidade, novos voluntários aproximavam-se dos acampamentos.

Alguns eram jovens que desejavam servir pela primeira vez.

Outros eram veteranos que voltavam a vestir a armadura depois de anos afastados das legiões.

Também surgiam legionários orientais que haviam abandonado pequenos destacamentos para juntar-se ao

Exército da Águia, convencidos de que lutavam novamente por Roma, e não apenas por um imperador.

As fileiras cresciam dia após dia.

Não por recrutamentos forçados.

Mas porque a esperança costumava marchar mais depressa do que qualquer exército.

A centenas de quilômetros dali, atrás das grossas muralhas do Grande Palácio de Constantinopla, outra campanha avançava em absoluto silêncio.

Antonina permanecia oficialmente confinada.

Aos olhos da corte, era apenas uma prisioneira política.

Na realidade, porém, sua influência jamais fora tão grande.

Uma criada levava uma bandeja de alimentos.

Um escriba entregava documentos aparentemente comuns.

Um funcionário alterava discretamente a ordem de uma audiência.

Um mensageiro mudava o destino de um pergaminho.

Pequenos gestos.

Pequenas decisões.

Pessoas que ninguém notava.

Cada uma delas tornava-se mais uma peça da grande rede que Antonina construía pacientemente dentro do próprio coração do Império.

Ela já não precisava sair de seus aposentos para mover a corte.

A corte vinha até ela.

Enquanto Belisário conquistava estradas, Antonina conquistava corredores.

Enquanto ele convencia legionários a empunharem novamente a mesma águia, ela conquistava ministros, escribas, funcionários, guardas e homens influentes que começavam a questionar o rumo tomado por Justiniano.

Cada vitória militar encontrava um reflexo político.

Cada cidade poupada fortalecia novos aliados em Constantinopla.

Cada legionário que mudava de lado enfraquecia um pouco mais o poder do Oriente.

Sem jamais trocarem uma única palavra desde a carta enviada de Roma, marido e esposa continuavam lutando exatamente a mesma guerra.

Belisário marchava para conquistar o Império por fora.

Antonina preparava-se para reconquistá-lo por dentro.

E, sem que Justiniano percebesse, as duas frentes aproximavam-se lentamente uma da outra.

A notícia da rendição de Sirmio chegou a Constantinopla poucos dias depois.

Justiniano recebeu o pergaminho em silêncio.

Leu uma vez.

Depois outra.

Ao terminar, fechou lentamente os olhos.

Durante alguns instantes, ninguém ousou pronunciar uma palavra.

Então, num gesto repentino, lançou o pergaminho contra a parede.

O selo imperial partiu-se ao atingir o mármore.

— Uma cidade inteira...

murmurou entre os dentes.

— Sem um cerco. Sem uma única muralha derrubada.

Sua voz tornou-se mais dura.

— Como?

Nenhum conselheiro respondeu.

A sala permaneceu imóvel.

Justiniano caminhou de um lado para o outro, tentando compreender o que havia acontecido.

Belisário não estava apenas vencendo batalhas.

Estava convencendo soldados orientais a mudarem de lado.

Era um tipo de guerra para o qual nenhum decreto imperial oferecia resposta.

Naquele mesmo dia, a corte começou a mudar.

Funcionários considerados pouco confiáveis foram afastados.

Oficiais perderam seus comandos.

Escribas desapareceram sem explicações.

Interrogatórios passaram a ocorrer diariamente nos corredores do Grande Palácio.

Prisioneiros eram conduzidos às masmorras sob acusação de manter contato com simpatizantes de Belisário.

Alguns jamais voltavam.

Outros eram executados em praça pública, para que toda Constantinopla compreendesse o preço da deslealdade.

Pouco a pouco, o medo substituiu a confiança.

Os corredores antes tomados por conversas transformaram-se em passagens silenciosas.

Cada palavra passou a ser medida.

Cada olhar despertava suspeitas.

Ninguém sabia quem ainda era digno da confiança do imperador.

E Justiniano, cercado por milhares de pessoas, começava a sentir-se mais sozinho do que nunca.

Foi então que outro nome voltou a ocupar seus pensamentos.

Antonina.

Se Belisário conseguia conquistar cidades sem destruir muralhas... talvez não estivesse lutando sozinho.

Na manhã seguinte, Justiniano convocou uma reunião restrita.

Sua intenção era clara.

Transferir Antonina para uma prisão militar.

Isolá-la completamente.

Talvez levá-la a julgamento por conspiração.

Antes que pudesse concluir sua decisão, outra voz rompeu o silêncio da sala.

— Com base em quê?

Justiniano voltou-se lentamente.

Teodora permanecia sentada, mantendo a serenidade que sempre a distinguira.

— Ela é esposa de Belisário.

Respondeu o imperador.

— Isso não constitui crime.

A imperatriz sustentou seu olhar.

— Há alguma prova de que tenha conspirado contra o Império?

Justiniano permaneceu calado.

Teodora prosseguiu, firme, mas sem elevar a voz.

— Se começar a prender pessoas apenas por medo... não restará ninguém em quem possa confiar.

O silêncio prolongou-se por longos instantes.

Por fim, Justiniano desviou o olhar.

Respirou profundamente.

— Muito bem. A transferência está suspensa. Por enquanto.

Teodora fez apenas um discreto gesto de cabeça.

A audiência terminou.

Horas depois, a notícia chegou discretamente aos aposentos de Antonina.

Ela ouviu o relato sem demonstrar qualquer emoção.

Apenas agradeceu ao mensageiro.

Quando ficou novamente sozinha, aproximou-se da janela e contemplou, ao longe, as cúpulas douradas de Constantinopla.

Sabia que o tempo estava se esgotando.

Mas também compreendeu algo importante.

Enquanto Teodora permanecesse ao seu lado... ainda existia uma fresta por onde a esperança podia entrar.

A luz da manhã já envolvia Constantinopla quando Antonina permaneceu sozinha em seus aposentos.

Mapas cuidadosamente desenhados.

Cartas vindas de diferentes províncias.

Listas de nomes escritas com extrema precisão.

Alguns pergaminhos permaneciam lacrados.

Outros exibiam pequenas anotações feitas por sua própria mão.

Cada documento representava uma peça de um plano que levara meses para ser construído.

Do lado de fora, o Grande Palácio parecia mergulhado no silêncio.

Mas Antonina sabia que, naquela cidade, o silêncio quase sempre escondia movimentos invisíveis.

Uma discreta batida ecoou na porta.

— Entre.

Um legionário entrou rapidamente no aposento.

Usava uma simples túnica para não chamar atenção, mas sua postura denunciava anos de serviço nas legiões.

Assim que cruzou a porta, ajoelhou-se.

Não perdeu tempo com formalidades.

Falou apenas o necessário.

— Os preparativos já estão prontos.

Antonina permaneceu imóvel.

Seus olhos continuaram sobre o pergaminho que segurava.

Durante alguns instantes, nenhuma palavra foi dita.

Então ela dobrou cuidadosamente a folha, colocou-a sobre a mesa e finalmente ergueu o olhar.

Sua resposta resumiu meses inteiros de trabalho.

— Ótimo.

O legionário levou o punho ao peito em continência.

Sem acrescentar qualquer explicação, levantou-se e deixou o aposento.

A porta fechou-se novamente.

Antonina voltou-se para a janela.

Lá fora, milhares de luzes iluminavam Constantinopla.

A cidade parecia tranquila.

Ignorava que, sob aquela aparente normalidade, forças invisíveis começavam a mover-se em direções que poucos eram capazes de perceber.

Ao mesmo tempo, muito além dos Montes Haemus, outra coluna avançava sob a luz diurna.

Belisário cavalgava à frente do Exército da Águia.

As legiões seguiam em silêncio pelas antigas estradas romanas, deixando para trás Sirmio e aproximando-se, dia após dia, de Naísso.

À sua volta marchavam homens vindos do Oriente e do Ocidente.

Veteranos.

Recrutas.

Antigos adversários.

Agora unidos sob o mesmo estandarte.

Belisário ergueu os olhos para a águia romana que balançava suavemente ao vento.

Naquele mesmo instante, Antonina contemplava outra águia.

A dourada insígnia imperial que ornamentava uma das grandes cúpulas do palácio de Constantinopla.

Separados por centenas de quilômetros... lutavam exatamente a mesma guerra.

Ele conquistava o Império pelas estradas.

Ela o reconquistava pelos corredores do poder.

Nenhum dos dois podia ver o outro.

Mas ambos marchavam para o mesmo destino.

Enquanto o Exército da Águia aproximava-se de Naísso, as sombras começavam a mover-se também dentro de Constantinopla.

CAPÍTULO 27
DOIS GENERAIS

Na margem oposta do Níšava, o acampamento oriental despertava com a mesma disciplina.

Nenhuma voz era elevada.

Nenhuma ordem era repetida duas vezes.

Centuriões percorriam as fileiras verificando armaduras, escudos e formações, enquanto engenheiros conferiam as pontes e reforçavam pequenas posições defensivas ao longo da margem do rio.

No centro do acampamento, dentro de uma ampla tenda de comando, um homem permanecia curvado sobre um grande mapa.

Narses.

Não vestia uma armadura ornamentada.

Nem buscava aparentar imponência.

Usava apenas a armadura funcional de um general oriental, marcada por anos de campanha.

Sobre a mesa havia pequenos marcadores de madeira representando cada unidade do exército.

Infantaria.

Cavalaria.

Arqueiros.

Reservas.

Tudo cuidadosamente organizado.

Ao seu redor, oficiais aguardavam em absoluto silêncio.

Narses deslocou lentamente uma das peças sobre o mapa.

Depois outra.

Observava o terreno com a mesma atenção que dedicava aos homens sob seu comando.

— A margem oeste...

disse calmamente.

— É o único lugar onde Belisário poderá tentar ganhar mobilidade.

Um oficial aproximou-se.

— Devemos reforçá-la?

Narses refletiu por um instante.

Depois balançou a cabeça.

— Não. Se reforçarmos demais um único setor... enfraqueceremos o restante da linha.

Sua voz permanecia serena.

Não havia ansiedade.

Nem excesso de confiança.

Apenas cálculo.

Outro oficial perguntou:

— General... acredita que ele atacará logo?

Narses voltou os olhos para o mapa.

Um discreto sorriso surgiu em seu rosto.

— Pelas informações que temos... sim.

Fez uma breve pausa.

— E pelo o que eu conheço de Belisário... provavelmente fará exatamente isso.

O comentário provocou discretos olhares entre os oficiais.

Era evidente que Narses conhecia profundamente o homem que enfrentaria.

Não o subestimava.

Nem o temia.

Respeitava-o.

Assim como Belisário, evitava batalhas desnecessárias.

Protegia seus soldados sempre que possível.

Preferia vencer pela organização à força bruta.

Jamais desperdiçava vidas apenas para conquistar glória.

Os dois haviam aprendido a guerra nas mesmas legiões.

Estudado os mesmos tratados.

Jurado fidelidade ao mesmo Império.

Eram, de muitas maneiras, o reflexo um do outro.

A diferença estava apenas no caminho que escolheram seguir.

Belisário acreditava que o Império precisava ser reunificada ao redor do povo para sobreviver.

Narses acreditava que preservar a autoridade de Justiniano era a única forma de impedir que o Império mergulhasse no caos.

Nenhum dos dois lutava por ambição.

Ambos acreditavam estar salvando Roma.

E era justamente isso que tornava aquela batalha tão perigosa.

O destino do Império seria decidido não entre um general e um inimigo..., mas entre dois homens igualmente dignos de serem chamados de romanos.

Depois de semanas de marcha desde Sirmio, o Exército da Águia alcançou as colinas que dominavam a antiga cidade de Naísso.

Belisário fez sinal para que a coluna interrompesse o avanço.

À frente, o vale abria-se em toda a sua extensão.

O rio Níšava serpenteava silenciosamente entre margens cobertas por bosques e pequenas elevações rochosas, refletindo a luz da manhã como uma longa faixa de prata. Uma antiga ponte romana unia as duas margens, enquanto alguns vaus rasos, quase ocultos pela vegetação, interrompiam discretamente o curso das águas.

Mais além erguia-se Naísso.

Suas muralhas protegiam uma das principais cidades da região, construída para controlar as estradas que ligavam os Montes Haemus ao coração do Império. Torres de observação vigiavam o horizonte, e estandartes púrpura tremulavam acima dos portões, indicando que a cidade permanecia fiel a Constantinopla.

Mas não era a fortaleza que prendia a atenção de Belisário.

Era o gigante exército acampado diante dela.

Enquanto Belisário estudava o terreno, cavaleiros surgiram entre as árvores ao oeste.

Gunderic retornava.

Atrás dele vinham seus batedores, exaustos pela longa exploração das redondezas.

Assim que desmontou, aproximou-se da mesa improvisada onde os mapas já estavam abertos.

Sem perder tempo, apontou para o vale.

— Confirmamos todas as informações.

Seu dedo percorreu lentamente as posições inimigas.

— Têm aproximadamente vinte mil homens. Infantaria pesada no centro. Cavalaria protegendo as duas alas. Arqueiros distribuídos pelas colinas.

Fez uma breve pausa.

— E há outra notícia.

Ergueu os olhos para Belisário.

— Narses assumiu pessoalmente o comando.

O silêncio instalou-se ao redor da mesa.

Lucius respirou fundo.

Caius observou novamente o campo de batalha, como se agora enxergasse algo diferente.

Gunderic prosseguiu.

— Eles escolheram muito bem a posição. O rio protege parte da frente. As colinas oferecem excelente campo de visão para os arqueiros. As pontes estão fortemente defendidas. E qualquer avanço frontal obrigará nossas legiões a lutar em terreno desfavorável.

Belisário permaneceu imóvel.

Seu olhar alternava entre o mapa e o vale.

Quanto mais observava a disposição das tropas orientais, mais compreendia quem estava do outro lado.

Não havia improviso.

Não havia ostentação.

Cada unidade ocupava exatamente o lugar onde deveria estar.

Lucius rompeu o silêncio.

— Ele pensa como o senhor.

Belisário demorou alguns instantes para responder.

Continuou observando o campo de batalha.

Depois assentiu discretamente.

— Sim.

Sua voz saiu calma.

Quase respeitosa.

— Enfrentaremos um general que enxerga a guerra da mesma maneira que nós.

Nenhum dos oficiais acrescentou palavra.

Todos compreenderam o peso daquela afirmação.

Em Sirmio, Belisário enfrentara um comandante competente.

Agora enfrentaria um igual.

E, espalhadas pelas margens do antigo Rio Sagrado, duas das maiores mentes militares de Roma preparavam-se para decidir o destino do Império.

Na manhã seguinte, antes que qualquer corno anunciasse o início da batalha, Belisário convocou seus principais oficiais.

O mapa permanecia aberto sobre a mesa.

Mas, dessa vez, ninguém discutia formações ou manobras.

Belisário retirou um pequeno pergaminho da mesa.

Escreveu poucas linhas.

Dobrou cuidadosamente o documento.

Depois chamou um dos mensageiros mais experientes do estado-maior.

— Atravesse o rio. Entregue esta mensagem apenas ao General Narses.

O mensageiro levou o punho ao peito.

— Sim, General.

Montou imediatamente e cavalgou sozinho em direção às linhas orientais.

Nenhum arqueiro disparou.

Os dois exércitos conheciam as antigas leis da guerra romana.

Um emissário sob bandeira de negociação permanecia inviolável.

Os soldados abriram passagem até que o homem desaparecesse entre as fileiras do Oriente.

Algum tempo depois, já no interior do acampamento oriental, o emissário foi conduzido até a tenda de comando.

Narses recebeu o pergaminho em silêncio.

Leu cada linha lentamente.

Belisário oferecia uma rendição honrosa.

Nenhum oficial perderia sua patente.

Nenhum legionário seria tratado como traidor.

As famílias permaneceriam protegidas.

Todos continuariam servindo Roma.

A única exigência era que reconhecessem a campanha de reunificação.

Quando terminou a leitura, Narses permaneceu alguns instantes imóvel.

Depois dobrou cuidadosamente o pergaminho.

Não havia qualquer sinal de irritação.

Nem desprezo.

Apenas uma tristeza silenciosa.

Olhou para o mensageiro que aguardava sua resposta.

— Diga ao General Belisário...

Fez uma breve pausa.

— ...que recebo sua proposta com o respeito que ela merece.

Abaixou os olhos por um instante.

Então concluiu:

— Mas, enquanto Justiniano ocupar o trono... meu juramento permanece com ele.

O mensageiro fez continência.

Recebeu a resposta.

E iniciou imediatamente o caminho de volta.

Quando o cavaleiro retornou ao acampamento ocidental, todos aguardavam em silêncio.

Belisário recebeu a resposta sem alterar a expressão.

Seus olhos permaneceram voltados para o rio durante alguns instantes.

Como se ainda esperasse encontrar outra solução.

Não encontrou.

Respirou profundamente.

Fechou os olhos por um breve momento.

Depois falou, quase em um sussurro.

— Então...

abriu novamente os olhos e contemplou as legiões que começavam a formar suas linhas de batalha dos dois lados do Níšava.

— Roma chorará seus próprios filhos.

Nenhum oficial respondeu.

Não havia mais palavras capazes de impedir o que aconteceria nas horas seguintes.

A partir daquele instante, a diplomacia cedia lugar às armas.

E o Rio Sagrado testemunharia uma das batalhas mais dolorosas da história de Roma.

A madrugada ainda envolvia o vale do Níšava quando os dois exércitos começaram a despertar.

Nenhum homem precisou ser acordado.

Naquela manhã, quase ninguém havia conseguido dormir.

Uma fina névoa subia lentamente das águas do Rio Sagrado, espalhando-se pelas margens e escondendo parte das colinas que cercavam Naísso. As primeiras luzes do amanhecer tingiam o horizonte de dourado,

refletindo-se sobre milhares de escudos alinhados dos dois lados do vale.

Belisário deixou sua tenda antes mesmo do nascer do sol.

Caminhou lentamente entre as fileiras.

Não fazia discursos.

Não prometia glória.

Apenas observava seus homens.

Passava por veteranos que haviam marchado com ele desde Roma.

Por legionários orientais que haviam mudado de lado em Sirmio.

Por jovens recrutas que conheceriam naquela manhã o verdadeiro rosto da guerra.

Sempre que encontrava um olhar inquieto, respondia apenas com um discreto gesto de cabeça.

Era suficiente.

Mais adiante, Caius ajustava silenciosamente o capacete de um legionário que mal conseguia esconder o nervosismo.

Lucius caminhava entre as primeiras coortes verificando escudos, lanças e formações, repetindo calmamente as últimas instruções aos centuriões.

Gunderic desaparecera ainda durante a noite.

Nem mesmo os oficiais sabiam exatamente onde se encontrava.

Belisário apenas confiava que, quando chegasse o momento, ele estaria onde deveria estar.

Do outro lado do rio, Narses também deixava sua tenda.

Percorria suas próprias fileiras com a mesma serenidade.

Parava para conversar brevemente com alguns centuriões.

Corrigia pequenas posições.

Observava o terreno.

Assim como Belisário, não demonstrava qualquer ansiedade.

Sabia que uma única decisão errada custaria milhares de vidas romanas.

Quando retornou ao centro da formação, um de seus oficiais aproximou-se.

— General... os homens aguardam suas palavras.

Narses olhou para as fileiras que se estendiam diante dele.

Durante alguns instantes permaneceu em silêncio.

Depois falou apenas o necessário.

— Hoje... não enfrentamos bárbaros. Enfrentamos homens que um dia marcharam ao nosso lado.

Seu olhar percorreu cada centurião.

— Lutem com disciplina. Protejam o homem ao lado. E honrem o juramento que fizeram.

Nenhuma palavra a mais.

Os oficiais compreenderam.

Do outro lado do vale, Belisário também reuniu seus comandantes.

Não ergueu a voz.

— Lembrem-se do que sempre ensinei.

Olhou primeiro para Lucius.

Depois para Caius.

Por fim, para os demais oficiais.

— Nenhuma vitória vale mais do que a vida de um romano.

Fez uma breve pausa.

— Lutem para vencer. Não para destruir.

Os comandantes levaram o punho ao peito.

Nenhuma aclamação rompeu o silêncio.

Nenhum grito de guerra ecoou pelo vale.

As duas legiões permaneceram imóveis.

Durante alguns instantes, parecia impossível acreditar que aqueles homens estavam prestes a matar uns aos outros.

O vento soprou entre os estandartes.

As duas águias romanas balançaram quase ao mesmo tempo.

Uma voltada para o Oriente.

Outra para o Ocidente.

Ainda assim... eram a mesma águia.

Então, do lado oriental, um longo toque de corno rompeu o silêncio.

Grave.

Profundo.

Quase imediatamente, as trompas do Exército da Águia responderam.

O som atravessou o vale, reverberando entre as colinas e as águas do Rio Sagrado.

Milhares de escudos ergueram-se em perfeita sincronia.

As lanças inclinaram-se para a frente.

Os centuriões desembainharam as espadas.

Belisário e Narses permaneceram imóveis por apenas mais um instante.

Dois generais.

Dois romanos.

Duas visões diferentes para salvar o mesmo Império.

Então, quase simultaneamente, ambos ergueram a mão.

As primeiras fileiras começaram a avançar.

A maior batalha da reunificação de Roma havia começado.

CAPÍTULO 28
RIO DE SANGUE

As duas linhas avançaram em silêncio.

Não havia correria.

Nem gritos.

Apenas o som ritmado de milhares de sandálias militares golpeando a terra ao mesmo tempo.

Escudo.

Passo.

Escudo.

Passo.

Como se um único homem conduzisse ambos os exércitos.

Quando a distância diminuiu para poucas dezenas de passos, os primeiros comandos ecoaram simultaneamente.

— Firmem a linha!

Os legionários abaixaram levemente o centro de gravidade.

Os grandes escudos retangulares encaixaram-se uns aos outros.

As lanças avançaram.

Então veio o impacto.

O choque percorreu toda a frente de batalha como um trovão.

Madeira contra madeira.

Ferro contra ferro.

Homens empurrando homens.

Nenhuma formação cedia.

As duas linhas permaneciam firmes, sustentadas por anos de treinamento e disciplina.

Belisário observava do alto de uma pequena elevação.

Narses fazia exatamente o mesmo na margem oposta.

Nenhum dos dois demonstrava qualquer emoção.

Ambos aguardavam o momento em que o adversário cometeria o primeiro erro.

Mas esse erro não vinha.

Os centuriões gritavam ordens curtas.

As coortes substituíam rapidamente os homens das primeiras fileiras antes que o cansaço comprometesse a formação.

Cada movimento era preciso.

Cada avanço era calculado.

Não havia espaço para heroísmo individual.

Apenas para o funcionamento perfeito da máquina de guerra romana.

Logo os arqueiros entraram em ação.

Ao mesmo tempo.

Dois comandos.

Duas nuvens de flechas cruzaram o céu em sentidos opostos.

Durante alguns instantes, o sol desapareceu atrás das centenas de projéteis.

As flechas atingiram escudos, armaduras e o solo com um ruído seco.

Alguns homens tombaram.

As linhas, porém, permaneceram intactas.

Ninguém abandonou sua posição.

Percebendo que os disparos não alteravam o equilíbrio da batalha, ambos os comandantes deram uma nova ordem.

As alas começaram a mover-se.

Parte da cavalaria ilíria avançou pelo flanco esquerdo romano.

Quase no mesmo instante, a cavalaria oriental respondeu pela ala oposta.

Os cavaleiros chocaram-se violentamente entre nuvens de poeira, lanças partidas e cavalos empinando sobre as margens do Níšava.

Ainda assim... nenhum dos lados conquistou vantagem.

Lucius acompanhava atentamente o centro da formação.

Os escudos romanos moviam-se exatamente como haviam sido treinados.

Olhou para o outro lado do campo.

As legiões orientais respondiam da mesma maneira.

Por um instante, franziu a testa.

Depois murmurou, quase para si mesmo:

— É como olhar para um espelho...

Caius também observava o inimigo.

As mesmas formações.

Os mesmos sinais dos centuriões.

Os mesmos estandartes.

A mesma disciplina.

Não era apenas um exército semelhante.

Era Roma lutando contra Roma.

Minutos transformaram-se em quase uma hora.

O combate espalhou-se por toda a extensão do vale.

Nenhuma ala rompia.

Nenhum centro cedia.

Cada tentativa de avanço era imediatamente respondida pelo outro lado.

Belisário percebeu.

Narses também.

Até aquele momento, nenhum dos dois conseguira superar o adversário.

O Rio Sagrado permanecia equilibrado.

Como se o próprio Império se recusasse a escolher um vencedor.

O vale do Níšava transformara-se em um imenso campo de aço.

As primeiras linhas eram constantemente substituídas por novas coortes.

Centuriões gritavam ordens.

Cornos soavam.

Médicos retiravam os feridos enquanto outras fileiras ocupavam imediatamente seus lugares.

Mesmo após horas de combate, nenhuma das duas legiões conseguira romper a formação adversária.

Belisário acompanhava cada movimento do alto da colina.

Não procurava uma oportunidade para atacar.

Procurava um erro.

Do outro lado do rio, Narses fazia exatamente o mesmo.

Então... ele encontrou.

Seu olhar fixou-se sobre o centro do Exército da Águia.

Uma coorte havia perdido muitos homens durante a troca de posições.

Não era uma armadilha.

Era uma brecha real.

Pequena.

Mas suficiente.

Narses não hesitou.

Ergueu o bastão de comando.

Um único toque de corno ecoou sobre o campo.

Instantaneamente, duas coortes orientais abandonaram a linha principal e avançaram em formação cerrada contra aquele ponto específico.

Ao mesmo tempo, uma ala de cavalaria mudou abruptamente de direção, protegendo o avanço da infantaria.

Tudo aconteceu em questão de segundos.

— Ele viu... — murmurou Belisário.

As lanças orientais atingiram o centro romano como um aríete.

O impacto foi devastador.

A primeira linha resistiu.

A segunda também.

Mas a pressão aumentava a cada instante.

Escudos começaram a deslizar.

Centuriões eram obrigados a recuar alguns passos para reorganizar seus homens.

A formação, até então impecável, começou a dobrar-se para dentro.

Caius percebeu o perigo imediatamente.

Conduziu sua legião para reforçar o centro.

Antes que pudesse completar a manobra, a cavalaria oriental surgiu entre a poeira.

A ala direita de Caius foi violentamente atingida.

O jovem oficial lutou para manter a ordem.

— Fechem a linha!

— Escudos à frente!

Os legionários obedeceram, mas a pressão inimiga aumentava sem cessar.

Por um instante, Caius encontrou-se praticamente cercado.

Do outro lado da formação, Lucius também compreendeu o que acontecia.

Sem esperar ordens, iniciou um recuo controlado de algumas coortes.

Não era fuga.

Era a única maneira de impedir que toda a linha desmoronasse.

Cada passo era dado com disciplina absoluta.

Escudo.

Recuo.

Escudo.

Recuo.

Mesmo assim, o centro romano continuava cedendo.

Durante alguns instantes, até mesmo os oficiais mais experientes começaram a duvidar.

A linha central inclinava-se perigosamente.

Os estandartes recuavam.

A poeira escondia parte da formação.

O Exército da Águia parecia à beira da derrota.

Belisário permaneceu imóvel.

Não havia surpresa em seu rosto.

Mas havia algo que seus oficiais jamais tinham visto.

Silêncio.

Um silêncio pesado.

Como o de um homem que acabava de perceber que encontrara, finalmente, um adversário capaz de antecipar seus próprios pensamentos.

Ao longe, Narses observava o centro romano ceder lentamente.

Não comemorava.

Não sorria.

Sabia que ainda não vencera.

Mas também sabia que a iniciativa da batalha lhe pertencia.

O centro romano continuava cedendo.

Cada metro perdido aproximava as legiões orientais do coração da formação de Belisário.

Mensageiros cruzavam o campo a toda velocidade.

Centuriões gritavam ordens quase abafadas pelo choque incessante dos escudos.

Um oficial aproximou-se galopando.

O sangue que escorria por sua testa denunciava que escapara por pouco da linha de frente.

— General!

O centro não resistirá por muito mais tempo!

Belisário permaneceu observando.

Seu olhar percorria toda a extensão da batalha.

Não apenas onde o perigo era maior.

Mas também onde ainda existiam oportunidades.

Ao seu lado permanecia a reserva.

Centenas de legionários imóveis.

Até aquele momento, nenhum deles havia entrado em combate.

Lucius, já bastante pressionado, voltou-se rapidamente para a colina.

Esperava ver os estandartes da reserva finalmente avançando.

Mas Belisário ainda não dera a ordem.

Mais um impacto.

Outra coorte recuou.

A linha começou a dobrar perigosamente.

Então Belisário esporeou seu cavalo e avançou.

Olhou para os homens da reserva.

— Comigo.

Foi a única ordem.

Nenhum discurso.

Nenhuma promessa.

Apenas uma palavra.

Os legionários imediatamente levantaram os escudos.

Belisário cavalgava à frente.

Sua serenidade espalhava-se pela formação como se fosse contagiosa.

Ao alcançarem o centro da batalha, o caos dominava o terreno.

Coortes misturavam-se.

Mensageiros cruzavam-se em direções opostas.

Centuriões tentavam reorganizar homens que já não conseguiam distinguir onde terminava sua unidade e começava outra.

Belisário observou tudo por apenas alguns segundos.

Era suficiente.

Seu bastão de comando ergueu-se.

— Segunda coorte. Cinco passos à direita.

Imediatamente. Os homens obedeceram.

Abriu-se um pequeno corredor.

— Arqueiros! Cessar fogo no centro! Reposicionar para a colina oeste!

As ordens sucediam-se sem qualquer hesitação.

— Terceira coorte! Substituam a primeira linha!

— Escudos fechados!

— Intervalos de dois homens!

— Cavalaria! Protejam a infantaria!

Oficiais corriam para transmitir todos os comandos.

Em poucos instantes, formações completamente diferentes começaram a surgir onde, momentos antes, existia apenas desordem.

Belisário não estava apenas enviando reforços.

Estava reconstruindo todo o exército enquanto a batalha ainda acontecia.

Lucius interrompeu seu próprio combate por um breve instante.

Olhou para trás.

Viu coortes inteiras mudando de posição sem romper a linha.

Arqueiros abandonando pontos inúteis para ocupar terrenos mais elevados.

Reservas preenchendo exatamente os espaços necessários.

Era como assistir alguém reorganizar um enorme mosaico enquanto as peças ainda se moviam.

Uma expressão de absoluto espanto surgiu em seu rosto.

Quase sem perceber, murmurou:

— Agora entendo...

Olhou novamente para Belisário, que galopava entre os legionários apontando novas posições como se estivesse sobre um campo de treinamento.

Então concluiu, quase em reverência:

— Agora entendo por que nunca perdeu.

Do outro lado do campo, Narses observava atentamente.

Percebeu imediatamente o que estava acontecendo.

A ruptura que parecia inevitável começava a desaparecer.

Não porque chegavam mais homens.

Mas porque um único comandante conseguia transformar o caos novamente em ordem.

Narses estreitou os olhos.

Um discreto sorriso surgiu em seu rosto.

Não era satisfação.

Era reconhecimento.

Naquele instante, compreendeu que não enfrentava apenas um grande general.

Enfrentava o único homem em todo o Império capaz de reorganizar uma batalha enquanto ela ainda era travada.

A reorganização promovida por Belisário devolveu estabilidade ao Exército da Águia.

A ruptura desapareceu.

O centro voltou a respirar.

As duas linhas tornaram a enfrentar-se em equilíbrio.

Belisário ergueu os olhos para o campo.

Não observava mais os homens.

Observava o terreno.

Seu olhar percorreu lentamente o curso do Níšava.

As margens.

A antiga ponte romana.

Os pequenos barrancos.

As áreas alagadas.

Então compreendeu.

A batalha não seria decidida onde milhares de escudos se chocavam.

Seria decidida pelo rio.

Quase no mesmo instante, do outro lado do campo, Narses chegou à mesma conclusão.

Os dois generais deram novas ordens ao mesmo tempo.

As linhas começaram a mover-se.

Não era uma retirada.

Nem um avanço.

Era um deslocamento calculado.

Como duas enormes engrenagens tentando ocupar primeiro as posições decisivas do terreno.

Pouco a pouco, o combate abandonou o centro do vale e aproximou-se das margens do Níšava.

As antigas pontes tornaram-se objetivos disputados palmo a palmo.

Cada travessia permitia ameaçar o flanco inimigo.

Cada barranco podia proteger uma formação inteira.

Os legionários lutavam agora entre pedras e pequenas elevações, onde as formações perfeitas davam lugar a combates violentos e confusos.

Escudos chocavam-se contra escudos sobre passagens estreitas.

Homens escorregavam nas margens enlameadas.

Feridos eram retirados sob uma chuva constante de flechas.

Em diversos pontos, o próprio rio arrastava escudos partidos e lanças quebradas pela correnteza.

Durante quase meia hora, a batalha deixou de ser travada pelas grandes legiões.

Passou a ser disputada por pequenos grupos de homens tentando controlar metros de terreno.

Uma ponte.

Uma margem.

Um barranco.

Uma travessia.

Era uma guerra de precisão.

Lucius observava admirado.

Jamais imaginara que dois exércitos de dezenas de milhares de homens pudessem concentrar toda a batalha em tão poucos lugares.

Mais adiante, Caius reorganizava sucessivamente sua ala para acompanhar cada movimento do inimigo.

Nenhuma posição permanecia a mesma por muito tempo.

Tudo mudava.

Tudo se adaptava.

Tudo era resposta ao movimento do outro comandante.

Era como assistir dois mestres disputando uma partida invisível, utilizando legiões inteiras como peças sobre um tabuleiro vivo.

A poeira erguida por milhares de homens misturava-se à fumaça e à névoa do Níšava, tornando difícil distinguir onde terminava uma legião e começava outra.

Os dois exércitos respiravam com dificuldade.

As primeiras fileiras já haviam sido substituídas diversas vezes.

Escudos estavam partidos.

Estandartes apresentavam rasgos.

Mesmo assim, nenhuma das duas linhas havia cedido completamente.

Belisário observava.

Esperava.

Não procurava o momento perfeito.

Esperava apenas que todos os elementos finalmente ocupassem seus lugares.

Então um pequeno reflexo chamou sua atenção na margem oposta do rio.

Pequenos marcos de pedra.

Quase invisíveis.

Exatamente onde Gunderic prometera deixá-los.

Sem desviar o olhar do campo, Belisário ergueu lentamente o bastão de comando.

Um único toque de corno rompeu o ruído da batalha.

Lucius ouviu o sinal primeiro.

Sem hesitar, ergueu a espada.

— Avançar!

A infantaria pesada fechou os escudos e iniciou um avanço lento, mas irresistível.

Não buscava romper a linha.

Buscava apenas estabilizar definitivamente o centro.

Ao mesmo tempo, Caius recebeu o segundo sinal.

Sua ala, que durante boa parte da batalha suportara a maior pressão oriental, executou uma manobra precisa.

As coortes giraram sobre o próprio eixo, mudando completamente o ângulo da formação.

Em poucos instantes, o flanco antes vulnerável transformou-se em uma sólida muralha de escudos, impedindo qualquer tentativa de envolvimento.

Narses percebeu imediatamente.

Franziu a testa.

Algo estava diferente.

Belisário não buscava mais defender-se.

Estava preparando alguma coisa.

Antes que pudesse compreender o quê, um novo toque de corno ecoou.

Desta vez, os arqueiros sírios interromperam completamente os disparos.

O céu, que durante horas permanecera coberto por flechas, subitamente ficou vazio.

Por um breve instante... o campo pareceu mergulhar em um estranho silêncio.

Foi nesse momento que aconteceu.

Muito além da margem principal do Níšava, onde ninguém esperava ver movimento, cavaleiros começaram a surgir entre a vegetação.

Primeiro alguns poucos.

Depois dezenas.

Então centenas.

A cavalaria ilíria atravessava um antigo *vau romano, escondido pelas curvas do rio e descoberto durante a madrugada pelos batedores de Gunderic.

Os pequenos marcos deixados entre as pedras guiavam cada cavaleiro com absoluta precisão.

Quando alcançaram a outra margem, já se encontravam completamente atrás da formação oriental.

Narses voltou-se imediatamente naquela direção.

Por um instante, seus olhos permaneceram fixos sobre os cavaleiros que surgiam onde, poucas horas antes, julgava existir apenas águas profundas.

Então compreendeu.

Não fora uma improvisação.

Belisário preparara aquela possibilidade desde antes do nascer do sol.

Seu olhar percorreu rapidamente todo o campo.

À frente, Lucius mantinha o centro absolutamente firme.

À direita, Caius fechava qualquer possibilidade de reação.

À retaguarda, a cavalaria ilíria avançava em velocidade crescente.

Não restavam reservas.

*O vau romano é um trecho raso de rio que era pavimentado e usado por soldados, carruagens e comerciantes na Roma Antiga para travessia segura de uma margem a outra

Todas já haviam sido empregadas para explorar a ruptura obtida horas antes.

Narses respirou lentamente.

Não havia frustração.

Havia admiração.

Reconhecia, naquele instante, uma manobra digna dos maiores tratados militares de Roma.

Levantou a espada.

Os oficiais aguardaram novas ordens.

Mas elas já não poderiam mudar o resultado daquela batalha.

Belisário abaixou o bastão de comando pela última vez.

O terceiro toque de corno ecoou por todo o vale.

Como se fossem um único organismo, as legiões ocidentais avançaram em perfeita sincronia.

Lucius rompeu definitivamente o centro.

Caius empurrou a ala oriental para longe das travessias.

A cavalaria ilíria atingiu a retaguarda exatamente no instante previsto.

O choque final não foi violento.

Foi inevitável.

As formações orientais começaram a desfazer-se.

Não por medo.

Nem por pânico.

Mas porque seus homens já não possuíam espaço para reorganizar as linhas.

Haviam lutado durante horas.

Cada centurião fizera tudo o que podia.

Cada legionário sustentara sua posição até o limite.

Agora, simplesmente... não havia mais forças.

Narses baixou lentamente a espada.

Ao redor, seus oficiais compreenderam o gesto.

A batalha estava perdida.

O Rio Sagrado voltava a correr entre as margens silenciosas.

E, enquanto o sol iniciava sua descida no horizonte, a maior batalha da Reconquista chegava ao fim não pela destruição de um exército..., mas porque um general conseguira superar outro na mais difícil das artes romanas:

Transformar disciplina em vitória.

CAPÍTULO 29
A ÚLTIMA MARCHA

O silêncio chegou antes da vitória.

Pouco a pouco, o som do aço desapareceu.

Os últimos escudos foram abaixados.

As últimas espadas retornaram às bainhas.

No lugar dos cornos de batalha, passaram a ecoar apenas os gemidos dos feridos espalhados pelo vale do Níšava.

Belisário desmontou lentamente.

Seu olhar percorreu o campo.

Centenas de homens jaziam sobre a relva.

Alguns ainda respiravam.

Outros jamais voltariam a fazê-lo.

Não havia diferença entre os mantos orientais e ocidentais.

A morte cobrira todos com a mesma poeira.

Os médicos militares aguardavam instruções.

Belisário aproximou-se do primeiro grupo.

— Comecem imediatamente.

Um dos médicos fez a pergunta que parecia inevitável.

— General... os nossos primeiro?

Belisário voltou-se para ele.

Seu rosto trazia o cansaço de um homem que acabara de vencer a batalha mais difícil de sua vida.

Mesmo assim, sua resposta veio sem qualquer hesitação.

— Todos.

As ordens espalharam-se rapidamente.

Logo médicos ocidentais ajoelhavam-se ao lado de legionários orientais.

Ataduras eram compartilhadas.

Água passava de mão em mão.

Feridos que, poucas horas antes, tentavam matar-se agora ajudavam uns aos outros a permanecer vivos.

Lucius caminhava lentamente entre eles.

Parou diante de um jovem legionário oriental que recebia tratamento de um médico do Exército da Águia.

Mais adiante, viu outro soldado ocidental carregando nos ombros um homem que ainda usava o estandarte de Justiniano.

Ninguém protestava.

Ninguém perguntava de que lado ele lutara.

Naquele momento... era apenas um romano ferido.

Lucius abaixou lentamente a cabeça.

Finalmente compreendeu.

Belisário jamais enxergara aqueles homens como inimigos.

Nem mesmo durante a batalha.

Sempre os considerara filhos do mesmo Império.

Foi por isso que evitara cercos desnecessários.

Por isso permitira retiradas.

Por isso jamais ordenara massacres.

A reunificação jamais poderia nascer do ódio.

Mais tarde, quando os últimos feridos já haviam sido retirados, Belisário caminhou sozinho até uma pequena elevação às margens do rio.

Ali encontrou Narses e alguns de seus oficiais mais próximos.

O general oriental permanecia de pé.

Sem espada.

Apenas contemplando o vale onde milhares de romanos haviam combatido durante todo o dia.

Diversos legionários romanos faziam a guarda dos agora prisioneiros.

Belisário aproximou-se.

Durante alguns instantes, nenhum dos dois falou.

As palavras pareciam pequenas diante do que acabavam de testemunhar.

Foi Narses quem rompeu o silêncio.

Sem desviar os olhos do campo, perguntou calmamente:

— Vale a pena destruir Roma para salvá-la?

Belisário permaneceu alguns segundos em silêncio.

Depois respondeu:

— É exatamente isso que estou tentando impedir.

Narses assentiu discretamente.

Continuou observando o horizonte.

— E se eu estivesse em seu lugar?

Belisário voltou-se para ele.

Não havia desafio em seu olhar.

Apenas respeito.

— Acredito que faria o mesmo.

Um discreto sorriso surgiu no rosto de Narses.

Não era o sorriso de um derrotado.

Era o reconhecimento silencioso entre dois homens que conheciam o peso de comandar milhares de vidas.

Ele voltou os olhos para o campo coberto de mortos.

Sua voz tornou-se ainda mais baixa.

— Hoje você venceu uma batalha.

Fez uma pausa.

— Mas Roma perdeu milhares de filhos.

Belisário demorou a responder.

Também contemplou o vale.

Os médicos.

Os corpos sendo levados.

Então disse:

— É por isso que esta precisa ser a última.

Os dois permaneceram lado a lado durante alguns instantes.

Não como inimigos.

Mas como generais que compreendiam um ao outro melhor do que qualquer outro homem vivo.

Por fim, Belisário retirou lentamente a spatha confiscada de Narses de sua própria cintura.

Narses voltou-se para ele, intrigado.

Belisário segurou a arma horizontalmente.

Não como quem ameaça.

Mas como quem faz uma devolução.

— Volte para Constantinopla.

Narses franziu levemente a testa.

— Vai permitir que eu parta?

Belisário assentiu.

— Quando chegar a hora... espero que escolha Roma.

Os dois sustentaram o olhar um do outro.

Narses compreendeu que aquela não era uma demonstração de fraqueza.

Era um voto de confiança.

Recebeu a espada.

Depois Narses e seus oficiais montaram em seus cavalos.

Sem olhar para trás, iniciaram lentamente o caminho de volta para Constantinopla.

Quando Belisário retornou ao acampamento, encontrou seus oficiais aguardando.

Lucius foi o primeiro a aproximar-se.

Ainda observava a silhueta distante de Narses desaparecendo no horizonte.

— General... por que deixá-lo partir?

Caius também não escondia a surpresa.

— Ele continuará servindo Justiniano.

Gunderic cruzou os braços.

Até ele, que tantas vezes compreendia os planos de Belisário antes dos demais, parecia incapaz de entender aquela decisão.

Belisário permaneceu alguns instantes em silêncio.

Seu olhar continuava voltado para o caminho que levava ao Oriente.

Os três permaneceram atentos, aguardando uma resposta.

Belisário respirou profundamente.

— Tenho o pressentimento de que Narses é inteligente o suficiente para fazer o que é certo quando esse momento chegar.

Nenhum deles respondeu.

Ao longe, o sol desaparecia atrás das colinas de Naísso.

Belisário acreditava que a última batalha talvez não seria decidida apenas pela força das armas.

Os dias seguintes foram dedicados aos últimos deveres que toda batalha impunha.

Os mortos receberam sepultura.

Os nomes dos caídos foram cuidadosamente registrados para que nenhuma família permanecesse sem resposta.

Os feridos, orientais e ocidentais, continuaram sendo tratados lado a lado nos mesmos hospitais de campanha.

A vitória não apagava a dor.

Apenas lhe dava um significado.

Quando tudo finalmente estava concluído, Belisário reuniu seus oficiais diante da águia romana.

O estandarte, marcado pela poeira e pelos cortes da batalha, permanecia firme sobre o mastro.

Lucius aproximou-se em silêncio.

Caius ajustou lentamente o cinturão da espada.

Gunderic montou em seu cavalo e lançou um último olhar para o vale do Níšava.

Nenhum deles precisou perguntar qual seria o próximo destino.

Todos já sabiam.

Belisário montou por último.

Antes de dar a ordem de marcha, voltou-se uma última vez para o campo onde tantas vidas haviam sido perdidas.

Durante alguns instantes permaneceu completamente imóvel.

Como se gravasse aquela paisagem na memória.

Não para recordar a vitória.

Mas para nunca esquecer seu preço.

Então ergueu discretamente a mão.

Os cornos voltaram a soar.

Desta vez, não anunciavam batalha.

Anunciavam partida.

As primeiras coortes começaram a mover-se.

Uma após outra.

Como um longo rio de escudos e estandartes avançando pelas antigas estradas romanas.

Agora marchavam lado a lado veteranos do Ocidente, legionários que haviam servido Justiniano, voluntários das cidades libertadas e homens vindos das mais diversas províncias do Império.

Já não importava de onde haviam vindo.

Marchavam sob a mesma águia.

Marchavam pela mesma Roma.

Enquanto o Exército da Águia desaparecia lentamente entre as colinas, o sol começava a se esconder atrás do horizonte, banhando Naísso com uma luz dourada que fazia as águas do Níšava brilharem pela última vez.

Belisário manteve os olhos voltados para a estrada que se estendia à frente.

Não havia mais fortalezas entre ele e seu destino.

Não havia mais grandes exércitos aguardando seu avanço.

Restava apenas a cidade onde tudo começara.

Constantinopla.

E, além de suas muralhas, o homem cuja ambição lançara Roma contra si mesma.

Depois de Naísso, já não existia fronteira entre Belisário e a capital do Império. Apenas o homem sentado no trono.

Depois de Naísso, nenhuma grande força permaneceu capaz de deter Belisário.

As antigas estradas romanas voltaram a encher-se de legionários marchando sob a mesma águia.

Mas, desta vez, quase não houve batalhas.

À medida que o exército avançava, cidades inteiras abriam seus portões antes mesmo da chegada das primeiras coortes.

Governadores recebiam Belisário nas praças públicas e renovavam seus juramentos em nome de Roma.

Guarnições orientais entregavam fortalezas sem resistência, recusando-se a derramar mais sangue romano.

Comerciantes abasteciam espontaneamente o Exército da Águia, convencidos de que a guerra caminhava para o fim.

Mensageiros atravessavam o Império levando sempre a mesma notícia:

Belisário avançava.

E, onde passava, Roma voltava a unir-se.

A cada cidade incorporada, o exército crescia.

Não apenas em número.

Mas em legitimidade.

Enquanto isso, em Constantinopla, outra campanha alcançava seu momento decisivo.

Antonina já não precisava procurar aliados.

Os aliados a procuravam.

Funcionários do palácio.

Escribas imperiais.

Oficiais da guarda.

Secretários.

Mensageiros.

Senadores.

Pouco a pouco, uma vasta rede de informações formava-se ao redor dela.

Relatórios chegavam aos seus aposentos antes mesmo de alcançarem o gabinete imperial.

Ordens expedidas por Justiniano eram conhecidas por Antonina antes de serem executadas.

Rumores transformavam-se em certezas.

Segredos circulavam silenciosamente pelos corredores do Grande Palácio.

Sem abandonar seus aposentos, Antonina passou a conhecer Constantinopla melhor do que o próprio imperador.

Justiniano, por sua vez, assistia ao Império escapar lentamente por entre os dedos.

Novos relatórios chegavam todos os dias.

Outra cidade havia mudado de lado.

Mais uma fortaleza jurara lealdade ao Senado Romano.

Outra guarnição recusara combater.

Mais oficiais abandonavam seus postos.

Mais comerciantes deixavam de abastecer os depósitos imperiais.

Quanto mais tentava controlar o Império pela força, mais rapidamente ele lhe escapava.

Prisões multiplicavam-se.

Interrogatórios tornavam-se rotina.

Novas execuções espalhavam o medo pela capital.

Mas já era tarde.

O temor podia obrigar homens a obedecer.

Jamais os faria acreditar novamente.

Sem perceber, Justiniano encontrava-se cercado.

Não por muralhas.

Não por catapultas.

Nem por legiões acampadas diante da cidade.

Estava cercado por uma ideia.

A mesma ideia que atravessava estradas, fortalezas, quartéis e corredores do palácio.

A ideia de que Roma já não precisava escolher entre Oriente e Ocidente.

Precisava apenas voltar a ser uma só.

Longe das mãos de Justiniano.

Muito antes de avistar as muralhas de Constantinopla, Belisário já havia conquistado aquilo que nenhuma espada poderia tomar.

Os corações de seu próprio povo.

E, quando finalmente iniciou a última marcha em direção à capital do Império, todos compreenderam que a batalha decisiva não seria travada apenas diante de seus portões.

Ela já havia começado muito antes.

Nas estradas.

Nos quartéis.

Nos mercados.

E, sobretudo... nas consciências dos próprios romanos.

CAPÍTULO 30

ÀS PORTAS DA RAINHA DAS CIDADES

Depois de dias de marcha contínua pelas antigas estradas imperiais, o Exército da Águia alcançou o topo de uma ampla colina voltada para o estreito do Bósforo.

Belisário ergueu a mão.

Toda a coluna interrompeu o avanço.

Um a um, os legionários voltaram os olhos para o horizonte.

E, lentamente, ela surgiu.

Constantinopla.

A Rainha das Cidades.

Mesmo à distância, sua imponência parecia desafiar qualquer descrição.

As gigantescas Muralhas de Teodósio estendiam-se por quilômetros, formando um cinturão de pedra que envolvia a capital como se nenhum exército do mundo pudesse atravessá-lo. Torres elevavam-se em intervalos regulares, cada uma ostentando estandartes púrpura que tremulavam ao vento vindo do mar.

Além das muralhas, centenas de cúpulas refletiam a luz da tarde.

Entre elas destacava-se a construção da majestosa Santa Sofia, parecendo flutuar acima da cidade como um símbolo da própria grandeza romana.

Mais abaixo, o Corno de Ouro encontrava-se repleto de embarcações.

Navios mercantes.

Galés militares.

Pequenos barcos de pesca.

O porto permanecia movimentado, embora a distância já permitisse perceber que a atividade não possuía mais a tranquilidade de outros tempos.

Toda a cidade parecia respirar expectativa.

Mais além, as águas do mar refletiam o brilho dourado do sol, envolvendo Constantinopla em uma luminosidade quase irreal.

Era difícil acreditar que uma única cidade pudesse reunir tamanha riqueza, poder e beleza.

Mesmo os veteranos permaneceram em silêncio.

Alguns jamais haviam visto Constantinopla.

Outros a conheciam apenas pelas histórias contadas durante décadas de serviço.

Até Gunderic, acostumado às maiores fortalezas do mundo conhecido, observava a capital sem esconder o espanto.

— Então é esta... — murmurou.

— A maior cidade do mundo.

Ninguém respondeu.

Não havia necessidade.

A própria cidade respondia por si.

Belisário permaneceu imóvel.

Seu olhar não percorria apenas muralhas e torres.

Via muito além delas.

Recordava o dia em que atravessara aqueles mesmos portões como herói, recebido por uma multidão que celebrava suas vitórias na África e no Oriente.

Lembrou-se das cerimônias realizadas diante do povo.

Dos aplausos.

Das honrarias concedidas pelo Imperador.

Depois vieram outras lembranças.

Seu casamento com Antonina.

Os corredores do Grande Palácio.

As longas reuniões estratégicas.

Os companheiros de campanha.

Os homens que perdera ao longo dos anos.

Então as memórias mudaram.

As acusações.

A desconfiança.

O julgamento silencioso.

A ordem de prisão.

A fuga desesperada pouco tempo após sua aclamação naquelas ruas.

Durante muito tempo acreditara que jamais voltaria a ver aquela cidade.

Agora estava novamente diante dela.

Não como fugitivo.

Não como prisioneiro.

Nem como um general a serviço da ambição de um imperador.

Retornava à frente do Exército da Águia, escolhido pelo Senado Romano e seguido por homens de todas as províncias do Império para libertação do povo romano ocidental e oriental.

Não havia orgulho em seu rosto.

Nem desejo de revanche.

Apenas a serenidade de alguém que percorrera um longo caminho para compreender o verdadeiro sentido da própria missão.

Lucius aproximou-se lentamente.

Também contemplava Constantinopla.

— Depois de tudo... é estranho vê-la outra vez, não é?

Belisário demorou alguns instantes para responder.

Sem desviar os olhos da cidade, disse apenas:

— Não voltei para conquistar Constantinopla.

Fez uma breve pausa.

O vento agitou suavemente o estandarte da águia romana atrás dele.

Então concluiu, com a voz tranquila de quem já não carregava qualquer desejo de vingança:

— Voltei para pôr fim à guerra que começou dentro destas muralhas.

Diante deles, a Rainha das Cidades permanecia majestosa.

E, escondidos por trás de suas muralhas, Justiniano e Antonina aguardavam, cada um à sua maneira, o amanhecer que decidiria o destino de Roma.

Ao contrário do que acontecia do lado de fora das muralhas, onde milhares de homens se preparavam para a última campanha da Reconquista, Constantinopla travava uma guerra silenciosa contra si mesma.

Os mercados já não possuíam o mesmo movimento de semanas atrás.

Filas formavam-se diante dos armazéns de trigo.

Comerciantes escondiam parte de seus estoques, receosos de que o conflito se prolongasse.

O preço dos alimentos aumentava a cada dia.

Pelas ruas estreitas da capital, o medo espalhava-se mais depressa do que qualquer mensageiro.

Em cada esquina surgia um novo rumor.

— Belisário já atravessou Naísso.

— Dizem que nenhuma cidade conseguiu detê-lo.

— Sirmio abriu os portões.

— As fortalezas dos Montes Haemus mudaram de lado.

— Há legionários abandonando o exército imperial.

Ninguém sabia ao certo quais notícias eram verdadeiras.

Mas todos percebiam a mesma realidade.

O Exército da Águia aproximava-se.

Dentro das tavernas, das oficinas e dos fóruns, as conversas tornavam-se cada vez mais cautelosas.

Alguns defendiam que os portões fossem abertos antes que outra batalha entre romanos destruísse a capital.

Outros consideravam aquela ideia uma traição.

O nome de Belisário dividia a cidade.

Para uns, continuava sendo o maior general de Roma.

Para outros, era o homem que marchava contra o imperador.

Essa mesma divisão alcançava os corredores do poder.

Senadores reuniam-se discretamente em pequenos grupos.

Comerciantes pressionavam por uma solução rápida antes que o abastecimento fosse interrompido.

Oficiais discutiam, em voz baixa, quanto tempo Constantinopla seria capaz de resistir caso o cerco realmente começasse.

Alguns defendiam uma negociação imediata.

Argumentavam que Belisário jamais permitira saques ou massacres durante toda a campanha.

Outros exigiam resistência absoluta.

Acreditavam que as Muralhas de Teodósio jamais haviam sido vencidas e continuariam intransponíveis.

Sempre que rumores sobre uma possível rendição chegavam ao Grande Palácio, Justiniano reagia com fúria.

Qualquer menção à palavra "negociação" passou a ser considerada deslealdade.

Reuniões foram proibidas.

Discussões encerradas.

Ordens severas partiram do palácio determinando que Constantinopla resistiria até o último homem.

Mas o próprio imperador já não aparecia diante da cidade.

Confinado em seus aposentos, Justiniano passava horas diante de mapas e relatórios que pareciam tornar-se mais preocupantes a cada dia.

Dormia pouco.

Desconfiava de todos.

Cada mensageiro era interrogado.

Cada novo relatório parecia confirmar que o Império diminuía sem que uma única muralha tivesse sido derrubada.

Por isso, coube a Narses assumir a inspeção das defesas da capital.

Atendendo a uma ordem direta do imperador, o general percorreu toda a extensão das Muralhas de Teodósio.

Visitou os postos avançados.

Conversou com centuriões.

Inspecionou os arqueiros posicionados sobre as torres.

Verificou as catapultas cuidadosamente alinhadas ao longo das muralhas.

Conferiu as reservas de flechas, pedras e víveres.

Certificou que os rumores sobre traidores dentro de Constantinopla eram realmente apenas rumores.

Passou pelos grandes portões da cidade, certificando-se de que cada um deles permanecia reforçado e protegido por tropas experientes.

Os soldados o saudavam com respeito.

Narses respondia a cada continência com a mesma serenidade de sempre.

Não alimentava ilusões.

Conhecia Belisário melhor do que qualquer outro homem dentro daquelas muralhas.

Sabia que, em algum lugar além do horizonte, o antigo comandante já estudava cada pedra daquela fortaleza.

Ao terminar a inspeção, Narses deteve-se sobre uma das torres voltadas para o oeste.

Ao longe, quase invisíveis sob a luz do entardecer, pequenas colunas de fumaça erguiam-se do acampamento romano.

O Exército da Águia já estava ali.

A batalha final aproximava-se.

A Rainha das Cidades preparava-se para defender não apenas suas muralhas..., mas o próprio futuro do Oriente.

A noite já envolvia Constantinopla quando o Grande Palácio mergulhou no silêncio.

Os corredores, antes movimentados por funcionários e mensageiros, agora eram percorridos apenas pelos passos ritmados da Guarda Imperial.

Nos aposentos onde Antonina permanecia sob constante vigilância, uma única lamparina iluminava a mesa de trabalho.

Sobre ela espalhavam-se pergaminhos, livros e pequenas anotações.

Aos olhos de qualquer criado, tratava-se apenas da rotina monótona de uma mulher confinada.

Poucos imaginariam que, dali, uma das mais importantes redes de informação do Império continuava funcionando.

Uma discreta batida interrompeu o silêncio.

Antonina ergueu os olhos.

— Entre.

A porta abriu-se apenas o suficiente para permitir a passagem de um legionário da guarda interna.

Era um dos homens encarregados oficialmente de vigiar seus aposentos.

Mas ela sabia que sua verdadeira lealdade já não pertencia ao imperador.

O soldado entrou sem dizer palavra.

Fez uma breve continência.

Depois retirou do interior da armadura um pequeno pergaminho cuidadosamente dobrado.

Depositou-o sobre a mesa.

— Chegou há poucos instantes.

Antonina apenas assentiu.

O legionário retirou-se imediatamente.

A porta voltou a fechar-se.

Ela permaneceu imóvel por alguns segundos, observando o pequeno pergaminho.

Reconheceu o selo antes mesmo de tocá-lo.

Com movimentos tranquilos, rompeu a cera.
Desdobrou lentamente a folha.
Havia apenas três palavras.

Estou chegando às portas.

Nada mais.
Nenhuma assinatura.
Nenhuma explicação.
Não eram necessárias.
Antonina fechou lentamente os olhos.
Inspirou profundamente.
Durante meses vivera cercada por mentiras, conspirações e incertezas.
A distância que os separava podia ser medida não em províncias..., mas em muralhas.
O reencontro dos dois deixara de ser um sonho distante.
Era apenas uma questão de tempo.

O acampamento romano despertou pouco antes do pôr do sol.
À luz das fogueiras, oficiais percorriam silenciosamente as fileiras distribuindo as últimas ordens da campanha.
Belisário reuniu seu estado-maior no centro do acampamento.
Ao redor da grande mesa de mapas estavam Lucius, Caius, Gunderic e os principais comandantes das legiões.
Nenhum deles precisava perguntar o objetivo da reunião.

Todos sabiam que aquela seria a última antes do desfecho da guerra.

Belisário abriu lentamente o mapa de Constantinopla.

Seu dedo percorreu as muralhas.

Os portões.

As torres.

O Corno de Ouro.

As colinas.

Depois começou a distribuir cada responsabilidade.

Lucius comandaria o centro da formação.

Caius permaneceria responsável pela ala esquerda e pelas reservas móveis.

Gunderic coordenaria os batedores e manteria contato constante com as patrulhas espalhadas ao redor da cidade.

Os demais oficiais receberam suas missões uma a uma.

As ordens eram objetivas.

Claramente estudadas havia muito tempo.

Quando terminou, Belisário olhou demoradamente para cada homem presente.

Reconhecia muitos daqueles rostos desde antigas campanhas.

Outros conhecera apenas durante a Reconquista.

Todos, porém, haviam escolhido marchar pela mesma causa.

— Hoje...

disse calmamente,

— cada homem saberá exatamente o que fazer.

Fez uma breve pausa.

— E cada decisão poderá mudar o destino de Roma.

Ninguém respondeu.

Não havia discursos capazes de acrescentar algo ao que todos já sentiam.

A reunião terminou em silêncio.

Os oficiais deixaram a tenda um a um, retornando às suas legiões.

Belisário permaneceu sozinho por alguns instantes.

Depois saiu lentamente do acampamento.

Subiu a pequena colina de onde Constantinopla podia ser vista por inteiro.

A cidade começava a se iluminar.

Milhares de pequenas chamas brilhavam atrás das Muralhas de Teodósio, refletindo-se nas águas calmas do Corno de Ouro.

Durante alguns instantes, Belisário apenas contemplou aquela paisagem.

Ali vivera alguns dos dias mais felizes de sua vida.

Ali conhecera a glória.

Ali quase perdera tudo.

Agora retornava pela última vez.

Passos suaves aproximaram-se por trás.

Lucius parou ao seu lado.

Também voltou os olhos para a cidade.

Os dois permaneceram longos instantes em silêncio.

Por fim, Lucius perguntou em voz baixa:

— Conquistaremos Constantinopla?

Belisário não respondeu imediatamente.

Continuou observando as muralhas iluminadas.

Depois balançou lentamente a cabeça.

— Não.

Lucius voltou-se para ele, surpreso.

Belisário respirou profundamente antes de continuar.

— Hoje...

sua voz saiu serena,

— tentaremos salvar o povo romano pela última vez.

As palavras permaneceram suspensas entre os dois.

Lucius compreendeu.

Aquela campanha jamais tivera como objetivo conquistar cidades.

Nem derrubar um homem por ambição.

Desde o início, Belisário lutava para impedir que Roma continuasse destruindo a si mesma.

Nenhum dos dois voltou a falar.

No horizonte, os primeiros raios de sol tocaram as gigantescas Muralhas de Teodósio, fazendo a pedra adquirir um brilho dourado que parecia envolver toda Constantinopla.

A Rainha das Cidades despertava para o dia que decidiria seu destino.

Belisário permaneceu imóvel.

Depois de uma vida inteira servindo o Império, finalmente encontrava-se diante da batalha que decidiria não apenas o destino seu destino..., mas o significado de tudo aquilo pelo que havia lutado.

CAPÍTULO 31
O ÚLTIMO CERCO

O sol ainda surgia sobre o Bósforo quando os primeiros estandartes da águia romana começaram a ocupar as colinas ao redor de Constantinopla.

Ao longo de toda a manhã, o Exército da Águia moveu-se com a precisão de uma máquina construída ao longo de meses de campanha.

Não havia correria.

Nem gritos.

Cada legião marchava para a posição previamente determinada.

As antigas estradas que levavam à capital foram ocupadas uma após outra.

Ao norte, batedores de Gunderic fecharam as últimas rotas terrestres.

A oeste, as legiões comandadas por Lucius estabeleceram uma sólida linha diante das Muralhas de Teodósio.

Mais ao sul, Caius distribuiu arqueiros e infantaria ao longo das pequenas elevações que dominavam os acessos à cidade.

Antes do meio-dia, Constantinopla encontrava-se completamente cercada.

Das torres de vigia, os sentinelas observavam um horizonte coberto por milhares de escudos reluzindo sob a luz do sol.

As águias romanas balançavam ao vento em todas as direções.

Nenhuma formação avançava.

Nenhuma catapulta era disparada.

Nenhuma flecha era preparada.

Apenas um imenso silêncio envolvia as muralhas.

Os próprios soldados da guarnição estranhavam.

Esperavam ouvir cornos de ataque.

Esperavam ver escadas sendo erguidas.

Esperavam o início imediato do maior cerco de suas vidas.

Mas nada acontecia.

Belisário permanecia imóvel sobre uma pequena elevação diante da cidade.

Observava Constantinopla como quem contempla um velho amigo que se perdera pelo caminho.

Atrás dele, seus principais oficiais aguardavam novas ordens.

Foi então que Belisário voltou-se para a mesa onde um pergaminho já havia sido preparado.

Sentou-se calmamente.

Molhou a pena no tinteiro.

E começou a escrever.

Nenhuma palavra era desperdiçada.

Quando terminou, releu cuidadosamente cada linha.

Depois entregou o documento a Lucius.

— Leia.

Lucius abriu o pergaminho.

A proposta era simples.

Belisário comprometia-se solenemente, em nome do Senado Romano e do Imperador Cassius Valerius, a preservar Constantinopla caso a cidade escolhesse a paz.

O Senado Oriental permaneceria em funcionamento.

A população seria protegida.

Nenhum soldado seria executado por haver cumprido seu juramento.

Os templos e igrejas permaneceriam intocados.

As grandes muralhas da cidade seriam preservadas.

Nenhuma casa seria saqueada.

Nenhum cidadão perderia seus bens.

Constantinopla continuaria sendo a Rainha das Cidades.

Mudaria apenas o homem que ocupava o trono.

Quando Lucius terminou a leitura, o silêncio tomou conta da tenda.

Até Gunderic, normalmente impaciente diante de negociações, permaneceu em silêncio.

Belisário ergueu os olhos.

— Esta guerra sempre foi para salvar o Império. Não para destruí-lo.

Depois voltou seu olhar para a cidade.

— Se ainda existe uma última oportunidade de evitar mais sangue romano... ela será oferecida hoje.

Chamou dois mensageiros veteranos.

Homens conhecidos por sua honra e disciplina.

Entregou-lhes o pergaminho cuidadosamente selado.

— Levem esta proposta ao Imperador Justiniano. Digam-lhe que aguardarei sua resposta.

Olhou novamente para o horizonte, onde as muralhas douradas brilhavam sob a luz do dia.

Sua voz tornou-se firme.

— Esperaremos até que o sol se aproxime do entardecer. Depois disso...

fez uma breve pausa.

— A batalha decidirá o destino do Império.

Os dois emissários montaram imediatamente.

Sob uma bandeira branca, cavalgaram lentamente em direção ao grande portão da cidade.

Milhares de legionários acompanharam sua partida em absoluto silêncio.

Naquele momento, nem os homens do Exército da Águia nem os defensores de Constantinopla podiam imaginar que aquela simples proposta de rendição marcava o início das últimas horas de paz que a capital ainda conheceria.

Os grandes portões de Constantinopla abriram-se apenas o suficiente para permitir a entrada dos dois emissários romanos.

Sob os olhares atentos dos arqueiros posicionados nas muralhas, os mensageiros atravessaram lentamente o pátio interno e foram conduzidos até o Grande Palácio.

Nenhuma palavra foi trocada durante o trajeto.

O silêncio parecia pesar sobre toda a cidade.

Pouco tempo depois, o pergaminho selado por Belisário foi colocado diante de Justiniano.

O imperador permaneceu alguns instantes observando o selo.

Quebrou lentamente o selo.

Reconhecia aquela caligrafia.

Reconhecia aquele modo de escrever.

Durante anos recebera dezenas de relatórios redigidos pela mesma mão.

O salão permaneceu completamente silencioso.

Ministros.

Generais.

Senadores.

Todos aguardavam.

Justiniano percorreu cada linha com atenção.

Belisário não fazia ameaças.

Não exigia humilhação.

Não falava em conquista.

Oferecia paz.

Ao final do pergaminho havia apenas uma condição.

Que Roma deixasse de lutar contra Roma.

Quando terminou a leitura, Justiniano permaneceu imóvel.

O silêncio prolongou-se por longos instantes.

Foi Teodora quem finalmente o rompeu.

A imperatriz aproximou-se lentamente.

Sua voz era firme, mas carregava uma serenidade incomum.

— Ele cumpriu tudo o que prometeu durante esta campanha.

Olhou diretamente para o marido.

— Sirmio permaneceu intacta. Naísso foi poupada. Nenhuma cidade romana foi saqueada. Nenhum templo foi destruído.

Fez uma pequena pausa.

— Ainda podemos salvar Constantinopla.

Justiniano continuava olhando para o pergaminho.

Teodora deu mais um passo.

— Negociar não significa fraqueza. Significa impedir que mais romanos morram.

O imperador ergueu lentamente os olhos.

Havia cansaço em seu rosto.

Mas o orgulho permanecia intacto.

— Negociar?

Sua voz saiu baixa.

— Depois de tudo o que aconteceu?

Levantou-se lentamente do trono.

— Se eu abrir estes portões... o mundo dirá que um imperador romano rendeu sua capital.

Teodora sustentou-lhe o olhar.

— O mundo lembrará daquele que salvou Roma.

Justiniano balançou lentamente a cabeça.

— Não.

Sua decisão já estava tomada.

Aproximou-se da grande janela do salão.

Além das muralhas, milhares de estandartes romanos permaneciam imóveis diante da cidade.

Belisário esperava.

Justiniano sabia que ele aguardaria apenas até o entardecer.

Depois disso... não haveria mais espaço para palavras.

Voltou-se novamente para o pergaminho.

Sem alterar a expressão, rasgou-o ao meio.

Depois novamente.

E mais uma vez.

Os pequenos fragmentos caíram lentamente sobre o mármore do salão.

O som do papel rompendo pareceu ecoar por todo o recinto.

Justiniano voltou-se para os emissários.

Sua voz tornou-se firme.

Quase desafiadora.

— Levem minha resposta ao General Belisário.

Fez uma breve pausa.

Então pronunciou apenas uma frase.

— Constantinopla jamais se renderá.

Os emissários fizeram continência.

Sem responder, recolheram os fragmentos do pergaminho rasgado e deixaram o salão.

Teodora permaneceu imóvel.

Observava o marido em silêncio.

Compreendeu que Constantinopla já não seria salva pelas muralhas.

Nem pelo exército.

Nem pela vontade do imperador.

Seria salva... ou condenada... pela última decisão tomada por Justiniano antes do entardecer.

Enquanto os emissários retornavam ao acampamento romano, Constantinopla mergulhava lentamente em uma inquietação que já não podia ser escondida.

Nos mercados, comerciantes retiravam discretamente sacos de trigo, azeite e vinho das prateleiras, escondendo-os em depósitos particulares. Os preços subiam a cada hora, e as filas diante das padarias tornavam-se cada vez maiores. Ninguém falava em voz alta, mas todos compreendiam que dias difíceis se aproximavam.

Sobre as muralhas, alguns soldados da Guarda Imperial observavam o vasto acampamento romano espalhado pelas colinas.

— Dizem que Belisário ofereceu paz outra vez.

Um veterano permaneceu alguns instantes em silêncio antes de responder.

— Conheci homens que serviram sob seu comando. Nunca o ouviram mandar saquear uma cidade.

Outro guarda voltou os olhos para as incontáveis águias tremulando além das muralhas.

Já não enxergava apenas um inimigo.

Enxergava o general cuja fama atravessara todo o Império.

Pouco a pouco, o movimento desapareceu das ruas.

Lojas fecharam mais cedo.

Portas foram trancadas.

Janelas permaneceram entreabertas.

Até mesmo os sinos das igrejas pareciam soar com mais cautela.

À medida que o sol descia lentamente em direção ao horizonte, Constantinopla inteira prendia a respiração.

A cidade aguardava.

E, com ela, o próprio destino de Roma.

O sol aproximava-se lentamente do horizonte quando Antonina fechou a porta de seus aposentos.

Esperou alguns instantes.

Certificou-se de que nenhum passo permanecia do lado de fora.

Só então aproximou-se da pequena mesa de madeira junto à janela.

Sobre ela encontravam-se diversos pedaços de pergaminho cuidadosamente separados.

Nenhum trazia nomes.

Nenhum continha explicações.

Antonina mergulhou a pena no tinteiro e começou a escrever.

Uma mensagem.

Depois outra.

E mais outra.

Cada uma destinada a uma pessoa diferente.

Um oficial da Guarda Imperial.

Um escriba do Grande Palácio.

Um funcionário responsável pelos depósitos.

Um comandante de vigia.

Um mensageiro.

Um servidor dos portões.

Homens e mulheres que, durante meses, haviam sido conquistados não por ouro, mas pela convicção de que Roma precisava voltar a ser uma só.

Os textos eram curtos.

Quase enigmáticos.

Nenhum revelava qualquer detalhe do plano.

Nenhum mencionava Belisário.

Nenhum fazia referência à guerra.

Ainda assim, todos terminavam praticamente da mesma maneira.

Quando chegar o momento...
Façam exatamente o que foi combinado.

Antonina releu cada pergaminho com extrema atenção.

Depois dobrou-os um a um.

Aplicou pequenos selos de cera diferentes em cada mensagem.

Nenhum igual ao outro.

Era uma precaução adicional.

Caso algum fosse interceptado, jamais poderiam ser ligados entre si.

Pouco depois, discretas batidas ecoaram à porta.

Um velho escriba entrou primeiro.

Recebeu um dos pergaminhos.

Guardou-o sob a túnica.

Partiu sem dizer palavra.

Alguns minutos depois, uma criada levou outro escondido entre toalhas cuidadosamente dobradas.

Um legionário da guarda recebeu o terceiro durante a troca de turno.

Outro desapareceu no fundo falso de uma caixa de documentos destinada aos arquivos imperiais.

As mensagens deixavam o Grande Palácio por caminhos completamente diferentes.

Jamais cruzavam o mesmo corredor.

Jamais utilizavam o mesmo mensageiro.

Jamais seguiam o mesmo destino.

Quando a última porta voltou a fechar-se, Antonina permaneceu sozinha diante da janela.

Ao longe, o céu adquiria lentamente os tons dourados do entardecer.

Ela fechou os olhos por um breve instante.

Tudo estava em movimento.

As peças, cuidadosamente posicionadas durante tantos meses, começavam finalmente a ocupar seus lugares.

CAPÍTULO 32
OS PORTÕES

O dia aproximava-se lentamente do fim.

Belisário permanecia imóvel, contemplando Constantinopla.

O brilho dourado do sol começava a envolver as gigantescas Muralhas de Teodósio.

Ao longe, as cúpulas da cidade refletiam os últimos raios da tarde, como se a própria Rainha das Cidades ignorasse que estava prestes a decidir seu destino.

Atrás dele, milhares de legionários aguardavam em absoluto silêncio.

Ninguém desmontava.

Ninguém afrouxava a formação.

Todo o exército observava a mesma direção.

Os grandes portões permaneciam fechados.

Nenhum movimento podia ser visto sobre as muralhas.

Apenas arqueiros atentos e bandeiras imperiais agitadas pelo vento.

Pouco depois, dois cavaleiros surgiram vindos da direção da cidade.

Eram os emissários.

Atravessaram lentamente as fileiras romanas até alcançarem Belisário.

O mais velho desmontou.

Ajoelhou-se.

Sem dizer uma única palavra, estendeu ao general os fragmentos do pergaminho cuidadosamente reunidos.

Belisário compreendeu o significado daqueles pedaços de papel.

Justiniano não apenas recusara sua proposta.

Havia escolhido rasgá-la diante de toda a corte.

Durante alguns instantes, Belisário permaneceu observando os fragmentos.

Depois fechou lentamente a mão sobre eles.

Seu olhar voltou à cidade.

Nenhuma expressão de raiva cruzou seu rosto.

Apenas uma silenciosa tristeza.

Durante toda aquela campanha, tentara evitar exatamente aquele momento.

Agora... não havia mais caminhos.

O sol aproximava-se do horizonte.

O tempo combinado chegara.

Belisário respirou profundamente.

Então voltou-se para seus oficiais.

Lucius.

Caius.

Gunderic.

Centuriões.

Tribunos.

Comandantes das legiões.

Todos se aproximaram.

Nenhum deles precisou perguntar o resultado da negociação.

Bastou olhar os fragmentos do pergaminho ainda nas mãos do general.

Belisário falou com a mesma serenidade de sempre.

— Preparem o exército.

As ordens espalharam-se imediatamente.

Centuriões correram entre as fileiras.

Os cornos ainda permaneciam em silêncio, mas escudos começaram a ser erguidos.

Capacetes foram ajustados.

As primeiras coortes assumiram posição diante das muralhas.

Lucius aproximou-se de Belisário.

Olhou para a gigantesca fortaleza que se erguia diante deles.

Depois voltou-se para o general.

A dúvida era compartilhada por todos.

— General... como entraremos?

Belisário continuou olhando para Constantinopla.

Seus olhos não estavam voltados para as muralhas.

Pareciam procurar algo além delas.

Ou alguém.

Depois de alguns instantes, respondeu calmamente:

— Tenham fé em mim.

O silêncio prolongou-se por um breve momento.

Então acrescentou, sem desviar o olhar da cidade:

— Da mesma forma que tenho fé em minha esposa.

Lucius franziu discretamente a testa.

Caius lançou um rápido olhar para Gunderic.

Nem mesmo o experiente batedor compreendeu o significado daquelas palavras.

As muralhas continuavam intactas.

Os portões permaneciam fechados.

Não existia qualquer sinal de fraqueza nas defesas de Constantinopla.

Ainda assim... nenhum daqueles homens havia seguido Belisário durante toda a campanha para questionar sua visão naquele último momento.

Se ele dizia que havia um caminho... então esse caminho existia.

Sem acrescentar outra palavra, os oficiais levaram o punho ao peito.

Voltaram às suas posições.

Enquanto o sol tocava lentamente o horizonte, o Exército da Águia preparava-se para a última batalha.

Então o último raio de sol desapareceu atrás do horizonte.

Por um breve instante, Constantinopla mergulhou em um silêncio absoluto.

Nem os arqueiros sobre as muralhas ousavam mover-se.

Nem as legiões diante da cidade avançavam.

Era como se toda a capital prendesse a respiração.

Então... um som metálico ecoou atrás dos grandes portões.

Primeiro discreto.

Quase imperceptível.

Correntes.

Engrenagens.

Trancas de ferro deslizando lentamente depois de décadas protegendo a capital do Império.

Os sentinelas voltaram-se imediatamente para trás.

Um deles franziu a testa.

— O que estão fazendo?

Ninguém respondeu.

Outro ruído.

Mais forte.

As enormes barras de madeira começaram a ser retiradas de seus encaixes.

Um oficial correu em direção ao mecanismo principal.

Antes que pudesse alcançá-lo, dois guardas da própria muralha cruzaram discretamente o caminho à sua frente.

Não disseram palavra.

Apenas permaneceram imóveis.

Mais adiante, servidores imperiais empurravam lentamente os grandes cabrestantes que movimentavam os portões.

Outros retiravam as últimas travas.

Tudo acontecia ao mesmo tempo.

Sem alarde.

Como se dezenas de pessoas diferentes já soubessem exatamente qual era sua função.

Do alto das muralhas, alguns arqueiros começaram a compreender.

— Os portões...

Um deles deu um passo à frente.

— Estão abrindo os portões!

O grito espalhou-se rapidamente.

Mas já era tarde.

Os gigantescos portões começaram a mover-se.

Primeiro apenas alguns centímetros.

Depois um pouco mais.

Até que lentamente surgiu uma abertura entre eles.

A cada instante, o vão aumentava.

Os próprios defensores observavam incrédulos.

Uns tentavam correr até o mecanismo.

Outros simplesmente permaneciam paralisados, incapazes de compreender o que acontecia.

Muito além das muralhas, Belisário continuava observando a cidade.

Então viu.

Os portões estavam se abrindo.

Não pela força de aríetes.

Nem pelo fogo.

Mas pelas mãos dos próprios romanos.

Um discreto sorriso surgiu em seu rosto.

Nenhuma surpresa.

Apenas a silenciosa confirmação de uma confiança que jamais abandonara.

"Eu sabia..."

Seu pensamento voltou-se por um instante para Antonina.

"Eu sabia que encontraria um caminho."

Sem dizer outra palavra, montou.

Desembainhou lentamente a spatha.

A lâmina refletiu os últimos vestígios da luz do entardecer.

Um clarão passou por sua mente.

Lembrou-se da emboscada.

Lembrou-se de seu amigo, Gaius.

Seu sacrifício não seria em vão.

Então ergueu a spatha acima da cabeça.

Os cornos do Exército da Águia romperam o silêncio.

O som espalhou-se por todo o vale.

Lucius foi o primeiro a repetir a ordem.

— Avançar!

Logo depois vieram Caius.

Gunderic.

Centuriões.

Tribunos.

Milhares de escudos moveram-se ao mesmo tempo.

As primeiras coortes iniciaram a marcha.

Não havia correria.

Não havia gritos de triunfo.

Apenas disciplina.

A mesma disciplina que atravessara toda a campanha.

À medida que os soldados atravessavam os portões, os centuriões repetiam a ordem que Belisário transmitira desde o início da campanha.

— Protejam as famílias!

— Protejam os templos!

— Protejam Constantinopla!

Os legionários obedeciam sem hesitar.

Enquanto isso, dentro da cidade, homens leais a Antonina assumiam discretamente posições estratégicas.

Guardas desviavam patrulhas.

Funcionários fechavam corredores.

Escribas bloqueavam o envio de novas ordens imperiais.

A cidade parecia mover-se por vontade própria.

Na realidade, meses de conspiração finalmente começavam a revelar seu verdadeiro propósito.

A Rainha das Cidades não estava sendo derrubada.

Estava abrindo suas próprias portas.

Assim que as primeiras coortes consolidaram a entrada na cidade, Belisário puxou as rédeas do cavalo e ergueu novamente a espada.

Não havia tempo para hesitações.

Constantinopla era grande demais para ser dominada por uma única coluna.

— Lucius.

O antigo perseguidor aproximou-se imediatamente.

— Tome o eixo central. Garanta o controle da Mese. Nenhuma unidade inimiga poderá reunir-se ali.

Lucius levou o punho ao peito.

— Sim, general.

— Caius.

O jovem oficial fez seu cavalo avançar.

— Conduza a ala esquerda. Proteja os bairros residenciais e assegure os acessos ao Senado. Evite qualquer combate desnecessário.

— Entendido.

Belisário voltou-se então para Gunderic.

O bárbaro já sorria, como se adivinhasse a missão que receberia.

— Seus batedores à frente. Tomem os cruzamentos, ocupem as torres de sinalização e impeçam que novas ordens saiam do palácio.

Gunderic assentiu.

— Ninguém correrá mais rápido do que nós.

Belisário percorreu o olhar por todos os comandantes.

— Lembrem-se.

Sua voz elevou-se o bastante para alcançar as primeiras fileiras.

— Nosso inimigo não é Constantinopla. Nenhum cidadão romano será tratado como inimigo.

As colunas dividiram-se imediatamente.

Como os ramos de um mesmo rio, espalharam-se pelas largas avenidas da capital com uma disciplina impressionante.

Não havia saques.

Não havia incêndios.

Cada centurião conhecia exatamente seu objetivo.

Enquanto isso, a guerra espalhava-se pelas ruas.

Em diversos cruzamentos, destacamentos da Guarda Imperial ergueram escudos para impedir o avanço.

Outros permaneceram imóveis.

Os homens dos dois lados reconheciam-se.

Muitos haviam servido juntos anos antes.

Compartilharam campanhas na África.

Marcharam contra os Sassânidas.

Combateram nos Montes Haemus.

Agora encontravam-se novamente, separados apenas pelas ordens de imperadores diferentes.

Um centurião da Guarda Imperial ergueu a espada.

À sua frente, um legionário do Exército da Águia retirou lentamente o capacete.

Os dois se entreolharam.

— Marcus...

— Decimus...

Durante alguns instantes, ninguém se moveu.

O centurião baixou lentamente a lâmina.

Ao seu redor, outros guardas fizeram o mesmo.

Um a um, os escudos tocaram o chão.

As espadas foram embainhadas.

Sem uma única palavra, abriram passagem para as coortes que avançavam.

Em outra parte da cidade, porém, nem todos fizeram a mesma escolha.

Alguns oficiais permaneceram fiéis ao juramento prestado a Justiniano.

As espadas voltaram a se cruzar.

O aço ecoou entre colunas, praças e pórticos.

Combates rápidos e violentos surgiram em diversos pontos da capital.

Mas mesmo ali havia hesitação.

Os golpes eram dados com pesar.

Cada homem sabia que enfrentava outro romano.

A batalha por Constantinopla deixava de ser apenas uma disputa por uma cidade.

Transformava-se em um enorme julgamento moral.

Em cada rua, em cada praça e em cada portão, soldados eram obrigados a decidir se permaneceriam fiéis a um homem... ou à ideia de uma Roma novamente unida.

A cada minuto que passava, Constantinopla parecia transformar-se diante dos próprios olhos.

Enquanto as colunas de Belisário avançavam pelas grandes avenidas, a rede construída por Antonina durante meses começava a agir em perfeita sincronia.

Servidores imperiais desapareciam por corredores esquecidos do Grande Palácio.

Guardas mudavam discretamente de posição durante as trocas de vigia.

Funcionários destrancavam passagens internas que há muito permaneciam fechadas.

Pequenos portões de serviço eram abertos.

Barricadas improvisadas desapareciam como se jamais tivessem existido.

Nenhuma ordem era anunciada em voz alta.

Cada homem conhecia sua tarefa.

Cada movimento parecia isolado.

Mas, juntos, transformavam toda a cidade em um caminho aberto para o Exército da Águia.

Enquanto isso, em uma posição fortificada próxima ao Grande Palácio, protegida por destacamentos ainda

leais ao imperador, Narses acompanhava o desenrolar da batalha através dos relatórios que chegavam sem cessar.

Um mensageiro entrou apressado.

— General... o Portão de São Romano foi aberto por homens da própria guarnição.

Antes que pudesse responder, outro oficial surgiu.

— Diversas patrulhas recusaram combate.

Logo em seguida, um terceiro.

— Há unidades inteiras deponto as armas.

Narses permaneceu imóvel diante do grande mapa da cidade.

As pequenas peças de madeira que representavam suas tropas deixavam, pouco a pouco, de fazer sentido.

As notícias confirmavam aquilo que Justiniano desconfiara e Teodora insistira em chamar de boatos.

Os conspiradores existiam.

E estavam por toda parte.

A batalha que deveria decidir Constantinopla começava a escapar de qualquer controle.

Não porque as muralhas tivessem sido rompidas.

Mas porque a vontade de defendê-las começava a desaparecer.

Narses aproximou-se lentamente da janela.

Ao longe, entre as ruas da capital, já era possível distinguir as águias romanas avançando de forma organizada.

Não havia incêndios.

Não havia saques.

Não havia o caos que normalmente acompanhava a queda de uma grande cidade.

Havia disciplina.

Havia propósito.

E então, quase involuntariamente, sua memória retornou ao campo de Naísso.

Belisário, depois da batalha, devolvendo-lhe a espada.

"Volte para Constantinopla."

"Quando chegar a hora..."

"Espero que escolha Roma."

Na época, aquelas palavras lhe pareceram apenas um gesto de respeito entre dois generais.

Agora... compreendia que Belisário jamais falara apenas daquela batalha.

O destino da capital já estava sendo decidido.

Talvez... percebeu em silêncio... ele tivesse sido derrotado novamente antes mesmo de a verdadeira batalha começar.

Ao longe, pelas ruas de Constantinopla, Belisário continuava avançando em direção ao Grande Palácio.

CAPÍTULO 33
A ESPADA DE BELISÁRIO

O combate diminuía à medida que o Exército da Águia avançava pelo coração de Constantinopla.

As principais praças já estavam sob controle romano.

As grandes avenidas haviam sido asseguradas.

Os focos de resistência tornavam-se cada vez mais raros.

À frente de sua coluna, Belisário cavalgava em silêncio.

Atrás dele vinham Lucius, Caius, Gunderic e centenas de legionários que haviam marchado desde Roma, aos quais agora se juntavam soldados orientais que, ao longo do caminho, haviam decidido lutar pela mesma causa.

Então o Grande Palácio surgiu diante deles.

Seus altos muros de mármore branco ainda permaneciam protegidos pela Guarda Imperial.

Os grandes portões de bronze estavam fechados.

À frente deles, dezenas de escudos formavam uma sólida muralha de aço.

O comandante da guarda deu um passo à frente.

Nenhum homem avançou.

Nenhum golpe foi desferido.

Durante alguns instantes, apenas o silêncio ocupou o espaço entre os dois exércitos.

Belisário desmontou lentamente.

Entregou as rédeas do cavalo a um legionário.

Depois caminhou alguns passos à frente de suas próprias linhas.

Sozinho.

Parou a poucos metros da formação da Guarda Imperial.

Olhou para aqueles homens.

Reconheceu vários rostos.

Alguns haviam servido sob seu comando anos antes.

Outros eram jovens oficiais que cresceram ouvindo histórias sobre suas campanhas.

Histórias sobre o general que um dia entrara triunfante naquele mesmo palácio agora retornava conduzindo um exército que, paradoxalmente, tentava salvar a cidade sem destruí-la.

O comandante da Guarda Imperial voltou lentamente os olhos para seus homens.

Depois observou Belisário.

Atrás do general, centenas de legionários permaneciam perfeitamente alinhados.

Nenhum gritava.

Nenhum ameaçava.

Esperavam apenas uma decisão.

O oficial respirou profundamente.

Compreendeu que, se ordenasse combate, seus homens morreriam defendendo um palácio que já não representava a vontade de Roma.

Ergueu lentamente a mão.

Por um instante, todos imaginaram que ordenaria o ataque.

Mas sua voz saiu calma.

— Baixem as armas.

Os primeiros escudos desceram.

Logo depois vieram as lanças.

As espadas voltaram às bainhas.

Um a um, os guardas afastaram-se dos portões.

Sem humilhação.

Sem constrangimento.

Como soldados que apenas se recusavam a prolongar uma guerra já perdida.

O comandante aproximou-se de Belisário.

Levou o punho ao peito.

— General... a Guarda Imperial não lutará contra Roma.

Belisário respondeu à continência da mesma forma.

— E Roma jamais esquecerá essa escolha.

O pesado mecanismo dos portões começou a mover-se.

As grandes folhas de bronze abriram-se lentamente, revelando os jardins e os pórticos do Grande Palácio.

Depois de uma campanha que atravessara províncias, montanhas e campos de batalha, o último obstáculo entre Belisário e Justiniano deixava de existir.

O caminho até o trono de Constantinopla finalmente estava aberto.

Em uma construção fortificada próxima ao Grande Palácio, o último posto de comando oriental permanecia em funcionamento.

Sobre uma grande mesa de madeira, mapas de Constantinopla eram constantemente atualizados por oficiais e mensageiros que chegavam sem cessar.

Narses permanecia de pé.

O rosto continuava sereno.

Mas os relatórios tornavam-se cada vez mais difíceis de ignorar.

Um mensageiro entrou quase sem fôlego.

— As unidades da Guarda Imperial diante do Grande Palácio depuseram as armas. Belisário já atravessa os portões.

O silêncio tomou conta da sala.

Narses voltou lentamente os olhos para o mapa.

As pequenas peças que representavam suas tropas já não formavam uma linha de defesa.

Um oficial foi o primeiro a quebrar o silêncio.

— General... se Belisário continuar avançando nesse ritmo... este setor estará completamente cercado em poucos minutos.

Narses permaneceu imóvel.

Nenhuma expressão de desespero atravessou seu rosto.

Apenas a constatação inevitável da realidade.

Não havia mais uma batalha a vencer.

A guerra terminara.

As palavras de Belisário voltaram-lhe à memória com uma clareza quase dolorosa.

Naquele instante, compreendeu plenamente o que o antigo comandante oriental quisera dizer.

Não se tratava de escolher entre Oriente e Ocidente.

Nem entre Justiniano e Cassius.

Tratava-se de decidir se mais milhares de romanos morreriam por uma guerra que já não podia alterar seu desfecho.

Narses ergueu lentamente a cabeça.

Os oficiais aguardavam sua decisão.

Alguns ainda esperavam a ordem para organizar uma última resistência.

Outros mantinham a mão sobre o punho da espada.

O general respirou profundamente.

Então falou com a mesma calma que demonstrara em todas as campanhas de sua vida.

— Ordenem que todas as unidades...

fez uma breve pausa,

— baixem as armas.

O salão mergulhou em absoluto silêncio.

Um dos tribunos deu um passo à frente, incapaz de esconder a surpresa.

— General... ainda podemos resistir.

Narses voltou-se para ele.

Seu olhar não demonstrava derrota.

Demonstrava apenas lucidez.

— Resistir para quê?

O oficial permaneceu sem resposta.

Narses olhou mais uma vez para o mapa de Constantinopla.

Depois concluiu, em voz baixa, mas firme:

— Roma já derramou sangue suficiente.

Nenhum homem voltou a discutir.

Em poucos instantes, os cornos começaram a transmitir uma ordem inédita pelas ruas da capital.

Não convocavam ataque.

Não ordenavam retirada.

Anunciavam apenas o fim da guerra.

As portas do Grande Salão abriram-se lentamente.

O som pesado das dobradiças ecoou por todo o recinto.

Belisário entrou primeiro.

Atrás dele vinham Lucius, Caius, Gunderic e um pequeno destacamento de legionários. Nenhum deles caminhava com armas erguidas. As espadas permaneciam embainhadas.

O enorme salão do trono parecia maior do que ele se lembrava.

As altas colunas de mármore sustentavam o teto adornado por mosaicos dourados que narravam séculos de glórias romanas. Grandes cortinas púrpuras pendiam entre as janelas, movidas suavemente pela brisa que atravessava o palácio.

No extremo oposto, diante do trono imperial, Justiniano aguardava.

Ao seu redor permaneciam apenas alguns guardas que ainda lhe eram fiéis.

Ninguém falava.

O silêncio era tão profundo que o som dos passos de Belisário sobre o mármore parecia preencher todo o salão.

Os dois homens permaneceram imóveis por alguns instantes.

Durante muitos anos haviam lutado lado a lado.

General e imperador.

Agora encontravam-se novamente.

Não como aliados.

Nem exatamente como inimigos.

Mas como dois homens que haviam escolhido caminhos diferentes para salvar a mesma Roma.

Foi Justiniano quem rompeu o silêncio.

Sua voz já não possuía a firmeza dos grandes discursos imperiais.

Havia apenas cansaço.

— Tudo o que fiz...

olhou lentamente para o salão que um dia simbolizara seu poder,

— foi por Roma.

Belisário permaneceu alguns instantes em silêncio antes de responder.

Então deu mais um passo à frente.

— Não.

Sua voz era tranquila.

Sem ódio.

Sem desejo de humilhar.

— Foi pelo império que imaginava governar.

Justiniano ergueu lentamente a cabeça.

— Sem autoridade...

disse com esforço,

— o Império se desfaz. Sem ordem... transforma-se em guerra. Sem um imperador forte... Roma volta a dividir-se.

Belisário sustentou-lhe o olhar.

— A autoridade existe para servir Roma. Não para que Roma sirva à autoridade.

O silêncio voltou a dominar o salão.

Belisário continuou.

— Durante séculos, nossa força nunca esteve em um homem. Esteve em nossas leis. Em nossas instituições. No Senado. Nas legiões. No povo romano.

Olhou lentamente ao redor.

As colunas.

Os mosaicos.

O próprio trono.

— Nenhum imperador construiu isto sozinho. E nenhum imperador tem o direito de acreditar que isto lhe pertence.

Justiniano acompanhou o olhar de Belisário.

Pela primeira vez, parecia enxergar aquele salão não como o centro de seu poder..., mas como parte de uma história muito maior do que sua própria vida.

Sua expressão mudou lentamente.

Não havia mais indignação.

Nem desafio.

Apenas o peso da compreensão.

Não fora derrotado porque perdera Constantinopla.

Nem porque Belisário entrara no Grande Palácio.

Sua derrota começara muito antes.

Quando deixara de distinguir Roma do próprio trono.

Baixou lentamente os olhos.

Depois voltou-se para os poucos guardas que ainda permaneciam ao seu lado.

Homens que o haviam protegido durante anos.

Que ainda aguardavam apenas uma palavra para lutar até o fim.

Justiniano respirou profundamente.

Então falou pela última vez como imperador.

— Baixem as armas.

Nenhum deles hesitou.

Um a um, os escudos tocaram o chão.

As espadas voltaram às bainhas.

O salão permaneceu absolutamente silencioso.

Justiniano aproximou-se lentamente do trono.

Sobre um pequeno pedestal repousou as insígnias imperiais.

A púrpura.

O diadema.

O cetro.

Por alguns instantes, permaneceu olhando para aqueles símbolos que haviam definido toda a sua existência.

Nenhum gesto brusco.

Nenhuma resistência.

Apenas a serena aceitação de que seu tempo havia chegado ao fim.

Belisário observou em silêncio.

Não havia alegria em seu rosto.

Porque, naquele salão, não caía apenas um imperador.

Encerrava-se um dos capítulos mais dolorosos da história de Roma.

Dois legionários aproximaram-se lentamente.

Justiniano permaneceu imóvel.

Depois de tudo o que acontecera, acreditava conhecer o desfecho reservado aos imperadores derrotados.

Ergueu discretamente o olhar para Belisário.

Não havia ódio no rosto do general.

Nem desejo de vingança.

Belisário deu apenas um passo à frente.

— Você responderá diante do Senado Romano.

Sua voz permaneceu calma.

— Não haverá execução.

— Não haverá humilhação.

Fez uma breve pausa.

— Haverá justiça.

Justiniano permaneceu em silêncio.

Sem oferecer qualquer resistência, estendeu lentamente as mãos.

Os legionários aproximaram-se e o colocaram sob custódia com a mesma dignidade que demonstrariam a qualquer magistrado romano.

O silêncio que tomou conta do Grande Salão foi interrompido apenas pelo som de uma porta abrindo ao fundo.

Todos voltaram os olhos naquela direção.

Antonina entrou.

Já não havia guardas conduzindo-a como prisioneira.

Apenas um oficial que, respeitosamente, abriu caminho para que atravessasse o salão.

Ela caminhou lentamente.

Depois de tantos meses separados, seus olhos encontraram imediatamente os de Belisário.

Por alguns instantes, todo o restante pareceu desaparecer.

Não existiam legionários.

Não existia o trono.

Não existia guerra.

Havia apenas um casal e uma promessa que sobrevivera ao tempo, à distância e à perseguição.

Belisário deu um passo à frente.

Depois outro.

Antonina fez o mesmo.

Nenhum dos dois disse uma palavra.

Quando finalmente se encontraram, apenas se abraçaram.

Com força.

Em silêncio.

Como se naquele único gesto estivessem contidos todos os meses de espera, todas as cartas enviadas às escondidas, todas as batalhas travadas em campos

diferentes e toda a confiança que jamais deixaram de depositar um no outro.

Ao redor, ninguém ousou interromper aquele momento.

Lucius abaixou discretamente a cabeça.

Caius sorriu.

Gunderic observou o encontro orgulhoso.

Os veteranos orientais e ocidentais observavam em absoluto respeito.

Todos compreendiam que aquele reencontro simbolizava muito mais do que a união de um casal.

Era o reencontro de duas metades da mesma Roma.

Depois de alguns instantes, Belisário e Antonina afastaram-se lentamente.

Ainda de mãos dadas, voltaram-se para o salão.

Diante deles encontravam-se legionários do Ocidente.

Soldados do Oriente.

Guardas Imperiais.

Veteranos de antigas campanhas.

Homens que, poucas horas antes, estavam dispostos a combater uns aos outros.

Agora permaneciam lado a lado.

Belisário desembainhou lentamente a espada.

Ergueu-a acima da cabeça.

Sua voz ecoou por todo o Grande Salão.

— Roma está unida novamente!

Por um breve instante houve silêncio.

Então o salão inteiro explodiu em aclamações.

Centenas de escudos foram erguidos.

As águias romanas elevaram-se acima das fileiras.

Os gritos de vitória espalharam-se pelos corredores do Grande Palácio, atravessaram seus jardins e alcançaram as ruas de Constantinopla.

Não eram aclamações dirigidas a um imperador.

Nem a um conquistador.

Eram dirigidas à própria Roma.

Naquele dia, não vencera o Oriente.

Nem o Ocidente.

Vencera a ideia de que um mesmo povo jamais deveria voltar a derramar o próprio sangue por causa da ambição de um único homem.

Depois de séculos dividida, Roma voltava a falar com uma única voz.

CAPÍTULO 34
ROMA AETERNA

Algumas semanas transcorreram desde a queda de Constantinopla.

O som das armas dera lugar ao dos martelos reconstruindo pequenas fortificações, dos mercadores reabrindo suas lojas e das embarcações voltando a cruzar tranquilamente o Bósforo.

Pela primeira vez em muitos anos, Oriente e Ocidente respiravam a mesma paz.

Durante esse período, delegações vindas de todas as províncias do Império começaram a chegar à capital.

Navios atravessavam o mar carregando magistrados, governadores e senadores.

Longas colunas percorriam as antigas estradas romanas trazendo representantes das fronteiras da Britânia, da Hispânia, da Gália, da África, da Itália, da Ilíria, da Grécia, da Anatólia, da Síria e do Egito.

Vindos de extremos opostos do mundo romano, todos atendiam ao mesmo chamado.

O destino do Império seria decidido diante da lei.

Na manhã marcada para a sessão, Constantinopla despertou antes do nascer do sol.

As ruas próximas ao antigo Senado Oriental tornaram-se tomadas por cidadãos que aguardavam em absoluto respeito.

Ninguém gritava.

Ninguém celebrava.

Todos compreendiam que testemunhariam um acontecimento que seus descendentes estudariam por gerações.

As grandes portas do Senado abriram-se lentamente.

Belisário entrou entre os primeiros.

Não vestia as insígnias de comandante supremo da campanha.

Usava apenas a tradicional toga branca dos cidadãos romanos.

Ao seu lado caminhavam Antonina, Lucius, Caius, Gunderic e os demais oficiais que haviam conduzido o Exército da Águia até Constantinopla.

Pouco depois chegaram Cassius Valerius e sua comitiva.

Em seguida vieram os representantes do antigo Senado Oriental.

Então, pela primeira vez desde que o Império fora dividido séculos antes, dois Senados voltavam a ocupar o mesmo recinto.

O grande salão parecia pequeno diante da importância daquele momento.

Nas fileiras de mármore sentavam-se lado a lado senadores de Roma e de Constantinopla.

Magistrados.

Governadores.

Prefeitos.

Tribunos.

Generais.

Juristas.

Representantes das mais distantes províncias do Império.

Nenhum lugar permanecia vazio.

Ali estavam reunidas todas as vozes de Roma.

Não da cidade.

Mas da civilização.

Belisário percorreu lentamente o salão com os olhos.

Durante muitos anos acreditara que aquele momento jamais seria possível.

Agora via homens que até poucos meses antes pertenciam a governos rivais ocupando os mesmos assentos, preparados para decidir o futuro do Império não pela espada, mas pela lei.

Nenhum imperador presidia a sessão.

Quem conduzia os trabalhos era o próprio Senado.

Como acontecera durante séculos.

Quando todas as autoridades ocuparam seus lugares, as portas voltaram a abrir-se.

Justiniano entrou escoltado por legionários.

Não havia correntes.

Nem algemas.

Não vestia mais a púrpura imperial.

Usava uma simples túnica branca.

Seu semblante permanecia digno.

Nenhum homem presente ousou insultá-lo.

Nenhuma voz ergueu-se contra ele.

O Senado julgaria um cidadão romano.

Não humilharia um derrotado.

Belisário foi convidado a ocupar um lugar entre os generais que haviam conduzido a campanha.

Recusou discretamente.

Caminhou até os assentos destinados aos cidadãos convocados como testemunhas.

Ali permaneceu.

Sem qualquer distinção.

Quando chegou sua vez de depor, limitou-se a responder às perguntas formuladas pelos magistrados.

Relatou os fatos.

A perseguição infundada.

As campanhas.

As tentativas de negociação.

A queda de Constantinopla.

Não acrescentou acusações.

Não pediu punições.

Nem pronunciou uma única palavra movida por ressentimento.

Terminados os depoimentos, o Senado retirou-se para deliberar.

O salão permaneceu em absoluto silêncio durante longos minutos.

Até que os magistrados retornaram.

O presidente da sessão levantou-se lentamente.

Em suas mãos encontrava-se o pergaminho contendo a decisão do Senado Imperial.

Sua voz ecoou firme por todo o recinto.

Justiniano era destituído do trono imperial.

Perdia todos os títulos e dignidades.

Todos os privilégios concedidos pela púrpura.

Toda autoridade política sobre o Império Romano.

A sentença prosseguia.

Em reconhecimento aos serviços prestados durante parte de seu reinado e considerando que não deveria ser criado o precedente da execução de um

imperador derrotado, o Senado determinava seu exílio perpétuo.

Viveria dali em diante como um cidadão comum, sob vigilância do Estado, privado de qualquer influência sobre os assuntos públicos.

Quando a leitura terminou, ninguém comemorou.

Ninguém aplaudiu.

O silêncio que dominou o Senado possuía um significado muito maior do que qualquer celebração.

Naquele dia, não fora um homem quem vencera outro.

Fora a lei que voltara a ocupar o lugar mais alto de Roma.

E, diante dela, até mesmo um imperador respondera como qualquer outro cidadão.

O julgamento havia terminado.

O silêncio ainda dominava o grande salão quando Cassius Valerius levantou-se de seu assento.

Todos acompanharam seu movimento.

O imperador do Ocidente caminhou lentamente até o centro do recinto, parando diante de Belisário.

Durante alguns instantes, limitou-se a observá-lo.

Naquele homem estavam reunidas praticamente todas as razões pelas quais Roma voltara a existir como um único Império.

Fora ele quem vencera as batalhas.

Quem recusara vingança.

Quem poupara cidades.

Quem conquistara antigos inimigos sem destruí-los.

Quem atravessara meio mundo para devolver Roma aos próprios romanos.

Cassius respirou profundamente antes de falar.

Sua voz ecoou por todo o Senado.

— General Belisário...

Fez uma breve pausa.

— Se hoje Oriente e Ocidente voltam a reunir-se sob um mesmo teto... é porque um homem colocou Roma acima de si mesmo.

O salão permaneceu em absoluto silêncio.

Cassius continuou.

— Diante deste Senado Imperial, proponho oficialmente que lhe seja confiada a dignidade de Imperador do Oriente.

Nenhuma voz se levantou.

Nenhuma cadeira se moveu.

Senadores.

Magistrados.

Generais.

Governadores.

Todos aguardavam a resposta.

Belisário permaneceu imóvel.

Baixou lentamente os olhos por alguns instantes.

Depois voltou-se para Cassius.

Havia profundo respeito em seu olhar.

Mas também absoluta convicção.

Com voz serena, respondeu:

— Não posso aceitar.

A frase pareceu ecoar entre as colunas do Senado.

Belisário deu um passo à frente.

Agora dirigia-se não apenas a Cassius.

Mas a toda Roma.

— Roma já foi dividida pela ambição de homens que desejaram governá-la.

O silêncio tornou-se ainda mais profundo.

— Jamais permitirei que isso aconteça novamente.

Se aceitasse aquilo que me oferecem... estaria negando tudo aquilo pelo que lutamos.

Olhou lentamente para os dois grupos de senadores, agora sentados lado a lado.

— Esta guerra nunca foi para colocar outro homem sobre um trono. Foi para que nenhum trono voltasse a ser maior do que Roma.

Depois voltou-se novamente para Cassius.

— Não lutei para me tornar imperador. Lutei para que o Império sobrevivesse.

Antonina observava tudo em silêncio.

Um discreto sorriso iluminou seu rosto.

Não havia surpresa.

Lucius abaixou lentamente a cabeça em sinal de respeito.

Caius fez o mesmo.

Gunderic cruzou os braços e sorriu discretamente, como quem finalmente compreendia por que homens de todas as províncias haviam escolhido seguir aquele general.

Pouco a pouco, um senador oriental levantou-se.

Depois outro.

E mais outro.

Em seguida fizeram o mesmo os representantes do Ocidente.

Logo, todo o Senado encontrava-se de pé.

Nenhuma aclamação rompeu o silêncio.

Apenas uma longa salva de aplausos, lenta e respeitosa, ecoou pelo grande salão.

Não era uma homenagem ao homem que recusara um trono.

Era o reconhecimento de que Roma encontrara um líder que compreendia que o maior poder não era governar o Império..., mas impedir que ele voltasse a ser dividido pela ambição de um único homem.

Então o general voltou a pedir a palavra.

O presidente do Senado fez um discreto gesto de assentimento.

Belisário caminhou lentamente até o centro do recinto.

Parou exatamente entre os antigos senadores do Oriente e do Ocidente.

Olhou demoradamente para ambos os lados.

Durante alguns segundos, ninguém ouviu sequer o menor ruído.

Então começou a falar.

— Durante muitos anos acreditamos que Roma estava dividida.

Fez uma breve pausa.

— Mas Roma nunca deixou de ser uma só. Quem se dividiu fomos nós.

Seu olhar percorreu lentamente todo o Senado.

— Lutamos sob bandeiras diferentes. Servimos governos diferentes. Defendemos fronteiras diferentes. Mesmo assim... continuamos falando a mesma língua. Vivendo sob as mesmas leis. Marchando sob as mesmas águias. Porque nunca deixamos de ser romanos.

Belisário respirou profundamente antes de prosseguir.

— Não basta vencer esta guerra. Se reconstruirmos exatamente o mundo que existia antes dela... nossos filhos voltarão a lutar. E os filhos deles também.

Sua voz tornou-se ainda mais firme.

— Por isso apresento ao Senado uma proposta.

Ergueu lentamente a mão.

— Um único Império. Uma única Roma. Dois centros administrativos, para que nenhum território volte a sentir-se abandonado. Um único Senado Imperial, representando igualmente todas as províncias.

As mesmas leis para todos os cidadãos romanos. As mesmas legiões protegendo todas as fronteiras. Instituições permanentes. Mais fortes do que qualquer imperador. Mais duradouras do que qualquer dinastia.

Então pronunciou as palavras que resumiam toda a sua jornada.

— E, acima de tudo... nenhum homem acima da lei.

O silêncio que se seguiu parecia conter séculos de história.

Pouco depois, os magistrados iniciaram a votação.

Um senador levantou-se.

Depois outro.

Logo toda a assembleia participava da decisão que mudaria o destino do mundo romano.

As manifestações favoráveis sucederam-se uma após a outra.

Quando a contagem terminou, restava apenas um número insignificante de votos contrários.

A proposta fora aprovada.

Não apenas pelo Oriente.

Nem apenas pelo Ocidente.

Mas por Roma.

O presidente do Senado levantou-se mais uma vez.

Sua voz ecoou solenemente pelo recinto.

— Em nome do Senado Imperial e do Povo Romano, proclamamos reunificado o Império Romano.

Uma salva de aplausos percorreu o salão.

Em seguida, voltou-se para Cassius Valerius.

— Reconhecemos Vossa Majestade como primeiro Imperador do Império Romano reunificado, guardião de suas leis e de suas instituições.

Cassius inclinou respeitosamente a cabeça.

Não havia triunfo em seu gesto.

Havia responsabilidade.

Logo depois, o magistrado voltou-se para Belisário.

— E reconhecemos Belisário como Magister Militum de todo o Império Romano.

Comandante supremo de suas legiões.

Defensor de suas fronteiras.

Belisário fez apenas uma discreta continência.

Nenhuma coroa.

Nenhum trono.

Nenhum privilégio além daquele que sempre desejara.

Continuar servindo Roma.

Naquele mesmo dia, as cerimônias espalharam-se por Constantinopla.

As antigas águias do Oriente foram trazidas ao grande fórum.

Pouco depois chegaram os estandartes do Ocidente.

Durante séculos haviam marchado separados.

Agora eram colocados lado a lado.

Legionários que poucos dias antes se enfrentavam nas ruas da capital passaram a formar as mesmas fileiras.

Veteranos orientais apertavam os braços de soldados ocidentais.

Centuriões trocavam antigos distintivos.

As velhas rivalidades desapareciam diante de um novo juramento.

Ao mesmo tempo, sinos começaram a soar em Constantinopla.

Horas depois, mensageiros levariam a notícia para Roma.

Depois para Ravena.

Aquileia.

Sirmio.

Naísso.

Alexandria.

Antioquia.

Cartago.

E para cada cidade onde ainda existisse um cidadão romano.

Nas ruas, o povo celebrava.

Não a vitória de um homem.

Nem a derrota de outro.

Celebrava o fim de uma divisão que marcara gerações inteiras.

Do alto de uma varanda do antigo Grande Palácio, Belisário e Antonina observavam a multidão.

Nenhum dos dois dizia uma palavra.

Não havia necessidade.

A maior obra de suas vidas estendia-se diante de seus olhos.

Uma Roma novamente inteira.

Uma Roma reconciliada consigo mesma.

Uma Roma construída não pela força de uma espada..., mas pela coragem de homens e mulheres que decidiram colocar o bem do Império acima de suas próprias ambições.

Naquele dia, não nasceu um novo império. Nasceu a promessa de que Roma jamais voltaria a dividir-se. Naquele dia, nasceu Roma Aeterna.

CAPÍTULO 35
EPÍLOGO

Os anos passaram.

As feridas da guerra transformaram-se lentamente em memória.

As muralhas de Constantinopla voltaram a proteger um único Império.

Os antigos quartéis orientais e ocidentais passaram a formar as mesmas legiões.

O Senado Imperial reunia-se alternadamente entre Roma e Constantinopla.

As estradas voltaram a encher-se de mercadores, magistrados e viajantes.

Pela primeira vez em muitas gerações, o mundo romano conhecia uma paz construída não pelo medo..., mas pela confiança.

Belisário recusou títulos.

Recusou honrarias.

Recusou qualquer privilégio que o afastasse daquilo que sempre desejara ser.

Um soldado de Roma.

Ao lado de Antonina, retirou-se para uma pequena villa nos arredores de Constantinopla.

Dali ainda era possível avistar, ao longe, as cúpulas douradas da cidade que um dia quase o condenara... e que agora voltava a pertencer a todos os romanos.

As manhãs passaram a ser silenciosas.

Sem cornos de guerra.

Sem mapas espalhados sobre mesas.

Sem mensageiros trazendo notícias das fronteiras.

Apenas o som do vento atravessando os campos.

O canto dos pássaros.

E o riso de uma criança.

Naquela tarde, Belisário permanecia sentado sob a sombra de uma antiga oliveira.

Nos braços, segurava o filho recém-nascido.

Antonina aproximou-se lentamente.

Sentou-se ao seu lado.

Durante alguns instantes, os dois apenas contemplaram a criança adormecida.

Dentro da casa, pendurada sobre a parede de pedra, repousava a velha *spatha* de Gaius que o acompanhara durante toda a campanha de reunificação.

A lâmina já não brilhava como antes.

Trazia pequenas marcas deixadas pelo tempo.

Cada uma delas lembrava uma campanha.

Uma batalha.

Um companheiro perdido.

Belisário voltou os olhos para a espada.

Depois sorriu discretamente.

Olhou para Antonina.

E, por fim, para o filho.

Sua voz saiu baixa.

Serena.

Como uma promessa.

— Que ele herde uma Roma unida pela eternidade.

Antonina apertou suavemente sua mão.

Belisário voltou a olhar para a criança.

— Em homenagem ao Imperador, seu nome será...

Fez uma breve pausa.

— Flavius Valerius.

O vento soprou suavemente entre as árvores.

Como se a própria história acolhesse aquele nome.

O tempo seguiu seu curso.

Os anos transformaram-se em décadas.

As décadas em séculos.

Os séculos em milênios.

E Roma continuou.

Magistrados caminharam pelos mesmos salões onde outrora fora julgado um imperador.

Senadores aprovaram leis que atravessariam gerações.

Generais defenderam fronteiras cada vez mais distantes.

Exploradores navegaram mares ainda desconhecidos.

Depois atravessaram oceanos.

Mais tarde cruzaram desertos.

Montanhas.

Continentes.

Vieram os grandes estudiosos.

Engenheiros.

Arquitetos.

Médicos.

Filósofos.

Cientistas.

As antigas estradas de pedra deram lugar a vias de aço.

Depois a corredores suspensos.

Depois a rotas orbitais.

As embarcações tornaram-se navios capazes de vencer não apenas mares..., mas o próprio vazio entre as estrelas.

Novas colônias nasceram.

Novos mundos foram descobertos.

As águias romanas continuaram marchando.

Primeiro sobre estandartes.

Depois gravadas em couraças.

Mais tarde iluminando cascos de gigantescas naves interestelares.

Os milênios passaram.

As cidades cresceram.

Os planetas multiplicaram-se.

A tecnologia tornou-se quase indistinguível daquilo que os antigos chamariam de milagre.

Mas algumas coisas jamais mudaram.

As leis.

O Senado.

As legiões.

E o velho juramento de colocar Roma acima da ambição dos homens.

Muito tempo depois... já não existiam fronteiras na Terra.

Nem velhos mapas conhecidos.

Muito acima de um horizonte dominado por um gigante gasoso cercado por anéis colossais, um homem permanecia imóvel.

À sua frente estendia-se o vasto mundo de Nhal'Ruun.

Sua armadura refletia a luz do amanhecer.

Uma magnífica Lorica Astra.

No peito, a velha águia romana.

Nas costas, um manto vermelho balançava lentamente ao vento daquele mundo distante.

O homem permaneceu em silêncio.

Observando o horizonte.

Como outro romano fizera milhares de anos antes diante das muralhas de Constantinopla.

Seu nome era... Marcus Valerius.

A história de Belisário jamais terminara.

Ela apenas dera origem a uma civilização destinada a atravessar os séculos... e alcançar as estrelas.

FIM?